BSB Bayerische StaatsBibliothek

MDZ Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Castro, Damião Antonio de

Historia Geral De Portugal, E Suas Conquistas

Bd.: 9

Lisboa (1788)

Port. 36 m-9
urn:nbn:de:bvb:12-bsb11020062-6

Port. 36m

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO NONO.

LONDON

BOSNIC VI

HISTORY

HISTORIA
GERAL
DE
PORTUGAL,
E SUAS CONQUISTAS;
OFFERECIDA
Á RAINHA NOSSA SENHORA
D. MARIA I.
POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS
FARIA E CASTRO.

TOMO IX.

LISBOA,
NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.
1788.
Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

Foi taxado este Livro a quatro centos réis em papel: Meza 24 de Novembro de 1788.

Com tres Rubricas.

Bayerische
Staatsbibliothek
München

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XXXIV.

CAPITULO I. *El-Rei D. Manoel manda por Vaſco da Gama deſcobrir a India, e conclue o ſeu caſamento com a Princeza D. Iſabel.* . 1

- - II. *Partem os Reis de Portugal a ſer jurados Principes de Caſtella, e o que lhes ſuccede neſte Reino até a mórte da Rainha.* . . 18

- - III. *Trata-ſe da mórte da Rainha, da volta del Rei D. Manoel para Portugal, e o que ſuccedeo a Vaſco da Gama no deſcobrimento da India.* 33

- - IV. *Continúa a navegaçaõ de Vaſco da Gama até chegar aos pórtos da India.* . . . 53

- - V. *Do mais que ſuccedeo a Vaſco da Gama em Melinde, e como chegou aos pórtos de Calecut na India.* 67

- - VI. *Deſcripçaõ breve da India, e dos mais ſucceſſos de Vaſco da Gama até voltar para o Reino.* 84

- - VII. *Outros ſucceſſos deſtes tempos*

com

com a ſegunda expediçaõ á India commandada por Pedro Alvares Cabral. . . . 104

CAP. VIII. *Succeſſos da viagem de Pedro Alvares Cabral para a India, e deſcobrimento da Regiaõ de Santa Cruz chamada Brazil.* . 120

LIVRO XXXV.

CAP. I. *Continua-ſe com os ſucceſſos da viagem de Pedro Alvares Cabral até voltar ao Reino.* . . 139

- - II. *Das differentes Eſquadras, que El-Rei D. Manoel mandou á India ſucceſſivamente, com outros ſucceſſos da Europa.* . . 155

- - III. *Succeſſos dos Fidalgos da Caſa de Corte-Real, e os do Almirante D. Vaſco da Gama na ſua ſegunda viagem da India.* . . 168

- - IV. *Do mais, que aconteceo a D. Vaſco da Gama na India até voltar ao Reino, e os ſucceſſos de Africa neſte tempo.* . . 185

- - V. *Refere-ſe o fim tragico de Vicente Sodré, alguns ſucceſſos da Euro-*

ropa, até continuar com os de Cochim. 203
CAP. VI. *Das expedições de Antonio de Saldanha no mar de Arabia, outros ſucceſſos na Europa, e Africa, até a renovaçaõ da guerra de Cochim.* 217
- - VII. *Trata-ſe da ſegunda guerra de Calecut contra Cochim, e das façanhas memoraveis de Duarte Pacheco Pereira dignas de memoria eterna.* 231
- - VIII. *Continuaçaõ das victorias prodigioſas de Duarte Pacheco Pereira.* . . . 245

LIVRO XXXVI.

CAP. I. *Da Armada que El-Rei D. Manoel mandou eſte anno á India, e do mais que ſuccedeo depois da derrota do Çamorim de Calecut.* . 261
- - II. *Trata-ſe da ſediçaõ de Lisboa, e das primeiras acçõẽs na India do Vice-Rei D. Franciſco de Almeida.* 277
- - III. *Continuaõ na India os ſucceſſos do Vice-Rei D. Franciſco de Almeida.* 290

CAP.

CAP. IV. *Guerra de Çofala com os mais ſucceſſos até ao fim do anno de* 1506. . . . 307
- - V. *Tratão-ſe os ſucceſſos do anno de* 1507 *na India, Africa, e Europa.* . . . 323
- - VI. *Da Armada, que partio para a India no anno de* 1508, *e do que nella ſuccedeo no meſmo anno.* 338
- - VII. *Dá-ſe noticia da Armada do Soldaõ do Egypto, que unida á de Cambaya atacou a de D. Lourenço em Chaul, ſucceſſo da batalha com outros acontecimentos.* . 356
- - VIII. *Do ſitio, que o Rei de Féz pôz ſobre a Praça de Arzila, que o de Portugal quiz ſoccorrer em peſſoa.* 372

HIS-

HISTORIA GERAL
DE
PORTUGAL.

LIVRO XXXIV.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

El-Rei D. Manoel manda por Vaſco da Gama deſcobrir a India, e conclue o ſeu caſamento com a Princeza D. Iſabel.

NÓS temos viſto no decurſo deſta Hiſtoria pelo dilatado eſpaço de oitenta e dous annos, como do de 1415, em que o Rei feliz D. Joaõ I. de boa memoria, até ao preſente de 1497, abrin- Era vulg. 1497.

Era vulg. abrindo-nos a conquista de Ceuta as portas dos mares ; o espirito sublime do Infante D. Henrique, filho do mesmo Rei glorioso, animou o dos Portuguezes para entrarem por ellas affoutos ; devassarem os seus golfos, e enceadas, margens, e rios remotos, deixando patente o Mundo desconhecido a todas as Naçõ̃es da Europa, que como elles naõ̃ temessem perigos, ou quizessem pôr os pés sobre os vestigios, que lhe tinhaõ̃ impresso. Nós vimos da Epoca memoravel daquelle Principe justo atégora o zelo ardente, com que elle, os Reis D. Affonso V., e D. Joaõ̃ II., menos ambiciosos pela gloria dos seus nomes, que inflammados nos desejos de dilatar o Evangelho : elles fizéraõ̃ descobrir no Oceano Athlantico tantas Ilhas ; derrotáraõ̃ o terror panico, que mettiaõ̃ os Cabos de Naõ̃, e Bojador ; vencêraõ̃ os horrores da Costa de Africa pelos mares medonhos de Cabo Verde, Guiné, Congo, Ethiopia ; e audazes como elles sós, tivéraõ̃ por baliza de Boa-Esperança o Promontorio monstruo-

truoſo das Tormentas, nas ſuas idades formidavel. Era vulg.

Até qui de ordem del Rei D. Joaõ II. chegára Bartholomeu Dias com os ſeus deſcobrimentos, que naõ ſe avançáraõ por cauſa da mórte immatura daquelle Principe. Elle deixou ao ſeu ſucceſſor D. Manoel, como em herança ſanta, a contiuuaçaõ deſtes projectos, que eraõ o meio de levar o Nome do Senhor ás Nações apartadas, para as quaes Elle era hum Deos naõ conhecido. Como prudente quiz El-Rei D. Manoel ouvir os do Conſelho, que em materia de tanto pezo ſe dividíraõ em ſentimentos, como vulgarmente ſuccede na meditaçaõ dos caſos grandes, que naõ ſe accommodaõ com toda a ſórte de eſpiritos. Naõ foraõ poucos os que vacilláraõ entre a incerteza da eſperança, e a certeza do perigo; entre o zelo da Religiaõ, e o amor da ganancia, quando na indifferença dos motivos naõ podiaõ ſocegar os eſcrupulos, de que por meio de huma navegaçaõ difficultoſa, rodeada de trabalhos immenſos, ſe haviaõ buſcar os

Era vulg

Climas remotiſſimos da India, para conduzir o ouro, que a menos cuſto tinhamos na Ethiopia, em Guiné, meſmo em Portugal, aonde o Rei D. Diniz fez hum Sceptro do ouro do Téjo, e D. Fernando hum preſente á Infante de Aragaõ D. Leonor, com quem eſleve deſpoſado, de dezoito quintaes do meſmo metal achado no Reino.

Ponderava-ſe o ſacrificio, que ſe faria de innumeraveis vidas, que deſpovoariaõ o Eſtado, e deixariaõ as terras incultas, as Artes ſem obreiros, as conquiſtas de Africa ſem vigor, para irmos buſcar as drógas, e eſpiciarias do Oriente, que mais ſerviaõ para liſonjear o goſto, e o luxo, que para utiliſarem a Patria, e fazerem poderoſo o Reino. Diſcorria-ſe o inimigo temivel, que nós meſmos hiamos a ſuſcitar no Soldaõ do Egypto, que invejoſo dos noſſos progreſſos, ſe chegaſſemos a lograllos, nos faría huma guerra dura, colligado com os Principes do Oriente, que naõ podiaõ deixar de ſe unir em noſſo damno, quando viſſem

que

que huma Naçaõ do ultimo Occidente entraya pela Asia com semblante de conquistadora, dominante, promulgadora de novos Dogmas, dando Leis aos seus Imperios. Por estes, e semelhantes modos discorriaõ, e deliberavaõ os genios, que cortavaõ a extensaõ das emprezas magnanimas pelas medidas curtas da sua Fé froxa, do seu coraçaõ apoucado. Era vulg.

Ao contrario o Rei, que tinha o coraçaõ taõ dilatado como o mesmo Universo; a Fé taõ viva, que lhe parecia estar vendo nos seios da Divindade os seus decretos para a illuminaçaõ das Gentes da Asia, de que elle tinha de ser executor, fez lembrança: De que dúvidas bem conformes ás que acabava de ouvir, naõ foraõ bastantes para fazerem mudar de conselho ao Infante D. Henrique, a El-Rei D. Joaõ II., que rompendo os mares com as quilhas glorioſamente audazes, haviaõ trazido á Religiaõ tantos lucros, á Igreja muitos filhos, á Portugal grandes intereſſes: De que a desconfiança nas grandes idéas era hum parto bem legitimo

do

Era vulg. do eſpirito acanhado, que ſe anguſtía em as meditar, quanto mais em as emprehender: De que ao contrario, nas meſmas idéas, a eſperança era huma producçaõ natural do animo ſublime, unida a huma ſingular, e grande virtude, que tanto ſe gloriava na acçaõ, como na meditaçaõ dos projectos magnanimos, que concebia a alma generoſa: De que para elle era mais decente ſeguir o exemplo, que lhe deixáraõ os Principes prudentes, e esforçados, que lhe precedêraõ, do que conſentir nos conſelhos de homens particulares, que em todos os caminhos buſcaõ a ſegurança; que em qualquer caſo temem os perigos, como homens em fim, de quem ſe naõ diz, como do Rei, que o ſeu coraçaõ eſtá na maõ de Deos.

Sublimando as lembranças gradualmente, D. Manoel fez memoria, de que El-Rei D. Joaõ na ſua vida lhe déra por deviſa huma Esféra, que elle naõ ſó eſtimava por hum agouro feliz da herança, que já gozava; mas que ella lhe havia ſervir de eſtimulo para manifeſtar aos homens as Eſtrellas incognitas,

tas, os ſeus movimentos, as Regiões Orientaes, e Occidentaes do Sol: Alto empenho, de que ao ſeu nome reſultaria glória immenſa, ao ſeu Reino huma reputaçaõ immortal. Sobre todas eſtas meditações, como no fundo do ſeu eſpirito laborava o fogo ardente, que o conſummia nos deſejos da exaltaçaõ da Fé, de vêr louvado o nome de Deos do naſcimento ao Occaſo do Sol; eſte primeiro de todos os motivos aſſentou, que devia ſer obra ſó ſua, hum effeito do ſeu meſmo conſelho, ſem o conſelho, ſem o concurſo do de homens timidos, que contraidos a puras razões naturaes, e humanas, elle os entendia apartados da intelligencia das couſas ſupremas, que ſaõ do eſpirito de Deos. Era vulg.

Occupado El-Rei deſtes penſamentos, e deliberado a ſeguillos, ordenou a Bartholomeo Dias, que das madeiras, que tinha cortadas em vida do ſeu predeceſſor para conſtruir as náos deſtinadas ao deſcobrimento da India, fabricaſſe quatro por aquelle mólde, que elle entendeſſe proporcionado para ſoportarem as tormentas do Cabo de Boa-

Eſ-

Era vulg. Eſperança, de que fora teſtemunha ocular; e que até eſta altura em hum dos navios do Commercio de Guiné hiria elle guiando os navegantes, que nomeaſſe para montarem aquelle Promontorio. Como El-Rei D. Joaõ havia deſtinado para eſta empreza a Eſtevaõ da Gama, e elle era fallecido, D. Manoel chamou a Eſtremoz ſeu filho Vaſco da Gama, Cavalleiro honrado, natural de Sines, homem de coraçaõ maior que todo elle, e lhe declarou a expediçaõ glorioſa, de que o nomeava Chéfe. Agora eſtando a Corte em Monte-Mór, tornou a ſer chamado Vaſco da Gama, ſeu irmaõ Paulo da Gama, e Nicoláo Coelho, Capitães deſtinados para a viagem inaudita, e tendo-os El-Rei preſentes lhes fallou aſſim.

« Eu vos tenho eſcolhido para authores de huma façanha taõ nova, que ainda naõ entrou nas viſtas dos mortaes: ſei a quem a encarrego; as peſſoas de quem vindes; o esforço, que tendes herdado; eſpero, que a haveis cumprir: toda a glória ſerá voſſa, que he o maior premio; os lucros da Religiaõ,

e do Eſtado, que deveis ter pelos maio- Era vulg.
res intereſſes. Eu vos mando pelos ma-
res ſem caminho deſcobrir a India....
Pela nenhuma perturbaçaõ, que vejo
nos voſſos ſemblantes, quando neſtas
poucas palavras vos communico a or-
dem da mais dura obſervancia, que ain-
da ſe deo no Mundo; eu eſtou lendo
nelles, que vós a recebeis como hum
Padraõ da maior mercê, que eu vos poſ-
ſo fazer pela teres executado. O ſoce-
go dos voſſos coraçõens me indica, que
vós já correſtes a Cóſta de Africa, já
montaſtes o Cabo Tormentoſo; já em-
proaſtes o grande golfo Oriental; já
chegaſtes a Calecut; já voltaſtes da In-
dia. Para eſta derrota penſada, que
eſtou prevendo conſeguida, tendes
promptas em Lisboa quatro náos com
140 homens de equipagem para ires fa-
zer a grande obra, de que o Mundo ſe
conheça a ſi meſmo, e que os Por-
tuguezes o dem a conhecer. »

Acabando de fallar El-Rei, Vaſco
da Gama, e os Fidalgos preſentes lhe
beijáraõ a maõ, o primeiro pela mer-
cê, que lhe fazia, os mais pelas van-

ta-

Era vulg. tagens, que elle procurava ao Reino. Vaſco da Gama ajoelhado aos pés del Rei, recebeo da ſua maõ a Bandeira Real, que havia deſenrolado o Eſcrivaõ da Puridade, e com ella ſolta diſſe em alta voz: Eu vou com eſta Inſignia Santa da Cruz por voſſo mandado, Rei, e Poderoſo Senhor, deſcobrir os mares, e terras do Oriente: juro pela meſma Cruz, que eu a hei de arvorar na face de todos os Póvos das Regiões, aonde me levar a ſórte: juro de o fazer aſſim por ſerviço de Deos, e voſſo, cortando intrepido por todos os perigos: rompendo pelo meio dos de agoa, ferro, e fogo, ſem dar á morte outro nome, que o de Deſprezada: juro na obſervancia dos voſſos Regimentos, de que me encarregares, ſer fiel, leal, vigilante, incançavel: eu irei, e eſpero voltar para ter a honra de eſtar outra vez aos voſſos pés, e a de pôr nas voſſas Reaes mãos eſta Deviſa triunfante dos elementos, e dos homens. Tudo iſto outra vez vos juro, e ſe ſucceder naõ vir, ſabei que morri.

No

No dia antes do embarque, Vaſco da Gama com os outros Capitães foi invocar os auxilios do Ceo na Hermida de Noſſa Senhora de Belém, que fundára o Infante D. Henrique; lugar da ancoragem antiga, depois magnificamente ampliado pelo meſmo Rei D. Manoel com o Templo reſpectavel da invocaçaõ da Senhora. No dia Sabbado oito de Julho foraõ os Argonautas levados em Prociſſaõ ſolemne até á praia, aonde com lágrimas mutuas de devoçaõ, e amor ſe apartáraõ dos Patricios, e ſe embarcáraõ nas náos, que eſtavaõ preſtes. Na primeira, chamada S. Gabriel, hia Vaſco da Gama com o Piloto Pedro de Alenquer, que fora ao deſcobrimento do Cabo de Boa-Eſperança, e por Eſcrivaõ Diogo Dias, irmaõ de Bartholomeo Dias: em S. Rafael embarcou Paulo da Gama com o Piloto Joaõ de Coimbra, e o Eſcrivaõ Joaõ de Sá: do Berrio era Capitaõ Nicoláo Coelho, Piloto Pedro de Eſcobar, e Eſcrivaõ Alvaro de Braga: a quarta, que era huma grande barca carregada de mantimentos, para quando ſe aca-

Era vulg.

baſ-

Era vulg. baſſem os que levavaõ as náos, tinha por commandante a Gonçalo Nunes, criado de Vaſco da Gama. Em hum navio da Cóſta da Mina embarcou Bartholomeo Dias para acompanhar a Eſquadra até ao Cabo da Boa-Eſperança, como eſtava determinado antes; e ſoltas as vélas ao vento, na praia ſe levantou huma tempeſtade de ſuſpiros.

Os homens pios, e prudentes clamavaõ ao Ceo pela felicidade da viagem, e volta feliz dos ſeus irmãos: os do Povo groſſeiro, e ſuperſticioſo deixavaõ perceber por entre os ſoluços: Ah! ambiçaõ, e cobiça, a que demencias arrojas os peitos mortaes! Que maior caſtigo poderia dar-ſe a eſſes deſgraçados, que ahi vaõ embarcados, ſe elles cometteſſem muitos crimes atrozes? Ide-vos engolfar em mares immenſos deſconhecidos: ide em navegaçaõ temeraria encontrar muitos perigos em cada onda. Se he pouco huma mórte para cada vida, ide buſcar muitas mórtes nos ſuſtos das tormentas, na intemperie dos Climas, no horror dos abyſmos, na voracidade do fo-

go,

go, na raiva dos homens. Ide ſem ſa- Era vul
ber para onde a achar huma mórte
nova, ſepulcro em terra apartada, já
que na Patria aborreceis o modo da
mórte antiga, e o ſepulcro entre os
voſſos maiores. Deſta maneira ſentiaõ
os que ficavaõ, ao contrario os que
biaõ, que animados de huma eſperan-
ça, que parecia inſpirada, davaõ á Pa-
tria, a deſpedida com a promeſſa de a
tornarem a vêr com brevidade, elles
para a ſua admiraçaõ altos objectos.

Quando Vaſco da Gama ſahia de Lisboa, a Corte em Sintra recebia cartas de D. Joaõ Manoel, que aviſava de Caſtella ao ſeu Principe, como tinha completamente ajuſtado com os Reis Catholicos o matrimonio entre elle, e ſua filha, a Princeza D. Iſabel: noticia fauſta do Rei taõ deſejada, que immediatamente partio para Evora, aonde achou huma Corte numeroſa, com quanto havia de brilhante na Nobreza do Reino. Ao meſmo tempo ſe engravecia a queixa do Principe D. Joaõ de Caſtella, unico filho varaõ dos Reis Catholiços; incidente, que rompeo as

me-

Era vulg. medidas, que elles tinhaõ tomado para conduzirem a Princeza á Valença de Alcantara. O Rei de Portugal, por huma parte atacado pela impaciencia do amor, pela outra com a noticia do perigo do Principe, uſou do expediente de eſcrever á Princeza, e propôrlhe, que ſe era do ſeu agrado, elle iria em peſſoa a Valença cortar com a viſta os laços da dilaçaõ, e unir os do matrimonio, que lhe fazia intoleravel a auſencia. Conveio El-Rei D. Fernando neſta propoſta de ſua filha; mas recommendou-lhe perſuadiſſe a D. Manoel vieſſe a Valença com o menor número de gente, que lhe foſſe poſſivel, reſervando para tempo mais opportuno as demonſtraçõeſ de maior alegria.

Sem demora fez El-Rei a ſua jornada conſórme aos aviſos, que recebêra da Princeza, e pouco depois da chegada a Valença ſe lhe communicou a noticia da mórte do Principe ſeu cunhado. Ella ſe occultou á Princeza, e D. Manoel pedio aos Reis ſeus Pais lhe permittiſſem voltar para Portugal, antes

que

que o rumor público chegaſſe aos ſeus ouvidos. Recolheo-ſe a noſſa Corte para Evora, aonde a mórte do Principe ſe fez ſaber á Rainha, que além de fazer os extremos a que a conduzio o amor exceſſivo de irmã, a teve por ſegundo agouro de infelicidades, que convertiaõ em amarguras a ſuavidade do Sceptro. Toda a Heſpanha ſe cobrio de luto, eſpecialmente Caſtella, e Aragaõ, que choravaõ extincta a Varonia dos ſeus Principes, vendo recahir tantos Eſtados no dominio de Soberano Eſtrangeiro. O Principe ſim deixára pejada a ſua mulher, a Princeza Margarida, filha do Imperador Maximiliano; mas a dôr da ſua perda foi taõ activa, que ella mal pario huma filha poſthuma, que paſſou do ventre para o tumulo, e ficou a Rainha D. Iſabel de Portugal olhada herdeira da Monarquia de Heſpanha, como filha mais velha dos Reis Catholicos Fernando, e Iſabel.

Era vulg.

1498

Naõ tardou a nova Rainha em ſe ſentir occupada, e eſte goſto lhe diminuio a pena da mórte de ſeu irmaõ.

Com

Era vulg. Com eſte annuncio feliz a Corte ſe mudou para Lisboa, aonde recebeo outro dos Monarcas de Caſtella, que ordenavaõ aos Reis partiſſem quanto antes áquella Monarquia para receberem as homenagens dos Póvos, e ſerem reconhecidos Principes Succeſſores de toda a Heſpanha. Em quanto ſe apreſtava a jornada, El-Rei ſe occupou na Economia do Reino, abolindo os foraes velhos, que nos pleitos davaõ aſſumpto ás idéas intrigantes dos Advogados: fazendo outros novos, que deſterraſſem as interpretaçõ̃es, e ſubterfugios capcioſos: mandando ao bem inſtruido Ruy de Pina foſſe com os ſeus poderes pelas Provincias para lhe entregarem os ditos foraes; e ainda que a dexteridade do Miniſtro naõ pode deſta vez concluir negocio taõ importante, ſempre ordenou dos meſmos foraes cinco Livros, que até hoje ſe guardaõ na Torre do Tombo.

Antes da jornada de Caſtella celebrou El-Rei Cortes em Lisboa, aonde naõ ſó regulou muitos expedientes neceſſarios á meſma Economia; mas

quiz

quiz ouvir os votos dos ſeus vaſſallos a reſpeito da ſahida do Reino. Naõ faltáraõ politicos delicados, que intentáraõ impedilla com o fundamento das contingencias, que eraõ vulgares, quando hum Rei eſtava em poder do outro, que podiaõ na preſença mover queſtões perigoſas. Os mais deſterráraõ eſtes receios com a memoria das alliançàs eſtreitas entre os dous Monarcas; com a da repreſentaçaõ de Succeſſor, que levava D. Manoel; naõ podendo deixar de ſer reprehenſivel, que elle ſe excuſaſſe de ir tomar poſſe de tantos Reinos, e Senhorios convidado por ſeus meſmos Sogros, que naõ podiaõ privar a Rainha D. Iſabel do ſeu direito, muito mais quando ella levava em ſi meſma manifeſtas as eſperanças de brevemente os fazer Avós, e lhes dar Succeſſor. El-Rei ſe accommodou com eſte parecer, e ficou determinada para o dia 29 de Março deſte anno a jornada, que ſerá a materia do Capitulo ſeguinte. Era vulg.

CAPITULO II.

Partem os Reis de Portugal a ſer jurados Principes de Caſtella, e o que lhes ſuccede neſte Reino até a mórte da Rainha.

Era vulg. DETERMINADA a partida para Caſtella, El-Rei encarregou o governo do Reino á Rainha viuva D. Leonor ſua irmã, e para a ajudarem nelle nomeou a ſeu ſobrinho o Duque de Bragança, ao Marquez de Villa-Real, a outros Senhores, e Miniſtros do ſeu Conſelho. Ainda que a Corte naõ levava mais que 300 Cavallos de eſcolta pelo pedirem aſſim os Reis Catholicos com o fundamento de ſe evitarem as deſordens, que naſcem de ajuntamentos de Naçõeſ differentes; ella hia brilhante pela magnificencia da comitiva Real compoſta da maior, e melhor parte da Nobreza de Portugal, que ſeguia officioſa aos ſeus Soberanos. Marcháraõ com elles, além de outros muitos, o Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra;

D. Diniz, irmaõ do Duque de Bragança; ſeu Tio, o Senhor D. Alvaro; D. Diogo da Silva, Conde de Portalegre; os Biſpos da Guarda, Tangere, e Viſeo; D. Joaõ de Menezes, Mórdomo Mór, que depois foi Conde de Tarouca, e Prior do Crato; D. Franciſco de Portugal, filho do Biſpo de Evora D. Affonſo, que foi Conde do Vimioſo; D. Martinho de Caſtello Branco, depois Conde de Villa-Nova; D. Fernaõ Martins Maſcarenhas, Capitaõ dos Ginetes; D. Henrique, e D. Diogo, filhos do Marquez de Villa-Real; Ruy de Souſa, que morreo em Toledo; D. Joaõ de Souſa, Senhor de Niſa, e de Sagres; D. Franciſco de Almeida o primeiro Viſo-Rei da India; D. Joaõ Manoel, Camareiro Mór, e ſeu irmaõ o Almotacel Mór, D. Nuno Manoel; Joaõ da Silva, depois Regedor das Juſticas; D. Affonſo de Attaide, Senhor de Atouguia; D. Pedro da Silva, Commendador Mór de Avis; o Veador Vaſqueannes Corte Real, e outros muitos Fidalgos da qualidade, que ſe nomeaõ nas Chronicas deſte Rei. Era vulg.

Era vulg. Partio elle de Lisboa no dia referido de Março com eſta comitiva para Evora, donde paſſou a Eſtremoz, e meia legua álem de Elvas o eſperava o Duque de Medina Sidonia com o ſequito luminoſo dos ſeus parentes, e amigos, ſervidos por 300 criados com magnifica libré, ainda que a Nobreza de ambos os Reinos levava o luto do Principe defunto de Caſtella. Precediaõ na vã-guarda deſte Eſquadraõ politico trinta e oito caçadores do Duque, cada qual com ſeu falcaõ para irem divertindo a El-Rei na marcha, ſeguidos de dezaſeis trombetas, e oito tambores de prata, que principiáraõ a tocar, tanto que aviſtáraõ a noſſa Corte. Em diſtancia proporcionada o Duque, e Fidalgos ſe apeáraõ, e feitas tres reverencias profundas, a que correſpondeo El-Rei tocando no chapeo; elle, e os mais lhe beijáraõ a maõ, e á Rainha. Depois de poſto a cavallo, o Duque abraçou ao Senhor D. Jorge, fallou aos noſſos, e todos ſeguíraõ a marcha, que rompeo El-Rei.

A pouca diſtancia o eſperava o Duque

que de Alva com toda a roda dos ſeus parentes, e o Conde de Feria com equipage nada menos ſoberba, que a do Duque de Medina Sidonia. Feitas as meſmas demonſtraçõ̃es, que com elle ſe acabáraõ̃ de practicar, por todo o caminho até Badajoz foraõ̃ os Reis encontrando hum concurſo numeroſo da Nobreza de Heſpanha, que reſpeitoſa, e reverente ſahia a eſperallos, e beijar-lhes a maõ̃. Em Badajoz foraõ̃ as Mageſtades recebidas debaixo de hum pallio riquiſſimo, e levadas á Igreja maior, donde voltáraõ̃ á Caſa, em que ſe lhes tinha preparado hum jantar magnifico. No meſmo dia dormíraõ̃ no lugar de Talaveira, e no ſeguinte partíraõ̃ para Noſſa Senhora de Guadalupe, aonde determinavaõ̃ paſſar a Semana Santa. Por todo eſte tranſito recebêraõ̃ os obſequios da Nobreza, e dos Póvos, que em competencia ſahiaõ̃ brilhantes, e numeroſos a render-lhes os ſeus deveres. Era vulg.

Com jornada feliz, no meio da maior pompa, e applauſo, que depreſſa ſe converteo em láſtima, e triſteza; gló-

Era vulg. glórias do mundo, que se murchaõ com o mesmo sopro, que as empólla; os Reis chegáraõ a hum lugar quatro legoas antes de Toledo, aonde esperáraõ as ordens da Corte para fazerem a sua entrada pública. No dia destinado para ella, El-Rei mandou avançar aos Senhores D. Jorge, D. Alvaro, e D. Diniz, ao Conde de Portalegre, ao Mordomo-Mór, ao Capitaõ dos Ginetes, aos filhos do Marquez de Villa-Real, e a outros muitos Fidalgos para cumprimentarem aos Reis Catholicos á sahida de Toledo, ficando elle com a sua comitiva esperando-os na distancia de huma legoa, que hia diminuindo em marcha lenta. Em pequena distancia da Cidade, os Senhores Portuguezes se movêraõ juntos para El-Rei, que ficou parado, e foi o Senhor D. Jorge o primeiro, que chegou a beijar-lhe a maõ, e depois de lha ter dado, perguntou quem era. Dizendo-lhe ser o filho del Rei D. Joaõ II., o Rei tirou o chapéo com força, acompanhando a acçaõ com estas palavras: Perdoai-me, que naõ vos conheci; que a saber quem ereis,

Eu

Eu me apeára. Depois dos outros Fidalgos fazerem os ſeus cumprimentos, mandou que todos montaſſem; deo o ſeu lado direito ao Senhor D. Jorge, que de ordem ſua precedeo a todos os Grandes o tempo que eſteve em Caſtella. Era vulg.

Obſequio ſemelhante viéraõ fazer aos Reis de Portugal da parte dos de Heſpanha D. Henrique, Tio del Rei Fernando, o Commendador-Mór Cardenas com muita Nobreza; e depois delles a pouca diſtancia o Condeſtavel de Caſtella, o Marquez de Vilhena, e muitos Grandes, huns, e outros recebidos com particulares agrados no acto de beijarem a maõ aos Principes. El-Rei D. Fernando vinha acompanhado de toda a grandeza dos ſeus Reinos com o ſequito numeroſo, e brilhante de trinta mil peſſoas a cavallo, que cobriaõ as campinas de Toledo. A complacencia em apparato taõ pompoſo ſería extrema, ſe ella naõ ſe encontraſſe com o principio do luto, que a Côrte de Heſpanha fazia obſervar exacto. Iſſo naõ obſtante, as gentes accommodáraõ quan-

Era vulg. quanto lhes foi poſſivel as honras devidas aos ſeus futuros Soberanos, com a triſteza a que ellas naõ ſe podiaõ eſcuſar na perda do Principe herdeiro do ſeu Reino.

Tres horas eſtiveraõ os Reis ſuſpenſos á viſta huns dos outros, ſem poderem chegar a fallar-ſe, entretidos em receber de ambas as partes os obſequios reſpeitoſos da Aſſembléa Veneravel. Depois que os Porteiros de ambos os Monarcas fizeraõ caminho, chegáraõ hum ao outro; ao meſmo tempo tiráraõ os Chapéos; apertáraõ-ſe entre os braços, e aſſim eſtiveraõ largo eſpaço fallando os coraçõẽs vozes de ternura. Quiz a Rainha beijar a maõ a ſeu Pai, que ſe eſcuſou; e pondo-ſe á ſua eſquerda, ella no meio, e D. Manoel á direita, acompanhados de ambas as comitivas caminháraõ para a Cidade. Á entrada da pórta os eſperava concurſo immenſo com hum Pállio de rico brocado, e debaixo delle, meſmo a cavallo, foraõ os Reis conduzidos á Cathedral, aonde ſe apiáraõ a fazer oraçaõ. A Rainha D. Iſabel, que no Pa-

ço eſperava aos Principes, os recebeo com as demonſtraçõ̃es do maior alvoroço em huma varanda delle, muito apartada da ſua antecamara, acompanhada das Infantas ſuas filhas, da Princeza viuva ſua nóra, de todos os Officiaes da ſua Caſa, e de muitos Grandes. Era vulg.

Parece que eſta agradavel viſta adoçou na Rainha Catholica a dôr inconſolavel, que até entaõ tinha moſtrado pela mórte do Principe ſeu filho. Paſſados os primeiros cumprimentos, em que a Mageſtade, e a Natureza fizeraõ os officios mais delicados, a Rainha Catholica foi guiando para o ſeu quarto aos Hoſpedes Auguſtos. Reſpeitoſa, magnifica, e viſtoſa antecamara foi neſta noite a da Rainha Catholica D. Iſabel, aonde eſtivéraõ ao meſmo tempo dous Reis, e duas Rainhas; huma Princeza, filha do Imperador de Alemanha; duas Infantas de Caſtella; dous Infantes de Granada; hum filho do Rei D. Joaõ de Portugal; huma filha do de Heſpanha; as Duquezas, Damas, e Grandes Senhoras deſta Monarquia; o Patriarca, o Arcebiſpo de Toledo, e muitos Prela-

Era vulg. lados; hum irmaõ, e hum filho dos Duques de Bragança; os de Medina Sidonia, Alva, Villa Hermoſa, e outros muitos, que enchiaõ, e ornavaõ bem as ſallas do Palacio luminoſo.

Foi deſtinado o Domingo ſeguinte vinte, e oito de Abril para a ſolemnidade do juramento, com que os Reis de Portugal haviaõ ſer reconhecidos Principes de Heſpanha, e com ſequito numeroſo ſahiraõ do Paço a cavallo para a Igreja Cathedral, aonde ſe havia fazer a ceremonia. Os Duques de Medina Sidonia á direita, e o de Feria á eſquerda levavaõ de rédea o cavallo em que hia El-Rei D. Manoel, e na meſma ordem o da Rainha ſua Eſpoſa o Condeſtavel de Caſtella, e o Duque de Alva. Chegados á Igreja, o Arcebiſpo de Toledo celebrou Miſſa em pontifical, e no fim della, poſta em ſocego, e ſilencio a Aſſembléa Auguſta, ſe levantou hum Sábio Juriſconſulto a orar eloquente.

Elle ponderou a paz, a tranquillidade, a ventura, que eſperava toda Heſpanha na uniaõ feliz de tantos Reinos.

Ex-

Exhortou aos Grandes, e aos Póvos, para que aos dous venturoſos Eſpoſos Reis de Portugal, e Principes de Caſtella, amaſſem, ſerviſſem, reſpeitaſſem, rendeſſem huma fé eſcrupuloſa, bem merecida, naõ ſó pelo direito, com que entravaõ a poſſuir os ſeus Reinos; mas pelas qualidades eminentes, pelas virtudes ſublimes, de que elles eraõ dotados. Elle recordou ligeiramente a perda, que acabava de padecer Heſpanha na falta do Principe morto, e quiz conſolar os Eſtados com as vantagens, que lhes promettia a uniaõ das Coroas. Depois fallando aos Auguſtos Eſpoſos, augurados Principes, lhes lembrou, que no fundo dos eſpiritos imprimiſſem a meditaçaõ das obrigações, que lhes eraõ impoſtas, para eſtimarem mais a Coroa pela obſervancia dos encargos, que pela doçura do Mundo. Elle lhes moſtrou com delicadeza como a Arte de reinar ſe reduzia a proteger os pequenos, a amparar a innocencia, a corrigir a improbidade, a propulſar os perigos, a evitar os damnos, a promover a felicidade, a conſervar a Républica, a ampliar os Eſtados. Era vulg

Aca-

Era vulg. Acabada a oraçaõ, o Arcebiſpo de Toledo apreſentou aos Reis o Livro dos Evangelhos, e ſobre elle huma Cruz de ouro, na qual pozeraõ a maõ, e ſe empenháraõ por hum juramento ſolemne, e irrefragavel a ſuſtentar, e promover a Religiaõ Catholica, a fazer, e adminiſtrar juſtiça, a manter, e conſervar a liberdade pública: applicarem os ſeus deſvélos, e actividade á felicidade geral dos Eſtados, de que eraõ declarados herdeiros. Depois dos Principes, o Condeſtavel de Caſtella, e por ſua ordem todos os Grandes fizeraõ a ceremonia de jurar fidelidade, e reconhecimento de Soberania em todos os Reinos de Heſpanha aos Reis de Portugal, como herdeiros dos Monarcas Catholicos Fernando, e Iſabel; promettendo dár as vidas pela honra da ſua Dignidade Real, defenſa do Eſtado, e glória da Coroa. O meſmo acto practicáraõ os Deputados das Cidades, e Villas, excepto os de Toledo, que ſe eſculáraõ, naõ por movimento de rebelliaõ; mas por capricho de obſervancia de privilegios: capricho delicado, que no primei-

meiro repente era capaz de transtornar Era vulg.
o prazer em dia taõ plausivel.

Nascia esta repugnancia das differenças antigas, que entre si tinhaõ Burgos, e Toledo a respeito das precedencias, que cada huma destas Cidades queria sustentar; Burgos estimando-se Capital de Castella; Toledo attribuindo-se a Primazia, ou Principado de Hespanha. Naõ havia Assembléa, convocaçaõ dos Estados, e acto de Côrtes, em que concorressem Deputados, que os das duas Cidades naõ renovassem as contestações com tanto de calor, que vaporava fumos de sediçaõ. Muitos dos Reis quizeraõ decidir esta questaõ célebre, e naõ o conseguio senaõ D. Affonso XI. nas Côrtes de Alcalá de Henares com hum bello expediente. Estando juntos os Estados, antes que alguem fallasse, disse elle: Eu sei, que os de Toledo estaõ conformes para fazerem quanto lhes for insinuado; agora representem os de Burgos o que tiverem que dizer. Ambos os partidos tomáraõ prudentes esta politica do Principe a seu favor; os primeiros por se

en-

Era Vulg. entenderem preferidos; os ſegundos fazendo grande eſpecie da Ordem Real; mas ainda que deſde entaõ uſáraõ os outros Reis do meſmo meio, no acto taõ ſolemne da proclamaçaõ dos novos Herdeiros, os de Toledo naõ quizeraõ em Aſſembléa taõ auguſta renovar as conteſtações. Elles ſahíraõ da Igreja; eſperáraõ no atrio aos Principes, e com geſtos humiliantes, e reſpeitoſos, na ſua preſença déraõ o juramento de fidelidade, e lhes beijáraõ a maõ.

Poucos dias depois deſta ceremonia os quatro Reis de Portugal, e Caſtella partíraõ para o Reino de Aragaõ, e chegados a Çaragoça, ſua Capital, diſpozeraõ, que aquelles Póvos rendeſſem homenage aos Principes. Elles duvidáraõ fazello ſem primeiro conſultarem os moradores de Valença, e Catalunha, que ſuſtentavaõ com vigor ardente a integridade dos ſeus privilegios. Os Reis Catholicos, que os haviaõ caſtigado em pena das revoltas precedentes dos Aragonezes, queriaõ cortar demóras, naõ renovar eſta queſtaõ, e ordenavaõ auſteros a obediencia prompta.

ta. Entaõ os Deputados reiteráraõ com mais força, que elles eſtavaõ promptos a fazer o que lhes mandavaõ; mas que havia ſer com a condiçaõ de proteſtarem, e naõ conſentirem, ſem que os Reis de Portugal, quando ſobiſſem ao Throno de Heſpanha, renovaſſem aos Aragonezes os antigos privilegios, de que eſtavaõ privados. O Rei D. Fernando novamente eſcandaliſado das maneiras altivas, com que eſtes póvos ſe conduziaõ, abertamente lhes reſpondeo: Que elle naõ conſentiria já mais, que os ſeus Succeſſores empenhaſſem a palavra para reſtabelecer aos Aragonezes nas franquezas, de que foraõ deſpojados com juſtiça: Que os vaſſallos naõ ſe haviaõ arrojar á temeridade de preſcrever Leis aos Soberanos, e que delles ſaberia conſeguir, naõ o ſerem interpretes, ſenaõ obedientes ás que elle quizeſſe promulgar-lhes, por duras que ellas lhes pareceſſem. Era vulg.

Com tanta diſſonancia foraõ ouvidas eſtas vozes do Rei, que todos os animos de Aragaõ ſe perturbáraõ, e em conteſtaçõeſ ſe paſſáraõ tres mezes.

Em

Era vulg. Em todos elles ſe foi avançando a liberdade para pedir, que deſde já ſe renovaſſem á Corôa de Aragaõ as ſuas immunidades primitivas: que ſe o Rei de Caſtella, ſeu Soberano, morreſſe ſem filho Varaõ, foſſe livre aos Aragonezes convocar os Eſtados, que eſtavaõ livres, e elegerem á ſua ſatisfaçaõ hum Rei: que elles naõ eſtavaõ obrigados a reconhecello eſtranho, ainda que o adoptaſſe o Rei actual; e para que eſtas vozes tiveſſem mais força, os pretendentes multiplicavaõ os Conventiculos; invitavaõ-ſe para ſuſtentarem a cauſa commua, e com pouco rebuço enchiaõ as caſas de armas para perſuadirem, que elles eſtavaõ deliberados a ſuſtentar as pretenções com a força. No dia 15 de Agoſto ſerenou eſta tempeſtade com o naſcimento do Principe D. Miguel da Paz, que foi dado á luz pela Rainha de Portugal D. Iſabel, e com júbilo extremo reconhecido futuro herdeiro das Coroas de Portugal, Caſtella, e Aragaõ. Naſceo o Iris; mas eſpirou o goſto; porque do parto morreo a Rainha.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Trata-se da mórte da Rainha, da volta del Rei D. Manoel para Portugal, e o que succedeo a Vasco da Gama no descobrimento da India.

INSTAVEL como sempre o fluxo dos acontecimentos humanos, que sem os alterar o tempo, a si mesmos se perturbaõ; a excessiva alegria, que causou o nascimento do Principe, no mesmo acto delle vir ao Mundo se converteo no sentimento mais triste; sendo as mesmas vozes plausiveis do júbilo na complacencia dos Reis, na congratulaçaõ dos Póvos, no applauso dos coraçõens, o écco funebre da dôr, dos ais, dos gemidos nos peitos, que concebêraõ o alvoroço. Já antes do parto a Rainha D. Isabel se sentia enferma; na proximidade delle mais se diminuiaõ as forças; na acçaõ de o consummar foi tanta a dissipaçaõ dos espiritos na effusaõ do sangue, que exalou a vida nos braços do Rei seu Pai. D. Manoel, que amava

Era vulg. eſta Princeza como ella merecia por ſi meſma, ſem o ſoccorro das altas Dignidades, que repreſentava, teve por intoleravel a aſſiſtencia no lugar, aonde acabava de fazer huma tal perda. Concluido o funeral, cumprido o Teſtamento; reprimidas com violencia as lágrimas, elle pede aos Reis Catholicos a permiſſaõ de ſe recolher aos ſeus Eſtados.

Foi intoleravel para os Reis eſta ſeparaçaõ, em que moſtráraõ os ſemblantes a dôr dos corações, hum na falta da filha, outro da eſpoſa, huma para ambos a cauſa da amargura. Seguio D. Manoel a marcha para Portugal acompanhado de huma Corte numeroſa, e chegando ao Lugar de Aranda, delle meſmo deſpedio a D. Rodrigo de Caſtro, a D. Henrique, e a D. Fernando Coutinho para irem a Roma repreſentar ao Papa Alexandre VI. da ſua parte a diſſonancia, que faziaõ nos ouvidos da ſua piedade, as vozes deſconcertadas da relaxaçaõ na Diſciplina da Igreja. Naõ eſperou o zelo ardente deſte Principe arribar a Portugal para deſpe-

 dir

dir os Embaixadores. Elle lhes mandou Era vulg.
foſſem pela Corte de ſeu Sogro a dar-
lhe parte dos motivos da ſua enviatura,
e apreſentar-lhe os Officios de que hiaõ
encarregados, e ſe reduziaõ a pedir ao
Papa olhaſſe pela Igreja Santa, aonde
os bons coſtumes eſtavaõ pervertidos,
a piedade tibia, os vicios ſoltos, as
Leis adoraveis ſem obſervancia. Elle
lhe fazia ſaber como a Cidade Santa da
ſua reſidencia, que antes fora morada
da Religiaõ, e piedade, agora era a
officina da malicia, e impudencia: gól-
pes de infamia, que amolgavaõ a ſoli-
dez da Igreja, e nódoas negras, que
manchavaõ a eſpecioſidade do Santua-
rio.

Deſpedidos os Embaixadores, El-
Rei continuou a jornada para Lisboa,
aonde chegou a 13 de Outubro. Pouco
depois o aviſáraõ os Reis Catholicos,
como ſeu filho o Principe D. Miguel,
por conſenſo unanime dos Eſtados de
Caſtella, e Aragaõ, havia ſido declara-
do herdeiro das duas Monarquias, e que
pertencia ao ſeu dever praticar o meſ-
mo em Portugal. Immediatamente con-

Era vulg. 1499 vocou El-Rei Cortes, que ſe celebráraõ no anno ſeguinte, e nellas propôz, que ſeu unico filho D. Miguel foſſe jurado Principe ſucceſſor de Portugal depois dos ſeus dias, aſſim como já o eſtava de Caſtella, e Aragaõ, quando ſe acabaſſem os de ſeus Avós. Naõ houve alguem, que impugnaſſe huma demanda taõ juſta; mas antes de declararem em fórma a ſua fidelidade, os Eſtados pedíraõ ao Rei, que prometteſſe em nome do Principe ſeu filho, e firmaſſe com juramento, como elle depois de Rei das Heſpanhas as juriſdiçõ̃es, a adminiſtraçaõ das rendas, as Alcaidarias Móres, e Governos das Praças de Portugal, foſſe no ſeu continente, ou foſſe nas ſuas Conquiſtas, por pretexto algum, elle naõ as proveria, ſenaõ em Portuguezes. Aſſim o fez El-Rei, que de tudo mandou lavrar Letras patentes, que aſſignou do proprio punho, e ordenou paſſaſſem pela Chancellaria para ſua validade completa.

Entretanto chegáraõ a Roma os Embaixadores, que levavaõ ordem dos Reis Catholicos para obrarem de concer-

certo com o ſeu Miniſtro Garcilaſſo de La Vega. Depois de concordarem entre ſi, repreſentáraõ ao Papa da parte dos Reis ſeus Amos o eſtado deploravel em que ſe achava a maior parte dos Eccleſiaſticos; o mal que repartiaõ o paõ aos pequenos; como eraõ pedras do Santuario eſpalhadas pelas cabeças de todas as ruas; como por ſua cauſa choravaõ os caminhos de Siaõ, ſem haver quem aſſiſtiſſe ás ſolemnidades. Que elles tratavaõ com pouco reſpeito as couſas mais ſantas, e ſem reverencia as devoçõeſ mais ſólidas, que a Igreja tinha eſtabelecido. Elles déraõ as côres mais vivas a eſte retrato abominavel com os eſcandalos, que os Sacerdotes davaõ aos Póvos, já fazendo venaes os Beneficios, já vivendo libertinos, já depravando os coſtumes: iſto huns homens, que ſe deviaõ moſtrar Sal naõ infatuado, expoſto ao perigo de ſer lançado fóra para ſer piſado: huns homens, que ao contrario, pela ſantidade da ſua vida, eſtavaõ obrigados a edificar as gentes, a naõ deshonrar o ſeu caracter; e pela integridade da dou- Era vulg.

tri-

Era vulg. trina a moſtrar-ſe Doutores ſem erro, como Meſtres de quem os Póvos aprendem.

O Papa, que entenderia eſta Embaixada como huma advertencia pathetica, que cahia ſobre as ſuas primeiras deſordens, na apparencia a recebeo goſtoſo; mas no fundo do ſeu interior, elle a teve por hum arrojo mais altivo que zeloſo dos dous Monarcas, que ſe punhaõ na téſta do Sacerdocio para o purificarem das nodoas, com que o manchava a improbidade dos ſeus Miniſtros. Os termos vagos, as figuras de empreſtimo, as vozes geraes, de que os Miniſtros ſe ſerviaõ nos Officios em nome de ſeus Amos, faziaõ parecer agradaveis os exteriores: ao contrario a penetraçaõ ſobre o eſpirito, a ſubſtancia, e materia das repreſentaçõ̃es, ſe por huma parte agoniſavaõ; pela outra a reflexaõ, que fez o Chéfe Supremo na juſtiça da cauſa; ella o moveo a reformar-ſe a ſi meſmo para ſer o exemplo; lei mais efficaz para a reſórma de todos. Elle o foi tanto, que a face da Igreja brevemente ſe vio renovada; a ſua pu-

re-

reza antiga reſtituida; os esforços da cabala derrotados, ſem vigor as intrigas, e por huma vez tiradas as rugas á eſpecioſidade da Filha de Siaõ. O Papa no meio de huma grande ſolemnidade conſagrou duas Eſpadas, e dous Capacetes, que enviou aos Reis de Portugal, e Caſtella. Os Legados Pontificios os apreſentáraõ acompanhados de Letras Apoſtolicas ternas, affectuoſas, e reconhecidas, a que os Monarcas reſpondêraõ com tanto de reſpeito, como de reconhecimento ao obſequio paternal, e acceitaçaõ dos ſeus bons officios. Era vulg.

El-Rei D. Manoel, ſe em Heſpanha acabava de perder Reinos, na ſua chegada a Lisboa achou a noticia do deſcobrimento de hum novo Mundo, devido ao valor, e induſtria de Vaſco da Gama, que chegava da India: ponto luminoſo, e época memoravel da noſſa Hiſtoria, que eu devo tratar com todas as circunſtancias, que fazem eſta aventura notavel. Sahio Vaſco da Gama de Lisboa como diſſemos a 8 do mez de Julho de 1497. Elle aviſtou as Ilhas For-

tu-

Era vulg. tunatas, e no dia vinte da ſua viagem ferrou o porto de Santa Maria na Ilha de Sant-Iago. Daqui emproou ſempre ao Leſte em demanda do Cabo de Boa Eſperança; ſopportando tempeſtades horriveis com conſtancia heróica o longo eſpaço de tres mezes, até que deſcobrio terra na Angra de Santa Elena, aonde lançou ferro a 4 de Novembro. Elle a mandou deſcobrir por Nicoláo Coelho, que paſſou no ſeu batel quatro leguas ávante cozido com a Praia, e foi dar á embocadura de hum rio, a que pozéraõ o nome de Sant-Iago. Aqui víraõ os noſſos campos amenos; encontráraõ abundancia de aguas doces, e grande cópia de lobos marinhos de deſmarcada corpulencia, que tudo lhes ſervio para o fornecimento das Náos.

Como a Vaſco da Gama ſe lhe ordenava no ſeu regimento, que nas paragens aonde abordaſſe, ſe inſtruiſſe nos coſtumes da gente, no ſeu trafego, e modo de vida; ordenou a alguns homens eſcolhidos, que penetraſſem a terra, e por força, ou induſtria houveſ-

ſem

ſem á maõ os moradores, que podeſ- Era vulg.
ſem daquelle Continente. Eraõ elles
Ethiopes, negros, de cabello revol-
to, de lingua incognita; mas que ſe
pagáraõ tanto da civilidade, que com
elles uſamos, e ſe déraõ por taõ ſatis-
feitos dos caſcaveis, quinquilharias, e
bagatellas com que os brindámos, que
em cambio dellas nos miniſtráraõ có-
pia de mantimentos, que neceſſitava-
mos. Quando as duas Naçõeſ ſe trata-
vaõ por ſignaes com tanta familiarida-
de, a boa harmonia foi perturbada pe-
la inconſideraçaõ de Fernaõ Veloſo,
aquelle Cavalleiro honrado, que deſ-
cendo hum monte fugindo dos negros,
que eſcandaliſára, foi apoſtrofado pelo
noſſo Camõeſ com o Saynete: Ó lá,
amigo Veloſo, aquelle outeiro, he me-
lhor de deſcer, que de ſobir.

Veloſo com o deſejo de ſaber a fór-
ma, com que os Ethiopes ſe conduziaõ
nos ſeus domicilios, pedio licença pa-
ra ir com elles a Vaſco da Gama, que
lha concedeo, e elles o eſtimáraõ tan-
to, que o foraõ divertindo pelo cami-
nho com a preza de hum lobo do mar,

Era vulg. e nas ſuas caſas o banqueteáraõ com os alimentos do ſeu uſo, para elles com magnificencia. Nauſeáraõ a Veloſo os guiſados barbaros, e ſem mais attençaõ com os hoſpedes, ſe poz em retirada para as náos. Elles o viéraõ ſeguindo obſequioſos em grande número, alguns armados de dardos, e zagaias, ſegundo o ſeu eſtylo. Duvidava Veloſo ſe tamanho ſequito ſería por lhe fazerem graça, ſe para vingarem a affronta; e occupado do medo, quiz tirar-ſe da dúvida pela ligeireza dos pés. Seguido até a praia pela chuſma, que em nada cuidava menos, que em offendello; elle a altas vozes pedia ſoccorro ás náos. Entaõ deſconfiáraõ os Ethiopes, que ſe eſcondêraõ nas matas viſinhas, já determinados a vingar nos que vieſſem a terra buſcar ao Veloſo o crime da deſconfiança, que eſte tivéra da ſua boa fé: Taõ delicada a natureza do homem, quando ſente eſtes abuſos na candura da ſua ſinceridade, que até na dos barbaros elles ſenaõ fizéraõ toleraveis.

Suppôz Vaſco da Gama, que os Ethio-

Ethiopes ſe haviaõ retirado; e para mais facilmente poder obſervar pelo Aſtrolabio a declinaçaõ do Sol na Equinocial, veio a terra com alguns dos Officiaes, que quizéraõ entreter-ſe com o atemoriſado Veloſo. Quando os noſſos ſe entendiaõ ſeguros, de repente foraõ atacados pelos barbaros, que os fizéraõ recolher aos batéis com a meſma preſſa, com que Veloſo antes deſcêra o oiteiro; ficando a praia matizada com o illuſtre ſangue de Vaſco da Gama ferido em hum pé, e de dous dos ſeus Capitães: todos arriſcados a perder-ſe pela groſſeria do mal advertido Fernaõ Veloſo, que foi cauſa de ſe romper o trato franco com a primeira Naçaõ, que deſcobrimos neſta viagem. Immediatamente mandou Vaſco da Gama levar a Armada, e ſoltas as vélas ſe fez na volta do Auſtro em demanda do Promontorio horrendo, que a noſſa corage já chamava de Boa-Eſperança. Daqui em diante até dobrar o Cabo incognito, moſtrou elle o ſeu valor mais que humano, ſuperior ao deſtino, firme na Fé, entregue nas

Era vulg.

mãos

Era vulg. mãos da Providencia, que lhe confortava a esperança para naõ temer os perigos.

Viaõ os Argonautas intrépidos levantar as náos sobre ondas mais eminentes, que as mais altas montanhas; logo cahirem em profundidades, que pareciaõ as grutas dos abysmos: mares novos, novas tormentas toleradas por hum valor novo. As trévas eraõ companheiras inseparaveis da tempestade: ellas horriveis naquella Regiaõ em huma quadra, em que o Sol ainda derramava todas as luzes pelo Pólo Septentrional, que lhe he opposto. Trévas taõ medonhas, mares taõ grossos, noites taõ longas, nada disto até entaõ experimentado pelos habitadores de huma Zona temperada; era tudo huma tal collecçaõ de monstruosidades, que tirando a esperança de salvaçaõ, já hia dispondo a constancia dos espiritos Lusitanos para darem nella tantos balanços, quantos os corpos sentiaõ dar as náos. Multiplicavaõ-se os dias; crescião os horrores; os vasos aboiados sem vélas, nem governo, huma onda

os

os levava, outra os trazia; andando, e desandando, a cada golpe do mar se esperava hum fim desastrado. Os homens como pasmados, rodeávaõ a Vasco da Gama, e sem dizer palavra, mudos com a eloquencia mais viva, elle entendia lhe insinuavaõ: Que loucura, que insania he a vossa? Estes homens entregues á vossa vigilancia para os guardares, como quereis perdellos com hum genero de mórte espantosa? Que constellaçaõ fatal vos impelle? Quaes saõ os vossos, e os nossos crimes, que merecem a pena do Inferno antes da mórte? Cedei nesta tempestade longa aos esforços do Omnipotente, que a manda: fazei voltar as prôas, e arribemos á Patria, que naõ nos ordena vençamos impossiveis para conseguir sem fructo huma glória vã. Era vulg.

Fazendo-se surdo Vasco da Gama ás vozes, que se formavaõ no fundo dos animos; os seus companheiros vendo dentro da náo huma montanha, que tantos mares, e tufões naõ a aballavaõ; hum suçurro vago deixa perceber, que he necessario morrer Vasco da Gama

Era vulg. ma inſenſivel, para que com elle naõ morraõ todos; que naõ amainará a tormenta, em quanto na náo reſpirar eſte Jonas. Seu irmaõ Paulo da Gama, que percebe os intentos, o previne; e elle ſe aſſegura prendendo os Cabeças da conjuraçaõ, os Pilotos tímidos, e ſó da ſua corage fia o bom ſucceſſo da viagem atropellando montes de perigos. Em fim, eſte Heróe, tolerando muitos dias com animo invencivel a furia da tormenta, e os golpes da perfidia, aos 20 de Novembro, com alegria incrivel dos animos antes conſternados, dobrou o Cabo de Boa-Eſperança; já eſquecidos os trabalhos, tocando os inſtrumentos muſicos, com danças, e folias, lhes parecia ter concluida a jornada da India, e que lançando ferro em Lisboa, elles eraõ os objectos da admiraçaõ geral do Univerſo.

Mandou o Chéfe adorado por conſtante, que as náos foſſem navegando ao longo da terra para ir obſervando a ſua poſitura, a ſua fertilidade, quanto nella houveſſe de eſtimavel. Os olhos ſe empregavaõ em grandes arvoredos,

em

em boſques intrincados, em plantas ſil- Era vulg.
veſtres, em cópia abundante de gados, em figuras eſtranhas de homens : tudo golpes de viſta, que a novidade fazia deleitaveis, e que a complacencia figurava brilhantes. Eſtes homens eraõ da meſma côr, e talhe dos que deixamos deſcobertos na Angra de Santa Elena; que fallavaõ ſoluçando; que andavaõ nús, cobrindo ſó de folhas de arvores as partes, que manda occultar o pejo; que tocavaõ flautas paſtorís com cadencia; e que ſe abrigavaõ do Sol em caſas de terra, ou de ramos. Cinco dias gaſtamos em dobrar o Promontorio, fazendo eſtas obſervaçõ̃es; e navegando para o Septentriaõ̃, entrámos aos 25 de Novembro na Bahia de S. Braz, que fica ſeſſenta legoas além do Cabo. Nas ſuas margens ferteis víraõ̃ os noſſos muitos Elefantes de deſmarcada grandeza; quantidade de bois do tamanho de cavallos, que ſerviaõ̃ aos moradores para tranſportarem as cargas de humas para outras partes; e no centro da Bahia huma pequena Ilha, aonde fizeraõ̃ agoada. Aqui lhes ſervio de en-

tre

Era vulg. tretenimento a viſta de mais de tres mil lobos marinhos, taõ bravos, que enveſtiaõ como touros, e as célebres aves ſoliticarios, no tamanho como patos, na pelle como morcegos: mas que faltas de azas naõ vôaõ, ainda que com ſumma celeridade ſe movem.

Queimada a barca dos mantimentos, que já era inutil; levantado naquella paragem hum Padraõ, que pouco depois derrubáraõ os negros; e a Armada bem baſtecida, Vaſco da Gama foi continuando a viagem, que brevemente perturbou nova tormenta, e o obrigou a engolfar na altura, de que deſejava fogir pela ignorancia dos mares, em que navegava. Serenado o tempo, a Armada tornou a buſcar a terra, por onde foi aviſtando pequenas Ilhas pouco apartadas da Bahia, donde ſe havia feito á véla no dia oito de Dezembro. Ellas faziaõ huma perſpectiva agradavel, ornadas de altos arvoredos, os ſeus boſques povoados de gados immenſos, o mar taõ fundo, e taõ quieto, que convidava ſem ſuſto a abordar as praias para ſerem melhor

de

devaçados os ſegredos da terra. Vaſco da Gama, que no dia de Natal tinha avançado ſetenta leguas além dos deſcobrimentos de Bartholomeu Dias, e de Lopo Infante; vantagem, que lhe dava eſperanças do da India; rodeado de complacencias, andou até dez de Janeiro examinando aquellas agradaveis praias. E a vulg.

Naquelle dia aviſtou nellas quantidade de homens, e mulheres, na côr negros, mas de boa eſtatura, e agradavel preſença. Com os deſejos de conhecer a gente, o Chéfe põe prôas em terra, e a manda ſaudar por Martim Affonſo, homem bem inſtruido nas linguas barbaras, que ſe entendeo com ella, e regalou ao ſeu Principe em nome do Gama com hum veſtido á Portugueza. Na recompenſa do preſente, na civilidade do trato nós nos alegrámos, por irmos encontrando já homens com humanidade, com inſtitutos de vida; que ſe ornavaõ com braceletes de bronze; que cobriaõ as cabeças com capacetes do meſmo metal, e que em bainhas de marfim tra-

Era vulg. ziaõ á cinta adagas com cabos de eſtanho. Gente taõ tratavel ſe facilitou benigna, e condeſcendente ao noſſo Commercio, e mereceo que Vaſco da Gama pozeſſe áquelle ſitio o nome de *Terra da Boa Gente*, e o de *Rio de Cobre* ao que por ella corria. Entre ella deixou a dous dos déz deſterrados, que levava na Armada, e no Reino haviaõ tido pena de morte, que lhes foi perdoada, para que nas Regiões, aonde Vaſco da Gama os deixaſſe, elles as penetraſſem, viſſem, e notaſſem os coſtumes dos homens; dando-lhes o termo fixo, em que haviaõ voltar á meſma parte para na torna-viagem os tomar a bórdo.

Aos 15 de Janeiro partio a Armada deſta Terra da Boa Gente, e aos 25 chegou á embocadura de hum caudaloſo rio, que ambas as margens faziaõ viſtoſo pelos agradaveis arvoredos, que as bordavaõ, e a que matiſavaõ o terreno plantas, e hervas deleitaveis pela variedade das côres. Aqui paſſamos a noite ſobre ferro, e a luz da manhã nos deixou vêr as praias occupadas de

mui-

muitos homens tambem negros; mas taõ ingenuamente ſimplices, que embarcando nas ſuas almadias, ſem algum temor entráraõ a ſobir pelo bórdo das noſſas náos. Nenhum dos noſſos lhes entendeo a lingua; falta, que ſupprimos com os géſtos condeſcendentes, e com exterioridades taõ agradaveis no trato, no regalo, e nos donativos, que elles bem entendeſſem, quanto a ſua muita candura nos era agradavel. Depois de tres dias vieraõ vêr as náos, e viſitar ao Commandante quatro dos principaes da terra, que foraõ recebidos com grande honra, e que no modo com que ſouberaõ acceitalla moſtráraõ a diſtinçaõ da qualidade, que tinhaõ. Depois de hum jantar eſplendido, Vaſco da Gama os veſtio ao noſſo uſo, de que elles déraõ demonſtrações de prazer; mas deſconſolava-nos naõ os ſaber entender para tomarmos lingua da diſtancia, em que eſtavamos da India. Era vulg.

Hum moço, que os acompanhava, por algumas vozes Arabias nos fez perceber, que elle havia pouco chegára de pórtos, aonde havia náos do tama-

Era vulg. nho, e eſtructura das noſſas, e que os ditos pórtos naõ ficavaõ dalli muito diſtantes. Naõ he explicavel o alvoroço, que ſentíraõ os noſſos com eſtas noticias pela eſperança, que ellas lhes davaõ, de que com brevidade chegariaõ á India, termo ſuſpirado dos ſeus trabalhos. Vaſco da Gama nos tranſportes da complacencia chamou ao Rio dos *Bons Signaes*; á terra pôz o nome de S. Rafael, e na bocca do meſmo Rio levantou hum dos Padrões, que levava com a Inſignia da Santa Cruz, e as Deviſas do Rei D. Manoel para glória do nome Chriſtaõ, credito do ſeu Soberano, e reputaçaõ da gente Portuza, que devia ficar gravada em Monumentos perduraveis, que marcaſſem ao Mundo, como della ſahíraõ os operarios eſcolhidos para a grande obra de levarem o Nome de Deos ás Nações eſtranhas, fazerem a terra communicavel, dalla a conhecer a ſi meſma, os homens huns aos outros.

CAPITULO IV.

Continúa a navegaçaõ de Vaſco da Gama até chegar aos pórtos da India.

HUM mez ſe deteve Vaſco da Gama no Rio dos Bons Signaes para curar a muita gente da tripulaçaõ, que lhe adoeceo, para dar pendor ás náos, que neceſſitavaõ ſer limpas, e feitos os provimentos preciſos ſahio do porto aos 24 de Fevereiro. No primeiro de Março aviſtáraõ os noſſos quatro Ilhas naõ diſtantes da terra firme, de huma das quaes ſahíraõ oito zambucos com as vélas cheias, chegando-ſe á noſſa Armada. As ſuas gentes conhecendo a Capitania pela bandeira arvorada no maſtro maior, viéraõ emproando a ella os zambucos, que a rodeáraõ, e com grandes clamores ſaudáraõ aos noſſos em vozes Arabias. Com ordem do Chéfe, a náo de Nicoláo Coelho, que era mais pequena, ſe pôz na ſua vã-guarda para ſondar nas immediações da Era vulg.

Era vulg. da Ilha o lugar mais cómmodo para a ancorage das outras náos. Em quanto ſe dava fundo, nas barcas dos civiliſados moradores naõ ceſſava o ruido dos inſtrumentos, as vozes de júbilo, e da praia os géſtos, e clamores de alvoroço cauſado pela novidade.

Eſtas gentes, ainda que de côr baça, mais ſemelhantes aos noſſos Europeos, ellas vinhaõ veſtidas com muita decencia ao ſeu uſo, cingindo eſpadas, e chegando ás náos, ſobíraõ a bórdo, e em lingua Arabia ſaudáraõ os noſſos. Em quanto Vaſco da Gama as liſonjeava com a profuſaõ da meza, que acceitáraõ cortezes; elle lhes perguntou de quem era aquella Ilha; qual a qualidade dos ſeus moradores; que Religiaõ profeſſavaõ, e que diſtancia haveria della até á India. Os Mouros, que era a Naçaõ daquellas gentes, reſpondêraõ, que a Ilha ſe chamava Moçambique; que os naturaes della eraõ Idolatras; mas que a maior parte dos habitantes ſe compunha de mercadores Sarracenos, por ſer a Ilha naquellas partes Emporio célebre, ſujeito ao Rei

de

de Quiloa, que o mandava governar por hum Chéfe de probidade notoria: que dalli navegavaõ muitas náos para a India, Arabia, e outras Regiões remotas da terra: que elles já deixáraõ pelas poppas o porto de Çofala, aonde havia grande cópia de ouro, de que naquelles Paizes fe fazia Commercio avultado; concluindo com a noticia da diſtancia, em que a Armada eſtava dos pórtos de Calecut na India, termo da ſua viagem. Era vulg.

Os Portuguezes, até entaõ errantes por mares, e climas incognitos, ao ouvir as noticias por que ſuſpiravaõ, naõ podendo conter o júbilo, levantáraõ os coraçõeſ, e as mãos ao Ceo; reconhecêraõ por Author da meſma viagem ao Omnipotente, que os eſcolhêra entre as Nações da terra, como promettêra ao primeiro dos ſeus Reis, para fazerem conhecido aos Barbaros o ſeu Nome adoravel, que eſtava predito havia ſer louvado des do Naſcimento, até ao Occaſo do Sol; entre lágrimas de prazer lhe davaõ graças por eſtarem taõ proximos a colher o fructo

dos

Era vulg. dos ſeus trabalhos imponderaveis para glória ſua. Preſumíraõ os Mouros, que os noſſos eraõ da ſua Naçaõ, mas que nós naõ os entendiamos por habitarmos Paizes muito remotos, e ſatisfeitos dos preſentes com que Vaſco da Gama os regalou, e com o que mandou por elles ao ſeu Xeque, ou Governador, ſe deſpedíraõ igualmente affectuoſos, que agradecidos.

A Ilha de Moçambique, que ainda eſtá no noſſo dominio, foi antigamente chamada Egezimba, apartada da linha dezaſeis gráos para o Auſtro, e ſituada na Cóſta de Zanguebar, fronteira á Ilha Madagaſcar, ou de Saõ Lourenço, e he ella a eſcala mais célebre da noſſa navegaçaõ para a India. A terra pelas muitas lagoas he doentia, e negros os moradores, que viviaõ em caſas de terra cobertas de ramos de arvores; mas pela opportunidade do Commercio, ella era frequentada de muitas Naçõeſ, eſpecialmente pela dos Arabios, que ſe tinhaõ feito ſenhores das ſuas melhores riquezas. Eſtes Arabios eraõ muito peritos na

nau-

nautica, para a qual tinhaõ muitos inſ- Era vulg.
trumentos, entre outros as cartas de marear, os quadrantes, e as agulhas levantiſcas, ainda que as embarcações de que uſavaõ naõ tinhaõ cuberta, nem as cravavaõ com prégos, mas com cavilhas de páo: as córdas as faziaõ de cairo, ou fios de palma; das folhas das meſmas arvores teciaõ as vélas, taõ unidas, e tapadas, que naõ deixavaõ fugir o vento.

Como os Mouros de Moçambique nos preſumiaõ ſeus Sectarios, e habitadores da Mauritania, attrahidos das noſſas dadivas, e obſequios; elles perſuadíraõ ao Governador Zacoeia, que compenſaſſe o ſeu preſente, regalando-nos os refreſcos da terra, e vindo viſitar o Commandante das noſſas náos. Aſſim o fez Zacoeia, que magoificamente veſtido, acompanhado de muitas almadias com gente armada, e inſtrumentos muſicos, ſe chegou ao bórdo da Capitania. Vaſco da Gama, que mandára eſconder os enfermos, formou os ſãos, e robuſtos pelos bórdos da náo armados, e luzidos para receberem ao Go-

Era vulg. Governador, que ſobio com os ſeus, e ſaudou ao noſſo Chéfe. Aos primeiros cumprimentos ſe ſeguio a meza, em grande cópia o vinho, que alegrou o coraçaõ do Barbaro pouco eſcrupuloſo na obſervancia da ſua Seita; e entre os fervores do eſtomago, e as complacencias do roſto, perguntou a Vaſco da Gama: Se os ſeus eraõ Mouros, ou Turcos: de que armas uſavaõ nos combattes: que Livros trazia da ſua Lei, e que lhe fizeſſe o obſequio de os moſtrar.

O Gama lhe reſpondeo: Que a ſua Naçaõ habitava nas extremidades do Occidente: que uſava nas batalhas das armas, que elle eſtava vendo nos ſeus ſoldados: que além dellas ſe ſervia das peças de artelharia, que guarneciaõ o convéz da ſua náo; tormentas bellicas, que naõ ſó deſpedaçavaõ os homens, mas que deitavaõ por terra as muralhas mais firmes, ſem lhe poderem reſiſtir as Praças mais bem fortificadas: que naõ duvidava moſtrar-lhe os Livros Santos da ſua Lei, quando eſtiveſſe deſcançado das fadigas de jornada taõ

pe-

penoſa: que elle tinha de a continuar até á India, e lhe pedia quizeſſe dar-lhe Pilotos práticos, que o conduziſſem a Calecut; ficando certo lhe ſeria proveitoſo o beneficio, que lhe fizeſſe. Em tudo conveio o Governador, que voltando depois a vêr o Gama com hum grande preſente, lhe trouxe para a viagem da India a dous Pilotos, que ficárão ajuſtados por 30 cruzados da noſſa moeda, e eſtabelecida huma concordia, que nos podería ſer vantajoſa, ſe foſſe mais duravel, deſpida do ſuſto das contingencias. Era vulg.

Succedeo porém, que Zacoeia percebeſſe, como os noſſos erão Chriſtãos; noticia, que converteo em odio a amizade precedente, e os deſejos de ajudar-nos em intrigas para perder-nos. Hum dos Pilotos fiel deſcobrio ao Gama as indúſtrias, com que os Mouros intentavão tomar-lhe as náos. O outro o deſampara; mas eſte lhe aſſegura, que nada tema, e que elle baſta para o levar á India, ou ſe quizeſſe o conduziría á Ilha de Quiloa, que ficava dalli cem leguas, aonde havia Chriſtãos,

Era vulg. tãos, e Mouros; que sempre andavaõ em guerra, e que entre os primeiros acharía muitos Pilotos déstros. Neste trajecto sobreviéraõ tormentas, que forçáraõ a Armada a arribar ao mesmo porto de Moçambique, donde sahíra. Quando Vasco da Gama aqui se detinha com cautéla, hum Arabio com seu filho, práticos na nautica, veio fallar-lhe a bórdo, e pedir-lhe quizesse levallos comsigo para os lançar em algum dos pórtos, donde lhes ficasse mais facil a jornada de Meca. Vasco da Gama lhe acceitou a offerta, e com estes Pilotos, e o de Moçambique, tornou a fazer-se á véla para Quiloa.

Naõ podéraõ as nossas náos ferrar o porto, ou porque os ventos eraõ ponteiros, ou porque o ultimo daquelles Pilotos, já arrependido da sua fidelidade, traçava perder-nos, e maliciosamente nos fez errar o rumo. Outro Piloto, que Paulo da Gama prendêra em Moçambique, continuando o engano do primeiro, nos persuadio navegassemos para Mombaça, que era huma grande Cidade cheia de delicias,

aon-

aonde moravaõ muitos Chriſtãos, que Era vulg.
nos ſerviriaõ de grande ſoccorro na cura dos enfermos, e para o fornecimento dos generos, que na Armada ſe neceſſitavaõ. Vaſco da Gama, tendo perdido a metade da gente, levando muitos doentes, falto de baſtimentos, naõ entendendo a ſimulaçaõ do Piloto; elle manda navegar a Mombaça, que já o eſperava pelos aviſos dos Mouros para traçar a ſua ruina. Apenas os noſſos lançáraõ ferro, em huma grande barca vieraõ cem Arabios armados, entre elles quatro diſtintos, que a tom de cumprimento quizeraõ ſubir á Capitánia. O Gama lhes mandou fazer alto, e que ſó conſentia a bórdo os quatro Chéfes ſem armas: prevençaõ, que elles muito lhe louváraõ, como de Capitaõ prudente, que naõ devia fiar-ſe facil de gente naõ conhecida.

Paſſados os convites, proteſtações de amizade, no Domingo de Ramos, e dia 8 de Abril, o Rei de Mombaça mandou dous Deputados a Vaſco da Gama, que por elles foi viſitado da ſua parte com hum refreſco delicado,

e

Era vulg. e perſuadido: Que o porto, aonde elle chegava era oppulento, a ſua navegaçaõ para a India muito frequente: que o ſeu Rei para com os Eſtrangeiros tinha muita hoſpitalidade, e nada lhe faltaria no ſeu Eſtado de quanto apeteceſſe: que lhe pedia entraſſe no interior do porto para mais facilmente o vêr, e tratar com elle os expedientes reſpectivos ao Commercio, que ambas as partes deſejavaõ, e a elle o traziaõ a Regiões taõ remotas. Vaſco da Gama condeſcendeo a tudo, quanto acabava de ſe lhe propôr, e mandou a dous dos noſſos Deſterrados acompanhaſſem os Miniſtros do Rei, que os recebeo com as demonſtraçõeſ de hum prazer extremo: ordenando a alguns dos ſeus criados lhes foſſem moſtrar a formoſura, as riquezas, a ſituaçaõ, as forças da Cidade. Quando houveraõ de voltar, lhes fez vêr todos os generos de eſpeciarias, que ſe tranſportavaõ da India, e lhes deo as amoſtras para levarem ao Gama, ao qual podiaõ aſſegurar, que dellas lhe forneceria a cópia neceſſaria para carregar as ſuas náos, ſem o deſcommodo

do de as procurar mais longe: obſe- Era vulg.
quio, que elle queria fazer a hum Rei
amigo, que buſcava a ſua correſpon-
dencia de tanta diſtancia a troco dos
perigos dos ſeus Vaſſallos taõ eſtimaveis.
Naõ pode Vaſco da Gama diſſimu-
lar o gosto, que lhe cauſáraõ as boas
novas, que os Deſterrados lhe trouxe-
raõ. Elle manda levar ferro ás náos;
a todo o pano ſe faz na volta do porto;
mas a Providencia, que o guiava, diſ-
pôz que a corrente rápida fizeſſe ir
caindo o ſeu navio ſobre hum baixo:
accidente, que o forçou a ferrar o pa-
no com acceleraçaõ, e deitar ancora;
ordenando aos mais navios fizeſſem o
meſmo. Eſta manobra naõ eſperada,
e naõ entendida, cauſou nos eſpiritos
criminoſos tal impreſſaõ, e nos dous
Pilotos perfidos de Moçambique tal
medo, por entenderem deſcobertos os
deſignios da noſſa entrega; que elles
ſe lançáraõ ao mar para ſe ſalvarem nos
barcos do porto, que nos rodeávaõ, e
ſe pozeraõ em fugida, ſem nos reſtitui-
rem os Pilotos, que a altas vozes lhes
pediamos. Entaõ conhecêraõ os noſſos

ob

Era vulg. o perigo, de que a piedade de Deos os livrára; e paſſados dous dias com a grande vigilancia, que impedio aos nadadores déſtros da terra naõ nos cortarem de noite as amarras para darem as náos a travez, e por-lhes fogo; Vaſco da Gama ſe levou, e fez na volta de Melinde no dia de Sexta feira Maior, com a eſperança de achar neſta Cidade Pilotos, que o levaſſem á India.

Seguindo eſta viagem, tomamos huma embarcaçaõ com quatorze Mouros commandados por hum Chéfe prudente, que deo a Vaſco da Gama noticias individuais dos negocios da India; reſpondendo com conſideraçaõ a todas as perguntas, e fazendo advertencias ſérias a reſpeito do deſtino da noſſa navegaçaõ. Alegres com eſtes auſpicios, que nos promettiaõ felicidades, no Domingo de Paſcoa aviſtamos a brilhante Cidade de Melinde plantada em hum bello campo, com caſas de pedra, e cal ao modo da Europa, rodeáda de muitos pomares com todo o genero de frutas, os ſeus campos cobertos de arvoredos, os planos de immenſos

fos gados, e viſtoſos palmares. O ſeu Rei era Mouro; os moradores Gentios baços, de cabello revolto, nús da cintura para cima, e para baixo cobertos de pannos de ſeda, e algodaõ. Os nobres uſavaõ de toucas com cadilhos de ſeda, e ouro, de arcos, ſettas, lanças, e alfanges; elles cavalleiros taõ déſtros, como os Arabios entre elles habeis Commerciantes. Era vulg.

A entrada do porto longe da Cidade, as rochas eſcarpadas, e abertas ás tormentas, foraõ os motivos, que obrigáraõ Vaſco da Gama a ir ancorar perto della. Hum dos Mouros, que elle cativára, lhe lembrou o perigo a que eſtivera expoſto pela perfidia do Rei de Mombaça: que naõ creſſe logo ao de Melinde ſem lhe explorar o animo: que fiaſſe ſó delle eſta importante diligencia, em que lhe promettia cumprir com a maior exacçaõ os ſeus deveres: que naquelle porto eſtavaõ quatro náos de Chriſtãos da India, que poderiaõ encontrar já preſtes para voltar aos ſeus portos, e que a ſua companhia lhe ſerviria de hum grande ſoccorro na viagem.

Era vulg. gem. Vaſco da Gama, ſe por huma parte ſabia o pouco que ſe devia fiar do Mouro, por outra penſava uteis as conſequencias, ſe elle lhe trataſſe verdade. Como na ſua vida nada ſe intereſſava, elle o mandou pôr em huma Ilheta perto da Cidade, donde logo ſe retirou o bote; mas os naturaes vieraõ por elle, e o apreſentáraõ ao ſeu Rei, que o ouvio attento expôr os louvores dos Portuguezes, a ſua humanidade, a delicadeza da boa fé, as virtudes do Chéfe, o muito que eſte deſejava a ſua amizade, e quanto era conforme ao ſeu caracter naõ a negar a huns homens bons, que de taõ longe lha vinhaõ pedir á ſua meſma caſa.

O Rei, que era muito velho, e enfermo; mas clemente, e inſtruido, eſtimou as noticias do Mouro, que fez reſtituir ás náos acompanhado de alguns dos ſeus familiares, que da parte de ſeu Amo cumprimentáraõ a Vaſco da Gama, e lhe offerecêraõ hum refreſco dos fructos de Melinde. Elle contribuio com outro dos generos de Portugal, e com tantas civilidades do ſeu eſpirito candi-

do,

do, que de ambas as partes ſe deſterráraõ as ſuſpeitas. Reſolveo-ſe o Chéfe ancorar junto da terra, e foi ſurgir entre as quatro náos dos Chriſtãos de Crangalor, que naõ podéraõ conter o alvoroço á viſta da gente, que profeſſava os ſeus meſmos Dogmas, nem os noſſos o prazer na contemplaçaõ, de que no remoto Oriente deſcobriaõ veſtigios dos primeiros Apoſtolos nos deſcendentes dos Chriſtãos primitivos, que havia tantos ſeculos elles geráraõ no Evangelho. Eſtes homens nos preveníraõ com as verdadeiras cautélas bem confórmes ao tempo, á ſituaçaõ dos noſſos negocios, e á ſegurança da noſſa viagem. Era vulg.

CAPITULO V.

Do mais que ſuccedeo a Vaſco da Gama em Melinde, e como chegou aos pórtos de Calecut na India.

O Rei de Melinde, que ſincéramente queria a noſſa communicaçaõ, e deſejava vêr-nos, naõ o podendo fazer

Era vulg. pelos ſeus annos , e moleſtias , mandou ao Principe Regente , ſeu filho , com o mais luzido da ſua Corte em huma almadia brilhante , que rompeo a voga ao ſom de muitos inſtrumentos, para viſitar Vaſco da Gama a bordo das náos. Eſte Chéfe ſahio no batel a eſperallo em diſtancia proporcionada ; e apenas ſe amparou da almadia , o Principe entrou nelle de hum ſalto , e ſe deixou cahir affavel , e riſonho nos braços de Vaſco da Gama , apertando-o em laços de amizade eſtreita , como ſe ella foſſe a mais antiga , e as viſtas depois de larga auſencia. Chegados ás náos , o Principe como ſe naõ reſpirára o ar barbaro daquelles climas , entreteve huma converſaçaõ taõ prudente , e advertida , que parecia hum dos mais civiliſados , e bem inſtruidos da illuminada Europa. Elle reparava no Gama , como admirando hum homem de outra eſpecie ; nas náos como em fábrica ſuperior á induſtria humana , e naõ regateava géſto , ou ſignal , que foſſe demonſtrativo da ſua complacencia para comnoſco.

Vaſ-

Vaſco da Gama, que da ſua parte queria praticar o meſmo, lhe fez preſente dos quatorze Mouros pouco antes captivos, que elle eſtimou como huma marca da noſſa gratidaõ, e conſcendencia. Fiado nella, o Principe lhe pedio fizeſſe a ſeu Pai o obſequio de o ir vêr, como elle anciosamente deſejava, e da ſua parte naõ podia ſatisfazer pelas juſtas cauſas, que elle naõ ignorava. Deſculpou-ſe o Gama com a obſervancia das ordens do ſeu Rei; mas mandou com elle dous dos Cavalleiros mais diſtinctos da Armada, e deſpedidos elles a veio ancorar o mais perto que pode da Cidade. Elle moſtrou ao Principe o crédito da ſua boa fé em naõ querer acceitar hum filho ſeu, e outros Fidalgos em refens da fidelidade do trato o tempo, que ſe demorou no porto: urbanidade do Principe taõ eſtimada, que ſegunda vez veio derramar benignidades a bórdo das noſſas náos; que o obrigáraõ a naõ poupar-ſe a diligencia, que foſſe intereſſante ao noſſo cómmodo; e que fielmente o conduzio a dar-nos Piloto pra- Era vulg.

Era vulg. pratico, e leal, naſcido nas meſmas margens do Rio Indo, que nos levaſſe aos pórtos de Calecut: aſſegurando-lhe a impaciencia com que o eſperava na torna-viagem, para mandar na ſua companhia hum Embaixador ao Rei de Portugal.

A 24 de Abril, ou a 10 de Maio, que ambas eſtas opiniões achamos nos noſſos Hiſtoriadores, ſahio Vaſco da Gama do porto de Melinde, e emprœou o grande golfo para a parte Septentrional. Paſſados poucos dias, tivéraõ os noſſos o prazer de deſcobrir em Aſia o noſſo Polo Arctico, e nelle as Urſas Mayor, e Menor, que no anno antes víraõ a pezar de Jono, como diz Camões, affogar-ſe nas aguas de Neptuno. Continuando a viagem, no dia 17 de Maio, ou 13 de Junho, aviſtámos huma terra alta, que por cauſa de huma nevoa eſpeſſa, naõ foi conhecida do noſſo Piloto de Melinde; mas dous dias depois na manhã de hum Domingo apparecêraõ na noſſa frente os altos montes de Calecut, que ficaõ em pequena diſtancia deſta grande Cidade,

fim

fim da noſſa navegaçaõ, já olhada co- Era vulg.
mo termo ultimo de onze mezes dos
mais penoſos trabalhos. Correo o Pi-
loto a pedir alviçaras a Vaſco da Ga-
ma, que lhas deo com toda huma maõ
aberta; com a outra, e os olhos le-
vantados ao Ceo graças ao verdadeiro
Deos; com a lingua liberdade aos pre-
zos ſedicioſos do tempo da tempeſtade
no Cabo da Boa-Eſperança, para que
todos foſſem participantes do júbilo,
que lhes devêra cauſar o exito feliz de
huma façanha no mundo inaudita, me-
recedora de applauſos eternos, digna
das memorias, e do reconhecimento de
todas as idades.

Soltando flamulas, e galhardetes,
as noſſas náos déraõ fundo em diſtan-
cia de duas leguas da Cidade de Cale-
cut. Pela gente de dous barcos, que
logo viéraõ ao noſſo bórdo, ſoubémos
naõ ſer aquelle o lugar da ancoragem;
o ſitio em que reſidia o Rei, e outras
particularidades, que obrigáraõ Vaſco
da Gama mandar á terra hum dos de-
gradados na companhia dos meſmos
Mouros, que ſe faziaõ entender em
lin-

Era vulg. lingua Arabia. A eſtranheza da figura, e do traje deſte Emiſſario, attrahio de tropel gente innumeravel, que o levavaõ de huma para outra parte, todos fallando, perguntando, inquirindo, elle ſem os entender, nem ſer entendido. Acaſo ſe encontrou com dous Mercadores de Tunes, hum delles chamado Monçaide, que conhecendo-o Europeo pelo traje, lhe fallou Heſpanhol, e perguntou pela Naçaõ. Sabendo que era Portuguez, o conduzio, e regalou em ſua caſa com demonſtraçaõ de amizade, e para lhe dar della próvas mais conſtantes, ſe offereceo para ir na ſua companhia viſitar, e inſtruir o Chéfe das ſuas náos nos eſtylos da terra.

Acceitou o noſſo Emiſſario a offerta: viéraõ ambos a bórdo da Capitania, aonde Vaſco da Gama derramou ſobre Monçaide huma innundaçaõ de civilidades, que obrigáraõ o Mouro a offerecer-ſe no ſeu ſerviço ſem reſerva; a informallo como o Rei chamado Çamorim reſidia na Cidade de Panane, cinco leguas diſtante daquelle lugar; que elle amava muito os Eſtrangei-

geiros; deſejava contrahir alliançaſ de Commercio com os Reis da Europa, de que tinha noticia; que a gloria, e o intereſſe tinhaõ muita parte nos ſeus movimentos; ambicioſo de fazer conhecido o ſeu nome, e o ſeu poder, de avançar as rendas da Coroa por meio do trato com as Naçõeſ; e que vindo elle de taõ longe cumprimentallo da parte de hum Rei recommendavel, podia aſſegurar-lhe, que encontraria hum acolhimento bem confórme ao ſeu deſejo: que elle Monçaide tinha largo conhecimento, e muito trato com os Portuguezes do tempo, em que as náos do Rei D. Joaõ II. hiaõ a Tunes buſcar muitos generos para os Armazens Reaes de Lisboa. Alvoroçou-ſe o eſpirito do noſſo Chéfe com eſta relaçaõ taõ agradavel, e reſolveo, que no dia ſeguinte foſſe Fernaõ Martins com outro Portuguez na companhia de Monçaide a Panane cumprimentar o Rei da ſua parte, e dar-lhe a da chegada dos Portuguezes ao ſeu porto para o obſequiarem confórme as ordens do ſeu Soberano. Era vulg.

O

Era vulg. O Çamorim, que com a noticia da vinda dos noſſos Enviados, entrou no deſejo de os vêr, naõ lhes demorou a audiencia, em que Fernaõ Martins por meio do Mouro interprete, diſſe: Que chegando aos ouvidos do magnifico Rei de Portugal a fama do ſeu nome, da ſua reputaçaõ, do ſeu poder, da grandeza do ſeu Eſtado, Elle lhe mandava por Embaixador hum dos ſeus grandes Capitães para tratar com a Sua Mageſtade hùma alliança, amizade, hum pacto indiſſoluvel: Que foſſe ſervido marcar-lhe dia, e lugar para huma audiencia, em que elle lhe explicaſſe as intenções do ſeu Rei, para a ſua peſſoa ingenuas, para os ſeus Eſtados intereſſantes. Reſpondeo o Çamorim, que lhe era muito agradavel a chegada do Capitaõ Portuguez, e ainda mais as boas intenções do Rei ſeu Amo, que elle naõ podia deixar de eſtimar, e attender: Que em quanto naõ chegava á ſua preſença, mudaſſe de ancoragem, e trouxeſſe as náos para o Cabo de Gate mais viſinho a Panane, por ſer perigoſa no Inverno a ſituaçaõ,

aon-

aonde elle lançára ferro, e que imme- Era vulg.
diatamente lhe daria a audiencia, que
Vaſco da Gama pedia, e elle deſe-
java.

Aſſim deſpedio o Rei aos noſſos Of-
ficiaes, que mandou acompanhados de
hum Piloto prático para conduzir as
náos ao lugar marcado. Elles déraõ
conta da ſua negociaçaõ ao Chéfe, que
já circunſpecto com a experiencia dos
caſos paſſados, deſconfiado das intrigas
de Nações incognitas, diſpoz as couſas
com a ſegurança neceſſaria para naõ
malograr o fim de taõ penoſa viagem.
Ouvidos os do ſeu Conſelho, determi-
nou Vaſco da Gama ſer elle ſó o que
ſe expozeſſe a todos os perigos; que
ſe a ſua peſſoa ſe perdeſſe, a Fróta ſe
ſalvaſſe, e vieſſe dar parte a Portugal,
de que o caminho da India elle o dei-
xava aberto. Com eſte deſignio mag-
nanimo, filho da ſua ſabedoria, expe-
riencia, e valor, elle encarrega o go-
verno das náos a ſeu irmaõ Paulo da
Gama, e a Nicoláo Coelho, com or-
dem, que ſem demora ſe façaõ na vol-
ta de Lisboa logo que ſouberem, que

Era vulg. a elle o mataõ, ou fazem prisioneiro: que nada importa se arruine Vasco da Gama com tanto que o Rei, e a Patria naõ fiquem defraudados da glória, que lhes resultava de haverem as quilhas Portuguezas sido as primeiras, que rompêraõ os mares do Téjo até ao Ganges, de Lisboa a Calecut, da Europa até a Asia.

Dadas com a ultima precisaõ estas ordens, Vasco da Gama se embarca em huma falúa brilhante no porto de Pandarane, aonde viéra ancorar, sem mais companhia, que a de doze soldados, que com elle se quizéraõ arriscar, e seguillo por decencia da pessoa, e authoridade do cargo. Na praia o esperava mandado pela Corte o Catual, que era hum Official destinado para conductor dos Estrangeiros distinctos. Elle tinha bordado a praia do desembarque com hum corpo consideravel de Fidalgos, que chamaõ Naires, e outra quantidade prodigiosa de Indios postados sobre as armas. Á abordage da falúa soáraõ innumeraveis instrumentos, que feriaõ os ares, e mal se deixavaõ ouvir

pe-

pelo eſtrondo dos vivas clamoroſos de tanto Povo. A Nobreza, e elle engroſſáraõ o cortejo de Vaſco da Gama, e do Catual, que em bombros de homens foraõ conduzidos como em triunfo para a Corte de Calecut, onde viéra o Rei a eſperallo. Era vulg.

Na entrada deſta Cidade levou o Catual ao Gama a hum Templo magnifico, de ſoberba eſtructura, em tudo ſemelhante ás noſſas Igrejas. Como ſe nos tinha aſſegurado, que por aquelles contornos haviaõ muitos Chriſtãos, que deſcendiaõ dos primitivos regenerados pela doutrina Apoſtolica; Vaſco da Gama entendeo ſer o Templo huma das Caſas de ſua Oraçaõ deſtinadas ao culto do Deos Verdadeiro. Á pórta delle o eſperavaõ quatro homens nús da cintura para cima, com tres cintas do hombro até debaixo do braço oppoſto, que depois de fazerem ao Gama huma reverencia profunda, o levaraõ pelo interior do Templo até huma Capella, aonde eſtava de pintura huma imagem, que a eſcuridade do ſitio naõ deixou ſer conhecida dos noſſos.

Era vulg. ſos. Os quatro conductores a apontá-
raõ com o dedo, clamando no ſeu idio-
ma as vozes, que no noſſo faziaõper-
ceber repetido o nome de Maria. Ou-
vido elle, o Catual, e os Naires poſ-
trados por terra adoráraõ ao Simulacro;
e como os noſſos ſe acabáraõ de capa-
citar, que eſtavaõ em huma Igreja de
Chriſtãos, aonde ſuppunhaõ collocada
a Imagem da Soberana Eſtrella do Mar,
que por tantos deſconhecidos os trou-
xera a ſalvamento aos pórtos da India;
elles póſtos de joelhos, com lágrimas
de ternura déraõ graças á Mãi das mi-
ſericordias, e lhe pedíraõ o amparo pa-
ra os acontecimentos futuros.

Sahidos do Templo, e levados a
outro de menor grandeza, em fim os
noſſos rodeados de mais de tres mil Nai-
res, ao ſom de trombetas, e outros inſ-
trumentos, foraõ conduzidos á preſen-
ça do Rei. O concurſo do Povo era taõ
numeroſo, que os Naires com a eſpada
na maõ tinhaõ de abrir caminho pelo
centro delle para paſſarem Vaſco da
Gama, e o Catual até chegarem ao Pa-
ço. Os Senhores da Corte chamados

Cai-

Caimães, que saõ os Fidalgos destina- Era vulg.
dos para fazer as honras nos dias de
Ceremonia, vieraõ á primeira pórta re-
ceber o Gama, e o conduziraõ á da Sa-
la da Audiencia. Nella o esperava hum
Velho veneravel, vestido em huma rou-
pa larga toda branca, naõ menos res-
peitavel pela sua idade, que pelo ar do
Sacerdocio na qualidade de grande Bra-
mane, primeiro Pontifice, ou Capel-
laõ Mór do Rei. Depois delle lançar os
braços a Vasco da Gama com agrado
magestoso, o levou pela maõ até a an-
tecamara Real precedido de muitos Of-
ficiaes, que foraõ tomando assento em
cadeiras fabricadas com delicadeza, e
plantadas em fórma de amphitheatro. O
Rei estava ao modo Asiatico recosta-
do em hum leito magnifico de campa-
nha, scentelhando luzes dos dedos dos
pés até ao turbante da cabeça os innu-
meraveis brilhantes, e pedras precio-
sas, que matisavaõ as suas roupas, e
estavaõ com subtileza cravadas nas suas
joias, ornato rico de Rei taõ poderoso.

Naõ se esqueceo o nosso Damiaõ
de Goes de nos representar aos pés des-

te

Era vulg. te Rei hum dos Officiaes antigos da ſua guarda com hum vaſo de ouro na maõ cheio das folhas da herva, que os Malabares chamaõ Botelle, e os Arabes Tambul, que os Principes da Aſia maſcaõ continuamente para lançarem huma reſpiraçaõ agradavel, e refrecarem a ſede com pouco uſo da agua. Vaſco da Gama ſaudou ao Çamorim como Rei com as genuflexões ao modo Europeo; e chegado ao leito elle lhe pegou da maõ, e junto a elle o fez aſſentar em huma Cadeira, que lhe tinha prevenida. Aos ſeus Portuguezes ordenou, que fizeſſem o meſmo. Mandou vir agua para todos purificarem as mãos, e as boccas; varios fructos para ſe recrearem do trabalho de taõ longa viagem, e depois deſtas Ceremonias perguntou a Vaſco da Gama ſobre que aſſumptos o Rei D. Manoel o mandava á ſua preſença. Elle lhe reſpondeo, que naõ era conforme á razaõ de Eſtado dos Principes, nem uſo praticado pelos Reis da Europa ouvirem em público os Officios dos Embaixadores Eſtrangeiros: que quando elle quizeſſe, preſentes ſó

as peſſoas da ſua confidencia, entaõ lhe communicaría as intenções ingenuas do Rei ſeu Amo, que todas eraõ reſpectivas á glória, á reputaçaõ, aos intereſſes da ſua peſſoa, e Eſtados com mutuos intereſſes. Era vulg.

Teve o Çamorim por juſto o requerimento do Gama; e levando-o a outro quarto adereçado com maior magnificencia, que o primeiro, na companhia do grande Bramane, e de poucos Officiaes de fidelidade provada, lhe ordenou expozeſſe a ſua Commiſſaõ. Vaſco da Gama, pondo-ſe preſente todo o ſeu eſpirito, com hum ar ao meſmo tempo que reſpeitoſo, e ſobmiſſo, agradavel, e féro, aſſim lhe falla: O Grande, o Invicto Rei D. Manoel, que com virtude de Principe, admiravel em dignidade, domina no ultimo Occidente o vaſto terreno de Portugal, e nelle a Naçaõ mais deſtemida do Univerſo; ambicioſo pelas emprezas da maior honra, amigo da grande glória, que ſe adquire por meio de grandes trabalhos; eſtimando pela maior unir a todos os Reis em hum na amizade, no

Era vulg. trato, no Commercio, que fazem de todos os Póvos huma ſó Naçaõ, o Orbe da terra Patria commua, todos os ſeus Soberanos como hum ſó Monarca; chegando aos ſeus ouvidos juntamente com o rumor da India, a fama de teu auguſto nome, a grandeza, a oppulencia, a cultura, a civilidade do teu Imperio de Calecut; elle me mandou, que rompendo mares immenſos, devaçando golfos, e enceadas temeroſas, montando Cabos, e Promontorios horrendos, vieſſe errante buſcar a Aſia até ferrar o porto da tua Corte, aonde da ſua parte te offereceſſe amizade perpetua, trato franco, correſpondencia effectiva, tudo conforme ao caracter reſpeitoſo das duas Mageſtades contratantes. A utilidade mutua deſta grande alliança he o deſtino unico, que me traz do Téjo ao Ganges, de Portugal a Calecut. Eſta he a materia da minha commiſſaõ, que eſpera lhe introduza o eſpirito a tua Real approvaçaõ, que fará felices ambos os Imperios.

O Çamorim em poucas, mas ponderoſas palavras diſſe: Que a alliança

com

com Principe taõ excellente lhe era gra- Era vulg.
tiſſima : que convinha em tudo , quanto da ſua parte ſe lhe propunha , e que ſe fazia huma honroſa vaidade de reconhecer por irmaõ ao Rei D. Manoel de Portugal. O reſto da audiencia ſe paſſou em perguntas , que fez o Çamorim ſobre o poder , os coſtumes , os exercicios do meſmo Rei ; ſobre as aventuras , o trabalho , o rumo da grande navegaçaõ de Portugal á India : demanda , a que Vaſco da Gama reſpondeo , naõ ſó com modos , que liſongeaſſem a curioſidade do Principe , naõ ſó com deſcripçaõ fiel da ſua derrota , naõ ſó com as exagerações , que os viajores fizeraõ inſeparaveis do ſeu caracter ; mas com os encarecimentos honeſtos , que deſſem tom mageſtoſo á ſua negociaçaõ. A attençaõ , com que o Çamorim o ouvio a reſpeito do poder do Rei, e riquezas de Portugal , dobrou no ſeu eſpirito a complacencia ; concebeo dos noſſos huma eſtimaçaõ mais viva ; deo a Vaſco da Gama todas as demonſtrações de bom agrado , e ordenou ao Catual o accommodaſſe com grandeza cor-

Era vulg. respondente á da pessoa do Soberano, que representava, e a do hospede, que o recebia.

CAPITULO VI.

Descripçaõ breve da India, e dos mais successos de Vasco da Gama até voltar para o Reino.

NOS tres dias, que Vasco da Gama se entreteve no quartel, que lhe preparou a Corte do Çamorim, he provavel se informasse da extensaõ da India, da qualidade, e costumes dos seus Póvos. Ainda que com menos illustraçaõ da que nós temos hoje; elle saberia, que aquella grande Regiaõ corre dos 106 gráos até aos 150 de longitude, e dos 7 até aos 41 de latitude Septentrional: Que ella tomára o nome do Rio Indo, que os naturaes chamaõ Indostan, e se dividia em tres partes, a saber, o Imperio do Mogol, e as duas Peninsulas separadas pelo golfo de Bengala: Que na Pe-

ninſula dáquem do Ganges ſe com- Era vulg.
prehendiaõ os Reinos de Golconda, de Viſapur, de Decan, de Onor, de Barcelor, de Canará, de Calecut, de Coulaõ, e outros na parte Occidental; e na Oriental da meſma Peninſula a Cóſta de Coromandel, aonde ſe encerraõ os Eſtados de Negapatan, Meliapor, S. Thomé, Biſnagar, Narſinga, Orixa, e outros: Que na ſegunda Peninſula além do Ganges, ſe continha parte dos Reinos de Ava, de Pegú, de Arracan, o antigo Reino dos Bramas, a Cochinchina, o Tunquin, e da outra parte Martabaõ, Cambaya, e Siaõ.

Entaõ poderia elle ſaber, que eſta vaſta extenſaõ de terreno confinava ao Naſcente com a Perſia, ao Levante com o Ganges: que os Montes Damaſianos, e o Meandro o ſepáraõ da China: que tem ao Meio-Dia o golfo de Bengala, e o mar das Indias deſcendo por elle até Calecut para o Septentriaõ, e que o Monte Caucaſo a ſepára da Tartaria: que os dous Rios Indo, e Ganges, que innundaõ o meſmo terreno,

e

Era vulg. e daõ por elle muitas voltas, ſe engroſſaõ com as aguas de outros muitos, que nelles ſe eſcondem, até ſe lançarem com impeto por grandes, e profundos canaes no Oceano.

Os Malabares pelas noticias dos Geografos antigos inſtruiríaõ a Vaſco da Gama, e lhe faríaõ crêr, como na India houvéraõ nove mil Póvos differentes, e cinco mil Cidades da primeira grandeza, entre as quaes ſe diſtinguia a célebre Nyſa, que dizem ſer Patria, e fundaçaõ de Baccho, por iſſo chamada Niſêo pelos Poetas. Elles lhe moſtrariaõ nas ſuas Hiſtorias, como muitos annos antes do grande Alexandre paſſar á India, e vencer ao Rei Poro; Semiramis, mulher de Nino, Rei dos Aſſyrios, a havia penetrado com os ſeus exercitos, deixando nella marcas conſtantes do ſeu valor.

Vaſco da Gama obſervou, que eſtas gentes viviaõ engolfadas no centro da Idolatria, e que para os Cultos da ſuperſtiçaõ tinhaõ Templos innumeraveis. Todo o fundo da ſua Religiaõ, vio elle que conſiſtia no reſpeito aos

Sa-

Sacerdotes, que chamavaõ Bramanes, e estimavaõ como Erarios das Sciencias Divinas, e humanas; nada obrando, nem ainda os mesmos Reis, sem a decisaõ de huns homens, que entendiaõ se lhes inspirava do alto quantas patranhas elles organisavaõ nos cerebros. Eles traziaõ ao hombro huma como as Estólas dos nossos Diaconos; mas formadas de tres fios separados, que elles diziaõ marcar a triplicidade na Unidade da Natureza Divina; e que esta Essencia huma viéra á terra conversar com os homens, e resgatallos da péste sempiterna, e devoradora, que antes os consummia. Verosimil he, que tradiçaõ semelhante os Malabares a recebessem dos Christãos primitivos, que sabemos gerára no Evangelho o Apostolo S. Thomé, por ser constante, que elle prégara nas Regiões da India, aonde aquelles Christãos tomáraõ o nome do mesmo Apostolo. Era vulg.

Sabería mais Vasco da Gama, como estes primeiros Christãos foraõ infestados, e corrupta a pureza da sua doutrina pelos Bispos Nestorianos,

que

Era vulg. que depois da ſua derrota, no Concilio de Efeſo, foraõ derramar o veneno das falſas opiniões entre a innocencia daquelles Póvos. Nós vimos depois, quando nos eſtabelecemos na India, a facilidade com que aquelles Chriſtãos de S. Thomé fizéraõ profiſſaõ da Religiaõ Catholica, ſem alguma reſerva do Culto Neſtoriano, ſobmettendo todos os ſeus Livros á correcçaõ dos noſſos Arcebiſpos Primazes. Os outros Malabares vivem no fundo da ſuperſtiçaõ; adoraõ os elementos, os brutos, e outros ſevandijas abominaveis. Todos os outros coſtumes deſtas gentes, que depois foraõ melhor obſervados pelos noſſos, os trataõ ao largo, entre outros Hiſtoriadores, o grande Oſorio, e o exacto Damiaõ de Goes.

Ultimamente Vaſco da Gama empregaria o ſeu cuidado em obſervar as qualidades do corpo da Nobreza da India, que chamaõ Naires: huns homens, que caſaõ batendo na ſepultura para naõ affeminarem as idades robuſtas, que ſó entendem neceſſarias para o uſo das armas. As peſſoas da ſua claſ-

claſſe de ambos os ſexos, que ſe apar- Era vulg.
taõ nos matrimonios da igualdade, morrem infallivelmente ás mãos dos outros Nobres. A meſma pena tem os plebeos, que os offendem; e quando eſtes marchaõ pelos caminhos publicos, ſaõ obrigados a ir gritando, porque ſe ſucceder, que por elles venha algum Naire, os aviſe antes de chegar a elles para ſe apartarem do caminho, deſviarem o encontro, e lho deixarem livre. Os filhos naõ tem parte na herança dos Pais, que temem naõ ſejaõ ſeus, mas os filhos das filhas, que elles eſtimaõ por verdadeiros netos.

Porém ſendo eſte o caracter dos Malabares, teve Vaſco da Gama menos motivos para deſconfiar delles, que da fraudulencia dos Mouros, noſſos irreconciliaveis inimigos. Paſſados os tres dias, que ſe lhe déraõ de deſcanço, o Catual o levou á ſegunda audiencia, em que apreſentou ao Çamorim as cartas, e preſente mandados pelo Rei D. Manoel. Vio o Gama, e quiz remediar com ſatisfaçõés dadas á pro-

Era vulg. propósito o desprezo, que se fez do presente, e que as cartas naõ fossem lidas, e interpretadas pelos Mouros; mas pelo fiel Monçaide, ou pelos Malabares, que entendiaõ a lingua Arabia: Já receoso Vasco da Gama, de que a seu prejuizo hiaõ produzindo effeito as accusaçõ̃es, que elles faziaõ ao Catual pelo haver admittido na Corte; sendo hum Corsario que andava infestando gentes; hum pirata, que fazia escumar os mares; que por toda a parte por onde passára, deixou rasto das suas atrocidades; que era hum espia dos Reis da Europa, que quereriaõ dominar a Asia com a mesma ambiçaõ, com que o Rei de Portugal já senhoreava Africa.

Tinhaõ chegado aos ouvidos do Rei estas, e outras muitas sugestõ̃es; parte nascidas do odio, que os Mouros tem ao nome Christaõ; parte do temor, naõ succedesse que o nosso estabelecimento na India fosse a causa da sua expulsaõ: tudo idéas tristes, que os esforçavaõ para metter em obra todos os estratagemas, que promovessem

a

a noſſa ruina. Como ſabiaõ por expe- Era vulg.
riencia, que o Rei era inſtavel, vário, ſem firmeza nas reſoluçõeſ, já inclinado a hum, já a outro partido, os Mouros determinaõ mandar-lhe huma Deputaçaõ, e na téſta della hum homem habil, que com eloquencia perſuaſiva o ponha de huma vez firme a favor dos ſeus intereſſes. Dada audiencia aos Deputados, aſſim fallou em nome de todos o ſimulado Sarraceno:

Conſulta, grande Rei, os teus Annaes, ouve os teus Sabios, attende ao teu Povo, que todos te diráõ a huma voz, como os Sarracenos já mais foraõ inuteis ao teo Imperio. Na diuturnidade dos ſeculos ſe firma a noſſa fidelidade para com elle, ſeja no reſpeito, que ſempre rendemos aos teus Predeceſſores, ſeja no ſerviço, que lhes havemos feito, ſeja nos intereſſes com que o noſſo Commercio lhe tem engroſſado as rendas. E ſerá poſſivel, que depois de experiencias taõ longas, tu nos hajas de preferir eſtes homens vindos de novo? Tu naõ conheces, como nós, os ſeus coſtumes. Iſto he huma gente taõ ar-

Era vulg. arraſtada da ambiçaõ, que tem aniquilado Naçõẽs inteiras, que nunca a offendêraõ. Tu crês, que com idéas de Commercio vem eſtes monſtros rompendo perigos a Regiões taõ apartadas? Elles ſaõ huns Pyratas, que te vem enganar com cartas fingidas; naõ os creas. Se com effeito o ſeu Rei os manda, naõ o obrigaõ os deſejos da tua amizade; mas o ardor da ſua ambiçaõ para explorarem a tua Cidade, e virem depois com mais forças ſobre os teus Eſtados. Com induſtrias ſemelhantes elles naõ invadíraõ as Cidades mais fórtes de Africa? Elles com enganos naõ tem occupado a maior parte da Ethiopia? Se eſtes poucos, que agora eſtaõ nos teus pórtos ſaõ, ou naõ huns ladrões públicos, digaõ-o as atrocidades, que por mar, e terra comettêraõ na viagem contra Moçambique, e Mombaça? Que eſperas te ſucceda com elles, quando voltem com mais poder á tua Caſa? Córta a vergontea, que naſce, antes que ſe faça tronco robuſto, que te occupe o terreno, donde naõ poſſas arrancallo. Em fim, Senhor, eſta-

ta-

ta gente naõ ſoffre Leis de ninguem, e as quer dar a todos. Se tu naõ os enforcas como Pyratas, ſenaõ os fazes morrer como Eſpiões, entaõ moſtrarás hum arrependimento ſem fructo, quando vires que elles revolvem a Aſia, aſſim como perturbaõ a Europa, e a Africa. Eta vulg.

Humas expreſsões taõ vivas, que já repreſentavaõ aballado o Throno, naõ podiaõ deixar de fazer no eſpirito do Çamorim as impreſsões, que os Mouros deſejavaõ. Vaſco da Gama a todos os acontecimentos prevenido, cuidadoſo em ſalvar as náos, pôde embarcar-ſe, levar ferro, e vir a Pandarane, antes que o Catual lho impediſſe. Como eſta retirada nocturna, e repentina fazia abortar os deſignios dos Mouros; elles inſtáraõ com o Çamorim mandaſſe pelo Catual informar-ſe do motivo, porque Vaſco da Gama abandonára o porto, e perſuadillo voltaſſe para Calecut. A todas as inſtancias deſte Official reſiſtio o noſſo Chéfe, convindo ſómente em deſembarcar as mercadorias, que havia cambiar pelos generos

da

Era vulg. da terra, e deixar nella por Feitor a Diogo Dias, e por Eſcrivaõ a Alvaro de Braga para tratarem do Commercio.

Querendo porém juſtificar-ſe com o Çamorim, e informallo da trahiçaõ, que os Mouros por meio do Catual urdiaõ contra elle, lhe eſcreveo pelo meſmo Feitor. O Principe, que tudo ignorava, nem déra ordens para a noſſa perſeguiçaõ, aſſegurou a Vaſco da Gama debaixo da palavra Real: Que ſe informaría do proceder do ſeu Miniſtro, o caſtigaría como mereceſſe, e que mandaſſe as mercadorias para Calecut, aonde as vendería melhor, que em Pandarane. Fiou-ſe o Gama neſta palavra, e a crêo mais firme depois de chegar as náos a terra, quando vio que a ſua gente vendia livremente os generos ſem contradiçaõ. Na ſuppoſiçaõ de que as intrigas dos Mouros eſtavaõ derrotadas no conceito do Principe; elle lhe propôz o muito que era conveniente na ſua auſencia deixar na Corte hum Feitor, que trataſſe com a ſua peſſoa os negocios do Rei D. Manoel, e dos intereſſes do Commercio.

Fa-

Fatal foi eſta propoſta, que naõ ſendo entendida pelo Rei, elle a teve por huma induſtria dirigida a huma contínua fraude nos direitos da ſua fazenda: idéa, que o fez recahir nas ſuas primeiras ſuſpeitas, e que lhe ſoprou a cólera para vaporar contra nós as ameaças. Vaſco da Gama quiz remediar a inadvertencia com o ſilencio; mas elle deo mais corpo ás ſuſpeitas, e fez lavrar o decreto de priſaõ contra os dous Portuguezes, que tinhamos em terra, e o da confiſcaçaõ das noſſas mercadorias. Para a ſoltura dos primeiros, e reſtituiçaõ das ſegundas foraõ inuteis todas as inſtancias do Gama, que naõ podendo ſoffrer calado eſta injúria, rompeo os expedientes da negociaçaõ para ſe deſpicar com as armas. Elle eſperou a primeira embarcaçaõ de Calecut, que entraſſe no porto, e lançando-ſe a ella fez priſioneiros ſeis Officiaes diſtinctos com alguns criados, deixando o reſto da tripulaçaõ livre para levar ao Çamorim a noticia, de que os Portuguezes, poucos, taõ longe da Patria, no centro de hum Imperio poderoſo, naõ eraõ

Era vulg.

ca-

Era vulg. capazes de ſopportar callados injúrias da honra.

Com eſta preza, Vaſco da Gama ſe fez á véla, e andou pairando quatro legoas da barra de Calecut. Vendo, que ninguem o procurava, ſe pôz quaſi a perder de viſta, aonde o ſeguio hum aviſo do Rei, admirando-ſe da ſua manobra, muito mais de ſe retirar ſem reſpoſta das cartas, que lhe trouxera do Rei D. Manoel. Eſte recado, que era o meſmo que elle eſperava, o reconduzio ao porto, aonde no dia ſeguinte os preſos lhe foraõ enviados a bórdo com a reſpoſta das cartas, com proteſtos de amizade, com permiſſaõ para deixar na Corte o Feitor, que ſería defendido pelos Naires do inſulto dos Mouros. O Gama já circunſpecto, nada crêo; pedio a ſua fazenda; e quando laborava eſta negociaçaõ, o fiel Monçaide veio a bórdo repreſentar os novos ardís dos Sarracenos; que elle eſtava perdido por noſſa cauſa, e nos rogava quizeſſemos trazello para Portugal, por ter certa em Calecut a perda da vida. Os noſſos o recebêraõ com o agrado, que elle me-

merecia pelos ſerviços, que nos fize- Era vulg.
ra, e em Lisboa abraçou o Chriſtianiſ-
mo: felicidade com que lhe ficáraõ
bem conpenſados os trabalhos, que
teve a noſſo reſpeito, as fadigas da via-
gem, e perda do cabedal.

No meſmo dia quizéraõ abordar ás
náos ſete almadias, em que ſe dizia vi-
nha a noſſa fazenda mandada por El-Rei,
para levarem em retorno os Malabares
priſioneiros. Vaſco da Gama reſpon-
deo, que elle naõ ſe embaraçava com
fazenda, nem cria recados: que os Ma-
labares lhe eraõ neceſſarios em Lisboa
para ateſtarem ao ſeu Rei as injúrias,
que ſe haviaõ feito em Calecut aos ſeus
Vaſſallos, eſpecialmente ao ſeu Embai-
xador; mas que empenhava a ſua pala-
vra, de que os Portuguezes os recon-
duziſſem ao meſmo porto. A eſtas ulti-
mas palavras reſpondeo o fogo, que o
Gama mandou fazer ſobre as almadias
para as deſviar. O Çamorim ſentio com
extremo a noſſa reſoluçaõ, e porque
as náos andavaõ em calma pouco diſ-
tantes da barra, teve tempo de mandar
ſeſſenta barcas, que nos vieſſem inveſ-

Era vulg. tir; mas a tormenta, que ſobreveio as deſgarrou da conſerva, e nos privou de huma victoria neſta primeira viagem.

Vaſco da Gama antes de ſahir da Cóſta ſe deſpedio do Çamorim por huma carta toda de attenções, em que lhe dava conta da perfidia do Catual, e dos Mouros: que ella naõ produziría algum effeito nas boas intenções do Rei D. Manoel para com a ſua peſſoa: que ſentia partir-ſe ſem ter a honra de o vêr, porque lho impedia a neceſſaria ſegurança da vida, e dos negocios do ſeu Soberano: que elle levava os Malabares a Portugal para lhos moſtrar; mas que no anno ſeguinte ſem a menor dúvida ſeríaõ reſtituidos a ſuas caſas; e que elle nada deſejava tanto como darlhe próvas de hum zelo conſtante no ſeu ſerviço. O Çamorim ſe moſtrou ſatisfeito com eſta carta, que fez lêr aos parentes dos priſioneiros para deſaffogarem a ſaudade com as eſperanças.

Seguio o Gama a ſua viagem com calmarias çontínuas, que o leváraõ a humas Ilhas, aonde foi acomettido por oi-

oito navios de remo, mandados pelo Corſario Timoja, depois noſſo Servidor taõ fiel, como dirá a Hiſtoria. O noſſo fogo pôz ſete em fugida, e tomamos hum, que achamos bem provido de armas, e mantimentos. As noſſas náos depois de navegaçaõ taõ longa neceſſitavaõ limpas, concertadas, e com eſte deſignio buſcou Vaſco da Gama a Ilha de Anchediva, que ficava pouco diſtante da terra, aonde mandou eſpalmar as náos, e teve o divertimento de tratar homens de Naçõés differentes attrahidos pela curioſidade de verem a noſſa. Entre outros ſe aprenſentou a Vaſco da Gama hum moço de boa figura, bem inſtruido na lingua Italiana, que diſſe ſer criado do Çabayo, Senhor de Goa, mandado por elle viſitar o noſſo Chéfe, e offerecer-lhe quanto preciſaſſe para o fornecimento das náos. O Gama já difficultoſo em crêr, facil em deſconfiar, teve ao Emiſſario por eſpia; prendeo-o, e o mandou metter a tormento para declarar o deſignio verdadeiro da ſua commiſſaõ. Era vulg.

Naõ teve difficuldade o fingido Italia-

Era vulg. liano, que ſe dizia criado na Grecia, e que paſſára no ſerviço de hum Mouro á Aſia, em confeſſar que elle era hum Judeo naſcido em Polonia; que ſervia ao Çabayo; que eſte o mandára obſervar a força da ſua Eſquadra com o intento de a ſobprender; que ſem embargo delle parecer Mouro na Religiaõ, que interiormente reſpeitava a Fé de J. C., e por iſſo queria vir a Portugal para fazer della pública profiſſaõ, como fez com effeito; tomando o nome de Gaſpar da Gama, e ſervindo a El-Rei D. Manoel com tanta fidelidade, que lhe fez muitas honras, deo officios, e tenças, com que paſſou a vida rico, e eſtimado. Com eſte aviſo, Vaſco da Gama a toda a diligencia fez apreſtar as náos, e no dia 5 de Outubro do anno de 1498 navegou para Melinde com tempos contrarios o eſpaço de quatro mezes, com perda de vidas, com continuados trabalhos, até aviſtar a Cidade de Magadaxo no fim do Golfo, já na Cóſta de Ethiopia.

Como eſte porto era habitado de Mouros, e delles tinha o Gama rece-

bi-

bido tantos escandalos, naõ lhes quiz retardar o resentimento, ou a vingança. Elle se arrimou aos muros, e com hum fogo bem servido os pôz por terra; destroçou muitas náos, que estavaõ no porto; deo fogo a outras, e derramou o terror entre os moradores. Correndo a Cósta, já distante dez legoas de Melinde, viéraõ oito navios de Pate tomar-lhe contas do que acabava de fazer em Magadaxo. Bastou a resoluçaõ, com que os atacamos, para se pôrem em fugida, sem nos permittir o vento contrario, que os seguissemos. A sete de Fevereiro do anno de 1499 entrou Vasco da Gama em Melinde a receber os agrados, que tiveraõ de segundos ser repetidos. Com os necessarios provimentos, sem mais demóra que a de cinco dias, e tomado a bórdo o Embaixador, que o Principe mandava a El-Rei D. Manoel, continuou a viagem até a Villa de Tagata. Aqui se tomou a resoluçaõ de dar fogo á náo de Paulo da Gama, que estava incapaz de montar o Cabo; e recebido elle, parte da gente, e dos mantimentos na de

Era vulg.

seu

Era vulg. ſeu irmaõ Vaſco da Gama, e outra parte na de Nicoláo Coelho, a 28 do meſmo mez foi além da Ilha de Zanzibar adjacente da terra firme de Ethiopia.

O Senhor deſta agradavel Ilha mandou cumprimentar a Vaſco da Gama, e pedir a ſua amizade. Daqui partio no primeiro de Março para a Agoada de S. Braz, aonde ſe forneceo de tudo o neceſſario, e com tempo feliz paſſou o Cabo no dia 20. Emproandó á Ilha de Sant-Iago, hum temporal rijo ſeparou da conſerva a náo de Nicoláo Coelho, que ſem vêr mais a Vaſco da Gama, com toda a força de véla chegou primeiro que elle a Lisboa a 10 de Julho. A moleſtia de Paulo da Gama obrigou ſeu irmaõ a ferrar a Ilha Terceira, aonde elle acabou a carreira da vida, e Vaſco da Gama depois de lhe fazer as ultimas honras com a grandeza, que lhe inſpirava a ſublimidade do merecimento, e as razões do ſangue, continuou a viagem, e a 29 de Agoſto do anno, em que fallamos, entrou pela barra de Lisboa com aſſombro das Nações, que ouviaõ dizer como Vaſ-

co

co da Gama chegára ao Téjo vindo de outro mundo. Era vulg.

Do Rei, e do Reino foi elle recebido com o alvoroço, que ſe devia a huma proeza nova, naõ penſada das gentes. A generoſidade, e reconheci-mento naõ lhe demoráraõ o premio, ſendo hum Dom o primeiro de taõ grande ſerviço, que hoje qualquer ſe confere ſem preceder ſerviço, nem ſer premio: fantaſia arbitraria a modo de enxerto encarnado em arvores aerias, que naõ tem raizes, nem tronco. Depois foi Vaſco da Gama criado Almirante do mar da India, Conde da Vidigueira, e todos os mais, eſpecialmente Nicoláo Coelho, recebéraõ mercês, e deſpachos correſpondentes, que compenſáraõ com os cómmodos da vida os perigos, e trabalhos paſſados.

CA-

CAPITULO VII.

Outros ſucceſſos deſtes tempos com a ſegunda expediçaõ á India commandada por Pedro Alvares Cabral.

Era vulg. AINDA que os negocios da India occupavaõ tanto os cuidados do Rei D. Manoel, elle os perdeo para ſe moſtrar grato, e officioſo á memoria del Rei D. Joaõ II., fazendo neſte anno a trasladaçaõ do ſeu cadaver da Cathedral de Sylves para o Convento da Batalha com a pompa, e magnificencia, que eu diſſe no Tomo precedente. D. Manoel para marcar mais diſtinctamente o ſeu agradecimento ao Principe defunto, que o nomeára Rei, caſou a ſeu filho D. Jorge com D. Brites de Vilhena, filha de D. Alvaro, irmaõ do Duque de Bragança, o Degolado. No meſmo dia creou Condeſtavel de Portugal a D. Affonſo, filho de ſeu irmaõ D. Diogo, Duque de Viſeo, que quando eſteve em Caſtella

1500

o

o teve da Marqueza de Villa Fer- Era vulg.
moſa.

Sempre grandes os penſamentos de D. Manoel, depois de encher eſtes deveres da piedade, e gratidaõ, aſſentou comſigo cultivar o Commercio da India; mas de hum modo, que fizeſſe crêr aos Póvos da Aſia, que os Portuguezes podiaõ reſiſtir aos Indios, e naõ temer aos Mouros. Com eſte deſignio fez eſquipar huma fróta de treze náos de guerra, que entregou ás ordens de Pedro Alvares Cabral, Fidalgo da ſua Caſa com valor, e merecimento. Em quanto ella ſe prevenia, o Rei incanſavel fazia conſtruir o Templo brilhante de Belém, aonde foſſem os navegantes tomar a benção do Ceo para terem a Divindade propicia nas empreZas, entregando-o á adminiſtraçaõ dos Monges exemplares de S. Jeronymo, e deſtinando-o para lugar da ſua ſepultura, quando a idade em flôr, e a grandeza no meio da pompa, parece que eſqueceria a mórte. Eſta grande obra naõ impedio que ao meſmo tempo no centro do Téjo elle fizeſſe edificar

Era vulg. a fórte Torre com o meſmo nome de Belém, para regiſto das náos pacificas, e propugnadora das contrarias, que preſumiſſem invadir Lisboa.

Bem municiada a Eſquadra de Pedro Alvares com a tripulaçaõ de 1500 ſoldados; dadas as ordens para tratar amizade com o Çamorim de Calecut; para fundar em lugar cómmodo do ſeu Eſtado huma fortaleza, que firmaſſe a ſegurança do Commercio: o Rei mandou embarcar nella cinco Varões Santos da Religiaõ Franciſcana, de que era ſuperior Fr. Henrique, depois pelas ſuas grandes virtudes, e talentos Biſpo de Ceuta, com outros Clerigos Seculares, que na Aſia fizeſſem conhecido o Nome adoravel de Jeſus Chriſto, e adminiſtraſſem os Sacramentos nos lugares das fundaçõēs deſignadas. Tambem foi entregue ao Chéfe o Embaixador, que Vaſco da Gama trouxéra de Melinde; inſtruindo no modo com que havia perſuadir ao Rei o bem, que o ſeu Miniſtro explicára a D. Manoel as ſuas intenções, e que eſte ficava prompto para promover os ſeus inte-

tereſſes, como ſe foſſem os meſmos de Era vulg.
Portugal.

Quando o Rei acabou de dar eſtas ultimas ordens, foi em peſſoa a Belém implorar os ſoccorros do Ceo neſta grande empreza, que tinha ſobre ſi os olhos do Univerſo. Elle fez benzer o Eſtandarte Real, que entregou ao Commandante, e acabada a Miſſa, foi eſte conduzido em huma prociſſaõ ſolemne no meio de innumeravel Povo ao lugar do embarque, que foi no dia 8 de Março deſte anno. Além da Capitania, em que hia o General, os mais navios eraõ governados por Nicoláo Coelho, Simaõ de Miranda, Ayres Gomes da Silva, Nuno Leitaõ, Vaſco de Ataide, Bartholomeu Dias, o Deſcobridor do Cabo de Boa Eſperança, ſeu irmaõ Pedro Dias, Gaſpar de Lemos, Luis Pires, Simaõ de Pina, Pedro de Ataide o Inferno, e por Feitor da Armada Ayres Correia, que havia ficar em Calecut com o meſmo emprego.

Expedida a Armada, ſobreviéraõ eſte anno outras occurrencias, que alteráraõ a conſiſtencia dos negocios do-

meſ-

Era vulg. meſticos. A 19 de Julho na idade de 22 mezes falleceo o Principe herdeiro de Portugal, e Caſtella D. Miguel, unico fructo do primeiro matrimonio del-Rei: perda extremoſamente ſenſivel a ambas as Monarquias, que as razões de Eſtado a ambas fez, naõ ſó ſoffrivel, mas diſſimulavel. Como nem ella, nem a da Rainha ſua Mãi diminuio nos Reis Catholicos Fernando, e Iſabel hum ponto da particular eſtimaçaõ, que elles faziaõ da peſſoa, e qualidades do Rei D. Manoel; immediatamente mandáraõ a Portugal por ſeu Embaixador, a Ruy de Sande para tratar ſegundo caſamento ao meſmo Rei com ſua filha mais moça a Infante D. Maria, que mandou logo os ſeus plenos poderes ao Senhor D. Alvaro para o acto do recebimento. Sahio a nova Rainha de Granada conduzida até á fronteira da Villa de Moura por D. Diogo Furtado de Mendoça, Arcebiſpo de Sevilha, que fez della entrega a D. Jaime, Duque de Bragança, e aos mais Fidalgos, que o acompanhavaõ: todos brilhantes, mas ſem a pompa

das

das primeiras vodas, que tivéraõ tanto de mal affortunadas, como de magnificas. A 30 de Outubro recebeo o Biſpo de Evora aos Reis na Villa de Alcacere do Sal com diſpenſa do Papa Alexandre VI.; e todo o mundo vendo a El-Rei caſado com huma Princeza tal como D. Maria, entendeo que elle deſiſtiria do conſtante projecto de paſſar a Africa, de que nada o divertia. Era vulg.

Nóvos movimentos derrotáraõ bem depreſſa eſta eſperança. A Rainha, e o Conſelho ſe oppozéraõ com viveza á reſoluçaõ do Rei; fallando cada qual ſua lingua differente. O Conſelho o combatia com as razões de Eſtado; a Rainha o atacava com a rhetorica do amor; mas o Rei mais ſenſivel á glória, que á ternura, á reputaçaõ, que á politica, elle a nada queria differir. Neſta extremidade foi preciſo metter de permeio a authoridade dos Reis Catholicos, que conſultando menos o goſto da Rainha ſua filha, que os intereſſes do Reino, mandáraõ por hum Embaixador repreſentar a D. Manoel: Que pon-

Era vulg. ponderaſſe o quanto arriſcava a peſſoa, e o credito, marchando elle meſmo contra os Mouros; que reparaſſe no abyſmo de calamidades a que expunha o ſeu Povo, ſe experimentaſſe huma das deſgraças da guerra ás mãos de inimigos barbaros com forças muito ſuperiores ás ſuas, ſopradas por hum odio inexoravel.

Entaõ com preferencia ás vozes da glória, eſcutou El-Rei as da politica, que o fez conhecer; como tinha o Throno ſem herdeiro; como o Eſtado ficava orfão; como hum Principe naõ déve empenhar-ſe na guerra fóra dos proprios Dominios, aonde a ſua preſença ſempre he neceſſaria; e convencido o juizo, teve de ſobmetter a vontade. Mas a mudança da idéa naõ alterou o projecto da expediçaõ. Continuou com celeridade a aliſtar-ſe hum exercito de 26$000 Infantes, e 6$000 Cavallos, e ſobre ferro ſe vio no Téjo huma conſideravel Armada, tudo com o deſtino em Africa. A Providencia o altera, e as alteraçõ̃es da Grecia mudáraõ o ſyſtema bellico de Portugal. O Imperador dos Turcos

Ba-

ap- Era vulg.
nça ,
ceſſa-
nos ,
e.
o da
, na-
ndar
s de
e ſeu
, de
Bra-
elho ,
, per-
tou a
hum
cacos,

CA-

Era vulg. ponderaſſe o quanto arriſcava a peſſoa, e o credito, marchando elle meſmo contra os Mouros; que reparaſſe no abyſmo de calamidades a que expunha o ſeu Povo, ſe experimentaſſe huma das deſgraças da guerra ás mãos de inimigos barbaros com forças muito ſuperiores ás ſuas, ſopradas por hum odio inexoravel.

Entaõ com preferencia ás vozes da glória, eſcutou El-Rei as da politica, que o fez conhecer; como tinha o Throno ſem herdeiro; como o Eſtado ficava orfão; como hum Principe naõ déve empenhar-ſe na guerra fóra dos proprios Dominios, aonde a ſua preſença ſempre he neceſſaria; e convencido o juizo, teve de ſobmetter a vontade. Mas a mudança da idéa naõ alterou o projecto da expediçaõ. Continuou com celeridade a aliſtar-ſe hum exercito de 26$000 Infantes, e 6$000 Cavallos, e ſobre ferro ſe vio no Téjo huma conſideravel Armada, tudo com o deſtino em Africa. A Providencia o altera, e as alterações da Grecia mudáraõ o ſyſtema bellico de Portugal. O Imperador dos Turcos

Ba-

Bajazeto fazia appreſtos formidaveis para invadir os Eſtados Catholicos, e occupáraõ-ſe dos primeiros ſuſtos as praças, que os Venezianos poſſuiaõ na Grecia. Quando a Armada dos barbaros eſtava preſtes a fazer-ſe á véla, os Venezianos pedem ſoccorro aos Principes Chriſtãos, que ao eſtrondo do poder todos ſe haviaõ perturbado. Era vulg.

Os Embaixadores da Republica aſſociados das exortações do Papa giráraõ todas as Cortes da Europa para perſuadirem aos ſeus Soberanos ſe alliaſſem contra o inimigo commum. Sendo o Rei de Portugal aquelle, que entaõ tinha promptas forças mais conſideraveis, que algum dos outros; o Papa o perſuadio com mais força para mandar as ſuas trópas adquirir mais glória na Grecia da que podiaõ ganhar em Africa. O Rei ſempre condeſcendente aos rógos do Chéfe da Igreja, ouvidos os do ſeu Conſelho, determinou ſoccorrer a neceſſidade dos Venezianos com 30 das ſuas melhores náos guarnecidas da gente mais brava ás ordens de D. Joaõ de Menezes, Conde de Tarouca, filho

do

Era vulg. do memoravel D. Duarte, Conde de Viana, que levava todas as recommendações em ſi meſmo. Além deſta Armada, que havia obrar na Grecia, ElRei mandou outra debaixo da meſma bandeira do Conde para dar huma viſta a Oraõ, e ſe lhe foſſe poſſivel ganhaſſe na embocadura da meſma Cidade o fórte Caſtello de Mazalquibir.

Em quanto eſtas forças ſe appreſtavaõ no Reino, D. Joaõ de Menezes, que com o reforço de 150 cavallos tornou a ſer mandado a Arzila depois da victoria, que alcançou dos rebeldes Barraxe, e Almandarim; elle convida a D. Rodrigo de Caſtro, Governador de Tangere, para fazerem huma viſita ás Aldeias, e Aduares ricos, e poderoſos dos Mouros. Com a noſſa chegada os barbaros abandonáraõ os poſtos, e ſe pozéraõ em fugida, mais cortados do medo, que do ferro. Os que tiveraõ corage para reſiſtir, huns perdêraõ as vidas, outros as liberdades, todos as riquezas. Na retirada para as ſuas praças reſpectivas, os noſſos Chéfes foraõ inſultados pelo Governador de Alcacer-

qui-

quivir, huma das Praças mais conſide- Era vulg.
raveis da Mauritania, com trópas nu-
meroſas, e diſciplinadas. D. Joaõ de
Menezes intentou inveſtillo; mas D.
Rodrigo o inſtou para que naõ quizeſ-
ſe, com os riſcos da contingencia en-
tre taõ grande deſproporçaõ de forças,
botar a perder a glória de taõ formo-
ſo dia. Cedeo o valor á prudencia, pri-
meiro armamento dos bons Generaes,
e continuando a retirada com honra,
ſalváraõ os Soldados, e a preza com
deſeſperaçaõ dos Barbaros, ſoffrendo,
e rechaçando a furia dos ſeus repellões.

Naõ paſſáraõ muitos dias depois
deſte encontro, quando hum Mouro
de Féz aviſou a D. Joaõ de Menezes,
como o ſeu Rei na téſta de doze mil ca-
vallos, e muita Infantaria, marchava a
toda a diligencia ſobre a Praça de Tan-
gere. O zelo do ſerviço do Principe,
e as obrigações da amizade inſtavaõ a
D. Joaõ para ſem demóra aviſar a D.
Rodrigo de Caſtro; mas a campanha,
e todas as avenidas de Arzila até Tan-
gere eſtavaõ occupadas pela multidaõ
dos Mouros. Como o eſpirito em aper-

Era vulg. to he industrioso em invectivas, D. Joaõ se lembrou, que em Arzila andava, havia dias, perdido hum caõ de certo Mercador de Tangere, que tinha estado na Praça. Elle escreve a D. Rodrigo o perigo a que estava exposto: mette a carta em huma bóla de cêra, e manda penduralla ao pescoço do caõ, que bem servido de golpes, he posto fóra da Praça. O animal fez a jornada com tanta diligencia, que sendo lançado de Arzila na noite do dia do aviso, foi no seguinte amanhecer a Tangere, aonde hum soldado reparou no presente, que conduzia, e sem demóra o levou ao Governador.

Recebido o aviso, prevenida a Praça, e posta a guarniçaõ sobre as armas, appareceo o Rei de Féz talando a campanha, arrebanhando os gados, e passando á espada quem os guardava. Naõ pôde D. Rodrigo dissimular esta injúria, sem sahir a desaffrontalla. Com partido muitas vezes desigual elle investe tantos esquadrões, que com o seu mesmo peso o opprimem, e obrigaõ o valor a que retroceda, ficando

debaixo delles esmagados hum filho do Governador com oito dos nossos melhores Cavalleiros. Combatter, e retirar tudo era igualmente perigoso; taõ confundidos os córpos, que a entrada na Praça tinha de ser commua a Christãos, e Mouros. Nesta extremidade huns poucos de espiritos intrepidos dignos de memoria eterna, que foraõ o bravo D. Lourenço, filho de D. Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rei da India, aonde a seu tempo o veremos acabar com as armas na maõ coberto de glória; Gonçalo Mendes Sacoto; o Adail Pedro Leitaõ; Pena Roja; Antonio Nunes; Ruy Martins, e seu primo Lopo Martins; elles feitos em hum corpo, sustentaõ todo o peso dos Barbaros; daõ lugar a que os seus camaradas se recolhaõ na Praça, e saõ elles os ultimos, que entraõ nella com tanto accordo, que deixando Ruy Martins a tranca da pórta meia corrida, e dizendo-lhe outros a fechasse bem, porque os Mouros a arrombavaõ, elle respondeo cheio de corage: Tal naõ farei por honra de Portugal; que para defender Era vulg.

Era vulg. meia pórta aberta a todos eſtes Barbaros, baſto eu ſó. Aſſim como o diſſe o cumprio, e eſta gentileza de taõ poucos fez formoſo o ſemblante de dia taõ triſte.

Ainda que eſta ſahida cuſtou cára a D. Rodrigo de Caſtro, com ella comprou huma grande vantagem. Os Mouros ſobprendidos de verem os ſeus deſignios deſcobertos, mudáraõ de idéa, e foraõ deſcarregar em Arzila o golpe, que traziaõ levantado para Tangere. D. Joaõ de Menezes aviſado pelos batedores do campo, elle ſe reſolve a obſervar os movimentos do inimigo, e ſahe da Praça na teſta de vinte de caval-lo; deixando o reſto da gente na Villa Velha para acodir aonde a neceſſidade o pediſſe. Tanto ſe avançou eſte Chéfe deſtemido ſobre a multidaõ dos Mouros, que eſteve nos termos de ſe perder em hum combate de opiniaõ, pelo naõ ſoccorrer a gente poſtada na Villa Velha, que elle entendia marchava em ſeu ſoccorro, quando os Mouros lhe haviaõ cortado todos os caminhos. Elle que ſe vio ſó com quatro

de

de cavallo, já ferido do golpe de hu- Era vulg.
ma ſétta, ſe pôz em retirada peleijando, até ſe incorporar com a gente de reſerva, que ſe lançou aos Barbaros, e com fugida precipitada os obrigou a unir-ſe ao groſſo do ſeu Exercito.

Quando aſſim derrotavaõ em Africa 1501
os deſignios dos Mouros D. Joaõ, e D. Rodrigo; o Conde de Tarouca D. Joaõ de Menezes ſahia do Téjo com as Armadas deſtinadas ao ſoccorro dos Venezianos, e expediçaõ do Fórte de Mazalquibir. Como os ventos contrarios lhe impedíraõ ſervir eſte Caſtello do mar com a artelharia, o Conde ſe reſolveo a lançar a gente em terra para o render na fórma das ordens, que levava. Os noſſos, naõ ſó ganháraõ as obras exteriores ſem reſiſtencia; mas arrimando eſcadas aos muros, chegáraõ a igualar-ſe com as ſuas ameias, naõ havendo quem lhes diſputaſſe a ſubida. Os noſſos, ou por entenderem o Caſtello deſamparado, ou por deſprezarem os poucos Mouros, que viaõ ſem acçaõ, quando elles occultos ſe haviaõ formado com conſideravel vantagem;

eſ-

Era vulg. eſquecida a diſciplina, ao tempo de acclamarem a victoria, os Barbaros os rodeáraõ, os acometteraõ de improviſo, e mórtos os mais valoroſos, os forçáraõ a embarcar-ſe a toda a diligencia rodeados de perigos.

Perdemos neſta refrega vinte homens, a maior parte Fidalgos; mas o Conde mettido em cólera pela noſſa deſordem, que deo corage a quatrocentos Mouros de cavallo para nos porem em retirada vergonhoſa: elle deſpedio para o Reino eſta Armada deſtinada á empreza de Oraõ, e com a ſua navegou a Sardenha, aonde foi recebido com muita civilidade pelo Governador de Calheri. Poucos dias depois foi a noſſa Armada cruzar nos mares de Tunes, e aviſtou huma grande náo de Commercio Genoveza rendida, e eſcoltada por duas de guerra da meſma Praça, que todas rendemos. Os Chriſtãos, e Judeos foraõ póſtos em liberdade; os generos entregues a ſeus donos; as náos, e Turcos ficáraõ priſioneiros no meſmo porto de Calheri. Tornámos a fazer-nos á véla para

as

as Cóstas de Napoles, donde passámos á de Albania, e dahi á Ilha de Corfú, para nos unirmos com a Fróta dos Venezianos. Estas forças colligadas com as dos mais Principes, que vinhaõ concorrendo, de tal sórte atemorisáraõ os Turcos, atterrados do susto antes de verem a face do perigo, que abandonáraõ a empreza de Negroponte, recolhendo sem acçaõ a formidavel Armada nos seus pórtos. Era vulg.

O nosso General em quanto esteve em Corfú, teve o desgosto, de que os nossos soldados, e marinheiros, soberbos, e insolentes travassem com os Venezianos, e Gregos razões taõ pezadas, que viéraõ ás mãos; e depois de muitas mórtes de ambas as partes, foi necessaria toda a actividade dos Chéfes para fazer cessar o motim: licenças faceis, que estragaõ a disciplina, e quando se querem remediar as desordens da inconsideraçaõ, tem succedido os damnos ás vezes irreparaveis. Naõ tendo que fazer na Grecia, a Armada veio á Villa de Sagres, aonde o Conde mandou repartir pelos soldados a pre-

Era vulg. preza de Tunes, que foi o fructo deſta expediçaõ, e elle em Lisboa recebeo por ordem do Rei o quinto, que lhe tocava.

CAPITULO VIII.

Succeſſos da viagem de Pedro Alvares Cabral para a India, e deſcobrimento da Regiaõ de Santa Cruz chamada Brazil.

NÓS deixámos a Pedro Alvares Cabral ſahindo da barra de Lisboa para a India no dia oito de Março de 1500 com a importante eſquadra de treze náos de guerra. Agora diremos, que quando parecia que tudo contribuia para favorecer os grandes deſignios del-Rei, já em ſoccorrer os ſeus alliados, já em amontoar conquiſtas a conquiſtas; por huma das náos daquella conſerva, que mandava o Capitaõ Luís Pires, e arribou a Lisboa deſtroçada, ſe ſoube a tempeſtade formidavel, que ſoffreo aquella Eſquadra na altura de Cabo Verde.

de. Dous dias pairou Pedro Alvares a esperar as náos desgarradas, e vendo que a de Luis Pires naõ apparecia foi carregando ao rumo de Aloeste. Naõ socegava o espirito do Commandante na contemplaçaõ de tantas aventuras no principio da viagem, engolfado em hum pégo immenso, e incognito ás gentes da Europa, quando o Piloto da sua náo vem accelerado a dar-lhe parte, que descobria terra. Era vulg.

Foi o dia oito de Maio o deste descobrimento naõ pensado pela ignorancia absoluta, de que para parte taõ Occidental houvesse terra, que necessariamente se havia suppôr despegada das tres partes do Mundo conhecido. Manda o Chéfe virar de bórdo, pôr prôas á nova terra; lança ferro, e destaca hum Official com vinte homens em hum esquife da náo para reconhecer o Paiz, e examinar se he habitado. O especulador diligente volta a informar a Pedro Alvares, como a terra era fertil, e apprazivel, coberta de hervas vistosas, e exquisitas, de arvores frondosas, e altissimas, de aguas abun-

Era vulg. abundantes, e excellentes: que víra homens de boas côres, de cabello liſo, e comprido, os córpos nús, armados de arcos, e ſéttas, paſſeando em magotes pela praia. Confirmadas eſtas noticias por outros exploradores, que penetráraõ mais o Paiz, Pedro Alvares combattido de hum vento fórte, manda levantar ferro, e ſe abrigou junto de terra no lugar, que fez chamar *Porto ſeguro*, como aſylo, que o livrava do naufragio.

Hum dos noſſos Officiaes trouxe aqui a bórdo dous ſalvagens peſcadores, taõ ſalvagens, que a vozes, a acenos, a nada os brutos ſe moviaõ. O noſſo Commandante os mandou veſtir, e enfeitar com ridicularias para elles infinitamente eſtimaveis. Póſtos em terra com figura nova, encarecendo a largueza da noſſa liberalidade, huma multidaõ numeroſa ſe commove para nos vir regalar com os fructos da terra, e ſer participantes das vantagens, que de nós haviaõ recebido os ſeus dous paizanos. Elles atonitos de vêrem as ſuas figuras nos eſpelhos, de ouvirem

o ſom das campainhas ; attrahidos das bagatellas de lataõ , e outras couſas deſte genero , com que o Commandante os brindou ; elles deſcobrem a fundo a ſua conſummada ſimplicidade. Pedro Alvares ſe aproveita della , e poſtada em terra boa parte da gente , á ſombra de huma grande arvore , na face dos dous Póvos , Chriſtaõ , e Barbaro, manda levantar hum Altar para ſe celebrar com grande pompa o ſacrificio tremendo da Miſſa , como hum acto da poſſe que toma daquella Regiaõ em Nome do Verdadeiro Deos de toda a terra ; como hum conjuro , que arroje della o Principe das trévas ha tantos ſeculos intruſo , dominante cruel de tantas almas , agora atado ao carro do maior triunfo. Era vulg.

Neſte acto ſolemne ſe redobrou a attençaõ dos ſalvagens , imitadores ainda mais ternos , que nós das noſſas exterioridades. Elles admiravaõ todas as ceremonias ; parecia que os arrebatava o ſom do canto ; elles batiaõ as palmas em demonſtraçaõ do júbilo , que lhes naõ cabia nos peitos. Com os olhos fi-

Era vulg. fixos no Ceo, todos entendiaõ, que elles eſtavaõ dando graças ao Pai das luzes por lhes mandar de taõ longe huma gente illuſtrada, que os illuminaria no meio das trévas, e nas ſombras da mórte, em que eſtavaõ aſſentados, para lhes dirigirem os paſſos pelo caminho da paz. Naõ podendo já reprimir os impetos dos eſpiritos, eſtes Barbaros rompêraõ, e atroáraõ os horiſontes com o tom de immenſos inſtrumentos muſicos, e com hum alarido, que elles conformavaõ quanto podiaõ ao ſom, com que nos ouviaõ entoar os Myſterios Divinos. Interpretes das ſuas vozes os noſſos olhos, em lágrimas de complacencia, nos congratulavamos por ouvirmos os louvores do Senhor na bocca dos moradores da extremidade da terra, naõ com ancia, mas prazer dos coraçõẽs.

Acabada a funçaõ, Pedro Alvares veio a embarcar-ſe com a ſua gente; mas os Americanos ſe queriaõ fazer delle taõ iſſeparaveis, que o viéraõ ſeguindo até á praia, muitos ſe lançavaõ á agua com ella pelos peitos, outros

tros nadando apôz as lanchas, já conhecendo os Portuguezes, que aquelles homens naõ eraõ taõ barbaros, como no principio lhes parecêraõ. Em quanto os noſſos cuidavaõ em fornecer as náos dos mantimentos preciſos, alguns deſcobríraõ na praia hum peixe monſtruoſo, de que daõ larga noticia os noſſos Hiſtoriadores. Porém Pedro Alvares, que já formava a idéa, de que a ſua Naçaõ ſe havia eſtabelecer naquelle Continente; elle lhe poz o nome de Santa Cruz, que ſendo o madeiro, que boſque algum produzio outro ſemelhante, a noſſa inconſideraçaõ lhe cambiou o primeiro nome pelo de outro páo, que naſce em qualquer parte da America, chamando-lhe Brazil. Depois levantou nella huma columna de marmore, ſemelhante ás muitas, que Vaſco da Gama erigio em outras paragens na primeira navegaçaõ, e deſpedio ao Capitaõ Gaſpar de Lemos, para que vieſſe a Portugal dar a El-Rei a agradavel nova do deſcobrimento até entaõ naõ penſado pelas gentes mais inſtruidas.

Era vulg.

El-

Era vulg. Eſta grande Regiaõ, em que tenho fallado he o vaſto terreno, que corre do Rio das Amazonas, até as Provincias do Paraguai: Regiaõ, que he banhada por toda a ſua cóſta pelo mar do Nórte por eſpaço de 1200 leguas: huma Regiaõ com o ar ſummamente temperado, naõ obſtante eſtar a maior parte do ſeu clima debaixo da Zona torrida; que a enriquece huma terra abundante de fructos, regada de rios caudaloſos, fertil pelas aguas de quantidade de fontes, com huns campos dilatadiſſimos, que abundaõ em paſtos; com pórtos excellentes de facil entrada, ſeguros a todas as tempeſtades; com montes, e valles de viſta agradavel, que fazem humas bellas divisões no Paiz, frondoſo com ſelvas denſas, e opacas, com arvores exquiſitas, e incognitas, entre as quaes ſaõ mais célebres huma, que ferida dos golpes do machado, eſtila hum balſamo odorifero, e a que os naturaes chamaõ Arabutem, da qual ſe tira o páo Brazil, de que toda a Regiaõ tomou o nome. Nella ſe tem deſcoberto minas de ouro,

ro, prata, e jaſpe. Nella ſe criaõ, entre outras hervas preciosas, a que chamaõ *Santa* pela facilidade com que cura as queixas mais graves ainda contagiosas, quando outras muito menos agudas saõ tortura da arte infeliz da Medicina: a que produz o balsamo, o tabaco, o ambar, o cacao, o açafraõ, a tinta carmezim, o açucar. Raros dos moradores do Brazil morriaõ de doença, senaõ opprimidos da velhice, que com o seu pezo os levava para a terra. Era vulg.

A côr destes homens tira para escura, elles de estatura mediana, largos dos encontros, o cabello liso: reina entre todos a ignorancia, naõ conhecem Religiaõ, e naõ se sugeitaõ a Leis, nem a Soberanos. Nas guerras, que tem entre si, elegem para seu Chéfe o que lhes parece mais robusto. Só os Nobres se cobrem das pennas de algumas aves; os mais andaõ nús. As mulheres trajaõ com pompa ao seu uso; que este sexo, ainda no centro da barbaridade brutal, parece se naõ póde escusar de ser tributaria do luxo, e vai-

Era vulg. dade. As armas de que uſaõ os homens ſaõ arcos, e ſéttas, que remataõ em lugar da ponta de ferro, em humas eſpinhas de pexe taõ duras, que penetraõ qualquer dos córpos ſólidos capazes de reſiſtir. Para as ſuas navegações ſe ſervem das canoas fabricadas dos troncos das grandes arvores, e nellas fazem as ſuas peſcarias. A maior parte delles vive da caça, em que achaõ divertimento, e proveito; mas comem todos os animaes aſcaroſos entre nós, por naõ terem veneno como na Europa.

Elles vivem em ſociedade, mas em Aldeias pequenas; muitos habitaõ em caſas portateis, e ſe conſervaõ em grande uniaõ, quando eſtaõ em paz. Os que moraõ no centro do Continente, havendo ſido os mais brutos, elles depozeraõ a ferocidade, logo que abraçáraõ a doutrina do Evangelho. O ſeu Gentiliſmo impede contrahir matrimonio com parentes em gráo proximo; he mui inclinado a preſtigios, e encantações; ſendo entre elles eſtimados os feiticeiros, a que chamaõ Pages. Eſte

reſ-

reſpeito porém naſce do temor, que os perſuade, como as ſuas deſgraças lhe provem da maõ daquelles homens, que elles eſtimaõ, ou diviniſados, ou huns orgãos, pelos quaes a Divindade deſcobre o fundo dos ſeus ſentimentos na terribilidade dos juizos para com os filhos dos homens. Vulgarmente a gente do Brazil he ociosa, inimiga do trabalho, inclinada ás danças; antropophaga, que come os priſioneiros de guerra; mas enterraõ com honra aos inimigos, que morrem nos combates. Era vulg.

Pelo que pertence ao deſcobrimento da America, dé-ſe muito embora a precedencia a Americo Veſpucio, e a Chriſtovaõ Colon, que antes pozéraõ os pés em algumas das ſuas Ilhas, e Continentes; mas pelo que reſpeita á Regiaõ de Santa Cruz, dita Brazil, he indiſputavel, que Pedro Alvares Cabral foi o ſeu primeiro deſcobridor, e eſta glória ninguem lha rouba. Pelo decurſo dos tempos os Portuguezes ſe foraõ eſtabelecendo por toda á dilatada cóſta daquella Regiaõ. Elles eſcolhêraõ os lugares, que lhes parecêraõ mais pro-

Era vulg. prios para o ſeu Commercio, e Povoações, em que determináraõ eſtabelecerſe. Nós temos deſcoberto no Brazil cem Póvos differentes, além de outros, huns que nos ſaõ incognitos, outros com quem nos naõ tratamos. Hoje podemos nós dividir aquelle Eſtado em deſaſeis Capitanías, entrando duas, que ſe criáraõ nos ultimos reinados dos noſſos Principes, a ſaber, o Graõ Pará; o Maranhaõ; o Seará; o Rio Grande; a Paraiba; Itamaracá; Parnambuco; Sergipe; a Bahia de Todos os Santos; os Ilheos; o Eſpirito Santo; o Rio de Janeiro, e S. Vicente.

Foi eſta a diviſaõ antiga do Brazil, e ellas as partes, que povoáraõ os Portuguezes; mas reinando D. Pedro II. ſe deſcobriraõ as Minas Geraes, que o meſmo Rei mandou povoar, e edificar Villas, e Aldeias, que tem por ſua Capital a Villa Rica. As Minas de Quiabá, eGoiazes principiáraõ a ſer povoadas no reinado de D. Joaõ V., e foraõ deſcobertas com muitos perigos pelas diligencias de Rodrigo Ceſar de Menezes. Ellas pertencem ao Governo

de

de S. Paulo por ficarem no ſeu diſtricto, e na fóz do Rio da Prata poſſuimos a Colonia do Sacramento, donde nos vem hum grande fornecimento de couros: Praça, que por muitas vezes tem ſido aſſumpto de conteſtações peſadas com a Coroa de Heſpanha. Era vulg.

Deſcoberta a pequena parte do Brazil, ſobre que fallei ao principio, examinada a qualidade da terra, o caracter da gente; Pedro Alvares Cabral determinou continuar a ſua viagem para a India. O extraordinario fornecimento de viveres, que elle fez, deo occaſião aos moradores da terra para concebêrem a idéa, de que elles já mais viriaõ aos Portuguezes, e aqui ſe deſcobrio extrema a ſua dôr nos géſtos horrendos com que a barbarie quiz perſuadir taõ eſpantoſo como elles o ſemblante da ſua ſaudade. A 24 de Maio do anno de 1500 ſahio Pedro Alvares do Porto Seguro a encontrar-ſe com outra tempeſtade mais formidavel, que a primeira pelo repente com que o combateo. Paſſados poucos dias depois de perder de viſta a Cóſta do Brazil, hum dos tufões, que coſ-

Era vulg. tumaõ infeſtar aquelles mares, veio taõ rápido, que quando os marinheiros quizéraõ ferrar o panno; já ſe haviaõ ido a pique as náos do memoravel Bartholomeu Dias, de Aires Gomes da Silva, de Vaſco de Ataide, e de Simaõ de Pina.

Peſſoa alguma pode ſalvar a vida em naufragio taõ repentino. Para as que reſtáraõ foi elle hum eſpectaculo o mais funebre: tragedia luctuoſa, em que os olhos eſtavaõ vendo, que o mar tragava aos companheiros nos trabalhos, conjunctos na natureza, muitos ligados com os vinculos do ſangue, e ellas ſem lhes poderem valer. As ſete náos, que reſtáraõ, por haverem, além das quatro naufragadas, voltado duas para Lisboa; ellas ſe deſgarráraõ com a tormenta, e foraõ levadas á diſcriçaõ das ondas a partes differentes. Durou eſta ſeparaçaõ até os fins de Julho, ou principios de Agoſto, em que ſe ajuntáraõ ſeis; mas a de Pedro Dias, que nunca mais appareceo, ſempre lutando com os mares penetrou o fundo do Golfo da Arabia, e com ſeis homens entrou pela bar-

barra de Lisboa, mórtos os mais de enfermidades, de fome, de ſede, de fadigas. Era vulg.

Com os ſeis navios, que reſtáraõ a Pedro Alvares dos treze da ſua Armada, dobrou elle o Cabo de Boa-Eſperança, encoſtando-ſe á terra, aonde aviſtou hum Paiz regado de muitos rios, que lhe pareceo agradavel. Elle quizéra reparar aqui as ſuas náos; mas os moradores repugnáraõ a noſſa communicaçaõ, e teve de avançar a viagem a duas Ilhas, que ficavaõ pouco apartadas da terra firme já além da Cóſta de Çofalla. Duas náos, que eſtavaõ no ſeu porto, apenas aviſtáraõ as noſſas, ſe retiráraõ. Nós lhes démos caça, e as rendemos com a ſua importante carga de ouro, e drógas precioſas. A noſſa cubiça cedeo á generoſidade, porque informados que as náos eraõ do Xeque Foteima, tio de noſſo amigo o Rei de Melinde, as deixamos intactas, e fomos em demanda de Moçambique, aonde lançamos ferro, dizem huns que a 20 de Julho, outros que a 12 de Agoſto. Aqui refreſcou a gente, recolheo vi-

Era vulg. viveres a Armada ; pedimos Piloto para nos conduzir ao Porto de Quiloa; fomos neſta derrota da Cóſta de Ethiopia deſcobrindo muitas Ilhas dependentes daquelle Reino , até chegarmos á principal , aonde o Rei de Quiloa tem a ſua reſidencia.

Nós a obſervamos pela maior parte povoada de Mahometanos , que fallavaõ tantas differentes linguas, quantas eraõ as Naçõeſ com quem commerciavaõ. Ella eſtá quaſi cento e cincoenta leguas além de Moçambique , ſeparada do Continente por hum pequeno braço de mar , e a Cidade he formada de caſas viſtoſas bem adereçadas. O Chéfe mandou por Affonſo Furtado inſinuar ao Rei Abrahem a chegada da noſſa Armada ao ſeu porto ; as cartas , que lhe trazia do Rei D. Manoel ſeu Amo ; o Tratado de alliança , e Commercio , que eſte Principe deſejava ajuſtar com elle , e pedir-lhe quizeſſe deputar peſſoas , com quem conferiſſe negocios taõ intereſſantes aos dous Monarcas. O de Quiloa moſtrou huma extrema complacencia com a chegada de

Pe-

Pedro Alvares, ſem duvidar de ſer el- Era vulg.
le o meſmo, que em peſſoa vieſſe abordar a Capitánia, e ouvir a declaraçaõ dos ſentimentos de hum Rei taõ grande, como publicava a fama que era D. Manoel de Portugal.

Ao romper do dia determinado para eſta viſta, os de Quiloa deſde as margens do mar nos annunciáraõ a vinda do ſeu Principe com o ſom de innumeraveis inſtrumentos do ſeu uſo, a que os noſſos reſpondêraõ com huma ſalva Real, e com hum concerto de trombetas, ao meſmo tempo que fórte, deleitavel. Appareceo o Rei Abrahem em huma barca brilhante, aſſentado ſobre hum Throno ſoberbo, que na multidaõ de pedras de valor lhes fazia perder a eſtimaçaõ de raras. Os Officiaes da ſua Corte o rodeavaõ, cada hum delles na magnificencia fazendo oſtentaçaõ do quanto deſejavaõ diſtinguir-ſe no ſerviço do ſeu Principe. O noſſo General embarcou no melhor dos eſquifes da Armada acompanhado dos ſeus Capitães, que nos aſpectos retratados pelos originaes do valor, e da fe-

ro-

Era vulg. rocidade inculcavaõ os eſpiritos da Europa ſuperiores, naõ ſó á pompa, mas ás almas da Aſia.

Pedro Alvares tratou como Rei ao de Quiloa. Entregou-lhe as cartas de D. Manoel eſcritas em lingua Arabia, e da conferencia ſe moſtráraõ ambos ſatisfeitos; Abrahem por adquirir hum tal amigo como o Rei de Portugal, que logo chamou irmaõ; Pedro Alvares por eſtabelecer as vantagens do ſeu Soberano; e por tratar na Ethiopia hum Principe mais barbaro no nome, que nas inclinaçõ̃es, menos civiliſado na fama, que nas obras. Soubéraõ os Mercadores Arabios, que a alliança apenas propoſta fora acceita; que no dia ſeguinte ſe havia formar o Tratado, e ſem perda de tempo cuidáraõ em introduzir no eſpirito do Rei as idéas da crueldade dos Portuguezes, a ſua ſoberba dominante, que os trazia vagos pelas Cortes do Mundo com o fim de as ſobprender por meio de convençõ̃es de Commercio, e alliançaſ imaginarias.

Eſte ruido geral, que notava a ſimpli-

plicidade do Rei condeſcente, chegou aos ſeus ouvidos, e naõ houve miſter mais exame para romper a negociaçaõ; para fortificar Quiloa como ſe eſperaſſe por hum ſitio; para mudar em odio extremoſo contra os Portuguezes a primeira inclinaçaõ exceſſiva. Quando tantos movimentos faziaõ nelles as impreſsões, que devêraõ, Molei Homer, irmaõ do Rei de Melinde, que entaõ eſtava em Quiloa, elle os aviſa dos ardís, que contra elles ſe armavaõ; dos tranſportes do Rei aſſuſtado; que naõ perdeſſem com elle o tempo, e quanto antes navegaſſem para Melinde, aonde acharião em ſeu irmaõ a hoſpitalidade, que a experiencia lhe tinha moſtraſto fiel, e delicada. Eſte aviſo confrontado com a commoçaõ da Cidade, ſe fez crivel a Pedro Alvares, que levando ferro foi aportar a Melinde. Era vulg.

Naõ he explicavel o alvoroço, com que o Rei amigo recebeo a noticia da noſſa chegada. Os primeiros effeitos delle foraõ os refreſcos copioſos, com que regalou a guarniçaõ da Armada.

De-

Era vulg. Depois naõ pode conter a complacencia com a viſta do ſeu Embaixador, que no anno antes enviára a Portugal; com os preſentes precioſos, que lhe mandava o Rei D. Manoel; com as expreſsões inſinuantes, que lhe fez Pedro Alvares do muito, que eſte Principe eſtimava a ſua amizade, e quanto fora do ſeu agrado a informaçaõ, que Vaſco da Gama lhe déra das ſuas qualidades. Fez o Rei ſaber ao ſeu Povo os grandes obſequios, magnificencias, e expreſsões, que devia ao de Portugal; e para em público ſe moſtrar grato, e officioſo veio em peſſoa a bórdo das noſſas náos, aonde tratou a Pedro Alvares como a hum amigo igual. Os mais deſtinos deſta viagem com outros acontecimentos nós os referiremos no Livro ſeguinte.

LIVRO XXXV.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Continua-ſe com os ſucceſſos da viagem de Pedro Alvares Cabral até voltar ao Reino.

EMPENHOU o Rei de Melinde todos os esforços, para que Pedro Alvares Cabral lhe fizeſſe o goſto de ſe dilatar algum tempo na ſua Corte; mas como a obſervancia das ordens o inſtavaõ para naõ condeſcender, depois de as inſinuar áquelle Monarca, na fórma dellas deixou no porto dous deſterrados para penetrarem a Ethiopia, que eſtá ſituada a cima do Egypto, em demanda de hum Rei Chriſtaõ, que ſe dizia dominar na Abyſſinia, com quem D. Manoel deſejava communicaçaõ, e elle no dia 7 de Agoſto ſe fez á véla para- Era vulg.

Era vulg. ra a India, como diz Damiaõ de Goes. Elle navegou o Golfo com vento taõ favoravel, que a 22 do mesmo mez ferrou a Ilha de Angediva, donde se fez na volta de Calecut, e aonde o hospedou nova perfidia.

O Çamorim sabendo, que o General Portuguez estava no porto da sua Capital, o mandou saudar por dous Naires, e por hum Guzarete, Mercador rico, que foraõ recebidos com os modos mais civís. Com elles mandou Pedro Alvares a Joaõ de Sá, que já estivera em Calecut com Vasco da Gama, e por lingua o Judeo convertido, o célebre Gaspar da Gama, naõ só para lhe levar vestidos á Portugueza os quatro Malabares no anno antes prezos pelo Gama no seu porto, de que o Çamorim se mostrou muito satisfeito; mas para lhe dar as cartas, e presente do Rei D. Manoel, e pedir licença para ir a terra communicar-lhe em pessoa os sentimentos ingenuos daquelle Principe a seu respeito. Passados poucos dias, o Çamorim deo audiencia ao General em huma casa de

cam-

campo ſituada nas margens do mar, Era vulg.
acompanhado de huma multidaõ numeroſa de Nobreza, grande concurſo do Povo, que com o concerto de muitos córos de muſica eſperava o deſembarque dos Portuguezes, que o fizéraõ brilhante.

Chegou Pedro Alvares com alguns dos ſeus Capitães, que foraõ recebidos pela Nobreza de Calecut, e apreſentados ao ſeu Soberano. Elle negociou com tanta vantagem, que conſeguio do Rei muito mais do que pretendia. Entre outras condeſcendencias, os noſſos tiveraõ liberdade plena para virem a terra, como, e quando quizeſſem tratar dos negocios, que os trouxera áquelle porto, e em huma lamina de ouro mandou o Çamorim lavrar hum Padraõ de doaçaõ perpétua, que elle fazia aos Reis de Portugal de huma caſa magnifica na Corte para ſegurança, e cómmodo do Commercio dos ſeus vaſſallos. Com a ſatisfaçaõ mais completa, conduzido pela meſma Nobreza até a praia, Pedro Alvares ſe recolheo ás náos, e entrá-

Era vulg. tráraõ os noſſos a frequentar a Corte de Calecut com tanta firmeza, e goſto, como ſe paſſeaſſem pela de Lisboa honrados, e ſatisfeitos.

Eſta amizade mutua, que em terra cultivava o Feitor Aires Correia, facilitou ao Çamorim mandar repreſentar ao noſſo Chéfe, como elle eſtava informado, que da Ilha de Ceilaõ navegava para o Reino de Cambaya huma grande náo de Cochim, Corte ſua inimiga, carregada de elefantes: Que entre eſtes hia hum bem aguerrido, que elle fizéra todas as diligencias pelo comprar, e naõ lho quizéraõ vender: Que lhe pedia com as maiores inſtancias mandaſſe tomar eſta náo, o que elle eſtimaria pelo maior ſerviço, e que na companhia dos Cabos, que elle nomeaſſe, iriaõ alguns dos ſeus vaſſallos para o ajudarem na empreza. Eſtimou Pedro Alvares o empenho, ainda que entendeo o do Çamorim menos ambicioſo pela preza da náo, que curioſo de ſaber como os Portuguezes ſe portavaõ nos combates.

Foi nomeada para a expediçaõ a

mais

mais pequena das noſſas náos, que mandava Pedro de Ataide, a quem ſe deſtináraõ por companheiros o famoſo Duarte Pacheco Pereira, depois o eſcandalo formidavel do meſmo Çamorim, Vaſco da Sylveira, Joaõ de Sá, e com elles alguns Mouros de Calecut para teſtemunhas da noſſa corage. Quando a noſſa náo ſahia da barra, a de Cochim appareceo cortando os mares em frente de Calecut. Foi ella acometida; mas a ſua guarniçaõ naõ pode eſcuſar-ſe de fazer todos os géſtos de deſprezo á temeridade, que a inſulta-va, ignorante da gente, que a inveſtia. Depreſſa ſe mudou em temor a irriſaõ; porque á primeira banda dos noſſos canhões carregados de metralha, toda ella ſe metteo em deſordem. A ſegunda de balla groſſa ſe víraõ abertos todos os flancos da náo, que naõ teve outro refugio ſenaõ o de ſe pôr em fugida. Nós a fomos atacando até ao porto de Cananor, vinte leguas além de Calecut, aonde ella ſe metteo no centro de quatro náos de Mouros, que ſuppoz auxiliares fórtes para a livrarem

Eſta vulgi

de

Era vulg. de ſer captiva de mãos, que imaginavaõ mais cruéis.

Pedro de Ataide ſe vio vencedor; mas ao complemento da ſua victoria faltava a preza da náo. Elle receia, que as ſombras da noite favoreçaõ o temor dos perſeguidos: conſulta comſigo a ſua corage, e quer ouvir a dos companheiros. Como achou a todos occupados das ſuas meſmas intenções, quando ſe determinavaõ a todo o riſco arrancar a preza do porto de Cananor; elles percebem que a náo com o ſoccorro da noite a todo o panno ſe fazia ao largo para lhe perdermos o rumo. Nós a ſeguimos fazendo-lhe hum fogo vago, mas horrivel, que os Barbaros ſoffriaõ com intrepidez. Naõ lhes ſendo já toleravel a continuaçaõ, á força de tiros de canhaõ a fomos metter no meſmo porto de Calecut em poder do Çamorim, que entaõ dobrou a complacencia.

Eſte Principe, que quando vio como da noſſa Armada deſtacavamos hum pequeno navio para empreza taõ importante ſe deixou ſobprender da admi-

miraçaõ. Agora vendo rendida huma náo muito maior que a noſſa, bem fornecida de todo o genero de armas, com grande ſuperioridade no número da tripulaçaõ, elle paſma, ſe aſſombra, chama os ſeus vaſſallos, que nos acompanháraõ no combate, e lhes pergunta, como, por que meios, com que esforço nós ganhamos huma victoria; que parecia imaginaria. Elles reſpondem a huma voz; que o esforço, a corage, a induſtria, o deſprezo dos perigos, o nenhum temor da mórte; que elles obſerváraõ náquelles homens, naõ ſe acharíaõ em alguns outros de tódo o Univerſo: Que Pedro de Ataide lhes parecêra huma exhalaçaõ, Duarte Pacheco Pereira hum raio, Vaſco da Sylveira hum trovaõ, cada ſoldado huma penha na conſtancia. O Çamorim com eſta informaçaõ mais extactico, pede ao noſſo General lhe mande a terra todos os homens, que ſe acháraõ naquella acçaõ, para os admirar como objectos dignos da attençaõ dos Principes. Sobre todos derrama o Çamorim innundaçõeſ de beneficencias, de liberalida- Era vulg.

Era vulg. des, de louvores; mas com ellas affia as garras ao monſtro da invéja para daqui em diante cuidar nos modos de nos devorar inſaciavel por força, ou por induſtria.

Naõ podiaõ ſopportar os Mouros a acceitaçaõ, com que eſtavamos em Calecut, e naõ perdoáraõ a induſtria, eſtratagema, e intriga, que podeſſem traçar o noſſo eſtrago. Elles ſe ſerviraõ do Commercio para os ſeus deſignios, comprando todos os generos, e eſpeciarias, de que haviamos carregar as noſſas náos: excogitando fraudes, e calúmnias, que nos arruinaſſem no conceito do Rei: imputando-nos o crime de ladrões públicos em toda a face do Univerſo, com outros elogios deſte caracter, que nos fizeſſem abominaveis na imaginaçaõ das gentes. A noſſa condiçaõ incapaz de ſoffrer injúrias intentadas, quanto mais feitas, encheo de eſpiritos a Pedro Alvares para repreſentar ao Rei de hum tom fórte, como os caſos, que lhe ſuccediaõ, eraõ huma contravençaõ ao Tratado de alliança pouco antes celebrado,

do, em que ſe promettia, que as náos Portuguezas recebeſſem carga primeiro que as das outras Naçõẽs; que elle eſtava ſurto naquelle porto havia tres mezes; que tinha as náos vazias, paſſando o tempo habil da navegaçaõ; e que elle por omiſſo naõ queria ſer reſponſavel ao ſeu Rei dos damnos graves, que naquelle anno experimentaſſe o Commercio, como unico fim do ſeu deſtino. Era vulg.

O Çamorim com ſingeleza, ou ſem ella, moſtrando que ſe deixava tocar deſta repreſentaçaõ, concedeo ao General amplos poderes para mandar tirar as cargas dos navios dos Mouros, e baldeallas nos ſeus. Naõ teve a prudencia do General por muito ingenua eſta taõ plena authoridade delegada. Della ſenaõ quizéra ſervir, por ſer o meio de ſe embaraçar com todos os Mouros da Aſia, incomparavelmente mais poderoſos, que os Portuguezes. Só Ayres Correa, que eſtava em terra por Feitor, ſe oppoz á inacçaõ do ſeu Chefe, aſſegurando-lhe iria para o Reino ſem carga, ſenaõ ſe aproveitaſ-

Era vulg. ſe da que os Mouros já tinhaõ a bórdo das ſuas náos. Para ſua ſegurança junto á peſſoa do Rei D. Manoel, Ayres Correa acompanhou eſta repreſentaçaõ com proteſtos públicos das perdas, e damnos da Real Fazenda, que conſtrangêraõ Pedro Alvares a mudar de reſoluçaõ.

Como ſe lhe havia dado noticia, de que a poucas leguas do porto eſtava carregado, e preſtes a levar-ſe hum navio de hum Mouro muito rico de Calecut, chamado Cogecem Micide; o General mandou intimar á tripulaçaõ de ordem do Çamorim, que naõ ſahiſſe do porto; mas ella zombou da ordem, e repellio ao Emiſſario. Entaõ o General o mandou inveſtir por Officiaes, que o rendêraõ, e o trouxéraõ ao ſeu bórdo.-O Mouro dono do navio, poderoſo, e eſtimado em Calecut, rodeado de parentes, e amigos, foi repreſentar ao Rei a noſſa acçaõ por hum attentado abominavel, por huma rotura da boa fé, como hum deſprezo feito na face da ſua Mageſtade: parte da Nobreza, e muito Povo ſoblevados com

com Cogecem na ſua téſta, marchaõ á Feitoria, aonde eſtava Ayres Correa com 70 companheiros, e 40000 dos Barbaros ſe avançaõ para arrombar as pórtas. Os noſſos arvoraõ huma bandeira para dar ſignal á Armada do ſeu perigo; e em quanto do alto das paredes ſe defendem com corage inimitavel, o General deſtaca aos eſquifes das náos commandados por Sancho de Tovar para receber aos que ſe podeſſem eſcapar do furor da plebe levantada. Era vulg.

Naõ podendo os Mouros arrombar as pórtas bem defendidas, deitáraõ a terra hum lanço da parede por onde entráraõ, e paſſáraõ á eſpada 50 Portuguezes, ſendo Ayres Correa hum dos mórtos. Fr. Henrique mal ferido, com quatro dos Religioſos, e os vinte companheiros todos no meſmo eſtado, e ſempre perſeguidos, corrêraõ a amparar-ſe dos Eſquifes. Entre elles, na idade de déz annos hia Antonio Correa, filho de Ayres Correa, que tem de ſer aſſumpto honrado na noſſa Hiſtoria pelo ſer da fama nas ſuas expediçõe, glorioſas, con-

Era vulg. conduzindo-o com desvélo Nuno Leitaõ, que vendo-se muito perseguido, teve de abandonar a innocente preza. Hum marinheiro esforçado, que se deixou tocar deste desamparo, o tomou sobre os hombros, e o metteo saõ, e salvo em hum dos batéis. Toda a fazenda nos foi roubada, sem alguma lembrança de perda, quando renovavamos a deste massacro succedido no dia 16 de Dezembro do anno de 1500.

O General que estava com huma quartã quando elle aconteceo, insensivel á molestia, magoado da dôr pela falta de tantos companheiros; elle se resolveo a ficar no porto immovel esperando a satisfaçaõ de attentado semelhante, que naõ podia esconder-se ao Çamorim. Como passou todo o dia, e a noite sem que este Principe rompesse o silencio; Pedro Alvares, que estava informado do seu genio vário, e inconstante, naõ só o teve por consentidor, mas por author do motim, e cuidou em lhe naõ demorar o desaggravo. Na manhã do dia seguinte chamou os seus Officiaes a Conselho, e ouvidos

os

os votos se deliberou, que a preza de dez náos de Mouros, que estavaõ no porto fosse o primeiro objecto do nosso resentimento, de hum desaggravo taõ justo. Era vulg.

Seguio-se ao Conselho a execuçaõ, e começou no porto de Calecut a ser visto hum combate, em que o furor derramado comprava a vingança a todo o custo. Os Mouros se defendêraõ intrépidos; mas a justiça da causa tinha infundido nos Portuguezes tal corage, que depois de degollarem mais de seiscentos Barbaros, apresáraõ todas as náos, algumas dellas já com cargas importantes, em que entrou huma de Cogecem, author da sediçaõ. Mandou o General baldear os generos nas nossas náos, e concedeo a vida a muitos Mouros, que se acháraõ escondidos para nos servirem na mareaçaõ, e supprir a falta dos marinheiros mórtos na viagem. Quando chegou a noite, para fazer mais horrivel o espectaculo, na face do Çamorim dêmos fogo ás náos cativas, que levantáraõ dez incendios. Na praia se ouvíraõ os clamores, as maldi-

Era vulg. dições, as vozes de vingança; mas ninguem se resolvia a tomalla. A manhã deixou vêr as nossas náos em linha na frente da Cidade com semblante de a querer açanhoar, ainda naõ satisfeita a cólera.

Começou hum fogo horrivel, que durou muitas horas; que pôz por terra os edificios mais brilhantes de Calecut; que matou gente innumeravel bem longe dos pensamentos, de que a tanto se arrojasse a nossa cólera, por isso desprevenida, e que fazendo em pedaços aos pés do Çamorim hum dos seus Naires mais estimados; elle para salvar a vida fugio com precipitaçaõ abandonando a sua Corte, que sería hum despojo do furor Lusitano, se a este se igualasse o poder: Vingada deste modo a mórte de Ayres Correa, o General mandou levar ferro, e navegou para a Cidade Capital de Cochim, aonde o Rei Trimumpara, tributario de Calecut, mas nosso alliado fiel, o recebeo como elle podia desejar. Hum Indio, que fora Jogue racional, e com a nossa communicaçaõ conheceo, e abjurou

os

os ſeus erros, fazendo-ſe hum perfeito Chriſtaõ com o nome de Miguel; elle foi o inſtrumento principal da renovaçaõ da Alliança, que nos veio a ſer taõ vantajoſa. Era vulg.

Os Reis de Cananor, e de Coulaõ, que entendiaõ do Rei de Cochim eſta ventagem, cioſos della mandáraõ dous Emiſſarios ao General, naõ ſó offerecendo a ſua amizade; mas hum trafico aberto nos ſeus pórtos. Agradeceo elle eſte obſequio dos Principes com a ſua civilidade ordinaria, e deſculpou-ſe de o naõ acceitar com o preſtexto dos ajuſtes celebrados com o de Cochim. Aqui teve elle outro prazer, que foi buſcarem-no dous Chriſtãos deſcendentes dos Diſcipulos do Apoſtolo S. Thomé; que lhe pedíraõ os quizeſſe levar a Portugal para conſolaçaõ dos ſeus eſpiritos na viſita, que determinavaõ fazer aos lugares Santos de Roma, e Jeruſalem. Elles eraõ naturaes de Cranganor, e o General condeſcendeo benigno aos ſeus rógos, conduzindo-os a eſte Reino.

Neſte meſmo tempo o Rei de Calecut deſejoſo de deſpicar a injúria, que fi-

Era vulg. fizemos a ſua peſſoa no meio da ſua meſma Corte, fez eſquipar vinte náos de guerra, e outras muitas embarcações ligeiras, que mandou a Cochim para nos deſtruirem. O Rei amigo, que ſoube primeiro da vinda deſta Armada, aviſou ao noſſo General. Elle entrou logo a prevenir-ſe para o combate com tanto ſocego, como ſe já tivéra ſegura a victoria. Appareceo a numeroſa Eſquadra, e os noſſos navios ſahíraõ a recebella; mas ella concebeo tal horror ao fogo da noſſa artelharia, que o vento favoravel para a peleija, lhe ſervio para a fugida. Ficou o mar livre, e Pedro Alvares navegou para Portugal. Foi ao porto de Cananor agradecer ao ſeu Rei os favores, que lhe fazia: paſſou por Melinde, e huma grande tempeſtade fez vaſar a náo de Sancho de Tovar, a que démos fogo para naõ ſervir aos noſſos inimigos. Continuou a viagem com felicidade, e chegando a Cabo-Verde encontrou mareada por ſeis homens a náo de Pedro Dias, que ſe lhe deſgarrára na tormenta da Cóſta do Brazil, e vinha do Golfo da Arabia.

Da-

Daqui ſe fizéraõ na volta de Lisboa, aonde entráraõ no ultimo de Julho do anno de 1501, em que fallamos. Era vulg.

CAPITULO II.

Das differentes Eſquadras, que El-Rei D. Manoel mandou á India ſucceſſivamente, com outros ſucceſſos da Europa.

EL-REI D. Manoel, que eſtimava a empreza da India por hum empenho da ſua Religiaõ, pela mais ſublime da ſua glória; elle havia determinado mandar áquellas partes em cada anno huma Eſquadra com Operarios, que dilataſſem o conhecimento do Evangelho; com forças, que fizeſſem reſpeitavel o nome Portuguez na Aſia. Como no anno de 1500 elle entendeo poderoſa para os dous deſignios a de Pedro Alvares Cabral; no de 1501 unicamente enviou a Joaõ da Nova, hum Fidalgo Gallego de muito valor, com tres náos, e huma caravella, de que logo referiremos o deſtino. Ao meſmo tempo ſe occupa-

va

Era vulg. va El-Rei de hum cuidado, e de hum prazer. O cuidado provinha do Duque de Bragança, D. Jayme, que tendo-o o meſmo Principe ajuſtado para caſar com D. Leonor de Mendoça, filha de D. Joaõ de Guſmaõ, Duque de Medina Sidonia, elle pela ſua inclinaçaõ ao eſtado Religioſo, quiz recebello em Jeruſalem, para onde fugio com hum ſó criado; mas El-Rei mandando-o ſeguir por Caſtella, e ſendo achado em Calataiud, foi conduzido ao Reino, e conſummou o matrimonio. O prazer naſcia das eſperanças da fecundidade da Rainha, que ſe completáraõ a 6 de Junho do anno ſeguinte de 1502 com o naſcimento do Principe D. Joaõ.

Para naõ nos embaraçarmos adiante com a viagem de Joaõ da Nova, e ficar ella referida neſte lugar, devemos ſaber como a ſua ſahida do porto de Liſboa foi aos cinco de Março deſte anno, cinco mezes antes de Pedro Alvares Cabral chegar a ella. Com ventos favoraveis paſſou elle a Linha, e foi dar a huma Ilha incognita aos noſſos, que fez chamar da Conceiçaõ, donde ſeguio

a

a derrota para Moçambique. Querendo prover os tonéis na Agoada de Saõ Braz, hum marinheiro vio pregado no tronco de huma arvore hum çapato, e com advertencia bem propria em occaſiões ſemelhantes o deſpregou, e levou ao ſeu Chéfe. Joaõ da Nova achou dentro nelle cartas eſcritas pela propria maõ de Pedro de Ataide, em que advertia aos Capitães Portuguezes, que paſſaſſem á India, tiveſſem por vitando o porto de Calecut, naõ ſe fiaſſem das inſidias do Çamorim, que era hum inimigo infeſto da Naçaõ, como elle acabava de experimentar na companhia de Pedro Alvares Cabral, que depois de bem recebido, fora maltratado. Era vulg.

Eſta meſma noticia confirmou a Joaõ da Nova o Rei de Melinde, quando elle chegou á ſua Corte: noticia, que irritou os noſſos eſpiritos para naõ perderem occaſiaõ de vingança ſobre aquelle Principe perjuro. Naõ tardou muitos dias a execuçaõ della no encontro com huma náo de Calecut, que rendemos, e abrazamos ſem fazer caſo das ſuas riquezas. Em Cananor veio fal-

Era vulg. fallar a Joaõ da Nova da parte do Çamorim o Portuguez Gonçalo Peixoto, que ſe ſalvou em caſa de Cogebequi no dia do maſſacro de Ayres Correa. Elle lhe propoz deſculpas frivolas, novas propoſtas officioſas, que o meſmo Emiſſario deſcobrio fraudulentas, capcioſas, indignas de attençaõ, já taõ conhecidas por Joaõ da Nova, que nem elle quiz ouvillas, nem Gonçalo Peyxoto voltar mais a Calecut.

Navegáraõ as náos para Cochim, e á ſua viſta alguns homens, que alli deixára Pedro Alvares, os eſpiritos lhes revivêraõ; porque ainda que o Rei os tratava com muita humanidade, a perfidia dos Mouros os trazia ſempre nas mãos da mórte. O Rei Trimumpára ſe excedeo em civilidades para comnoſco, e fazendo carregar as náos ſem demora, voltamos a Cananor. O ſeu Rei, fiel alliado, nos aviſou como de Calecut vinhaõ oitenta paráos atacarnos no ſeu meſmo porto, que como o partido era taõ deſigual, nos chegaſſemos mais á terra, aonde pelas embarcações, que elle tinha promptas,

de-

determinava ſoccorrer-nos. Joaõ da No- Era vulg.
va lhe mandou render as graças ſem acceitar as offertas, antes ſe fez ao largo; aſſegurando-lhe naõ ſe aſſuſtaſſe a ſeu reſpeito; que elle eſperava ter em ſeu ſoccorro o Deos Omnipotente, que adorava; e que fortalecidos por elle os braços dos ſeus ſoldados, nada temia deſſa multidaõ de vaſos de Calecut, que vinhaõ ſobre elle.

Principiou a apparecer eſta Eſquadra, naõ no número de 80, mas de mais de cem velas, e com a ſua viſta inſinuou aos Capitães o alentado Chéfe, que elles naõ conſentiſſem ſer abordados por humas forças taõ deſproporcionadas: que naõ ignoravaõ quanto a noſſa artelharia era formidavel aos Barbaros: que a ſerviſſem de modo, que o fogo a tiro feito naõ ceſſaſſe o intervallo mais breve; e que outros deveres naõ tinha que recommendar-lhes, ſabendo que eraõ Portuguezes. Foraõ eſtas ordens taõ bem obſervadas, que durando o combate até ao pôr do Sol, ſem os inimigos nos chegarem, nem nós perdermos hum ſó homem, lhes

dei-

Era vulg. deitámos a pique muitos paráos, matámos 417 homens, e lhes feriimos grande número. Perda taõ ſenſivel derramou tal terror entre os Barbaros, que arvoráraõ bandeira de paz para entrarem comnoſco em negociaçaõ. Nós naõ arreámos a de guerra, e continuámos o fogo, que ſuſpendemos pela repetiçaõ dos ſignaes de armniſticio, até vêr o que pretendiaõ de nós os contrarios abattidos.

Elles enviáraõ a bórdo da Capitania hum Arabio a pedir, que por aquella noite ceſſaſſe a peleija, e que ao romper do dia ambas as partes entrariaõ em ajuſtes para huma compoſiçaõ razoavel. Conveio o noſſo Chéfe na propoſta debaixo da condiçaõ, de que ſem demora as ſuas náos haviaõ paſſar o Eſtreito, e pôr-ſe ſobre ferro face a face das de Calecut, como com effeito foi executado. Como eſta vantagem nos deixava o mar livre para ſeguirmos a noſſa viagem, os inimigos pérfidos, ſuppondo que nós nos entregariamos ao repouſo, que deſejaõ os membros laſſos depois do movimento

rá-

rápido de hum combate; elles mandá- Era vulg.
raõ com o favor da noite aos ſeus na-
dadores déſtros cortar-nos as amarras,
atiçar o fogo nas cordas, e conſumir-
nos. A vigilancia das noſſas ſentinellas
derrotou eſtes deſignios, e os barbaros
confuſos, para ſe naõ arriſcarem a fa-
zer huma paz vergonhoſa, na meſma
noite leváraõ ancoras, e ſe fizéraõ na
volta de Calecut, depois de affoutos,
temeroſos.

Os noſſos vendo-ſe pela manhã vi-
ctorioſos ſem inimigos, depois de dá-
rem graças a Deos por huma felicida-
de naõ imaginada, continuáraõ a ſua
derrota; montáraõ o Cabo de Boa-Eſ-
perança, e na volta do de S. Vicente
deſcobríraõ huma nova Ilha, que Joaõ
da Nova fez chamar de Santa Helena.
Parece que providencia eſpecial collo-
cou no centro daquelles mares eſta fer-
til, agradavel, e abundante Ilha, rega-
da de muitos rios, com boſques den-
ços, gados, e caça infinita para ſoc-
corro dos navegantes. Joaõ da Nova
depois de ſe baſtecer nella de tudo o
neceſſario, com a meſma felicidade

Era vulg. continuou a jornada para Lisboa, aonde chegou a 11 de Septembro de 1502.

Depois da vinda de Pedro Alvares Cabral no anno antes da de Joaõ da Nova, El-Rei D. Manoel informado do eſtado dos noſſos negocios na Aſia; da perfidia dos Reis de Quiloa, e Calecut, elle determinou na monçaõ do dito anno de 1502 mandar á India tantos reforços, que abateſſem o orgulho dos revoltoſos, e fizeſſem a noſſa reputaçaõ reſpeitavel. Já El-Rei ſe intitulava Senhor da Navegaçaõ, Conquiſta, e Commercio de Ethiopia, Perſia, e India, e para os firmar com ſegurança, tornou a apparecer formidavel ſobre as ondas do Oriente o ſeu Almirante o Grande D. Vaſco da Gama, commandando huma Armada de vinte vé-

1502 las. Em Fevereiro de 1502 ſahio o Almirante D. Vaſco de Lisboa com 15 náos; déz, que elle commandava; cinco, que hiaõ ás ordens de ſeu tio Vicente Sodré, que havia ficar com ellas na India para proteger as Feitorias de Cochim, e Cananor; e porque as outras cinco, que faltavaõ para o núme-

ro

ro de vinte, e havia commandar Este- Era vulg.
vaõ da Gama, primo irmaõ de D. Vas-
co, naõ se podéraõ pôr promptas, el-
las sahíraõ de Lisboa no Abril seguinte.

Os Capitães, que hiaõ mandando as náos da Esquadra do Almirante, eraõ D. Luiz Coutinho, filho do segundo Conde de Marialva; Francisco da Cunha, natural das Ilhas Terceiras; Joaõ Lopes Perestrello; Pedro Affonso de Aguiar; Gil Matoso; Rui da Castanheda; Gil Fernandes; Diogo Fernandes Correa, que havia ficar por Feitor em Cochim, e Antonio do Campo. Os da Esquadra de Vicente Sodré, foraõ além delle, seu irmaõ Braz Sodré; Alvaro de Ataide natural do Algarve; Fernaõ Rodrigues o Bardaças, e Antonio Fernandes. Debaixo da sua bandeira levou Estevaõ da Gama a Lopo Mendes de Vasconcellos; a Thomaz de Carmona; a Lopo Dias, criado do Senhor D. Alvaro; ao Italiano Joaõ de Bonagracia. Hum só destes navios naõ chegou á India, e os successos de todos elles nós os referiremos no seu lugar, e tempo proprios.

Era vulg. Ao goſto deſta expediçaõ ſe ſeguio o do naſcimento do Principe D. Joaõ; mas elle foi pertuibado por huma das tempeſtades mais horrendas, que ſentio Lisboa, e que fez differir as feſtas públicas para quando as permittiſſe a ſerenidade do ar. No dia do Bautiſmo ſuccedeo outro incidente, que foi pegar o fogo no Paço: dous incidentes, que déraõ aſſumpto aos genios faceis em crêr agouros para interpretarem futuros, e levantarem horoſcopos. O eſpirito del-Rei a tudo ſuperior, ſó attento a render a Deos as graças pela multidaõ dos beneficios, que lhe fazia, eſpecialmente nas ventagens, que prometia a navegaçaõ da India; depois de repartir as ſuas eſpeciarias pelos Conventos Religioſos, de multiplicar eſmólas avultadas pelas peſſoas benemeritas; elle determinou ir eſte anno em romaria a Compoſtella viſitar o ſepulchro do Apoſtolo Sant-Iago.

Para que os Póvos de Galliza naõ ſoubeſſem qual era o Rei, ordenou aos Fidalgos da comitiva, que trataſſem ao Marquez de Villa-Real com honras con-

for-

formes ás da ſua Real Peſſoa. Eſta jornada lhe deo occaſiaõ para dous lances de magnificencia piedoſa. O primeiro foi em Coimbra, aonde ſe moſtrou taõ ſenſivel á pouca decencia, com que em Santa Cruz eſtava ſepultado o cadaver do Santo Rei D. Affonſo Henriques, que deo logo ordens preciſas para ſe lhe lavrar o ſumptuoſo Mauſoléo, em que deſcança. O ſegundo foi no Porto á viſta do Monumento do Martyr S. Pantaleaõ, que no ſeu teſtamento determinava o Rei D. Joaõ ſe conſtruiſſe brilhante para memoria illuſtre do Santo; e elle aſſim o fez executar com grande deſpeza. Entrando por Tuy em Galliza, foi conhecido, e tratado com acclamaçõeſ reſpeitoſas da Nobreza, e Povo. Tres dias ſe deteve El-Rei em Compoſtella occupado em actos de Religiaõ edificantes, e tanto alli, como pelas terras, por onde paſſava veio derramando até Lisboa a chuva de Jupiter, e deſta ſua Capital mandou logo para arder no Altar do Santo Apoſtolo huma alampada de prata ſoberbamente lavrada: peça a mais rica

Era vulg.

de

Era vulg. de quantas até entaõ ornavaõ aquella Caſa.

1503 Entrou o novo anno de 1503, e em El-Rei a impaciencia de ir a Africa em peſſoa fazer a guerra aos Mouros. Sentido de que a Fróta que mandára ao Eſtreito nada obrára recommendavel, elle quiz remediar com ardor a ſua frouxidaõ. Preparáraõ-ſe muitas náos; aliſtou-ſe grande número de gente; fizéraõ-ſe fornecimentos copioſos de munições de guerra, e bocca; mas naõ havendo politica, nem razões humanas, que perſuadiſſem o Rei a mudar de deſignio; hum golpe da maõ de Deos cortou todas as medidas, e ceſſáraõ os projectos. No meio da Primavéra foraõ as chuvas taõ copioſas, e contínuas, que alagada a campanha, apodrecêraõ todos os fructos. A eſta deſgraça ſe ſeguio huma fome extrema, que aſſolou as Cidades mais principaes do Reino. Os moradores do campo andavaõ em pé meios vivos, com figura quaſi de cadaveres. Para acabar de matar viéraõ as epidemias ſer auxiliares da fome. Huma tal calamidade fez que

os

os cuidados da guerra de Africa ſe ap- Era vulg.
plicaſſem em mandar vir de França,
e Inglaterra os mantimentos neceſſa-
rios á vida dos Grandes, e pequenos,
que todos pereciaõ de neceſſidade.

Porém o Rei, chamado Filho da Ventura, ſuperior a ella meſma, nada o embaraçou para eſte anno mandar á India ſeis náos, tres ás ordens de Affonſo de Albuquerque; tres ás de ſeu primo Franciſco de Albuquerque, de que adiante fallaremos; e ſeis ao Brazil mandadas por Gonçalo Coelho, que ignorante daquella navegaçaõ, perdeo quatro, e com as duas voltou a Lisboa ſem mais intereſſe, que hum pouco de páo brazil, alguns macacos, e papagaios.

CA-

CAPITULO III.

Succeſſos dos Fidalgos da Caſa de Corte-Real, e os do Almirante D. Vaſco da Gama na ſua ſegunda viagem da India.

Era vulg. DIZ o erudito Le Quien de la Neufville, que o deſcobrimento do Mundo era huma reſoluçaõ digna ſó dos Portuguezes, que buſcavaõ a glória pelo meio dos perigos mais eſpantoſos, e que a queriaõ adquirir immortal por hum caminho, aonde he quaſi inevitavel a mórte. Hum dos noſſos Fidalgos, que ſe deixou bem occupar deſta idéa foi Gaſpar Corte-Real, que depois de muitas aventuras, vendo deſcoberta a parte Meridional do Univerſo; o ſeu valor extremo lhe fez conceber os intentos de deſcobrir a Septentrional a todo o riſco. Para eſte fim armou huma náo, em que ſahio de Lisboa no anno de 1500. Sempre com a prôa ao Nórte, chegou elle ás Regiões geladas, aonde aviſtou huma terra, que cha-

chamou Verde pela vêr apprazivel, occupada de infinitos arvoredos. Notou os coſtumes dos ſeus barbaros moradores ſem Religiaõ, nem cultura, preſtigioſos, e agourentos, em tudo ſemelhantes aos Lapões da Noruega. Era vulg.

No anno de 1501 voltou Gaſpar Corte-Real, deſta jornada; e naõ havendo peſſoa, que pela eſterilidade da terra quizeſſe continualla, elle por opiniaõ ſe reſolveo a ſeguilla, e com permiſſaõ del Rei tornou a ſahir de Lisboa ao meſmo deſtino, que lhe foi fatal. Como até Maio de 1502 naõ houve quem déſſe mais noticia do noſſo Aventureiro, ſeu irmaõ Miguel Corte-Real, Porteiro Mór del Rei, que o amava muito, ſahio com duas náos em ſua demanda, e ſumio-ſe. A perda deſtes dous Fidalgos taõ eſtimaveis ſe fez ſenſivel ao Rei com tal exceſſo, que mandou dous navios bem eſquipados a buſcar noticias ſuas pelas cóſtas do Septentriaõ. Como naõ acháraõ alguma, elles ſe recolhêraõ; e Vaſqueannes Corte-Real, irmaõ de ambos,

que

Era vulg. que era Veador da Caſa Real, e Alcaide Mór de Tavira, querendo continuar na teima de procurar quem naõ aparecia, El-Rei lho impedio, e teve de contentar-ſe com recolher na ſua peſſoa a glória que os dous irmãos adquiríraõ para a ſua caſa, e ſe fez immortal com o nome de Corte-Real, que foi impoſto á Terra, que elles deſcobríraõ.

Depois da partida dos Albuquerques para a India, El-Rei ſe reſolveo a convocar em Lisboa os Eſtados do Reino para jurarem ao Principe D. Joaõ por Succeſſor de ſeu Pai, como ſe praticou com as ceremonias coſtumadas em actos ſemelhantes. Os meſmos Eſtados quizéraõ moſtrar a ſua gratidaõ officioſa ao Rei com hum donativo voluntario para as deſpezas da guerra de Africa. Elles arbitráraõ a quantia de cincoenta mil cruzados, deſculpando com a fome, e careſtia paſſadas naõ ſer ella correſpondente á extenſaõ dos ſeus deſejos. O Rei, attento aos meſmos motivos, prorogou o tempo da cobrança, e deo ordem para que ella ſe fi-

fizeſſe com tal ſuavidade, que naõ hou- Era vulg.
veſſe hum ſó queixoſo.

Em quanto ſuccediaõ eſtas couſas, o Almirante Gama continuava a ſua viagem para a India; e montado o Cabo de Boa Eſperança, ordenou a Vicente Sodré, que com onze das náos mais gróſſas navegaſſe a Moçambique; que elle com as quatro de menos lote queria fazer huma viſita á Cidade de Çofala. O ſeu Principe tratou ao Almirante com todas as honras; e eſtabelecida amizade, elle teve o deſprazer na ſahida do porto de perder huma das náos, ainda que ſalvou todas as vidas, e quanto ella levava de eſtimavel. Em Moçambique encontrou elle o reparo deſta perda em huma caravella nova, que fizéra conſtruir Vicente Sodré com as madeiras lavradas, que trazia do Reino. Achou o Gama aquella terra com outro Principe differente na peſſoa, e condiçaõ do que elle trátara na primeira viagem: o outro noſſo inimigo inexoravel, eſte noſſo amigo officioſo.

Com pouca dilaçaõ em Moçambique,

Era vulg. que, o Gama navegou a Quiloa, aonde entrou aterrando o Povo com huma tormenta furiosa de artelharia, que publicava o nosso resentimento. O temor trouxe a bórdo ao Rei Abrahem, aonde o Almirante o reteve prisioneiro até se jurar vassallo del Rei D. Manoel com o tributo annual de 500 miticais de ouro, que correspondem a pouco mais de 500 dos nossos cruzados: tributo unicamente interessante por ser marca da obediencia do Principe contumaz. Como elle naõ se podia escusar de dar refens importantes até ao cumprimento das convenções estipuladas; poz em poder do Almirante a Mahomet Anconi, seu primeiro Ministro, o homem mais poderoso de Quiloa, sem lhe fazer especie o perdello para continuar na falta de palavra, e na perfidia das intenções. O Almirante compadecido da pouca fortuna de Mahomet, deo-se por satisfeito com cobrar o tributo daquelle anno, e se fez á vela para Melinde.

As correntes rápidas impediraõ ao Almirante visitar este Rei amigo, e o le-

leváraõ a huma enſeada oito leguas abai- Era vulg.
xo, aonde elle lhe enviou por Luís de Moura, hum dos deſterrados, que alli deixára Pedro Alvares Cabral, cartas, e recados, que uniaõ os affectos da amizade com as impaciencias de o naõ vêr. Feitos neſta paragem os provimentos neceſſarios para a Armada, elle ſe lançou ao grande Golfo, e nelle teve o Almirante o goſto de encontrar a Eſtevaõ da Gama com tres náos da ſua conſerva, que felizmente chegáraõ a Angediva. Aqui viéraõ a encontrar-nos as duas náos de Eſtevaõ da Gama, que faltavaõ, e fizéraõ na Armada o número de dezanove; ſendo a de Antonio do Campo a unica das vinte, que ſahíraõ de Lisboa, e naquelle anno naõ chegou á India. O Almirante poſtou as náos em fórma, que pelas quinze leguas da largura daquelle mar naõ podeſſe paſſar embarcaçaõ alguma, que ellas naõ reſiſtaſſem.

Neſte tempo apareceo huma de deſmarcada grandeza, que era do Soldaõ do Egypto, e vinha de Calecut carregada de precioſidades. A ſua tri-

pu-

Era vulg. pulaçaõ numeroſa entendendo, que com preſentes enviados ao noſſo Chéfe compraria as liberdades, e reſgataria a fazenda, naõ duvidou enviallos de muito valor. Vendo porém rodeados os ſeus bórdos dos noſſos batéis com apparencias de lhe quererem pôr fogo; os Barbaros levados do amor da vida, começáraõ a fazer huma gentil defenſa. Della inferimos nós, que a importancia da náo era grande, e reſolvemos naõ a queimar ſem baldealla. Eſta foi a cauſa de durar o combate hum dia, até a manhã do outro, em que os Barbaros obráraõ proezas dignas da envéja dos noſſos. Em fim, paſſados á eſpada trezentos da guarniçaõ; ſalvos os muitos mininos, que ella levava, e o Almirante mandou fazer Chriſtãos; mettida a carga nas noſſas náos, a rendida foi hum deſpojo miſeravel do fogo, que a conſummio.

Como a preza deſta náo era quem detinha ao Almirante no Cabo de Delii, elle navegou a Cananor para fazer entrega do Miniſtro, que o ſeu Rei tinha enviado ao de Portugal; para lhe

dar

dar as cartas, e preſentes, que eſte lhe mandava; para regular os preços das eſpeciarias, e fórma do Commercio. Mas como eſta negociaçaõ naõ foi ao goſto de D. Vaſco da Gama, ficando encarregado della Payo Rodrigues, o Gama deixou no porto a Vicente Sodré com huma náo, e a caravella para o recolher; e elle, que havia já eſcrito ao Çamorim as diſpoſições, em que trazia o animo a ſeu reſpeito pelos bons officios, de que os Portuguezes lhe eraõ devedores, ſe fez na volta de Calecut. Era vulg.

Sempre ao longo da Cóſta foi o Almirante derrotando Paráos deſta Potencia inimiga, e recebendo recados fingidos do Çamorim, huns a que naõ dava reſpoſta, outros que naõ ouvia, em quanto ſe lhe naõ reſtituia a fazenda tomada a Pedro Alvares, e dava ſatisfaçaõ da mórte de Ayres Correa. Depois de entrados no ſeu porto, uſou o barbaro Principe de outros eſtratagemas; o Almirante ſe fez delles bem entendido, mandando enforcar trinta e dous Mouros priſioneiros no lais das ver-

Era vulg. vergas ; depois cortar-lhes as cabeças, mãos , e pés , que mettidos em huma barca os enviou de preſente á Cidade , aonde começou a chover das noſſas náos huma innundaçaõ de ballas , que a pôz por terra : ſegundo golpe , que augmentou as ruinas naõ reparadas do primeiro , que nella deſcarregou Pedro Alvares Cabral. Para continuar os eſtragos por toda aquella Cóſta , o Almirante deixou no porto de Calecut a Vicente Sodré com ſeis das melhores náos , e elle partio com as mais para Cochim.

A ſua primeira complacencia na entrada deſte porto foi a de vêr a bórdo os Portuguezes eſtabelecidos na terra , que lhe fizéraõ ſaber a muita humanidade , com que os tratava o Rei Trimumpara , e a grande vigilancia com que impedia , que o odio dos Mouros os perturbaſſe. Elle mandou logo cumprimentar ao Almirante pelo primeiro dos ſeus Miniſtros ; recebeo os preſentes brilhantes , que lhe mandava El-Rei D. Manoel , e que retribuio com outros magnificos ; veio no dia ſeguinte a bór-

bórdo da náo Almirante com a confiança, e firmeza do amigo mais fincéro; e eſtabelecidas nóvas convenções mutuamente intereſſantes, acabou a amizade de lançar fundas as raizes. Creſceo o noſſo prazer com a Embaixada, que os Chriſtãos das terras de Cranganor, quatro leguas diſtantes de Cochim, mandáraõ ao noſſo Chéfe. Era vulg.

Elles eraõ mais de trinta mil deſcendentes dos que bautiſára o Apoſtolo S. Thomé, os quaes por aquelles ſeus Emiſſarios fizéraõ ſaber ao Almirante: Que eſtando elles, e os ſeus progenitores tantos ſeculos vivendo entre Mouros, e Gentios, naõ ſabiaõ explicar o júbilo, que lhes cauſava a vinda de Chriſtãos de partes taõ remotas áquellas Regiões barbaras: Que os admittiſſe por Vaſſallos do grande Rei D. Manoel; porque na terra naõ queriaõ reconhecer outro Senhor, ſenaõ a elle; e que por marca da ſua obediencia lhe enviaváõ, como a Lugar-Tenente do meſmo Soberano, a Vara de Juſtiça, de que entre elles uſava o ſeu Superior. O Almirante ſe ſobpreendeo alvoroçado

Era vulg. com eſta Legacia ; e depois de levantar as mãos, e os olhos ao Ceo para dar graças á Providencia, com que o Deos Verdadeiro ſuſtenta aos ſeus Eleitos no centro das Nações brutas, elle ſe voltou para os Enviados, e lhes diſſe : Eu vos prometto em nome delRei D. Manoel de Portugal, que de hoje em diante ſejaõ outras as voſſas vantajens ; mais feliz a voſſa condiçaõ. Eu vos encho de eſperanças ; eu deſejo augmentar a voſſa Fé, e vos affirmo, que á India naõ virá algum dos noſſos Capitães, que deixe de promover os voſſos intereſſes ; que naõ exponha o ſangue, e a vida para vos livrar da tyrannia de homens abominaveis ; deſſes Gentios torpes ; deſſes barbaros Sarracenos, que ſem humanidade vos opprimem.

A eſte grande júbilo dos noſſos eſpiritos ſe ſeguíraõ os ſuſtos pelo riſco, em que eſtiveraõ o Almirante, e algumas náos noſſas de perder-ſe. O Çamorim, que naõ podia deſtruir-nos com a força, nem negociar o noſſo damno com o Rei de Cochim ; elle

inſ-

inſtruio a hum dos ſeus Bramanes, Era vulg.
para que vieſſe a eſta Cidade acompanhado de dous moços, hum ſeu filho, outro ſeu parente, e com bem eſtudada ſimulaçaõ, para ir conduzindo o negocio ao ſeu fim, pediſſe ao Almirante quizeſſe levar os dous moços a Portugal para tomarem conhecimento da Religiaõ Chriſtã, e das Bellas-Letras. Sem repugnancia condeſcendeo o Gama a eſta demanda, que foi facilitando o trato, e animou ao Bramane para avançar os deſignios. Elle ſe abrio; e de hum tom inſinuante encareceo o arrependimento do Çamorim ſobre as deſordens paſſadas: quanto deſejava eſte Principe, que ellas eſqueceſſem, e a amizade ſe renovaſſe: a ſinceridade com que queria reſtituir os damnos da noſſa Feitoria arruinada; dar ſatisfaçaõ da injúria, que ſe nos fizéra; e aprom-ptar carga para as náos da noſſa Fróta, ſe ellas quizeſſem ir recebella ao porto de Calecut ſem receio.

O Varaõ prudente, ainda que ſaiba prevenir-ſe, ás vezes he facil em acreditar. Aſſim o moſtrou o Almirante

Era vulg. neſta occaſiaõ. Elle crêo com facilidade; mas prevenio-ſe deixando a Eſtevaõ da Gama com as melhores naos em Cochim; retendo ao Bramane em refens; ordenando a Vicente Sodré, que com alguns navios cruzaſſe naõ longe de Calecut; e elle com as embarcações ligeiras entrou neſte porto, e pelos dous moços do Bramane, que levava comſigo, aviſou ao Çamorim da ſua chegada. Eſte Principe, que naõ o eſperava taõ depreſſa, com idas, e vindas dos Emiſſarios, perguntas, e reſpoſtas ao parecer ingenuas, ganhou o tempo neceſſario para armar cem paráos com tanto ſegredo, que o Almirante o naõ ſoube, ſenaõ quando no quarto da Alva vio o porto impedido, e os ſeus navios todos cercados, o damno certo, a ſalvaçaõ contingente.

Neſte perigo extremo contemplou elle, que naõ havia mais refugio, que morrer peleijando, ou fugir ſe podeſſe. Sem ordem, tudo confuſaõ, já inveſtidos pela chuſma dos Mouros, e Indios, naõ houve mais acordo, que picar as amarras, ſoltar vélas, e remos,

mos, e entregar nos braços do deſtino. Era vulg.
Deos nos ſoccorreo com hum vento Auſtral taõ rijo, que a náo do Almirante pode romper, e fazer-ſe ao mar. Os outros navios, que naõ tinhaõ tanta força de véla, ainda que a ajudavaõ com os remos, naõ podéraõ correr tanto, e hiaõ quaſi abordados pela multidaõ dos inimigos. Neſte aperto tivemos o ſoccorro de outra providencia eſpecial, que foi apparecer Vicente Sodré com a ſua Eſquadra bem longe de penſar a aventura, que nos ſuccedia. Unida com ella a náo do Almirante, voltáraõ a ſalvar os noſſos navios quaſi aprezados dos Barbaros. Elles, que ſe eſtimavaõ victorioſos, taõ de repente ſe lhes mudou a ſcena, que em hum intervallo breve ſentíraõ a pena da perfidia na perda de muitas vidas, na de quantidade de Paráos deitados a pique, na da fugida vergonhoſa, em que ſe pozéraõ os que naõ quizéraõ expôr-ſe ao perigo de hum fatal deſtino. O Almirante ſe recolheo com toda a Armada a Cochim, aonde agradeceo ao Bramane o ſerviço, mandando-o enfor-

car,

Era vulg. car, ſentido dos dous moços lhe eſcaparem em Calecut para naõ levarem a meſma pena.

O Çamorim impaciente com o aborto dos ſeus deſignios, que naõ podia levar ao fim com a força deſcoberta, nem com a perfidia ſimulada, entrou a negociar com o Rei de Cochim a ruina dos Portuguezes. Elle lhe eſcreveo no exordio da carta com brandura; perſuadindo-o quizeſſe ter a glória de primeiro inſtrumento, que livraſſe a Aſia dos monſtros, que com figura de homens apparecêraõ nella; entregando-os no ſeu poder para delles tomar huma ſatisfaçaõ tamanha, como eraõ as injúrias, os deſpreſos, a nenhuma reverencia, com que elles tratavaõ aos Soberanos do Oriente. Depois mudando de eſtylo, com hum tom féro, e arrogante o ameaçava, que ſe aſſim o naõ fizeſſe, que des de já o olhaſſe como hum inimigo implacavel, que a ferro, e fogo entraria pelos ſeus Eſtados, e naõ embainharia a eſpada em quanto naõ miſturaſſe o ſeu ſangue derramado com o deſſes infames, que

pro-

protegia, com o dos Barbaros, que amparava. Era vulg.

Eſtes officios taõ iguaes á infidelidade de Calecut, quanto pouco conformes á boa fé de Cochim, impreſſaõ alguma fizéraõ no eſpirito do Rei Trimumpara. Em quanto a negociaçaõ dura, elle a occulta a D. Vaſco da Gama, para que naõ deſconfie; mas ao Çamorim reſponde: Que elle paſma, de que hum Monarca da ſua eſtatura conceba penſamentos de querer involver os outros Reis nos negros, e feios crimes da perfidia, do perjuro, em todos os homens abominaveis, quanto mais nos Soberanos: Que deſtes era hum dever indiſpenſavel guardar a fé jurada; eſtabelecêlla com firmeza, como glória, que naõ tinha comparaçaõ, quando o ſeu contrario a perfidia era o maior inimigo dos coſtumes, e inſtitutos Reaes, como nodôa eterna, que já mais ſe apagava nas Purpuras: Que além diſto, nenhum eſpirito ſublime negava a ſua protecçaõ aos homens benemeritos, das qualidades dos Portuguezes, que lha pediaõ: Que neſtes ter-

Era vulg. termos, elle naõ rompia a obſervancia das Leis Santas com que ſe ligára, ainda que arriſcaſſe os Eſtados, e perdeſſe a vida, tudo de menos valor, que a boa fé.

Quando ceſſáraõ as pretenções do Çamorim, e Vaſco da Gama eſtava a ponto de partir para o Reino, o Rei de Cochim lhe deſcobrio a negociaçaõ. Acabou elle de conhecer a fidelidade deſte Principe para comnoſco, e lhe deo as graças pelos termos mais ſignificantes: deixou na ſua terra a Alvaro Vaz, e a Lourenço Moreno com trinta homens: aſſegurou-lhe, que para o pôr a coberto dos inſultos do Çamorim, ficava ás ſuas ordens na India huma boa parte da Eſquadra Portugueza commandada por ſeu Tio Vicente Sodré, e deſpedidos com as demonſtraçõeſ mais vivas de uniaõ perpetua, o Almirante ſe fez a véla para Cananor, aonde o eſperava igual fortuna.

CA-

CAPITULO IV.

Do mais, que aconteceo a D. Vaſco da Gama na India até voltar ao Reino, e os ſucceſſos de Africa neſte tempo.

COBERTO da glória de tantos bons ſucceſſos, que D. Vaſco da Gama devia ao ſeu valor, e dexteridade, entrou no porto de Cananor, e achou o Rei preoccupado do eſtrondo da ſua reputaçaõ. Como elle recahia ſobre a amizade precedente, nós celebramos com eſte Principe hum Tratado muito vantajoſo, que teve por preliminares: Como elle já mais faria a guerra ao Rei de Cochim: como naõ contrahiria alliança com o de Calecut contra elle: como aos vaſſallos do Rei de Portugal trataria com todas as delicadezas da fidelidade. Debaixo da firmeza deſte contrato, D. Vaſco eſtabeleceo em Cananor outra Feitoria como a de Cochim, e deixou por Feitor a Gonçalo Gil Barboſa com vinte homens. Pa- Era vulg.

Era vulg. Para a vantagem deſte Tratado nada contribuio tanto, como a victoria, que o Almirante ganhou ſobre vinte e nove náos de Calecut antes de entrar no porto de Cananor. Ellas fórtemente armadas, intentáraõ cortar o caminho á noſſa Eſquadra, combatella, ou obrigalla a retroceder. O Almirante incapaz da ſegunda manobra, prompto para a primeira, deſtacou a Vicente Sodré com mais duas das náos menos carregadas para inveſtir a vã-guarda dos inimigos, em quanto as outras chegavaõ. O repelaõ foi taõ violento ſobre dous navios dos Mouros mais avançados, que as ſuas tripulações ſe lançáraõ ao mar para ſalvar-ſe nadando; mas os noſſos ſeguindo-os nas lanchas, matáraõ ás lançadas mais de trezentos. Baſtou eſte golpe para cortar os alentos de toda a Armada, que dando-nos a poppa, quiz fugir, e nós pelo pezo das náos, ainda que a ſeguimos, naõ a podémos embaraçar. Á viſta della démos fogo aos navios rendidos para aterrar os Barbaros com o deſprezo, que faziamos dos ſeus deſpojos. Com tudo,

em-

em pouco eſpaço nos aproveitamos de alguns, entre elles da figura de hum monſtro fabricado de ouro com quarenta libras de pezo, que tinha por olhos duas eſmeraldas precioſas, e no peito hum Pyropo de grandeza admiravel, que parecia huma braza acceza, de mais valor eſte rubí do peito, que o reſto da joia. Era vulg.

Depois da celebraçaõ do Tratado em Cananor, naõ houve mais demóra, que acabar de carregar algumas das náos; dar as ordens a Vicente Sodré do que havia obrar com ſeis, que lhe ficavaõ para proteger aos noſſos alliados; e nos fizemos á vela com treze para Moçambique. Aqui ſe fornecêraõ ellas do neceſſario, e antes de montar o Cabo, huma tormenta deſgarrou da conſerva a náo de Eſtevaõ da Gama. Em quanto ellas navegavaõ, Vicente Sodré, vendo que no eſpaço de dous mezes os inimigos naõ ſe moviaõ, nem o Çamorim executava ſobre Cochim as ameaças, foi cruzar nos mares de Arabia contra os Mouros conforme o regimento, que o Almirante lhe deixá-

Era vulg. xára, e elle com a idéa das prezas apetecia.

Este navegou com felicidade o resto da viagem, e a 10 de Setembro, como entende Osorio, ou de Novembro, como diz Joaõ de Barros, deste anno de 1503, entrou no porto de Lisboa com doze náos, e a de Estevaõ da Gama seis dias depois. Foi o Almirante D. Vasco recebido com o estrondo de muitos canhões, com tanto prazer del Rei, que mandou grande número dos Senhores da Corte para o acompanharem ao Paço. Ao mesmo tempo chegavaõ de S. Jorge da Mina, de Flandres, e de Oraõ muitas embarcações carregadas de generos preciosos, que a Providencia mandava a Portugal para fazer feliz o Rei Filho da Ventura. O tributo do de Quiloa foi levado á sua presença com grande pompa pelo mesmo Almirante. El-Rei mandou fazer deste tributo huma Custodia preciosa para o Mosteiro de Belém, aonde quiz que ficasse como hum monumento de memoria perpetua da sua gratidaõ para com Deos, que nas Regiões

giões remotas lhe tinha destinado Reis para Vassallos, os seus cabedaes para os tributos. Era vulg.

Naõ eraõ menos felices os nossos negocios em Africa. He verdade que as correrias contínuas do Rei de Fez, e da grossa guarniçaõ de Alcacer-Quivir chegavaõ até ás portas de Arzila. Aquella importante, e mais poderosa Praça da Mauritania Tingitana situada nas margens do Rio Luco, que lhe entra pelas pórtas quando enche, foi fundaçaõ de Mançor, Rei, e Pontifice de Marrocos, habitada de homens sabios, illuminada por Aulas públicas de Filosofia, enriquecida pelo Commercio de Mercadores poderosos. Os Reis de Féz conservavaõ nesta Cidade huma guarniçaõ numerosa de cavallaria, e infantaria, que a fazia respeitavel. El-Rei D. Manoel para evitar os damnos, que ella nos causava, escreveo a D. Joaõ de Menezes, Governador de Arzila, ordenando-lhe, que unido com o Conde de Tarouca, Commandante de Tangere, as vezes que podessem a atacassem, até lhe abaterem o orgulho.

D.

Era vulg. D. Joaõ com 230 cavallos, e o Conde com 200 marcháraõ a bater nas pórtas de Alcacer-Quivir. Á ſua chegada, que foi ſentida, o Alcaide deſtacou a hum dos Xeques com a maior, e melhor parte da guarniçaõ, que os noſſos viraõ eſtar-ſe formando ſobre o monte dos Prazeres para eſperarem a noſſa vinda. O Conde mandou perguntar a D. Joaõ o que lhe parecia, e elle lhe reſpondeo, que muito bem; porque aquillo era o meſmo, que elles vinhaõ buſcando. Conformes os animos dos noſſos Chéfes, marcháraõ aos inimigos, que tambem ſe movêraõ cortezes para moſtrarem, que naõ os queriaõ receber parados. Ao primeiro encontro elles retrocedêraõ taõ apreſſados, que naõ ſuſpendêraõ a retirada, ſenaõ ás pórtas de Alcacer-Quivir com 200 camaradas menos. Como o Commandante da Praça, ou para animar mais os ſeus, ou para impedir, que os noſſos naõ a entraſſem embrulhados com elles, tinha mandado fechar as pórtas; os Barbaros atacados com mais força pelo ſeu meſmo perigo, que tinhaõ

por

por inevitavel, pozéraõ o remedio da ſua ſalvaçaõ no esforço, e ſe lançáraõ aos noſſos com gentileza. Era vulg.

Foi elle taõ rapido em obrar, que derribados alguns dos Portuguezes, ferido D. Duarte, filho do Conde, e o Adail Pedro Leitaõ; os noſſos ſe viéraõ retirando meia legua de Alcacere já picados pelo ſeu Governador na téſta de 900 cavallos. Paſſáraõ os Chéfes a ponte, e ſe formáraõ eſperando os Mouros. Como eſtes naõ ſe moviaõ ſeguimos a retirada; mas reforçado o ſeu campo com os ſoccorros, que vinhaõ chegando, e já faziaõ o número de 1300 cavallos, entaõ nos ſeguíraõ, e alcançáraõ junto da ponte grande, ſete leguas de Arzila. Os noſſos Chéfes voltáraõ caras com tanta intrepidez, que os Mouros naõ ſe attrevêraõ a atacar-nos; retirando-ſe ambas as trópas ás ſuas Praças reſpectivas. Neſta occaſiaõ qualificáraõ o ſeu valor D. Duarte de Menezes filho do Conde de Tarouca, D. Joaõ Ladraõ, filho do Conde de Cantanhede, D. Pedro, e D. Bernardino de Almeida, filhos do Con-

Era vulg. Conde de Abrantes, e outros Fidalgos, que moſtráraõ bem os ſeus talentos naquellas Aulas de Marte.

D. Joaõ de Menezes incançavel, ſem deſpir as armas, ſe quiz aproveitar da conſternaçaõ dos Mouros, e forçallos no ſeio das ſuas meſmas montanhas, viſinhas do rio Luco, pouco diſtantes de Alcacer-Quivir. Hum pérfido Alemaõ, que deſertou pela manhã de Arzila, foi aviſar aos Mouros do perigo, que aquella noite os eſperava. Quando os Portuguezes chegáraõ tivéraõ o encontro de cem, que ainda naõ ſe haviaõ prevenido; matáraõ 50, e captiváraõ o reſto. Creſceo ſobre nós a multidaõ animada pelo aviſo precedente, e reveſtio o combate de todas as qualidades de horrendo. Como vinha chegando a cavallaria de Alcacer, foi grande o noſſo perigo, e extremo o em que eſteve Pedro de Souſa, Fidalgo de huma corage inimitavel, que ſó ao ſeu valor deveo a vida. Sem mais perda, que a de quatro homens, D. Joaõ de Menezes teve a glória de conduzir a Arzila a grande preza feita

ta nas Aldêas, que naõ podéraõ apro- Era vulg.
veitar-ſe a tempo do aviſo do Ale-
maõ.

Entrou a Rainha D. Maria no deſejo de ter no Paço algumas Mouras eſpecioſas, e para o roubo deſtas Helenas teve ao meſmo D. Joaõ de Menezes pelo mais deſembaraçado Páris. As da Serra de Benagulfate univerſalmente eraõ eſtimadas pelas primeiras na gentileza, que ſabe produzir a natureza nos lugares agreſtes. Elle marcha em huma das noites, enrolada na maior eſcuridaõ, e tempeſtade, com 200 de cavallo á ſurdina até chegarem á raiz do monte. Como os moradores eſtavaõ ſobmergidos no ſomno ſem os ſuſtos, que lhes deſterrava a diſtancia, e fragoſidade do Paiz; D. Joaõ, para naõ fazer o roubo ás eſcuras, mandou accender o grande número de archotes, que levava prevenidos, e ao ſom das trombetas, e clamores dos ſoldados deſpertou os que dormiaõ, para que aterrados do medo buſcaſſem a ſalvaçaõ na fugida. Aſſim o fizéraõ os covardes. Dos valeroſos ſe deixáraõ matar 80.

Era vulg. Captivamos 60 homens, e mulheres, entre ellas algumas bem ricas dos dotes com que as buſcavamos, por iſſo os objectos primeiros dos noſſos deſvélos para naõ nos eſcaparem, como objectos do deſejo da Rainha.

Antes de romper a manhã, D. Joaõ de Menezes ſe pôz em retirada, ſem haver alguem, que o ſeguiſſe. Com a primeira luz do dia foraõ apparecendo os campos cobertos de homens com ſemblante de vingar a injúria com o ſangue, de recobrar a preza a troco das vidas. D. Joaõ marchava em tal ordem, que nos planos tanta corage naõ ſe atrevia a enveſtillo. Nos lugares eſtreitos o furor ſe moſtrava derramado, e em muitos era grande o aperto dos noſſos: mas a tudo ſuperior a fortuna de D. Joaõ, elle metteo a preza em Arzila ſem perder hum homem; e nós ſuſpendemos o ruido das armas em Africa, por chamar as noſſas attenções o eſtrondo da guerra de Cochim na India movida a noſſo reſpeito pelo odio do Rei de Calecut, que naõ podia cobrillo.

Logo que o Almirante D. Vaſco da Ga-

Gama ſe partio para Portugal, o Çamorim reſolveo fazer a guerra ao Rei Trimumpara, que por noſſa cauſa ſoffreo com ſingular conſtancia muitos generos de calamidades. Como nada pôde conſeguir delle por meio das negociações, que tratou em noſſo damno; elle o achou para attrahir ao ſeu partido alguns dos Miniſtros do Rei de Cochim, que lhe propuzéſſem a entrega dos Portuguezes, que o Almirante havia deixado na ſua Corte. O Rei, ſempre fiel á ſua palavra, ſempre o meſmo nas ſuas reſoluções, repellio, tapou a bocca aos ſugeſtores com lhes dizer: Que elle eſtimava em menos a Coroa, que a honra de cumprir a palavra. Huma reſpoſta taõ preciſa, abertamente favoravel aos Portuguezes, o Çamorim a teve por hum rompimento de guerra. Principiáraõ os apreſtos em Panane, quinze leguas de Cochim, aonde poſtou hum Excercito de cincoenta mil homens. O Povo, e os principaes Officiaes de Cochim nos olhavaõ como cauſa das infelicidades, que eſperavaõ, e queriaõ deſcartar-ſe de todos os Por- Era vulg.

Era vulg. tuguezes; mas a vigilancia do Rei entregando-os á guarda dos Nayres, fez abortar os deſignios dos que principiávaõ a moſtrar-ſe rebeldes.

Todo Calecut ſugerido pelos Mouros approvava eſte rompimento, menos o Principe Naubeadari, Senhor da Comarca de Repelim, e futuro Succeſſor do Çamorim. Elle teve a reſoluçaõ de lhe dizer: Que a guerra contra Cochim approvada por todos, elle a tinha pela mais injuſta: Que a ſua origem naõ era outra, que a de haver o Rei Trimumpara dado entrada na India aos Portuguezes: Que eſtes a ninguem buſcáraõ primeiro, que a elle Çamorim com huma Embaixada ſolemne, que lhe promettia intereſſes avultados em generos uteis, e deſconhecidos pelo cambio dos que valiaõ pouco nos ſeus Eſtados: Que vindo com ſegunda Armada mais bem fornecida, lhes pilháraõ em Calecut a fazenda, e degollháraõ os homens; cauſas juſtas para os damnos, que elles depois fizéraõ na terra em ſua defenſa: Que como encontráraõ em Cochim a verdade, e

aga-

agaſalho, que Calecut lhes negára, fi- Era vulg.
zéraõ alli o ſeu aſſento: que em outros muitos Principes da Aſia podiaõ mui bem encontrar acolhimento ſemelhante; e que ſe a todos os que aſſim obraſſem, elle Çamorim os houveſſe de ter por contrarios, iſſo ſeria emprehender huma guerra geral, e eterna contra as maiores Potencias: Que neſtes termos, ainda que elle aborreceſſe aos Portuguezes, naõ quizeſſe embaraçar-ſe com os Principes ſeus Fautores; porque talvez naõ tiraſſe muito ventajoſas conſequencias.

Nada ſendo baſtante para mover o animo contumaz do Çamorim; eſtando o Rei Trimumpara com muitos deſcontentes á viſta; ſentindo huma deſerçaõ continua nas ſuas trópas, ſem que nada lhe alteraſſe a conſtancia do eſpirito; neſta ſituaçaõ triſte entrava Vicente Sodré com a ſua Eſquadra em Cochim vindo da Cóſta da Arabia, aonde fez conſideraveis prezas. Eſta vinda, que fez reviver os eſpiritos languidos, os reduzio pouco depois a maior aperto; porque Vicente Sodré, ou ſe deixaſ-

Era vulg. xaſſe occupar do temor da guerra, ou o arraſtaſſe o amor da ganancia, com deſculpas frivolas, improprias da peſſoa, do cargo, da occaſiaõ, nem as inſtancias mais perſuaſivas do afflicto Rei de Cochim, nem os golpes fundos de honra, que lhe deſcarregou o Feitor Diogo Fernandes Correa, foraõ baſtantes para lhe impedir a volta aos mares da Arabia, aonde encontrou o fim tragico, que diremos em ſeu lugar.

Eſte foi o lance, emque a fidelidade de Trimumpara ſe qualificou de heroica para os Portuguezes, naõ querendo fazer crime da Naçaõ a culpa de hum individuo. Quando os ſeus Grandes o abandonavaõ; quando os ſoldados lhe fugiaõ; quando era a ſua conſternaçaõ a mais extrema; quando os meſmos Portuguezes lhe pediaõ naõ quizeſſe expôr-ſe a huma guerra fatal por ſeu reſpeito, antes lhes permitiſſe licença para paſſar a Cananor, aonde eſperariaõ náos, que os conduziſſe ao Reino; elle com a conſtancia de hum rochedo, a todos os combates reſiſte; mantem-ſe firme, e eſpera impavido os re-

rêpelões da fortuna ſem mudar os pri- Era vulg.
meiros propoſitos. Elle lhes diz com
o eſpirito cheio de corage: Como he
poſſivel, que huns homens taõ valen-
tes como vós, que viveis comigo ha
tanto tempo em familiaridade taõ con-
junta, concebaõ penſamentos, ou de
temer os inimigos, ou de duvidar da
minha fé? Vós comigo haveis correr
a meſma fortuna, e morramos todos
no ſerviço do Rei D. Manoel.

Immediatamente fez elle huma pro-
moçaõ de Officiaes maiores, e nomeou
para General ao recomendavel Princi-
pe Naramuhim ſeu ſobrinho, e futuro
Succeſſor. No dia ſeguinte a eſta no-
meaçaõ marchou a poſtar-ſe com o pe-
queno corpo de cinco mil homens em
hum dos vãos do braço de mar, que
ſepáraõ a Cochim de Calecut, por on-
de o Çamorim tinha de fazer a ſua en-
trada. Aqui foi o primeiro avance taõ
bem defendido, que os inimigos com
grande perda de gente tiveraõ de aban-
donar a empreza; mas o Senhor de Re-
pelim com forças novas, e muitos pa-
ráos bem armados veio a pôr tropeços

á

Era vulg. á victoria. Elle quiz forçar ao Princi-
pe Naramuhim nos seus mesmos en-
trincheiramentos; intento, que logra-
ria, a naõ encontrar a resistencia bisar-
ra dos Nayres de Cochim, e a do Va-
leroso Lourenço Moreno na frente dos
Portuguezes, que o reduzíraõ a esta-
do de naõ avançar mais os designios.
A soberba do Çamorim naõ podia sop-
portar estas injúrias feitas por taõ pou-
cos homens ao seu Exercito numeroso,
e quizera retirallo da empreza; mas
aconselhado pelos Bramanes, e pelos
Mouros, resolveo em lugar da força,
fazer uso das industrias.

Naõ lhe sendo difficultoso corrom-
per o Pagador Geral das trópas de Co-
chim; o persuadio se fizesse doente; se
retirasse áquella Corte; ordenasse aos
soldados fossem a ella cobrar os seus
soldos; os detivesse demorando-lhes os
pagamentos: que como muitos delles
estavaõ descontentes desta guerra a fa-
vor dos Portuguezes, vendo-se mal pa-
gos mostrariaõ mais o seu desprazer,
faltariaõ na guarniçaõ dos póstos, por
onde entraria sem susto até á Capital

pa-

para acabar de ſatisfazer a elle Paga- Era vulg.
dor a importancia de hum tal ſerviço.
Produzio eſta intriga os effeitos, que
o Rei de Calecut podia deſejar pela
fraqueza, em que a deſerçaõ deixou
o campo do Principe Naramuhim. El-
le a ſupprio com o ſeu valor, com o
dos Naires, com o dos Portuguezes,
que ſuſtentáraõ com huma firmeza,
que parecia ſuperior á humanidade, os
repelões mais deſproporcionados; mas
opprimidos da multidaõ, o Principe
Naramuhim cahio morto, outros dous
do Sangue Real perdêraõ a vida, o
Exercito foi poſto em derrota, e as
ſuas reliquias ſe ſalváraõ em Cochim.

Principiou eſte combate ao rom-
per do dia, e acabou com a noite,
que impedio aos victorioſos perſeguir
mais aos fugitivos. O Rei Trimumpá-
ra, occupado de huma deſolaçaõ ex-
trema, ſe retirou para a Ilha de Vai-
pan, que a meſma natureza fizéra de-
fenſavel, ſeguindo-o todos os Portu-
guezes, e poucos dos ſeus vaſſallos
fiéis. Como o Çamorim entendeo, que
o Rei reduzido a eſta figura, a nada re-

pu-

Era vulg. pugnaria do que elle quizeſſe ; novamente requereo a entrega dos Portuguezes com cominaçaõ da ruina univerſal dos ſeus Eſtados. Porém da boca de hum Barbaro ſahio, e pelos ouvidos de outro Barbaro entrou eſta reſpoſta cheia de generoſidade : Que ſe elle pela força o havia lançado dos ſeus Eſtados, e os podia conſummir, que todas as do mundo naõ eraõ baſtantes para o moverem a eſtragar a fé, a romper a palavra. Semelhante magnanimidade capaz de fazer impreſſaõ ſenſivel em hum penhaſco, atiçou no Çamorim o fogo, com que fez abrazar a Cochim, e com que intentou levar o incendio até á Ilha de Vaipan.

CA-

CAPITULO V.

Refere-ſe o fim tragico de Vicente Sodré, alguns ſucceſſos da Europa, ate continuar com os de Cochim.

NO eſtado triſte, que eu acabo de referir, ſe achava o noſſo fiel amigo o Rei Trimumpara, quando Vicente Sodré navegando do Cabo de Guardafú para a Cóſta da Arabia, aonde aprezou ſeis náos de Calecut, e de Cambaya: porque já entravaõ os ventos rijos, elle veio paſſar o Inverno em huma enſeada junto ás Ilhas de Curia Muria. Paſſado algum tempo, os naturaes da terra o aviſáraõ naõ ſe demoraſſe mais, por vir chegando a quadra de hum grande temporal, que coſtumava infeſtar aquellas paragens. Vicente Sodré, que teve o aviſo por huma indúſtria dos Gentios para ſe retirar, elle o deſpréza; mas ſente as conſequencias na tempeſtade, que meteo no fundo a ſua náo, e a de ſeu irmaõ Braz Sodré com Era vulg.

Era vulg. com mórte laſtimoſa de ambas as tripulações, que podendo-ſe fazer glorioſas na guerra de Cochim foraõ acabar infelices nos mares de Curia Muria.

Os Capitães dos outros navios deſta Eſquadra, que crêraõ o referido aviſo, e naõ podéraõ reduzir os dous irmãos a mudarem de ſitio; depois de muitos proteſtos, elles ſe apartáraõ para outra Ilha de ancoragem ſegura. Com a noticia do naufragio do ſeu Chéfe, que acabava de receber os premios, que coſtuma dar a cubiça, em extrema falta de tudo o neceſſario para a vida, elles navegáraõ para Cochim. A Providencia os fez encontrar com as tres náos de Franciſco de Albuquerque, que os ſoccorreo; e a meſma felicidade teve a de Antonio do Campo, que nós diſſémos ſe deſgarrára da Armada do Almirante D. Vaſco da Gama, e invernando na Cóſta de Melinde, agora hia para a India na meſma miſeria das náos da Eſquadra de Sodré. Já fica dito como neſte anno mandára El-Rei a Franciſco de Albuquerque para a India com tres náos, de que eraõ Capi-

tães

tães elle, Pedro Vaz da Veiga, e Ni- Era vulg.
coláo Coelho, que fora ao primeiro
deſcobrimento com Vaſco da Gama:
e a ſeu primo Affonſo de Albuquerque
com outras tres, que elle mandava,
com os Capitães Fernaõ Martins de
Almada, e Duarte Pacheco Pereira,
primeiro pai das façanhas na India.

Pouco depois foraõ elles ſeguidos
por Antonio de Saldanha tambem com
tres náos, e os Capitães Ruy Louren-
ço Ravaſco, e Diogo Fernandes Perei-
ra; mas como o ſeu deſtino era dif-
ferente, como ſe dirá a ſeu tempo,
eu concluo os ſucceſſos deſte anno com
o naſcimento da Infante D. Iſabel, que
pelas ſuas raras qualidades mereceo oc-
cupar o Throno do Imperador Carlos
V. com o Capitulo Geral, que El-Rei
celebrou em Thomar, em que refor-
mou os Eſtatutos, e diſciplina da Or-
dem Militar de Jeſus Chriſto: com a
mórte do Papa Alexandre VI., e elei-
çaõ de Pio III.: com a Miſſaõ, e
Meſtres, que foraõ mandados ao Rei-
no de Congo para inſtruirem aquelles
Póvos nos Elementos da Religiaõ, e

Ru-

Era vulg. 1504

Rudimentos das Sciencias; e entro no ſeguinte com a narraçaõ do que obráraõ os Albuquerques, a favor do Rei opprimido de Cochim, depois que Franciſco de Albuquerque ſe unio com as náos de Vicente Sodré, e de Antonio do Campo.

Eſte Commandante, que ſahio de Lisboa oito dias depois de Affonſo de Albuquerque, primeiro que elle chegou á India; mas perdendo a náo de Pedro Vaz da Veiga, de que nunca mais houve noticia. No encontro, que fica referido, reſolveo com parecer de Pedro de Ataide, que mandava as náos, que foraõ de Sodré, vir ao porto de Cochim. O tempo os levou a Cananor, aonde foraõ informados do infortunio, que ſoffria a noſſo reſpeito o Rei Trimumpara. Nem inſtantes quizéraõ demorar-lhe o ſoccorro; e com as náos empavezadas, e guerreiras déraõ elles de ſi huma viſta alegre á afflicta Ilha de Vaipan. Já as vozes públicas clamavaõ nella o reſtabelecimento da ſua antiga felicidade: eſperanças, que ſe confirmáraõ certezas, quando á viſta

dos

dos preſentes magnificos, que o Rei D. Manoel mandava ao ſeu Alliado, ouvíraõ a Franciſco de Albuquerque dizer-lhe em ſeu nome: Que para a reſtauraçaõ do ſeu Eſtado, elle lhe offerecia aquellas náos, e outras que a cada momento viriaõ dar fundo no ſeu porto, por haverem ſahido de Lisboa primeiro que elle: Que eſta offerta era conformе com as ordens, que trazia do ſeu Soberano, que lhe havia recommendado arriſcaſſe tudo pelo ſerviço de Cochim, como ſe foſſe o meſmo de Portugal ſem a menor diferença. Era vulg.

Para que as acçõeſ ſe conformaſſem com as palavras, o Albuquerque marchou a atacar a Cidade de Cochim, que os Nayres de Calecut abandonáraõ ao primeiro avance das noſſas armas. Quando fazia o meſmo a Ilha de Cheravaipil, appareceo a náo de Duarte Pacheco Pereira, que buſcou a bandeira de Franciſco de Albuquerque. Com admiraçaõ, e júbilo do Rei, e gentes de Cochim viaõ elles o deſembaraço, com que os noſſos navegando os braços

Era vulg. ços dos rios, que retalhaõ aquella terra, a penetravaõ, assolavaõ, e reduziaõ a cinzas as povoações mais vistosas do Senhor de Repelim. A cópia de dinheiro, a preciosidade dos trasles, que El-Rei D. Manoel havia mandado ao de Cochim, se antes assombrára ao Çamorim, e mais Reis visinhos, agora o que os Portuguezes obravaõ no seu serviço, os punha extacticos. O Albuquerque politico, que observava a complacencia de Trimumpara, dispôz a sua entrada pública na Corte de Cochim, aonde o metteo de posse do Reino em nome del Rei D. Manoel.

Depois continuou a guerra com maior vigor; e informado de que os inimigos tinhaõ muitos paraos bem armados, e tres mil homens de guarniçaõ em huma Ilha pertencente ao Rei de Cochim, o Albuquerque mandou por mar a Duarte Pacheco atacar os paraos, e aos Capitães Nicoláo Coelho, Antonio de Campos, e Pedro de Ataide investir a infantaria em terra. Os paraos foraõ tomados huns, alguns mettidos a pique, os mais queimados.

Des-

Deſtino ſemelhante teve a trópa de ter- Era vulg.
ra, que forçadas as trincheiras, foi paſ-
ſada á eſpada, e morto na ſua téſta hum
Principe rebelde de Cochim, que a
mandava. Nós naõ nos ſatisfaziamos
ſem deſcarregar outro golpe pezado na
meſma Ilha de Repelim, aonde o Se-
nhor della tinha dous mil Nayres, que
com ar de valor viéraõ eſperar á praia
o noſſo deſembarque. O combate foi
bem de opiniaõ; mas os Nayres vol-
táraõ as cóſtas, e vendo o Principe
a rapidez, o furor com que os ſeguia-
mos, e os degollavamos, elle tratou
de fugir para naõ morrer. O fogo aca-
bou de conſummir quanto na Ilha ha-
via de eſpecioſo, a que a cobiça, e a
cólera tinhaõ perdoado.

Como Franciſco de Albuquerque entendeo a alegria do Rei bem ſervido huma porta franca para entrar em maio-res pretenções, valeo-ſe do nome del Rei D. Manoel para lhe propôr na ſua terra a fabrica de huma Fortaleza, que ſerviſſe de Armazem para as mercado-rias, de ſegurança para os Negociantes. Sem a menor dúvida ſe offereceo Tri-

Era vulg. mumpara para apreſtar tudo o neceſſario para a obra. Quando ſe lhe dava principio, Affonſo de Albuquerque lançava ferro em Cochim; e como creſcia o noſſo poder, huma multidaõ numeroſa ſem diſtinçaõ de qualidade, idade, nem emprego, entrou a trabalhar na Fortaleza, que fizemos chamar de Sant-Iago. Nella fundámos huma Igreja da invocaçaõ de S. Bartholomeo, aonde démos graças a Deos pelo reſtabelecimento do Rei Trimumpara: acçõeſ, em que parecia, que nós celebravamos hum triunfo dobrado, que mettia de poſſe a Roma, e Lisboa do eſpiritual, e temporal da Cidade de Cochim.

Os Albuquerques eſcolhêraõ, para próva do ſeu agradecimento aos obſequios recebidos do Rei Trimumpara, naõ ceſſarem na continuaçaõ de perſeguir com todas as forças aos ſeus inimigos. Com eſte intento paſſáraõ elles em peſſoa além da Ilha de Repelim para atacarem todos os lugares da juriſdiçaõ do ſeu Principe, que aſſoláraõ, fazendo huma grande preza nas rique-

zas

zas da terra, e de embarcações, que estavaõ nos pórtos. Aos clamores dos estragos acodio hum General na frente de seis mil Nayres, que lançando-se aos nossos occupados na pilhagem, houveraõ de retroceder para se embarcar. Aqui esteve Affonso de Albuquerque perdido, sem poder peleijar, nem retirar-se pelo muito que se havia adiantado a Francisco de Albuquerque; mas sobrevindo este, e vendo-o só, quando corria sobre elle grande multidaõ de contrarios; fazendo frente a todos, pode retirallo com honra. Era vulg.

Ainda que nós perdemos alguns homens, já tinhamos degollado dos inimigos setecentos, quando chegavaõ 33 paráos de Calecut, e reparamos em Duarte Pacheco Pereira, Commandante da nossa reta-guarda, que cahia entre os mórtos, se os Albuquerques o naõ soccorressem a tempo, que augmentando o estrago dos contrarios, abandonando huma parte da preza, e deixando-os fugir com ella, naõ lho arrancassem das mãos. O bravo Capitaõ, como se vio livre, os nossos batéis se-

Era vulg. guros para o embarque, quiz deſpedir-ſe de huma povoaçaõ, que lhe ficava na frente, queimando-a, paſſando á eſpada os que a defendiaõ, e voltando mais gentil, ſe embarcou com os companheiros. Como o Rei de Cochim moſtrava grande ſatisfaçaõ deſtes progreſſos, e a guerra pedia mais demóra, os Albuquerques determináraõ carregar a náo de Antonio de Campos, que mandáraõ adiante para informar a El-Rei da perda de Vicente Sodré, das vantagens de Cochim, e elle fez a jornada com felicidade taõ differente da primeira, que a deſaſeis de Julho deſte anno entrou em Lisboa.

Quando em Cochim ſe trabalhava com difficuldade em apreſtar as cargas para as outras náos, que haviaõ voltar ao Reino, a Rainha de Coulaõ a mandou offerecer, e com conſentimento do Rei de Cochim, Affonſo de Albuquerque partio a carregar as da ſua conſerva, e voltou para a meſma Cidade ſatisfeito das grandes honras, com que fora recebido em Coulaõ. Eſte acolhimento favoravel, que os noſ-

ſos

sos hiaõ experimentando nos Principes do Oriente, fez no Çamorim tanta impressaõ, que entrou em ponderações sérias. Elle se considerou em estado de naõ poder sustentar a guerra, em que os Mouros o embaraçáraõ; advertio os seus Estados meio arruinados; que se arriscava a perdellos, se aos Portuguezes crescesse o poder, e determinou mandar Embaixadores a Francisco de Albuquerque com propostas de paz, que naõ cessava de lhe sugerir o Principe Naubeadarim. Era vulg.

O Albuquerque acceitou a paz com estas condições: Que se suspenderiaõ as hostilidades por mar, e terra, e se abriría o Commercio entre as duas Nações: que a fazenda tomada na occasiaõ da mórte de Ayres Correa sería comutada na quantia de mil e quinhentos bahares de pimenta, que se nos entregariaõ na Cidade de Cananor: Que aos Mouros Commerciantes em Calecut por nenhum caso lhes sería permitido navegar para as cóstas da Arabia: que esta paz sería commua entre Portugal, Cochim, e Calecut. Concluida

desi-

Era vulg. deſte modo a paz, Franciſco de Albuquerque mandou a Duarte Pacheco a Cananor para receber a pimenta, que naõ ſó lhe foi entregue; mas ſe lhe offereceo carga para duas náos, que o meſmo Duarte Pacheco, e Nicoláo Coelho voltáraõ para a receber de ordem do Çamorim. Succedeo porém, que quando elle ſatisfazia ponctual as condiçõẽs da paz, a cobiça dos noſſos Capitães lhe déſſe motivos, que o meſmo Principe Naubeadarim noſſo inclinado naõ pode deixar de ter por juſtos para hum novo rompimento.

Hum navio mercante de Calecut navegava para Cranganor, e o encontra Diogo Fernandes Correa, que pelo proprio arbitrio o ataca, degolla a gente, e o leva a Cochim para ſe approveitar da ſua importante carga. Naubeadarim para que eſte attentado naõ foſſe cauſa da rotura, inſta, perſuade, róga a Franciſco de Albuquerque pela reſtituiçaõ do navio; mas ás ſuas perſuaçõẽs todos os noſſos ouvidos enſurdecêraõ. O Çamorim clamava como era poſſivel, que aquelles homens, que

tan-

tantas ſatisfaçõẽs tinhaõ tomado pelo que na ſua Corte ſe fizéra a Ayres Correa; elles agora no meio da paz cometteſſem o meſmo crime, de que ſe faziaõ Juizes? Eſta, e outras reflexões, a elle, e ao Principe os mette em cólera; rompem-ſe as idéas pacificas; naõ ſoa em Calecut mais que guerra, e contra Cochim, e os Portuguezes ſe redobraõ os apreſtos. Era vulg.

O afflicto Trimumpara, ſobre o qual tinha de deſcarregar de novo a tempeſtade; elle repreſenta aos Albuquerques, quanto a ſegunda ſituaçaõ, que eſpera, ſerá mais infeliz que a primeira; ſe partindo para o Reino com todas as náos, que tinhaõ promptas, o deixaſſem indefenſo com a falta dos noſſos ſoccorros. A eſta repreſentaçaõ Franciſco de Albuquerque naõ ſatisfez como devêra, e era obrigado a hum Rei amigo taõ fiel, que por noſſa cauſa tinha chegado ao extremo das calamidades. Elle o contentou com metter cincoenta homens de guarniçaõ na Fortaleza de Sant-Iago; com lhe deixar hum navio commandado por Duar-

te

Era vulg. te Pacheco Pereira, e duas caravellas; de que eraõ Capitães Pedro Rafael, e Diogo Pires; tres homens, que escolheo a Providencia para sustentarem a nossa reputaçaõ na Asia com acçõe, que parecem fabulas, taõ incriveis como elles.

Dispostas estas cousas, Affonso de Albuquerque partio para Portugal, aonde chegou no fim deste anno com as tripulações das náos em muito máo estado; mas cada huma dellas com hum thesouro. Francisco de Albuquerque, que sahio de Cochim mais tarde com as suas trez náos, elle, e Nicoláo Coelho se perdéraõ, sem se saber como, nem aonde, por naõ escapar quem o contasse. Pedro de Ataide foi dar a cósta; salvou-se com parte da gente nos destroços da náo; foi-se a Moçambique, aonde morreo, e os marinheiros passáraõ para Melinde a esperar monçaõ. Este naufragio, e genero de mórte de Francisco de Albuquerque se fizéraõ objectos das contemplações, naõ havendo alguma, que deixasse de os attribuir a hum castigo vindo do Ceo

pe-

pelo deſamparo, em que elle deixava hum alliado da primeira fidelidade, qual era Trimumpara, Rei de Cochim. Era vulg.

CAPITULO VI.

Das expedições de Antonio de Saldanha no mar de Arabia, outros ſucceſſos na Europa, e Africa, até a renovaçaõ da guerra de Cochim.

NÓS deixamos dito no Capitulo paſſado, que Antonio de Saldanha ſahíra de Lisboa depois dos Albuquerques com tres náos, e os Capitães Rodrigo Lourenço Ravaſco, e Diogo Fernandes Pereira. O ſeu deſtino era cruzar do Cabo de Guardafu até á bocca do Eſtreito do mar Roxo. Na altura de Cabo-Verde ſe deſgarrou logo da conſerva a náo de Diogo Fernandes, que depois de fazer algumas prezas na cóſta de Melinde, foi invernar á Ilha de Çacotorá, até entaõ incognita aos Europeos, donde paſſou á

In-

Era vulg. India em tempo do Governador Lopo Soares de Alvarenga. Antonio de Saldanha, por ignorancia do ſeu Piloto, foi dar á Ilha de S. Thomé ſituada debaixo do Equador, com ſeſſenta leguas de circunferencia: Ilha ainda hoje de Portugal, por ter ſido deſcobrimento dos Portuguezes. Á pouca diſtancia della, ſegunda tormenta apartou ao Capitaõ Ravaſco da companhia de Antonio de Saldanha, que cuidando ter paſſado o Cabo, por erro do meſmo Piloto, antes delle foi fazer agua a hum ſitio, que des de entaõ ficou chamado a *Aguada de Saldanha.*

O Capitaõ Ravaſco, que ſe adiantou, vinte dias eſperou ao ſeu Chéfe em Quiloa; mas vendo que naõ chegava, andou dous mezes pairando nos mares da Ilha de Zanzibar, aonde tomou vinte embarcações ao Senhor della, que era noſſo amigo. O eſtrondo deſtes inſultos, que ſoáraõ por todas aquellas Cóſtas até as da China, fez tanta impreſſaõ no Principe injuriado ſem cauſa, que mandou dizer a Ravaſ-

vaſco: Que elle ſe admirava, de que hum Capitaõ Portuguez aſſim violaſſe as Leis Santas, e depois de o roubar no mar, fizeſſe movimentos, que indicavaõ querer inveſtillo na ſua Ilha. Huma reſpoſta, naõ ſó áſpera, mas injurioſa, e louca, forçou o miſeravel Principe a armar alguns paráos, que entregou a ſeu filho para o defender. O Ravaſco fez fogo ſobre elles, metteo-os a pique, matou ao Principe, e ſeu Pai naõ tendo outro refugio, que o de ſe ſobmetter ás leis do vencedor; elle ſe fez tributario de Portugal com a quantia de cem miticaes de ouro cada anno, pagando logo o primeiro. Era vulg.

De Zanzibar partio Ravaſco para Melinde noſſa alliada, que achou em guerra com Mombaça. Elle a foi reforçar á viſta deſta Cidade, aonde tomou duas náos, e tres barcos da Cidade de Brava, cem leguas além de Melinde, que para evitar inſultos ſemelhantes aos de Zanzibar, ajuſtou pagar-nos cada anno 500 miticaes. Occupado neſtas façanhas encontrou Anto-

Era vulg. tonio de Saldanha ao Ravaſco. Elle vinha reforçado com tres náos, que aprezára: viſta, que atemoriſou ao Rei de Mombaça; porque ſe á de Ravaſco ſó nada reſiſtia, agora unida com mais quatro, ficaría deſpotica; e para naõ ſe expôr a maiores eſtragos, fez a paz com Melinde. Os dous Commandantes deſembaraçados deſta guerra, fazendo prezas da altura da Cidade de Mete além do Cabo de Guardafú, pelas Ilhas de Canacania, e Angediva, navegáraõ para a India.

Em quanto nella ſuccediaõ eſtas couſas, El-Rei D. Manoel ſentia em Portugal a perda de duas vidas, que lhe eraõ amaveis. A primeira foi a de ſeu ſobrinho o Condeſtavel D. Affonſo na flôr dos annos: Principe benemerito, que do ſeu matrimonio com D. Joanna, filha do primeiro Marquez de Villa Real, deixou unica a D. Briteſ, que veio a ſer mulher de ſeu primo D. Pedro de Menezes, Conde de Alcoutim, e filho herdeiro de D. Fernando, ſegundo Marquez de Villa Real. A ſegunda foi a de ſua Sogra a

Rai-

Rainha Catholica D. Iſabel, muitas vezes recommendavel ao noſſo Soberano, ſeja pela contemplar huma das Heroinas mais completas das idades precedentes; ſeja pela gratidaõ de tantos beneficios recebidos no eſtado de Principe particular, ou ſeja pelas relaçõeſ do parenteſco peſſoal, e pelas de Mãi de duas Rainhas ſuas eſpoſas. Eſta mórte houve de ſe callar á Rainha D. Maria, que eſtava nos dias do parto da Infante D. Brites, que veio a ſer mulher de Carlos, Duque de Saboia. Tambem neſte anno padeceo Portugal o flagello de hum grande terremoto, a que ſe ſeguíraõ outros muitos, que produzíraõ effeitos, que em eu dizer foraõ em tudo ſemelhantes aos que nós experimentámos no primeiro dia de Novembro de 1755, faço delles a narraçaõ mais bem circunſtanciada. Era vulg.

Os noſſos Fronteiros de Africa naõ tinhaõ ocioſas as armas, e com acçõeſ de eſtrondo naõ contribuiaõ menos á glória do Rei, que as da India á utilidade do Reino. Haviaõ os Mouros apre-

Era vulg. aprezado quatro caravellas noſſas, e levado ao porto de Larache, que he huma Villa fórte, ſituada ſobre as margens de hum rio fundo, cinco leguas diſtante de Arzila. O bravo D. Joaõ de Menezes naõ teve corage para ſoffrer callado eſta injúria, e de todo perdeo a paciencia, quando vio paſſar encoſtadas á ſua Praça huma galé Real, e cinco galeotas de Almandarim, Alcaide de Tetuaõ, que foraõ ſurgir em Larache. Mandou elle chamar a Garcia de Mélo, que com outras tres galés cruzava no Eſtreito; fez armar a toda a preſſa mais tres caravellas, e unido com aquelle Commandante, foraõ ſobre Larache no dia 24 de Julho.

Tinha a Praça de Larache na entrada do porto huma Fortaleza igualmente bem artelhada, e bem guarnecida, que principiou a deſparar ſobre as noſſas caravellas; mas em quanto huma coberta de ſaccos de terra recebia as ballas, as mais, e as galés foraõ paſſando, e deſembarcáraõ a gente em terra. Rendida a Fortaleza, e aber-

to

to o paſſo pelo meio de muitos Mou- Era vulg.
ros mórtos ao noſſo ferro, nós démos
fogo á galé Real, queimamos tres das
Portuguezas pelas naõ podermos tirar
do lugar aonde eſtavaõ; com a outra,
com as tres galeotas, e dous brigantins,
ſem mais perda, que a de hum ſolda-
do, D. Joaõ de Menezes ſahio do rio
com duas glórias, huma pelo triunfo,
outra pela preza. Deſpedindo a Gar-
cia de Mélo com as tres galeotas pa-
ra os lugares do ſeu regimento, elle
que viéra de Arzila com tres embarca-
çõẽs, entrou no ſeu porto com onze.
Os Mouros ſe aſſombráraõ com faça-
nha taõ fóra da ordem mais que vul-
gar, e alguns dos noſſos a notavaõ
de temeridade; mas eſtes prudentes
eſtimariaõ bem ſer os authores della.

A ſua noticia encheo de tanto pra-
zer ao Rei D. Manoel, como de conſ-
ternaçaõ aos Barbaros, que entráraõ a
recear houveſſe na Mauritania lugar ſe-
guro ás invasões de hum Chéfe taõ
attrevido. Elle, mais animado com os
altos elogios, e grandes mercês do ſeu
Soberano, determinou empenhar-ſe em

em-

Era vulg. emprezas de igual, ou maior reputaçaõ. Soube elle, que na ſerra de Farrobo, que fica cinco leguas além de Arzila, aonde eſtaõ duas Aldeas ricas, que ſaõ banhadas das aguas de hum rio invadeavel no Inverno; os Mouros fiados neſta ſegurança, paſtavaõ os ſeus gados entregues aos entretenimentos, para que convida a eſtaçaõ. Concebe D. Joaõ de Menezes o deſignio de dar ſobre elles, e com ſegredo profundo mandou nos quartos interiores de ſua caſa fabricar duas barcas. Acabadas ellas, eſpera huma das noites mais tenebroſas; ſahe da Praça com duzentos e vinte de cavallo; as barcas carregadas ſobre duas azemulas, e já longe della declara aos companheiros: Que elle vai caſtigar a confiança dos Aldeanos de Archana, e Aljubilia: que ſe entre elles ha alguns, que naõ queiraõ expôr-ſe a eſte perigo, ſe retirem; que elle marchará com eſſes poucos, que naõ temerem perder as vidas, aonde morrer o ſeu Chéfe. A eſta ordem ninguem retrocedeo; ſem contradicçaõ todos os eſpiritos a ſeguir os paſſos do

Va-

Varaõ heroico, que guardava na ſua ſabedoria, e valor os eſtimulos mais fórtes para picar com ſuavidade a obediencia, eſtimular a corage, fazer a todos valentes. Era vulg.

Chegáraõ os noſſos ao rio, que com as chuvas da noite corria mais rápido: circunſtancia, que obrigou D. Joaõ mandar a hum criado nadaſſe com a ponta de huma córda na bocca para a atar na margem oppoſta, e por ella ſe governarem os que conduziſſem as barcas. Nellas paſſáraõ com o maior ſilencio os homens, e os cavallos, que foraõ emboſcar-ſe na viſinhança das Aldeias. Com a luz do dia principiáraõ a apparecer os montes coroados de innumeraveis gados; os Mouros em grande cópia, huns guardando-os, outros divertindo-ſe, bem ignorantes do laço, que a noſſa induſtria lhes tinha armado. Quando a D. Joaõ lhe pareceo tempo, dividida a ſua gente em pequenos córpos, ataca aos deſprevenidos; degola a muitos; captiva ſeſſenta; derrama o terror nas Aldeias, e mais Póvos viſinhos; conduz á margem

Era vulg. do rio todo o gado, que o fez paſſar nadando, e os cavallos; os mais nas barcas, ſem que os Mouros cobraſſem calor para ſe lhe opporem; e quando em Arzilla reputavaõ a todos perdidos, vîraõ entrar pelas ſuas pórtas o meſmo número de Portuguezes, baſtantes captivos, gados ſem número.

Quando eſtas couſas ſuccediaõ em Africa, o eſpirito do Rei de Cochim eſtava rodeado de anguſtias com o temor das grandes forças, que o Çamorim apreſtava contra elle antes da partida dos Albuquerques; com o ſentimento do deſamparo, em que eſtes o deixáraõ; com a dôr, de que os ſeus melhores vaſſallos ſe lhe rebellavaõ; com o ſuſto, de que ſe dizia, que até Duarte Pacheco Pereira, pouco antes chegado de Cananor, e os poucos Portuguezes, que eſtavaõ em Cochim ás ſuas ordens, cuidavaõ no modo de ſe pôr em cobro para naõ ſerem victimas do furor do Çamorim. Eſtas idéas funebres capazes de fazer perder a preſença aos eſpiritos mais ſublimes, de tal ſórte tocáraõ ao Rei Trimumpara,

que

que elle teve por hum deſafogo ne- Era vulg.
ceſſario explicar-ſe fórte com Duarte Pacheco, ſem ſe embaraçar muito com o decóro da ſua Naçaõ, e peſſoa. Eu fecharei eſte Capitulo com a falla do Rei, e reſpoſta de Duarte Pacheco, para referir no ſeguinte os ſucceſſos da guerra.

O Rei de Cochim chamando ao ſemblante todo o pezo da Mageſtade, todo o ar de afflicto, aſſim falla áquelle Portuguez heroico, que parecia naõ conhecer outros ſentimentos além dos da honra: Eu neceſſito ſaber os voſſos deſignios; vós haveis pôr-me patentes os voſſos mais occultos penſamentos. Quanto eu tenho obrado pelos Portuguezes, quem o ignora? Agora naõ lembro as minhas finezas; reconheço os ſeus obſequios; naõ faço memoria dos meus eſtragos a ſeu reſpeito; ſó pretendo ſaber, ſe tambem vós zombais de mim. Se tendes de me deſamparar, fazei-o já, ainda que eu o ſinta. Se me haveis acompanhar nos trabalhos futuros, declarai-mo, para que me confórte. Se os Albuquerques vos

Era vulg. deixáraõ aqui em meu ſoccorro, ou para tratares os negocios do Rei D. Manoel, dizei-o abertamente, que eu tenho coraçaõ igual para agradecer o favor, e tolerar a injúria. Eu devo diſpô-me para eſte ſoffrimento: porque como hei de eu crêr, que aquelles Capitães queriaõ a minha firmeza no Throno, ſe tendo ás ſuas ordens tantas náos, tantos homens, tantas armas, deixáraõ em Cochim tres barcas, hum punhado de gente, tantas armas quantos braços? Pelo que a vós vos toca, dizei-me ſe em me vendo afflicto, tendes de vos refugiar em Coulaõ, ou Cananor? Pelo Deos, que adoras, te conjuro, que falles, digas, me reſpondas o que em ti ſentes com verdade.

Duarte Pacheco Pereira lutando com a cólera, e o reſpeito, eſte que lhe movia a Mageſtade, aquella que ſe atiçava na dúvida da ſua boa fé, aſſim lhe reſponde cheio de ſegurança: Eu, Senhor, naõ vos ſou reſponſavel ás maneiras de ſe conduzir, que os Albuquerques uſáraõ a voſſo reſpeito, ſegundo vós entendeis. Elles me deixá-

raõ

raõ aqui unicamente para defender-vos, e preſumíraõ, que eu com eſſes poucos homens, que tenho ás minhas ordens, baſtava para deitar hum freio á ſoberba do Rei de Calecut. Nós ſomos huma gente, que naõ contamos as victorias pelo número dos ſoldados com que combatemos; mas pela confiança nos auxilios do Deos Verdadeiro, que adoramos. Juro-vos por eſte Deos, e por Jeſu Chriſto ſeu Filho, que me remio, como em obſervancia da minha fidelidade para comvoſco, primeiro morrerei, do que hum inſtante me aparte do voſſo lado. Eſtai, Senhor, de bom animo; fazei-vos participante da noſſa eſperança; crêde á noſſa imitaçaõ nos esforços do Numen Supremo; que eu tenho nelle confiança, de que vós na voſſa defenſa vereis em cada Portuguez hum leaõ, e ſereis teſtemunha, de que nós levamos maniatado para Portugal a eſte Rei de Calecut voſſo inexoravel inimigo. Era vulg.

O tom firme com que ſe explicou Duarte Pacheco deixou ſatisfeito ao Rei Trimumpara, que animado pelas

eſ-

Era vulg. esperanças, mostrou-lhe revivêra o espirito. Como hum dos seus males maiores era a deserçaõ dos Officiaes, e soldados, que se lançavaõ no partido de Calecut; Duarte Pacheco lhe aconselhou mandasse publicar hum bando com pena de mórte irremissivel contra os seus vassallos de qualquer estado, e condiçaõ, que sahissem das terras de Cochim. Como o Rei o fez Inspector de expediente taõ importante; elle naõ cessava de persuadir aos seus vassallos a enormidade da trahiçaõ, de postar guardas fiéis em todas as passagens, e elle mesmo em pessoa guardava os rios, por onde os transitos eraõ mais faceis: terror, que por entaõ refreou os espiritos rebeldes para se mostrarem promptos a servir com fidelidade o seu Monarca.

CA-

CAPITULO VII.

Trata-se da segunda guerra de Calecut contra Cochim, e das façanhas memoraveis de Duarte Pacheco Pereira dignas de memoria eterna.

EU entro na narraçaõ das heroicas façanhas do grande Duarte Pacheco Pereira, merecedoras dos bronzes immortaes: façanhas, que se nas idades em que succedêraõ naõ tivessem tantas testemunhas da maior excepçaõ, e naõ viessem correndo até ás nossas, apoiadas sobre huma tradiçaõ constante, que se firma na authoridade dos Historiadores mais eminentes, dignos de toda a fé; nós as lêramos como huma Novella, como a historia dos doze Pares de França; como as aventuras dos Cavalleiros andantes: façanhas, que por sublimes, o escrupuloso Rei D. Manoel as honrou, naõ só recebendo em Portugal ao seu author com huma procissaõ solemne, em que o levou ao seu lado; mas mandando Era vulg.

dar

Era vulg. dar parte dellas pelos ſeus Miniſtros ao Papa, a todos os Principes da Europa, para que ſoubeſſem, que elle era Rei de tal vaſſallo: façanhas, que pozéraõ extactico a todo o Oriente; que enchêraõ de eſtrondo o Univerſo, e que coroáraõ de reputaçaõ brilhante o nome Luſitano: façanhas em fim; mas de hum Portuguez, que participante da glória dos Varões famoſos, quando os ſeus ſimulacros occupavaõ os melhores aſſentos no Templo da Honra, o Original delles perſeguido de invejoſos, perdida a graça do meſmo Principe, que o honrára; morando annos nos carceres; paſſando o reſto da vida em ſumma pobreza, ultimamente o Heróe, o Terror da Aſia, Duarte Pacheco Pereira veio a morrer em hum Hoſpital coberto de miſerias, comido dos bixos antes de morto, em fim, ſepultado por eſmóla.

Foi eſte homem natural da Villa de Santarém, filho de Joaõ Pacheco, e de D. Iſabel Pereira, que era filha de Martim Gonçalves Pereira, Senhor da Bempoſta, Panoyas, e Caſtro Vi-

cen-

cente. Logo na mocidade deo indicios do eſpirito ſublime, que nunca o deſamparou. Com o grande Albuquerque paſſou á India por Capitaõ de huma náo, como fica dito, e nella obrou as gentilezas, que já vamos a vêr. Voltando para o Reino na Armada de Lopo Soares, o Rei que lhe deo o lado debaixo do Pallio, continuou a honralo, e em 1509 o mandou atacar ao famoſo corſario Mondragon, que a 16 de Janeiro encontrou no Cabo de Finis-Terræ, e o fez priſioneiro com tres náos depois de lhe meter huma a pique. Elle o nomeou Governador do Caſtello de S. Jorge da Mina, que foi a origem da ſua infelicidade pela calúmnia dos ſeus inimigos, que o culpáraõ de omiſſo na arrecadaçaõ da Fazenda Real, e de eſcandaloſamente avarento em promover os intereſſes da ſua. Elle foi caſado com D. Antonia de Albuquerque, filha de Jorge Garcez, Secretario del Rei D. Manoel, e de D. Iſabel de Albuquerque, filha de Duarte Galvaõ, Alcaide Mór de Leiria. Teve filhos a Joaõ Fernandes Pacheco, Commenda- Era vulg.

dor

Era vulg. dor do Banho; a Jeronymo Pacheco, que morreo em hum combate de Tangere, e a D. Maria de Albuquerque, que casou com Joaõ da Silva, Alcaide Mór, e Commendador de Soure.

Este he Duarte Pacheco Pereira, que nós vamos a vêr na ténda de 150 Portuguezes, em que dividio o seu espirito, fazer frente ao maior Potentado da India; vencêllo em continuadas batalhas; derrotar Exercitos numerosos; sobmergir Armadas formidaveis; abismar máquinas monstruosas: salvar a hum Rei afflicto, e fazer immortal o nome Portuguez na Asia. Nós o deixámos entretido em impedir a deserçaõ dos vassallos de Cochim, e querendo animar mais ao seu Rei, como o espirito se lhe nauseava com a tardança do de Calecut; elle começou a fazer entradas pelas terras de Repelim, a queimar povoações, a metter outras em contribuiçaõ para o Çamorim com este estrondo despertar do seu lethargo. Elle se deo por picado desta ousadia, e com hum exercito de cincoenta mil homens, grande quantidade de navios,

que

que cobriaõ os mares, veio reſoluto Era vulg.
a forçar os paſſos para entrar em Cochim. Tendo por perigoſo fazer a entrada pelos da primeira invaſaõ, buſcou o da Ilha de Cambalaõ, mais ao Oriente de Cochim, que era de hum vaſſallo rebelde deſte Rei.

Duarte Pacheco com eſte aviſo ſe poz prompto para marchar a defendello. Nomeou para Capitaõ da ſua náo com 25 homens a Diogo Pereira: guarneceo a caravella de Pedro Rafael com 26 homens: em quanto a outra caravella ſe concertava, levou dous batéis, hum em que elle hia com 22 ſoldados, no outro Diogo Pires com 23. Deixou a Fortaleza a cargo do Capitaõ Diogo Fernandes Correa com 39 homens. Com eſte apparatoſo Exercito de 71 Portuguezes ſe apreſentou na praia o noſſo Chéfe para ſe deſpedir do Rei Trimumpara, que o eſperava nella, e á ſua viſta tornou a perder a corage. Duarte Pacheco o anima, e aſſegura, que os ſeus ſoldados como marchavaõ para a guerra tendo feito os actos de Chriſtãos na expiaçaõ das

cul-

Era vulg. culpas ; que elle leva huma certeza conſtante da victoria. O Rei, que naõ tinha mais de cinco mil homens, entregou 500 ás noſſas ordens, mandados pelos Capitães Candagora, e Trangora, que com elles embarcáraõ na noſſa caravella, batéis, e navios da terra.

Chegados á Ilha de Cambalaõ, ao romper o dia emproámos em terra para nos inſtruirmos do que nella ſe paſſava. Ainda que o Rei de Calecut naõ era chegado, 800 dos ſeus Nayres intentáraõ impedir-nos o deſembarque; mas fulminados pela artelharia, pozemos pé em terra; ſeguimo-los, e matamos alguns até huma povoaçaõ viſinha, que abrazámos. Aqui tomámos muitas vaccas, que o Chéfe diſtribuio pelos ſoldados com grande ſentimento dos Nayres de Cochim, que ſe queixáraõ, tomando por deſprezo da ſua Seita, que os noſſos mataſſem, e comeſſem a carne das vaccas; mas os noſſos ſem fazerem caſo das repreſentações, continuáraõ a uſar da iguaria. Depreſſa perdêraõ os Nayres eſte ſenti-

ti-

timento, quando viraõ chegar o Çamorim acompanhado do Rei de Tanor com 40000 homens; do de Bipur com 12000; do de Cotagom com 18000; e do de Curiga com 30000, aos quaes escoltava o Rei de Calecut no centro de 200000 dos seus soldados. Redobrou-se o seu terror, quando voltando cáras ao mar descobríraõ 160 navios de remo, em que entravaõ 76 paráos: espectaculo horroroso em mar, e terra, que fez decahir todos os espiritos, que naõ eraõ Portuguezes. Doze mil combatentes trazia esta Armada, e a nós haviaõ-nos chegado outros 500 Nayres de Cochim com Lourenço Moreno, e quatro espingardeiros nossos. Era vulg.

Duarte Pacheco com gróssas cadeias de ferro mandou dar cabo de humas a outras embarcações, de sórte que ficassem muito bem liadas, tomando toda a bocca do porto. O Principe Naubeadarim, que mandava a Armada, rompeo a toda a voga para nos atacar ao estrondo de muitos instrumentos bellicos, que bastou para pôr em fugi-

da

Era vulg. da a todos os de Cochim, que tinhamos em terra, e os embarcados comnoſco fariaõ o meſmo ſe podeſſem. Duarte Pacheco recebeo os inimigos com hum diluvio de fogo, que desbaratou os primeiros paraos. Entaõ avançáraõ elles 40, que traziaõ de jangada por conſelho de dous bombardeiros Italianos noſſos deſertores, e com alguma artelharia, que nos incommodava. Tanto que o fumo deo lugar a vêrmos eſta invectiva, o Chéſe mandou deſparar ſobre ella hum groſſo canhaõ com exito taõ feliz, que desfez a jangada, derrotou, e metteo a fundo quatro paráos.

Havia muitas horas, que durava o combate, em que nós, ſem a perda de huma ſó vida, tinhamos matado 1ↀ300 contrarios, arruinado muitas das ſuas embarcações, e com as forças laſſas os noſſos eſpiritos ſe conſervavaõ taõ inteiros, que nos arrojamos a mais intoleraveis trabalhos. Picados das ſuas perdas, ou envergonhados da reſiſtencia de poucos homens a tanto poder, ſe avançaõ ao meſmo tempo con-

contra nós o Çamorim pelo paſſo da terra, e o Senhor de Repelim com a Eſquadra. Neſte lance muitas vezes nos vimos perdidos, o combate horrendo, os ſoccorros do Ceo quaſi viſiveis. O rio corria ſangue, naõ ſe ouviaõ mais que gemidos dos agoniſantes, ais dos feridos, os Portuguezes tanto mais bravos, que a Armada foge, e o Rei de Calecut ſe retira. Faz-ſe incrivel, que em huma batalha de tantas horas, rodeados de tantos perigos, chovendo as ballas, e armas de arremeço ſobre os noſſos, naõ morreſſe hum ſó delles. Aſſim o dizem todos, e nós o cremos; porque elles mereceriaõ ter quem lhes fizeſſe do alto ſombra ás cabeças neſte dia da guerra. Era vulg.

Os Capitães de Cochim, que naõ podiaõ capacitar-ſe da victoria conſeguida ſobre multidaõ ſemelhante, eſtavaõ paſmados, olhando para cada Portuguez como para hum dos pedaços dos ſeus Deoſes. O Rei Trimumpára mandou pelo Principe ſucceſſor congratular-ſe com Duarte Pacheco, pondo-lhe na bocca palavras, que ſó

in-

Era vulg. indicaſſem a ſua alegria iſſeparavel da ſua admiraçaõ. Aquelle Cabo, menos attento a receber cumprimentos, que a moſtrar-ſe incançavel por crédito da Naçaõ, e da peſſoa; no dia ſeguinte ao do triunfo, ſaltou na Ilha de Cambalaõ, e queimou hum Povo: no outro foi eſperar a caravella, que vinha concertada de Cochim, e a entregou a Diogo Pires, dando o ſeu batel a Chriſtovaõ Juſarte; e em quanto o Çamorim naõ tornava a deixar-ſe vêr, elle com ſumma celeridade, e prudente conſelho, naõ ceſſava nas hoſtilidades ſobre tudo, quanto naquelles contornos podia ſer de proveito aos contrarios.

Aquelle Principe, agora injuriado mais colérico, quizéra naõ demorar inſtantes o caſtigo dos noſſos attrevimentos: mas aconſelhado pelos Bramanes, que ſe ſuſpendeſſe alguns dias, até que elles lhe marcaſſem hum, em que a ſua victoria, e o noſſo eſtrago ſeriaõ infalliveis, elle abraçou o conſelho. Era eſte dia o da Paſcoa, que elles reputavaõ pelo da noſſa mais re-

ma-

matada ſuperſtiçaõ, e nelle ſe deſco- Era vulg.
brio nova Armada de Calecut mais formidavel, compoſta de 280 embarcações entre grandes, e pequenas, com muitos tiros de artelharia fundida pelos dous deſertores Italianos, e 15000 homens de guarniçaõ. Com a idéa de nos repartir as forças, que naõ ſoffriaõ diviſaõ, ſe deſtacáraõ 70 paráos para irem inveſtir a náo, que nós deixámos de guarda de Cochim, e no rio de Repelim entrou o reſto da Armada. O Rei Trimumpara conſternado com eſta invaſaõ, deo parte a Duarte Pacheco, que tambem ſe affligio pelo perigo, em que deixaya o paſſo, ſe lhe tiraſſe alguma parte da defenſa.

Mas o ſeu animo a tudo ſuperior, naõ teve ſoffrimento para deixar de ir com huma caravella, e huma lancha em ſoccorro da náo, que achou em grande aperto. Baſtou a ſua viſta para os inimigos ſe porem em fugida, e buſcarem o groſſo da Armada em Repelim. O noſſo Chéfe naõ os quiz ſeguir, naõ entrou na náo, e com a meſma préſſa voltou ao paſſo de Cam-

Era vulg. balaõ, aonde o combate eſtava ardente, os noſſos quaſi ſem corage, algumas das barcas desbaratadas até ao lume da agua, os inimigos inſultandonos com vozes de affronta. Recobraõ-ſe os eſpiritos com a chegada do que era alma de todos, que lançando-ſe com o impeto do raio aos que já ſe acclamavaõ vencedores, muitos perdem as vidas, todos deſampáraõ o campo, ardem, e vaõ ao fundo dezanove paráos. Divina chamáraõ os noſſos a eſta victoria pelos ſoccorros do dia, em que ſentiaõ as ballas, e outras armas dar-lhe os golpes nos córpos, aonde faziaõ menos impreſſaõ, que na reſiſtencia de huma penha, ſem que tiraſſem a vida, ou maltrataſſem a algum delles.

Já o Çamorim deſconfiava da guerra; mas a perda da reputaçaõ o eſtimulou a tentar outro combate. Ao romper do dia nós vimos, que os Exercitos de mar, e terra ſe moviaõ; e o noſſo Chéfe, que os obſervava, deo ordem para eſtar tudo em ſocego em quanto a ſua voz naõ foſſe ouvida. Os

ini-

inimigos que eſtavaõ quaſi a tiro de lança, e nos notavaõ immoveis, entendêraõ a indúſtria covardia, acclamáraõ a victoria, e ſe lançáraõ a nós com corage deſmedida. Entaõ mandou o Chéfe, que todas as noſſas embarcações déſſem huma carga geral para mar, e terra com tal terror, e mortandade, que a Armada virou de bórdo, e o Exercito ſuſpendeo o avance. Mal obſervadas as ordens, o Çamorim mettido em furor, elle ſe queixa da frouxidaõ, com çue o Senhor de Repelim conduz a Armada, e ordena ao Principe Naubeadarim lhe tire o Commandamento, e remedeie os erros. Os Portuguezes o recebem com a meſma cortezia, e obrando milagres de valor, o põe em fugida com 600 homens, e vinte paráos de menos. O Çamorim deſeſperado de naõ poder forçar o paſſo, mandou tirar a artelharia de hum fórte, que fizéra para ſua defenſa, levalla ao acampamento; mas Duarte Pacheco livre deſte padraſto, perſeguindo-o, e fazendo fogo, ſaltou em terra, aonde queimou dous grandes Era vulg.

Era vulg. lugares, e já ſobre a tarde voltou ao váo para ſe congratular com os amigos de victoria taõ prodigioſa, ainda viſta, nem para imaginada.

Como eſtas vantagens hiaõ mudando a face dos noſſos negocios, os principaes rebeldes de Cochim, que eſtavaõ no ſerviço de Calecut, ſe retiravaõ para as Ilhas neutraes, donde podeſſem negociar o perdaõ do ſeu Soberano. De tudo o Çamorim fazia preſagios funeſtos da ſua ruina, para o que naõ negava o concurſo o Principe Naubeadarim; mas as inſtancias dos Mouros, e de outros intereſſados na guerra, lhe repreſentáraõ a perda da reputaçaõ taõ feia, que o Çamorim ſe determina a vencer, ou morrer na empreza. Em novos conſelhos ſe deliberou, que viſta a difficuldade de forçar o paſſo de Cambalaõ, o Rei poſtaſſe o exercito nas terras de Porcá, e com todo o ſegredo, que Duarte Pacheco o naõ preveniſſe, ſe fizeſſe a invaſaõ mais a cima nos váos de Palurt, e Palinbar, que eraõ baixos, nas margens com muito lodo, aonde as noſſas embarca-

cações naõ teriaõ o movimento ne- Era vulg.
ceſſario para fazerem a defenſa vigo-
roſa. Os exitos deſte novo projecto
ſeráõ a materia do Capitulo ſeguinte.

CAPITULO VIII.

Continuaçaõ das victorias prodigioſas de Duarte Pacheco Pereira.

A VARIEDADE dos theatros da guer-
ra naõ faz mudança no eſpirito do Va-
raõ fórte. Duarte Pacheco, perceben-
do nos movimentos do Rei de Calecut,
que elle intentava invadir a Cochim por
outra parte, ſe preparou para o ſeguir.
Aviſado de que o campo levantava;
mas que 500 homens de Calecut an-
davaõ na Ilha de Darravil cortando,
e queimando arvores: manobra, que
aquelles Barbaros tinhaõ por preſagio
de victoria infallivel; Duarte Pacheco
foi ſobre elles com a ſua gente, e
200 Nayres de Cochim, divididos em
dous Eſquadrões mandados por elle,
e pelo Capitaõ Pedro Rafael. Nós os

ata-

Era vulg. atacamos com tanta viveza, que naõ obſtante a mais dura reſiſtencia, matamos a maior parte, e fizemos 50 priſioneiros, que enviamos ao Rei de Cochim. Com eſte bom principio nos levamos do paſſo de Cambalaõ, e fomos acima meia legua ao de Palurt, donde naõ podiaõ paſſar as caravellas em razaõ dos baixos. Aqui as deixamos com o ſignal do tempo, em que nos haviaõ ſoccorrer nas lanchas, e com os batéis ligeiros fomos lançar ferro no váo de Palinhar.

O dia deſtinado para o ataque de ambos os paſſos era o primeiro de Maio, em que apparecêraõ os inimigos, que nos acháraõ reforçados com 600 homens, que mandava o Principe de Cochim. O de Calecut Naubeadarim fazia a vã-guarda com quinze mil homens para invadir hum dos paſſos, e o de Repelim navegava com 250 embarcações para forçar o de Palurt, que defendiaõ as caravellas. O noſſo Chéfe, vendo todo eſte apparato ao longe, fazendo as diſpoſições do mais aguerrido Capitaõ para o receber, en-

ten-

tendeo devia fallar aſſim aos ſeus ſol- Era vulg.
dados : Valentes camaradas , compa-
nheiros fieis nos perigos , nós ſomos
chegados a hum dia dos de maior tra-
balho ; mas o mais formoſo ſe vós con-
ſervardes conſtante o voſſo valor. Eu
ſei , que fallo com homens , que nada
temem ; naõ vos anímo ; mas lem-
bro-vos , que em quanto durar o com-
bate fixeis no Ceo os corações , para
que do alto vos venhaõ os auxilios.
Todos reſpondem a huma voz , que
eſtaõ promptos a dar as vidas pela cau-
ſa do ſeu Deos , que defendem ; que
toda a glória des de já ſeja ſua , elles
os inſtrumentos.

Com a preſença do Sol começa horrendo o combate ; perturba-ſe o ar com o fumo , outra vez parece noite ; a terra treme ao eſtrondo de innu-meraveis canhões , ella como que ſe aſſuſta. Os noſſos Capitães em hum , e em outro váo , já atacando a Armada , já o Exercito , a todo o trabalho incan-çaveis , ſe fazem objectos da invéja uni-verſal de amigos , e contrarios. Deſpe-daçados os primeiros paráos , o Senhor

de

Era vulg. de Repelim os ſubſtitue com outros de refreſco, que em tal multidaõ naõ ſe ſente falta. Continúa eſpantoſa a batalha ſem indicios da parte, a que ſe inclinará a victoria; taõ viſinhos huns, e outros contrários, que já laboraõ as armas de arremeço, as lanças, e as ſéttas. Como o Çamorim eſtava vendo de terra eſte combate, o ſeu General ſe naõ embaraçava com a grande mortandade da ſua gente, ſatisfeito por nos vêr no maior aperto. Era elle extremo neſte paſſo de Palurt, quando o Capitaõ Candagora aviſa ao noſſo Chéfe, como Naubeadarim ſe arrojava com a ſua geote a paſſar o váo de Palinhar. Como ainda a maré o defendia, Duarte Pacheco ſe deteve mais hum pouco na defenſa de Palurt, até mudar a face ao conflicto.

Quando lhe pareceo tempo, elle marcha veloz a Palinhar, e faz ao Principe com tanto poder, huma reſiſtencia taõ fóra de toda a ordem vulgar, que Naubeadarim aſſenta, que em ſemelhante empenho vencer, ou morrer naõ tem meio. Eſta idéa converteo o com-

combate em deſeſperaçaõ; mas nadando os cadaveres no rio; elle tinto em ſangue; a Eſquadra já em derrota, e recebendo o Principe hum recado do Çamorim, que lhe mandava dizer furioſo, que naõ ſabia qual era mais covarde, ſe elle, ou o Senhor de Repelim: tanta injúria junta apenas lhe deixou acordo para a fugida. A perda dos inimigos em gente, e navios foi mui conſideravel, e nós a troco de poucos feridos ganhamos huma glorioſa victoria. Como o Ceo parece que ſoccorria ao noſſo esforço, e á felicidade das armas de Cochim, mandou ſobre o campo de Calecut huma peſtilencia, que o diminuio mais que a guerra. Duarte Pacheco ſe approveitou deſta conjuntura para reparar as ſuas embarcações, fornecer-ſe de armas, fazer levas, e reforçar as paliçadas, que defendiaõ a entrada dos váos. Elle mandou ſemear de eſtrepes, de pontas agudas, de páos toſtados a meſma entrada; mas como o lodo era muito molle os levou ao fundo, e foraõ poucas as vantagens, que tiramos deſta induſtria. Era vulg.

Era vulg. O Çamorim, porque todos os recursos lhe faltavaõ, consultou os seus Bramanes, que lhe indicáraõ os motivos da infelicidade das armas; e conformando-se com quantas patranhas elles lhe quizeraõ introduzir, estimou a observancia dellas por huma certeza constante dos seus triunfos imaginarios. Elle deo novas ordens para passar o váo em pessoa, e fez marchar na téfta do Exercito com cáras a Palinhar 30000 homens com 30 peças, que haviaõ fulminar os nossos bateis. Cobria depois a vã-guarda composta de 12000 homens o Principe Naubeadarim: O Senhor de Repelim commandava o corpo de batalha, que se formava de igual número de gente: O Çamorim marchava na reta-guarda com 15000 homens. Nós nos haviamos defender com os dous bateis de Pacheco, e Jusarte, que guarneciaõ 40 Portuguezes; com algumas das lanchas de Cochim, e na paliçada opposta ao váo com 600 dos seus Nayres, que naõ estando presente o proprio Principe, a abandonáraõ no principio do ataque, e hum Brama-

ne

ne infiel, que foi encarregado de ir Era vulg.
aviſar ao Rei Trimumpara, para que
vieſſe acodir a hum porto de tanta im-
portancia, elle o naõ fez ſenaõ depois
da victoria.

Plantado eſte grande Exercito no roſto do váo de Palinhar, mandou o Rei que laboraſſe a artelharia para deſalojar a Duarte Pacheco do ſeu poſto; mas o ſucceſſo foi tanto pelo contrario, que o ſeu fogo mais bem ſervido obrigou os 30000 artilheiros a ſalvarem as vidas em hum boſque eſpeſſo. Entaõ ſe avançou Naubeadarim ao váo; ſeguio-o o de Repelim, e o Rei de Calecut na reta-guarda de ambos. Como a maré deſcia muito, e o batel de Pacheco naõ podia mover-ſe com a agilidade neceſſaria, elle paſſou para o de Juſarte, e lhe entregou o ſeu. A preſença do Rei, e dos dous Chéfes animou os de Calecut para combaterem como féras; mas porque ſe lançavaõ furioſos a ganhar a margem oppoſta do váo, cahiaõ huns ſobre os outros, e ſe uniaõ muito, o noſſo fogo fazia nelles hum eſtrago eſpantoſo.

Já

Era vulg. Já os alaridos, e o temor naõ deixavaõ ouvir as ordens do Rei para a obſervancia. Duarte Pacheco, que pelas inſignias Reaes o conheceo, mandou deſparar ſobre elle hum canhaõ, que depois de lhe matar dous Nayres ſeus validos, a balla lhe cahio aos pés. Eſte anuncio taõ oppoſto ao agouro feliz dos ſeus Bramanes, o obrigou a retirar-ſe, e deixar aos ſeus Capitães o cuidado da empreza.

Eſte ſucceſſo metteo tanto em cólera a Naubeadarim, e a Repelim, que com a eſpada na maõ forçavaõ a avançar-ſe os que ſe retiravaõ, para que zombando da mortandade, que viaõ, chegaſſem a forçar as paliçadas da contramargem. Em fim a obſtinaçaõ, e a teima com deſpreſo dos perigos, conſeguíraõ que os Barbaros pozeſſem pé em terra para ſe avançarem ás paliçadas, que os Nayres de Cochim deſamparáraõ. Todos os Portuguezes aqui ſe tiveraõ por perdidos, e Duarte Pacheco naõ pode conter-ſe, ſem que a vozes altas com lágrimas ternas imploraſſe muitas vezes o ſoccorro do Redem-

demptor. Para naõ faltar até a ultima extremidade a cumprimento algum dos ſeus deveres, elle emprôa a terra, e ſe lança aos inimigos com a furia do leaõ, quando lhe vai eſcapando a preza. A eſte tempo entra a ſobir a maré com rapidez; recobraõ animo os noſſos; pódem navegar livremente os bateis, e já unido Pacheco com Juſarte, vaõ levando os inimigos em derrota, a tempo que Pedro Rafael fazia fogo para terra ſobre o Rei de Calecut, que ficou ſalpicado do ſangue de tres Fidalgos, que ao ſeu lado lhe matou huma balla: Incidente, que obrigando-o a fugir para hum boſque, acabou de declarar a noſſo favor a victoria. Era vulg:

Mais de nove horas durou eſte temeroſo conflicto, em que o Rei de Calecut perdeo gente dobrada ao dos outros. Deos, para moſtrar, que elle era o Author dos triunfos, naõ quiz que morreſſe algum dos noſſos, e Duarte Pacheco com os Portuguezes, que aſſim o conheciaõ, leváraõ boa parte da noite em lhe dar graças. No fim da batalha appareceo no paſſo o Prin-

ci-

Esa vulg. cipe de Cochim ignorante de todo o ſucceſſo. Duarte Pacheco picado da fugida dos Nayres, e da perfidia do Bramane, naõ quizéra vello; mas o Principe ſe juſtificou de modo, que elle ſe moſtrou ſatisfeito, e foi para bórdo das caravellas no paſſo de Palurt, aonde veio o Rei de Cochim occupado de novos aſſombros a reconhecello por libertador do ſeu Reino.

Sentido o Senhor de Repelim, de que todos os esforços empregados contra os Portuguezes foſſem inuteis, naõ duvidou arbitrar expedientes infames para a ſua deſtruiçaõ. Elle aconſelhou ao Çamorim compraſſe alguns dos homens mais rebeldes de Cochim, que deitaſſem veneno nas fontes, e no paõ de muniçaõ, que ſe lhes dava, e donde bebiaõ. Foi informado Duarte Pacheco da execuçaõ deſte projecto, que atalhou, mandando abrir poços na praia, e naõ conſentindo ſe acceitaſſe o paõ, ſem que á ſua viſta os Aſſentiſtas o comeſſem primeiro. Como naõ aproveitou a traça, tornou-ſe á força; mas em quanto o Çamorim fazia os

maio-

maiores apreſtos para uſar della, em Era vulg.
caſtigo da primeira o ſeu Reino era infeſtado de huma peſte devorante, que levou muitas vidas. O eſtrondo daquelles apreſtos baſtaria para perturbar outro animo, que naõ foſſe o de Duarte Pacheco, que ſem a menor perturbaçaõ de eſpirito foi cuidando nos meios de fazer huma vigoroſa defenſa.

Quando chegou o tempo premeditado para a invaſaõ, que havia pôr termo aos cinco mezes deſta taõ deſigual, quanto porfiada guerra; foi deſtinado hum grande número de homens, que mandava Repelim, para aplainarem os caminhos, cortarem os arvoredos, e levantarem trincheiras de diſtancia, donde podeſſe laborar a ſua artelharia, ſem receber da noſſa tanto damno. Depois marchava o Rei na frente de trinta mil homens coberta com muitas peças de campanha. No mar ſe levantáraõ novas, e exquiſitas máquinas por induſtria de Repelim, e dos Mouros. Precediaõ-lhes 110 paráos bem guarnecidos, alguns delles ligados com groſſas cadeias: na ſua reta-

guar-

Era vulg. guarda vinhaõ cem barcas mui compridas com tripulaçaõ numeroſa : aos lados muitos brulotes carregados de materias combuſtiveis , traziaõ o deſtino de ſe lançarem ardendo ſobre as noſſas embarcações : em cima de dezaſſeis paráos liados cada dous , appareciaõ levantados oito caſtellos , que os tomavaõ de poppa a prôa , com 18 palmos de alto , firmados em groſſas vigas capazes de reſiſtir ás ballas , e guarnecidos da melhor gente : máquinas , em que o Çamorim trazia fundada toda a eſperança de vencer ; porque ao fogo de 40 homens de cada hum deſtes caſtellos eminente ao noſſo , lhe pareceo , que nada poderia reſiſtir.

Duarte Pacheco , que de tudo eſtava informado , mandou fazer huma grande jangada , que firmou ſobre ſeis ancoras , para deter o impulſo dos brulotes antes de chegarem ás caravellas , e alli ſe conſumirem , como com effeito ſuccedeo ſem damno noſſo. Ordenou nas amuradas das meſmas caravellas outra máquina do feitio , e altura dos caſtellos , e ſobre o palanque de ca-

da

cada huma dellas pôz a gente, que lhe pareceo neceſſaria para a defenſa. Elle, e os mais Capitães nos ſeus bateis reſpectivos, e nos ſeus os ſoldados de Cochim, ſe pozéraõ firmes a eſperar eſta invaſaõ taõ decantada. O Rei de Calecut ao apontar o dia rompeo por terra a marcha, que nos indicáraõ os inſtrumentos bellicos, e a vozeria dos Barbaros, que já vinhaõ entoando o triunfo. O noſſo Chéfe ſe reſolveo a eſperar a vã-guarda na ponta da Ilha de Darraul, aonde ſaltou, e teve huma diſputada eſcaramuça. Picou-ſe aquelle Soberano deſte atrevimento, e fez avançar o groſſo dos eſquadrões, que obrigou os Portuguezes a embarcarem. Era vulg.

Com a deſcida da maré todo o apparato naval ſe moveo contra elles. Os brulotes já acceſos foi o primeiro horroſo eſpectaculo, que vinha cahindo ſobre as noſſas caravellas; mas encontrando-ſe com o padraſto da jangada, em pouco tempo ſe reduzio a fumo tanto fogo. Começou logo geral o conflicto com terror dos homens, e

Era vulg. dos Elementos. Os caſtellos, que levavaõ as attenções, e conſeguiaõ ventagens conhecidas, chamáraõ o noſſo Chéfe a bórdo das caravellas para mandar deſparar contra elles a artelharia mais groſſa. Vendo, que as ballas naõ lhe faziaõ impreſſaõ, o anímo ſe lhe perturba, naõ o perde, antes levantando as mãos, e os olhos ao Ceo com viva fé, diz a altas vozes: Grande Deos das miſericordias, ſei que ſaõ grandes os meus crimes; eu mereço delles o caſtigo; mas vós, Senhor, guardai-o para outra occaſiaõ, e ſoccorrei-me neſta, em que arriſco a vida pela glória do voſſo Nome.

Que eſta oraçaõ foſſe ouvida, os effeitos o moſtráraõ. Como ſe ella imprimiſſe nas ballas nova força, deſpedaçaõ dous caſtellos, os mais ſe retiraõ, vaõ muitos paráos ao fundo, tinge-ſe de purpura o rio, os inimigos nos jogaõ de longe armas de arremeço ſem número, os noſſos naõ perdem tiro. Quando em Palurt lograváo os noſſos eſtas vantagens, o Çamorim com o Exercito de terra inveſtia o váo de

Pa-

Palinhar para lhe ganhar a margem op- Era vulg.
posta, que o Principe de Cochim estava determinado a defender valeroso com mil dos seus soldados escolhidos. Elle de terra, e nos bateis os Capitães Christovaõ Jusarte, Simaõ de Andrade, e nas lanchas de Cochim Lourenço Moreno, defendêraõ com tanta gentileza o passo, que ao Çamorim renováraõ a confusaõ, e a perda, que ambas foraõ como elle nunca experimentára. Depois de vespera encheo a maré, e ficando impracticaveis os váos, os Exercitos de mar, e terra se retiráraõ confusos, os nossos foraõ celebrar a sua victoria na companhia do Rei Trimumpara, que os esperava com muitos refrescos para alivio de tantas horas de fadiga.

Foi este encontro o fim da guerra de Calecut, em que Duarte Pacheco cumprio exactamente quanto promettêra ao Rei de Cochim, menos a prisaõ do Çamorim, de que o bravo Chéfe dizia que escapára, por andar sempre na reta-guarda do Exercito. Ainda que os Mouros, e os Bramanes o inf-

Era vulg. tavaõ pela continuaçaõ da guerra, e fez alguns movimentos ſobre os Portuguezes, que aſſim o davaõ a entender: elle eſtava taõ coberto de pejo, e confuſaõ, que quantos movimentos ſe lhe agitavaõ, eraõ em tudo differentes. Qual foſſe a reſoluçaõ deſte Principe, depois que conſiderou eſgotadas as ſuas rendas; interrupto o Commercio com as Naçõeſ, diminuidos os ſeus vaſſallos, huns pelas deſerçõeſ, outros á ponta da eſpada; as ſuas melhores Cidades deſpovoadas; os campos ſem cultura; a corage dos Portuguezes, e a felicidade contínua das ſuas armas; nós a veremos no principio do Livro ſeguinte.

LIVRO XXXVI.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Da Armada que El-Rei D. Manoel mandou eſte anno á India, e do mais que ſuccedeo depois da derrota do Çamorim de Calecut.

EM quanto durava a guerra, que acabei de referir, El-Rei D. Manoel, informado pelo Almirante D. Vaſco da Gama do Eſtado da India, aonde deviamos ſuſtentar a reputaçaõ das armas, e o credito da Naçaõ com maiores forças, ordenou mandar a ella huma Armada de treze náos todas grandes, com mil e duzentos homens da gente mais qualificada, luzida, e valeroſa do Reino. Para ſeu Commandante nomeou a Lopo Soares de Alvarenga, filho do Chanceller Mór, Rui Go-

Era vulg.

Era vulg. Gomes de Alvarenga, e por Capitães das náos a Leonel Coutinho, a Pedro de Mendoça, a Lopo Mendes de Vasconcellos, a Manoel Teles Barreto, a Pedro Affonso de Aguiar, a Affonso Lopès da Costa, a Filippe de Castro, a Tristaõ da Silva, a Vasco da Silveira, a Vasco de Carvalho, a Lopo de Abreo, e a Pedro Diniz de Setuval.

Navegava esta Armada para a India, quando nella a voz geral da fama com éccos differentes, se enchia os seus ambitos de hum applauso respeitoso para com Duarte Pacheco, Capitaõ de cem Portuguezes, occupava os confins da Asia em rumores humiliantes para com o Çamorim, Rei poderoso de Calecut, Chéfe de Exercitos formidaveis. Esta estranheza de vozes, que cahiaõ sobre o Capitaõ vencedor, e o Rei vencido, tanta impressaõ fizéraõ no segundo, que envergonhado de apparecer no Throno, abdicou o Reino a favor do Principe Naubeadarim, e se escondeo em hum Mosteiro, que em Calecut chamaõ Turcol, para passar nelle em tranquil-

li-

lidade o reſto dos ſeus dias no ſerviço dos Deoſes. Vivia ainda a Rainha viuva mãi do Çamorim, dominada de hum genio feroz, e altivo, que ou foſſe por naõ lhe ſer toleravel eſta reſoluçaõ de ſeu filho, ou porque era mais vehemente a paixaõ de naõ arriſcar a authoridade com eſte retiro, que o deſejo de lhe inſpirar alentos heroicos, ella lhe eſcreve neſte eſtilo: Era vulg.

Que dirá o mundo do voſſo eſpirito covarde, quando vos vê perder a eſperança de vos vingares dos voſſos inimigos? Quanto mais honroſas vos faõ milhares de mórtes na campanha, que a retirada infame para eſſe Turcol? Ninguem ha em Calecut, que deixe de conhecer a voſſa hypocriſia por hum effeito da fraqueza. Quem ignora, que eſſa eſpecie de religiaõ naõ he piedade, ſenaõ hum argumento do temor? Que indignidade para hum Rei! Ora peſai-a com circunſpecçaõ; e lembrando-vos que Monarcas vencidos paſſáraõ a ſer vencedores, abandonai eſſe Turcol; vinde re-

Era vulg. renovar a guerra, ou para triunfar com glória, ou para morrer com honra.

Naõ pode o Çamorim reſiſtir a eſtas perſuasões maternaes, e veio para a ſua Corte com animo de renovar a guerra; mas como todos os ſeus Alliados haviaõ feito a paz com Trimúmpara, e com Duarte Pacheco: elle, mais ſenſivel a hum tal movimento naõ previſto, tornou a buſcar o ſeu Turcol para adormecer nos braços da ócioſidade. Porém os Mouros ſempre vigilantes para o noſſo damno, com a occaſiaõ deſta guerra, e para ſublevarem contra nós aos moradores de Coulaõ, publicáraõ que o Çamorim nos vencêra, e derrotára as noſſas embarcações. Duarte Pacheco foi logo com a preſença diſſipar eſtes rumores; fez dar ás noſſas náos as cargas, que lhes retinhaõ; cruzou os mares da India, aonde a ſua reputaçaõ ſoava com tanto eſtrondo nos ouvidos dos Principes, e dos Pyratas, que os vaſſallos de huns, e a audacia dos outros ſe deſviavaõ do ſeu encontro.

Succediaõ eſtas acções no mez de Se-

Setembro, quando Lopo Soares chegava á India com a ſua Armada. Elle ſe encontrou em Melinde com ſeis Portuguezes do naufragio de Pedro de Ataide, que em Moçambique deixára memorias da declaraçaõ de guerra do Çamorim, e com ellas Lopo Soares já vinha bem inſtruido. Dos Portuguezes ſoube elle a perda de Vicente Sodré, de Franciſco de Albuquerque, e em Angediva ſe encontrou com Antonio de Saldanha, que com os ſeus navios lhe reforçou a Armada, e entráraõ de conſerva em Cananor. Neſta Cidade vieraõ a fallar-lhe hum Moço Portuguez, e hum Mouro, mandados por Cogebigui com cartas dos Portuguezes preſos em Calecut do tempo de Pedro Alvares Cabral, e mórte de Ayres Correa. Elles lhe faziaõ ſaber a derrota, que o Çamorim tivera na guerra de Cochim; que os ſeus Alliados o tinhaõ deſamparado; que os principaes da Corte os inſtavaõ, para que lhe eſcreveſſem inſinuando as boas diſpoſições daquelle Principe para a paz; que o tempo era o mais proprio; nem

Era vulg.

el-

Era vulg. elle o perdeſſe em metter maõ a eſta grande obra.

Quiz Lopo Soares deſpedir o Mouro com a reſpoſta, e reter o Moço Portuguez; mas elle com huma fé bem igual á do Romano Regulo, o repugnou conſtante, dizendo: Que ſe ficaſſe em Cananor contra a palavra, que dera de voltar para a priſaõ de Calecut, ſería elle a cauſa da mórte, que podiaõ dar aos ſeus camaradas; que elle queria ir, ou a poupar-lhes as vidas, ou a morrer com elles. Com eſtas noticias partio Lopo Soares para Calecut, aonde já reinava o Principe Naubeadarim, que herdou do tio o odio contra Trimumpara; mas porque naõ pode conſeguir a reſtituiçaõ dos dous Fundidores Italianos, que nos deſertáraõ, e ſobre que haviaõ inſiſtido os ſeus predeceſſores; ſem mais conſideraçaõ a reſpeito da vida dos Portuguezes priſioneiros, e do noſſo amigo fiel Cogebigui, aſſolou a Cidade com huma innundaçaõ de fogo, e partio para Cochim, donde deſpedio humas náos a devaçar aquelles mares, outras a re-

ce-

ceber em Coulaõ as cargas, que tinha feito apromptar a actividade de Duarte Pacheco, que chegou com as ſuas carregadas a receber de Lopo Soares as congratulações correſpondentes aos ſeus altos merecimentos. Era vulg.

O novo Rei de Calecut tinha feito huma alliança com o de Cranganor contra Cochim, que intentou atacar com 15 navios, e 80 paráos ao meſmo tempo que o Çamorim com grande Exercito o inveſtiſſe por terra. Eſtava a invaſaõ deſtinada para quando as noſſas náos ſe dividiſſem; mas Lopo Soares informado dos deſignios, ordenou que a Armada ſe retiraſſe de Cochim; que o Principe deſte Eſtado com 800 homens defendeſſe o váo de Poliporto; e que elle com os Capitães Triſtaõ da Silva, Antonio de Saldanha, Pedro Affonſo de Aguiar, Affonſo da Coſta, e Vaſco de Carvalho em quinze brigantins, e vinte e cinco paráos com mil Portuguezes, e outros tantos homens de Cochim foſſem inopinadamente a Cangranor dar ſobre a Armada, que mandava com ſeus filhos o va-

le-

Era vulg. leroſo Maimames. Nós encontramos eſte Chéfe muito bem prevenido, e com tanto valor, que ſuſtentou por algumas horas com muito vigor o combate; mas morto elle, e os dous filhos, a derrota foi geral, eſcapando de o acompanharem na ſórte os que ſoubêraõ valer-ſe da fugida.

A Armada vencedora voltou as prôas ao váo de Poliporto, aonde deſembarcou a gente, que ſe unio á do Principe de Cochim a tempo, que Naubeadarim com o ſeu Exercito ſe avançava a forçallo. Aqui ſuſtentamos huma das batalhas mais bem diſputadas, em que obrou milagres o valor. Sendo intoleravel ao Rei de Calecut vêr a mortandade dos ſeus vaſſallos, ſe retirou accelerado, entrando por huma porta, e ſahindo pela outra de Cranganor, que ficou em noſſo poder para a reduzirmos a hum monte de cinzas depois de ſaqueada. O meſmo fizemos ao reſto da ſua Armada, e quando eſtava o incendio mais vivo, muitos Chriſtãos dos antigos de S. Thomé vieraõ pedirnos reſervaſſemos as ſuas caſas, como

fi-

fizemos, pondo fogo só ás dos Judeos, e Gentios da terra. Era vulg.

Com estes successos se acabou o anno de 1504, e entrou o seguinte com os apressos de huma Armada respeitavel para a India, com as disposições de huma Embaixada solemne para Roma, com huma ameaça terrivel sobre nós de Campson, Soldaõ do Egypto. A Armada, de que logo fallaremos, commandada pelo grande D. Francisco de Almeida, e que havia levar náos para voltarem com carga ao Reino, e para ficárem na India promovendo o nosso estabelecimento; ella se compunha de vinte, e duas vélas; doze, que haviaõ voltar, de que eraõ Capitães além do primeiro Commandante, Ruy Freire, Fernaõ Soares, Vasco Gomes de Abreu, Sebastiaõ de Sousa, Pedro Ferreira Fogaça, Joaõ da Nova, Antaõ Gonçalvez, Diogo Correa, Lopo de Deos, e Joaõ Seraõ. As que haviaõ ficar na India, hiaõ ás ordens de D. Fernando Deça, do Castelhano Bermum Dias, de Lopo Sanches, de Gonçalo de Paiva, de 1505

Lu-

Era vulg. Lucas da Fonſeca, de Lopo Chanoca, de Joaõ Homem, de Gonçalo Vaz de Boes, e de Antaõ Vaz, que haviaõ ſer ſeguidos por Pedro de Anaya com mais cinco, encarregado de fazer a Fortaleza de Çofala. Embarcáraõ neſta Armada, além da muita gente de mar, mil e quinhentos homens, huma grande parte da Nobreza do Reino, que havia animar a importancia das empreſas.

Para a Embaixada de Roma foi nomeado o Biſpo do Porto D. Diogo de Souſa, e com elle o Doutor Diogo Pacheco, que da parte del Rei hiaõ cumprimentar ao Papa Julio II. ſobre a ſua exaltaçaõ ao Solio Pontificio; pedir-lhe para os Reis de Portugal a confirmaçaõ do Meſtrado das Ordens Militares, e hum Breve de Indultos a favor daquelles, que contribuiſſem para as deſpezas, que ſe faziaõ nos lugares de Africa. Em quanto ás ameaças do Soldaõ do Egypto, he neceſſario que lhes vamos a buſcar a origem na ſua fonte.

O Rei de Calecut, que tinha perdi-

dido as esperanças de arruinar aos Portuguezes com as forças proprias, excogitou arbitrios para o lograr com as alheias. Com este designio mandou ao Soldaõ huma Embaixada, em que lhe representava o estado triste, a que havia chegado a religiaõ dos seus Maiores com huns supersticiosos vindos de novo á Asia, que a deprimiaõ: que se elle naõ tomasse á sua conta destruir estes piratas chamados Portuguezes, nem o mesmo sepulchro do seu Profeta estaria livre dos seus attrevimentos: que elles queriaõ dar leis a todo o Oriente, e fazer-se senhores das suas riquezas: que todas as forças de Calecut estavaõ promptas para se unirem ás do Egypto, e degolarem de hum golpe esta hydra, antes que se lhe multiplicassem mais cabeças. Foraõ ajudados estes officios pelos do Rei de Adem, que com a vaidade de descendente de Mafoma, ao mesmo tempo fazia contra os Portuguezes representaçõ̃es semelhantes na Corte de Campson. A ambos estes Principes formavaõ corpo de reserva os invejosos Ve- Era vulg.

Era vulg. Venezianos, que naõ ſatisfeitos com abater o noſſo credito na preſença dos Indios, que vinhaõ á Europa, e dentro na meſma Cidade de Lisboa, agora mandáraõ hum Embaixador á do Cairo para negociarem com Campſon a noſſa expulſaõ da Iudia, que lhes era taõ vantajoſa.

Ainda que o Soldaõ ſe achaſſe em eſtado de fazer frente a outros inimigos mais para temer, do que entaõ eraõ os Portuguezes na Aſia; antes de tomar o partido das armas, elle tentou o da negociaçaõ. Entre os Religioſos Franciſcanos de Jeruſalem, eſcolheo a Fr. Mauro, que ſe diſtinguia em virtudes, e talentos, e o mandou por ſeu Emiſſario ao Papa Julio II. com cartas ornadas de titulos taõ pomposos, quanto era vaidoſa a ſua arrogancia. Elle repreſentava ao Chéfe da Igreja a hoſpitalidade, e boa fé com que os Chriſtãos eraõ tratados nos ſeus Eſtados, e a reverencia que permitia ſe rendeſſe nelles ao Sepulchro de Jeſus Chriſto; mas que elle mudaria de condiçaõ, abyſmando todos os Templos;

per-

perſeguindo ſem excepçaõ aos Catho- Era vulg:
licos; invadindo-os meſmo nas coſtas
da Europa, ſe elle naõ interpozeſſe os
ſeus bons officios para os Reis D. Fer-
nando de Caſtella, e D. Manoel de Por-
tugal ſe moderarem nos inſultos. Para
cauſarem maior impreſſaõ as ameaças,
elle lhe expunha com individuaçaõ,
quanto D. Fernando acabava de obrar
com os Mouros de Andaluſia, e de
Granada; quanto eraõ deſcomedidos
os Capitães de D. Manoel na Aſia,
aonde atacavaõ todos os navios, que
paſſavaõ do Egypto para a Arabia, co-
mo deſpoticos nos mares; roubando
os peregrinos, que hiaõ de romaria a
Meca, e defraudando-o na arrecadaçaõ
da ſua Real fazenda.

O Papa penetrado da perſeguiçaõ,
que podia ſobrevir á Chriſtandade, inſ-
tou a Fr. Mauro para vir a Portugal,
e Caſtella com cartas ſuas perſuadir aos
dous Reis, e exhortallos para ſe abſte-
rem das hoſtilidades contra os Infieis.
Eſtas noticias mandadas pelo Pontifi-
ce foraõ humas das mais agradaveis,
que o Rei D. Manoel recebeo em ſua

Era vulg. vida. Elle teceo em reſpoſta aos Breves Apoſtolicos hum diſcurſo longo, e eloquente para deſabuſar o Papa, que continha em compendio: Que elle quando mandou deſcobrir a India, naõ fora com os intentos de deſpojar os Barbaros das ſuas riquezas; mas de fazer conhecidas as verdades do Evangelho ſobre as ruinas do Alcoraõ: Que eſtes ſentimentos foraõ ſempre os de ſeu amavel ſogro o Rei Catholico, como elle exporía a Sua Santidade, e naõ ſería facil mudallo delles: Que lhe parecia ſer eſta a conjuntura de ſe effeituar a Cruzada, que intentára o ſeu predeceſſor Alexandre VI. para os Principes Chriſtãos arrancarem por huma vez da face do mundo o eſcandalo da Caſa de Meca: Que as ameaças do Soldaõ deviaõ deſpreſar-ſe pela certeza, de que importavaõ mais os tributos, que lhe pagavaõ os Chriſtãos, que os intereſſes da protecçaõ aos Principes do Oriente. Com eſta reſpoſta partio Fr. Mauro para Roma, donde o Papa, com as que teve por convenientes, o deſpedio para Africa.

Quan-

Quando eſtas couſas aconteciaõ, já Lopo Soares, e Duarte Pacheco, tendo carregadas as ſuas náos, dado as ſaudoſas deſpedidas ao Rei de Cochim, e deixado no ſeu porto a Manoel Teles Barreto com quatro navios para a ſua defenſa, elles navegavaõ para o Reino. Porque no caminho lhe ficava o lugar de Panane, que era de Calecut, aonde eſtavaõ tomando carga 17 náos groſſas de Mouros; Lopo Soares com os ſeus Capitães entrou o porto nos bateis, e ferrando cada qual a ſua náo, a rendeo, pondo fogo a todas com deſpreſo das ſuas muitas riquezas. Seguindo a viagem, chegáraõ felizmente a Lisboa, aonde foraõ recebidos com grande applauſo do Rei, e do Povo, ſendo entaõ o objecto das primeiras honras, e da admiraçaõ de todas as viſtas o aclamado Heroe Duarte Pacheco Pereira, que o meſmo Rei, e os meſmos homens víraõ depois por hum esforço da calumnia chegar carregado de cadeias de S. Jorge da Mina, morar annos nos carceres perecendo de fome, e reconhecido innocente, Era vulg.

Era vulg. paſſar a vida em extrema pobreza, até a ir acabar em hum Hoſpital com ſumma miſeria.

Neſte anno ſe publicáraõ várias Leis reſpectivas á Economia do Reino, eſpecialmente ſobre as acquiſições dos Hoſpitaes, e mais córpos de Maõ mórta; mandando El-Rei ſe fizeſſem Tombos dos ſeus rendimentos. Como as caſas dos particulares naõ ſubſiſtem taõ longo tempo, como aquelles córpos: prevenio-ſe, que elles naõ ſe approveitaſſem da neceſſidade dos outros, comprando na occaſiaõ do aperto dos donos as propriedades de raiz, que ſaõ a firmeza das caſas, que ſuſtentaõ aos particulares para ſervirem a Pátria com honra. Concluio-ſe eſte anno com a fundaçaõ da Fortaleza no Cabo de Guer á cuſta de Joaõ Lopes de Siqueira, que naõ podendo ſuſtentar a guarniçaõ, a largou a El-Rei, que o fez Governador della, pagando-lhe todas as deſpezas: com a peſte, que principiou a graſſar em Lisboa: com a gentileza de Franciſco Pereira Peſtana, que mandando-o D. Joaõ de Menezes correr a ter-

terra de Arzila na teſta de 70 cavallos, depois de derrotar mais de 200 dos Mouros, entrou na Praça eſcoltando huma grande preza, com que principiou a fazer célebre o ſeu nome. Era vulg.

CAPITULO II.

Trata-ſe da ſediçaõ de Lisboa, e das primeiras acções na India do Vice-Rei D. Franciſco de Almeida.

COM ſemblante melancolico entrou em Portugal o anno de 1506, alternando Deos as venturas, e as deſgraças, para o homem naõ ſe exaltar ſobre a terra. Lavrava a peſte com grandes eſtragos em Lisboa, Santarém, e outras terras, que obrigáraõ a Corte a retirar-ſe para a Villa de Abrantes, aonde a Rainha deo á luz ao Infante D. Luiz. Quando ſe padecia eſta calamidade, os moradores de Lisboa ſe deixáraõ apoderar do furor, e da demencia. Succedeo na Igreja do Convento de S. Domingos ajuntar-ſe hum 1506

nu-

Era vulg. numeroſo concurſo a adorar o Santiſſimo, que ſe expõe no lado de hum Crucifixo coberto com hum cryſtal, que recebendo entaõ com maior impreſſaõ a luz, ſcintillava reflexos mais brilhantes. Comove-ſe o Povo facil, e como ſe eſtiveſſe vendo a propria Peſſoa de Jeſu Chriſto ſem o véo dos accidentes, principia a clamar, que era milagre. Acaſo ſe achava no Templo hum Hebreo recem-convertido menos crédulo, que quiz aquietar o alvoroço, perſuadindo a gente, que aquelle reflexo era couſa natural originada do modo, por que o vidro recebia a luz.

A multidaõ inconſiderada, atonita por huma certa eſpecie de Religiaõ, ouvindo ao Hebreo duvidar do imaginado milagre, ſe lançou a elle, levou-o para o atrio, tirou-lhe a vida, e queimou o cadaver. Acodíraõ a augmentar o cataſtrofe dous Religioſos fanaticos clamando, e excitando o Povo por todas as partes, para que vingaſſe a impiedade Hebraica, que era a cauſa da cólera do Ceo deſcarregada

ſo-

ſobre o Reino no flagello da peſte. A Era vulg.
eſtas admoeſtações o Povo furioſo corre ás armas: as tripulações de muitos navios Francezes, e Alemães, que eſtavaõ no rio, ſaltaõ em terra, e ſeguindo aos Portuguezes, degolaõ 500 Hebreos, pilhaõ, e roubaõ as ſuas caſas. No dia ſeguinte vieraõ os moradores da Campanha augmentar a deſordem. Do mais interior do Santuario eraõ arrancadas as victimas innocentes; humas, que ſe lançavaõ vivas ao fogo; outras deſpedaçadas; os minimos eſmagados contra as paredes; o reſpeito aos Magiſtrados eſtragado; as ſuas vozes deſconhecidas, tudo expoſto a eſta emoçaõ popular, que foi em tres dias o algoz de mais de 2ↀ000 vidas. Ainda o ſangue derramado neſta ſcena fatal continuaria a lavrar as ruas de Lisboa, ſenaõ acodiſſem com hum reforço de trópas Ayres da Silva, e D. Alvaro de Caſtro, a cuja viſta os ſedicioſos naõ ſe movêraõ, os Francezes, e Alemães ſe embarcáraõ, levaraõ ancoras, e com os navios carregados de riquezas ſe fizeraõ á véla.

El-

Era vulg. El-Rei informado de huma mortandade taõ eſtranha á humanidade, ordenou a D. Diogo de Almeida, Prior do Crato, e a D. Diogo Lobo, Baraõ de Alvito, que reveſtidos da ſua authoridade, vieſſem caſtigar os moradores ſedicioſos de Lisboa, como elles mereciaõ. Os dous Fidalgos ſe apoderáraõ das Praças principaes da Corte; poſtáraõ córpos de guarda; prendêraõ hum grande número dos Chéfes do tumulto, que pagáraõ a impiedade com as vidas. Os dous Religioſos, que tranſportados de hum zelo indiſcreto, andáraõ com as cruzes levantadas excitando o Povo á vingança, foraõ degradados da dignidade do Sacerdocio, eſtrangulados, e conſumidos em huma fogueira. Os Juizes, que temeroſos do perigo ſe eſcondêraõ, e naõ cumpríraõ os ſeus deveres, depois de riſcados do ſerviço, para maior ignominia os condemnáraõ em penas pecuniarias. Em fim, a Corte de Lisboa deo cauſa, para que o Rei benigno a deſpojaſſe de muitos dos privilegios, que elle, e os ſeus Predeceſſores lhe haviaõ concedido.

Nós

Nós deixamos navegando para a India ao memoravel D. Franciſco de Almeida, filho ſetimo de D. Lopo de Almeida, primeiro Conde de Abrantes, Fidalgo de grande merecimento, que havendo moſtrado os tyrocinios do ſeu valor na guerra de Granada, lhe foi pôr a Coroa com façanhas illuſtres na do Oriente. A ſua viagem até chegar a Quiloa foi muito trabalhoſa, naõ ſó pelas tormentas, que o inſultáraõ, mas pela inadvertencia dos Pilotos, que encoſtando-ſe á parte Meridional para dobrarem com mais facilidade o Cabo de Boa-Eſperança, o vento foi levando as náos a hum clima taõ apartado do Sol, que por cauſa do grande frio, apenas podéraõ fazer as manobras neceſſarias para ſahirem do perigo evidente, em que ſe mettêraõ. Chegou a Armada a Quiloa com felicidade, aonde D. Franciſco mandou a Joaõ da Nova foſſe da ſua parte cumprimentar ao Rei Abrahem, que acculado pela propria conſciencia, o noſſo temor o fez abandonar a Corte. Era vulg.

Fi-

Era vulg. Ficou nella com mil homens o célebre Mahomet Anconi, que tinha dado baſtantes próvas da ſua fidelidade para comnoſco. A retirada do Rei eſtimulou a D. Franciſco para inveſtir a Cidade, elle com 300 homens, e ſeu filho D. Lourenço com 200; mas como a intençaõ de Anconi naõ era pelejar, apenas os noſſos deſembarcáraõ, elle ſe retirou com toda a gente ao monte, deixando em noſſo poder a Cidade. D. Franciſco ſem eſquecer a cautéla, porque a ſoledade naõ foſſe induſtria, a mandou ſaquear, recolher em huma grande caſa os deſpojos, que repartio pelos ſoldados, e immediatamente fez edificar huma fortaleza, naõ longe da praia, para os Portuguezes ficarem dominando a povoaçaõ. Em quanto ſe trabalhava nella, D. Franciſco mandou huma Deputaçaõ a Mahomet Anconi, e aos ſeus camaradas, em que lhes fazia ſaber, como naõ vinha apoderar-ſe de Quiloa, mas livrallos do jugo de hum Tyranno: Que voltaſſem para ſuas caſas a reconhecer por ſeu Rei a Mahomet Anconi, que era

di-

digno deſte caracter, e o conſervaria governando-os em paz debaixo dos auſpicios do grande Rei D. Manoel, e á ſombra do reſpeito das ſuas victorioſas armas. Era vulg.

Obedecêraõ todos a eſta ordem: D. Franciſco em nome do ſeu Soberano aclamou Rei a Mahomet, cingio-o com huma coroa de ouro, fez que juraſſe fidelidade a D. Manoel, e lhe impôz hum moderado tributo. Mahomet reconhecido, e tratado Rei, rompeo em hum lance de generoſidade, proprio ſó dos corações magnanimos, ou dos eſpiritos illuminados. Elle repreſentou a D. Franciſco, que era muito devedor á memoria de Alfudail, que o tyranno Abrahem privára da vida, e do Reino de Quiloa: que eſte deixára hum filho, que lhe devia ſervir de objecto para elle fazer público o reconhecimento do quanto elle era officioſo a ſeu Pai, uſando de gratidaõ para com o filho: Que lhe havia permittir chamallo á Corte, declarallo ſeu futuro ſucceſſor, tratallo como Principe herdeiro; porque antes queria dar

ao

Era vulg. ao mundo hum exemplo de agradecido, do que deixar á ſua poſteridade hum ſceptro. D. Franciſco penetrado até ao fundo do eſpirito de tamanha generoſidade em hum Barbaro, conſentio que o filho de Alfudail vieſſe para Quiloa; deixou livre a Mahomet diſpôr da ſucceſſaõ do Reino a favor de quem elle quizeſſe, e conveio em que o Succeſſor eleito foſſe tratado em qualidade de Principe.

De Quiloa navegou a Armada para Mombaça, aonde o Governador mandou a Gonçalo de Paiva ſondar o porto até ás viſinhanças de hum Forte defendido com a artelharia da náo de Pedro de Ataide, que o Rei de Mombaça fez tirar do fundo do mar, quando ella varou na ſua cóſta. Fez fogo o Forte ſobre a caravella do Paiva; mas elle deſparou alguns canhões com tanta felicidade, que dando huma balla no armazem da polvora, voou o Forte. Com eſta noticia, e a do bom fundo do porto a Armada ſe moveo, e foi mandado a terra Joaõ da Nova para perſuadir ao Soberano de Mombaça,

que

que os Portuguezes naõ vinhaõ de guer- Era vulg.
ra ao ſeu porto ; mas a propor-lhe o
exemplo de outros Principes da Aſia,
e Africa para reconhecer como elles
a D. Manoel por ſeu Rei. Eſta oraçaõ
foi taõ mal ouvida, quanto ſe fazia
diſſonante ao de Mombaça reconhecer
por Soberano a hum Principe eſtran-
geiro ; ameaçando aos Emiſſarios, que
os fariaõ em pedaços ſe ſaltaſſem em
terra ; porque os homens valentes de
Mombaça naõ eraõ como os covardes
infames de Quiloa.

Huma reſpoſta taõ féra eſtimulou
a D. Franciſco de Almeida para averi-
guar a origem, donde ella naſcia, pa-
ra o que lançou em terra alguns ho-
mens no maior ſilencio da noite, que
lhe trouxeraõ preſo a hum dos mora-
dores, criado do meſmo Rei. Elle o
informou, de que Mombaça naõ o te-
mia ; porque logo que na Cidade ſe
ſoubera a ſua invaſaõ ſobre Quiloa,
ella ſe prevenira, plantando muita ar-
telharia nos muros ; reforçando a guar-
niçaõ antiga com 4ⱷ000 homens, e
que ſe eſperavaõ mais 2ⱷ000 a cada

inſ-

Era vulg. inſtante. Informaçaõ ſemelhante eſtimulou mais o noſſo valor para naõ demorar a Mombaça o ſeu reſentimento. O Governador manda a ſeu filho D. Lourenço, que na téſta de hum deſtacamento ſe lance ſobre os arrabaldes da Cidade, e lhes ponha fogo. Á voracidade do incendio acodem tumultuariamente os habitantes, que pelos noſſos foraõ ſubprendidos, e paſſados á eſpada. Neſta manobra feita de noite, ſendo menos ſopportavel o calor das chammas, que a reſiſtencia dos contrarios, D. Lourenço ſe recolheo aos bateis, ſem mais perda que a de dous ſoldados.

Ao romper do dia ſeguinte ſeu Pai, e elle, com Franciſco de Sá, Lourenço de Brito, Rui Freire, Fernaõ Soares, Gonçalo de Paiva, outros Fidalgos, e Capitães em dous corpos, hum que mandava D. Franciſco, outro D. Lourenço, com o favor das ſombras da madrugada ſe chegáraõ á Cidade ſem haver quem lho impediſſe, occupada ainda em apagar o incendio. Aqui eſperamos, que a luz nos guiaſſe, e co-

me-

meçando D. Lourenço a entrar pelas ruas, os moradores, que ou haviaõ render-ſe, ou entrincheirar-ſe nas caſas, tomáraõ eſte ſegundo partido. Elles fizeraõ dos telhados, e janellas huma defenſa de deſeſperados com todo o genero de armas de arremeço, que pozeraõ aos Portuguezes em grande perigo, por naõ poderem revolver-ſe no eſtreito das ruas. Mas a tudo ſuperior a ſua corage, elles foraõ levando os inimigos de caſa em caſa, até os precipitarem dos tectos, para que cahiſſem eſmagados nas ruas os que naõ morriaõ ao fio das eſpadas. D. Lourenço chegou com outros Cabos ao Palacio do Rei, que tinha fugido para os matos, e aqui ſoube, que ſeu Pai paſſára adiante atacando os inimigos. Era vulg.

Encarregada a guarda do Palacio a Fernaõ Bermudes, D. Lourenço marchou para acabar de diſſipar os animoſos, que contra ſeu Pai ainda ſe faziaõ fórtes, e o conſeguio pondo-os em fugida para o meſmo boſque, aonde o Rei ſe occultára. Morrêraõ dos ini-

Era vulg. inimigos 1ↀD500; dos Portuguezes cinco, e entre elles D. Fernando Deça; fizemos dous mil prisioneiros, em que entráraõ Damas especiosas; reservamos delles 200 os mais distinctos; aos outros démos liberdade, e ficou Mombaça em nosso poder, mas pobre, por haverem os moradores occultado antes as suas muitas riquezas. Para deixarmos nella hum testemunho da nossa cólera, e tirar aos Barbaros a esperança de a tornarem a reedificar, o Governador mandou atiçar novo incendio, que a consumio.

Depois destas expedições foi a Armada á Angra de Santa Elena, naõ podendo ferrar o porto de Melinde, que lhe ficou oito leguas a sotavento. Na mesma Angra se encontrou ella com os navios de Lopo Chanoca, e de Joaõ Homem, que pertenciaõ á Esquadra, que o Governador encarregou a Manoel Peçanha antes de montar o Cabo, da qual se desgarráraõ aquelles navios; o de Vasco de Goes foi dar a Quiloa; o de Lucas da Fonseca invernou em Moçambique, o de Lopo

San-

Sanches naufragou, e o Peçanha com Antonio Vaſco foraõ encontrar ao Governador em Angediva. Mandou eſte cumprimentar ao Rei de Melinde com os preſentes del Rei D. Manoel, que aquelle Principe agradeceo, enviando á Armada muitos viveres, e as raridades da terra conduzidas por ſeu meſmo irmaõ, que da ſua parte veio a viſitar o noſſo Chéfe. Elle navegou para Angediva, aonde chegou a 13 de Setembro do anno paſſado, e achou alli cartas do Feitor Gonçalo Gil Barboſa, em que aviſava aos Capitães Portuguezes das cargas, que tinha promptas em Cananor para as náos, que chegaſſem, e que ſe podeſſem demorar-ſe até Setembro, neſte mez ſe eſperavaõ tres náos de Meca muito importantes, que vinhaõ para Calecut. Era vulg.

Com eſtas noticias, D. Franciſco de Almeida deſpedio a Joaõ Homem para dar aviſo da ſua chegada em Cochim, Cananor, e Coulaõ, e para acabar de pôr promptas as cargas das náos, que haviaõ voltar para o Reino. A Lopo Chanoca, e a Gonçalo de

Era vulg. Paiva ordenou cruzaſſem os mares com tanta vigilancia, que as náos de Meca naõ lhes eſcapaſſem. Elle com eſpirito incançavel, metteo mãos á obra da Fortaleza de Angediva, aonde ſe deſcobrio huma Cruz, que indicava bem ter ſido a Ilha em algum tempo habitada por Chriſtãos. Aqui foi informado por Manoel Peçanha, como Abrahem, Rei depoſto de Quiloa, para ſe vingar de Mahomet Anconi, mandára por hum bravo aſſaſſino tirar-lhe a vida; que eſte lhe déra hum golpe, que naõ foi mortal; mas que prendendo-o logo os Portuguezes o eſquartejáraõ com grande ſatisfaçaõ daquelle Povo.

CAPITULO III.

Continuaõ na India os ſucceſſos do Vice-Rei D. Franciſco de Almeida.

JÁ os preparos para a execuçaõ das ameaças, que nos fizéra o Soldaõ do Egypto, principiavaõ a ſoar na India com eſtrondo. Lopo Chanoca, e Gonça-

çalo de Paiva, acabado o tempo do Era vulg.
ſeu regimento, ſe haviaõ recolhido com várias prezas. Em huma dellas vinha hum Portuguez, que o Feitor de Cananor mandava a D. Franciſco com a noticia, de que huma das náos de Meca tinha chegado a Calecut com quatro Venezianos, que o Soldaõ mandava ao Çamorim para fundirem artelharia, e que eſte Principe fazia apreſtos formidaveis de guerra com a eſperança de receber do Soldaõ grandes ſoccorros. Como naõ duvidavamos, que para nós ſe preparava o golpe, D. Franciſco mandou de novo vigiar as duas náos; ordenou ſe trabalhaſſe na fabrica de duas caravellas, e huma galé com as madeiras, que levára de Portugal, e as encarregou a Officiaes de conhecido valor.

O receio deſta guerra fez lembrar a D. Franciſco o ajuſte de algumas alianças, quando ſe lhe offereceo a occaſiaõ mais favoravel. Merláo, Rei de Onor, Cidade que diſta oito leguas de Angediva, no Reino de Biſnagar, que tinha os meſmos deſejos de D. Fran-

Era vulg. ciſco , lhe mandou huma Embaixada para concluir com elle hum Tratado de paz , em que foi involvido o famoſo Pyrata Timoja , de quem já fallamos neſta Hiſtoria. Do Miniſtro de Onor ſoube D. Franciſco , que naõ longe de Angediva no Reino de Decaõ tinha o Çabayo , Senhor de Goa , e inimigo de Merláo , a Fortaleza de Cincatura , fórte , e bem preſidiada , rogando-o da parte de ſeu Amo quizeſſe mandar reconhecêlla , por eſtar della huma legua diſtante. D. Franciſco eſtimou a conjuntura de fazer eſte ſerviço ao Rei de Onor , e deſtacou a D. Lourenço , ſeu filho , para ir examinar a fortificaçaõ , e a qualidade do ſeu terreno. O Governador ſahio della com mil homens a impedir o noſſo deſembarque ; mas D. Lourenço firmando bandeira branca , e eſte ſignál de paz vieraõ á falla os dous Chéfes.

Deſta conferencia reſultou o ajuſte de huma alliança , naõ ſó util aos Portuguezes , mas vantajoſa ao Rei Merláo , que nós intereſſamos nella para o pôr a coberto dos inſultos , que

el-

elle ſempre temia do Reino de Decaõ. Era vulg. He verdade, que em Merláo durou pouco o reconhecimento deſte beneficio; porque tomando os noſſos huma grande náo carregada de cavallos da Perſia, e deixando-os nos ſeus portos, aquelle Principe ſe apoderou delles. D. Franciſco ſe ſobprendeo deſte procedimento, e requerendo a reſtituiçaõ dos cavallos, naõ foi attendido. Como ao attentado ſe unia a ingratidaõ de Merláo, D. Franciſco naõ lhe quiz demorar o deſaggravo, e encarregada a Fortaleza de Angediva a Manoel Peçanha, elle partio com a Armada para Onor. Os Commandantes das muitas náos, que eſtavaõ no porto, entendêraõ os deſignios do Governador, quando víraõ que Fernaõ Soares andava ſondando o rio, e lhe pedíraõ conſeguiſſe do ſeu Chéfe ſuſpender as hoſtilidades; que elles ſe obrigavaõ a que o Rei de Onor lhe déſſe ſatisfaçaõ.

O Governador, que aſſim o prometteo, por naõ faltar á ſua palavra eſteve hum dia ſem acçaõ; mas como o Rei naõ reentrou nos ſeus deveres, antes

tes

Era vulg. tes ſe retirou com toda a Corte, e o precioſo della para a montanha, D. Franciſco naõ quiz eſperar por mais provas da má fé. Elle ordenou a ſeu filho D. Lourenço entraſſe no porto, e queimaſſe todos os navios, como foi executado com o ultimo rigor. Elles, e a Cidade tudo ardia com láſtima do ſeu Rei, que de hum alto obſervava o incendio, e o mandou apagar com o do noſſo furor por 40000 ſoldados eſcolhidos; mas elles em lugar de ſoccorro, vieraõ a experimentar a ſenſibilidade do eſtrago junta ao pejo da fugida. Como os noſſos ſe avançavaõ muito ſobre elles, o Governador acautelado, e ſatisfeito com a victoria, mandou tocar a retirada. Os Barbaros eſtimáraõ eſta prevençaõ ſábia por temor; recobráraõ os eſpiritos, e voltáraõ cáras. Os noſſos, que ſe retiravaõ formados, fizéraõ o meſmo, e com derrota completa dos inimigos lhes caſtigáraõ a confiança. Muitos delles ficáraõ mórtos no campo; ardêraõ quatorze náos, e a maior parte da Cidade foi conſumida pelo fogo,

ſem

sem que faltasse algum dos Portugue- Era vulg.
zes.

Merláo depois que sentio os damnos da inconsideraçaõ, mandou legados para renovarem a paz. O Governador, affectando naõ responder positivamente, disse que mandaria seu filho a concluilla; mas que havia ser com maior segurança, e as condiçõẽs mais restrictas, que as da primeira. O Emissario desta proposta foi o célebre Timoja, que entaõ se jurou vassallo del Rei D. Manoel, e depois lhe fez os serviços, que veremos, especialmente na tomada de Goa. Entretido Merláo com esta esperança, D. Francisco de Almeida navegou para Cananor, aonde declarou o titulo, que trazia de primeiro Vice-Rei da India.

Naquella Cidade teve elle huma grande, e solemne conferencia com El-Rei, em que ficou ajustada a fabrica da Fortaleza, que desejavamos, da qual, e da que se havia fazer em Coulaõ deo homenagem o Copeiro Mór Lourenço de Brito, que nellas hia provido. Deixou o Vice-Rei as mais or-

dens

Era vulg. dens neceſſarias, e eſtando em Cochim expedindo a carga das náos, que haviaõ partir para o Reino; chegou de Coulaõ o Capitaõ Chriſtovaõ Juſarte, e o informou, de que o Feitor Antonio de Sá com todos os Portuguezes tinhaõ ſido mórtos, e queimadas as ſuas caſas, e fazendas. Teve origem eſta infelicidade na preferencia pretendida dos Mouros, que queria ſe déſſe carga a muitas náos ſuas primeiro que ás Portuguezas. Neſta conjuntura veio a Coulaõ o Capitaõ Joaõ Homem, que o era de condiçaõ feroz, temerario, taõ deſmedido na grandeza do corpo, como na animoſidade. Elle, que tinha a pretençaõ dos Mouros conſentida por huma fraqueza dos Portuguezes; com o deſembaraço coſtumado tirou a todos aquelles navios os lemes, e as vélas, que entregou a Antonio de Sá com ordem de naõ as reſtituir, em quanto as náos Portuguezas naõ eſtiveſſem carregadas.

Feita eſta grande acçaõ mais audacioſa, que prudente, Joaõ Homem voltou a continuar o ſeu corſo. Os

Mou-

Mouros eſcandaliſados, e livres de Joaõ Homem, fizeraõ ſoblevar o Povo de Coulaõ, que cahio furioſo ſobre os Portuguezes, e fez nelles o eſtrago, que fica referido. Achava-ſe no porto o valoroſo Capitaõ Pedro Rafael, que naõ tendo forças para ſoccorrer aos Patricios em terra, lhes vingou no mar a mórte, fazendo em cinza cinco das náos dos Mouros revoltoſos. De tudo veio elle dar parte em Cochim ao Vice-Rei, e Joaõ Homem, que primeiro o buſcou, e ainda naõ o achára neſta Cidade, foi com o meſmo deſtino a eſperallo na vinda de Cananor. Neſta viagem tomou elle duas náos de Mouros, e mettendo as tripulaçõs no poraõ, as mandou marear por alguns Portuguezes. Quando elle ſe encontrava com o Vice-Rei, os Mouros de huma das náos forçáraõ a prizaõ, degolláraõ os Portuguezes, e ſe pozéraõ em cobro. Eſte caſo, e o de Coulaõ ſe fizeraõ taõ eſtranhos ao Vice-Rei, que ainda ignorante da mórte de Antonio de Sá, e da ruina da Feitoria, quizera privar a Joaõ Homem do Commanda- Era vuig.

Era vulg. damento da náo ; mas rogado pelos outros Capitães, que naõ ceſſavaõ de encarecer o valor do ſeu camarada, ſuſpendeo a reſoluçaõ conſervando o deſagrado.

A informaçaõ dada ao Vice-Rei em Cochim por Pedro Rafael, moveo nelle ao meſmo tempo a cólera, e a prudencia : eſta para inſtruir a ſeu filho, que indo a Coulaõ, e achando aos moradores taõ arrependidos do maſſacro, que plenamente o ſatisfizeſſem, renovaſſe a paz : aquella exhortando-o a hum caſtigo exemplar, ſe os achaſſe contumazes na rebeliaõ começada. Partio D. Lourenço de Almeida para Coulaõ com huma Eſquadra, e mettendo em uſo todas as dexteridades para comprir com a primeira recommendaçaõ de ſeu Pai, nada póde conſeguir da obſtinaçaõ dos animos, que ainda ſe recreavaõ com as imagens da vingança. Naõ teve elle outro refugio, ſenaõ executar as ſegundas ordens com tanta conformidade, que os Mouros naõ podendo reſiſtir, nem defender-ſe, deixáraõ que vinte ſete náos foſſem abra-

za-

zadas com mórte das ſuas guarnições. Era vulg. Diz Joaõ de Barros, que parece quiz Deos premiar em Joaõ Homem o zelo do primeiro inſulto de Coulaõ com hum milagre ſuccedido neſta peleija; porque dando-lhe nos peitos huma balla, cahio aos ſeus pés ſem offendello. O Vice-Rei pouco depois naõ foi com elle taõ atencioſo, tirando-lhe o Commandamento da náo em pena das ſuas temeridades: pena, que foi como huma das ſangrias dos Athenienſes antigos, que mandavaõ abrir a veia em público aos ſoldados muito atrevidos por caſtigo de temerarios.

Naõ devo paſſar em ſilencio hum dos effeitos glorioſos, que cauſou aos Portuguezes a ſua reputaçaõ adquirida na Aſia, e foi a Embaixada ſolemne do grande Rei de Narſinga, que o Vice-Rei recebeo a bórdo da ſua náo, quando eſtava a partir de Cananor para Cochim. Eſte grande Monarca, ſenhor do dilatado Reino, que comprehende as vaſtas Regiões Occidentaes, e Mediterraneas, que vem a demarcar com as terras de Goa, mandou ao Vi-

ce-

Era vulg. ce-Rei hum Embaixador com cartas, e preſentes riquiſſimos para ſerem enviados a El-Rei D. Manoel nas primeiras náos, que houveſſem de partir. No acto da entrega, o Embaixador diſſe ao Vice-Rei: O Mageſtoſo Soberano de Narſinga nada deſeja tanto, como a amizade do magnifico Rei D. Manoel. A fama das ſuas virtudes heróicas he quem lhe eſtimula a vehemencia deſtes deſejos. Depois deſta primeira cauſa, o move o eſtrondo das façanhas, que os ſeus Vaſſallos tem obrado na India em taõ poucos annos. O meu Principe concebe, que naõ póde deixar de ſer Rei grande o que domina ſobre homens ſemelhantes, que o fazem conhecido na redondeza da terra, para que o amem todos os outros Reis. O meu ſe quer avantajar aos mais na pureza deſte affecto; e para lhe dar delle a próva mais convincente, huma irmã, que tem de belleza extraordinaria com hum dote monſtruoſo, elle a offerece para eſpoſa do Principe D. Joaõ de Portugal.

O Vice-Rei recebeo eſta Embaixada

da com as demonſtrações do maior prazer, e perſuadio ao Miniſtro intimaſſe com toda a força ao ſeu Monarca, quanto ella ſería agradavel ao Rei D. Manoel: Que em ſeu nome elle acceitava as cartas, e preſente para remeter tudo ſem demora; eſperando, que as propoſtas foſſem acceitas com huma conformidade bem igual á candura do grande Principe, que as fazia. Nós eſtimámos eſta alliança, que nos faria reſpeitados, por ſer com hum dos Reis, que ſe elevava aos ſeus viſinhos, na extenſaõ dos Dominios, no poder, e na riqueza. Em quanto aos Dominios elles comprehendiaõ muitas Provincias povoadas de grandes Cidades, regadas de rios caudalóſos, ferteis, e abundantes de todos os generos neceſſarios. Pelo que reſpeita ao poder, elle o oſtentava em huma quantidade incrivel de infantaria, e em hum Exercito numeroſo de cavallaria diariamente alimentada a expenſas da Real Fazenda. Em quanto á riqueza, era politica em cada hum deſtes Reis ajuntar gróſſos theſouros, e no Succeſſor Era vulg.

naõ

Era vulg. naõ gaſtar delles huma ſó moeda ſem neceſſidade extrema. Os diamantes, que naquelle Reino eraõ infinitos, todos os de maior grandeza ſe guardavaõ nos theſouros Regios, que ſe engroſſavaõ cada anno.

Quando o Vice-Rei chegou a Cochim já naõ achou no Throno ao Rei Trimumpára, que opprimido dos annos, e fatigado das muitas guerras, em que os havia empregado, ſe tinha retirado a hum Turcol para paſſar em ſocego o reſtante da vida. Elle nomeou para Succeſſor ao Principe Naubeadar, filho mais moço de huma ſua irmã, preferindo-o ao mais velho; porque eſte Principe na ultima guerra de Calecut, naõ ſó tomou o partido do Çamorim, mas foi cauſa da deſerçaõ dos melhores Officiaes de Cochim. O Vice-Rei fez acclamar ao novo Monarca com a maior pompa; aſſegurou aos ſeus vaſſallos, que o Rei D. Manoel em recompenſa aos altos merecimentos de Trimumpára ſeu Tio, o menos que faria em ſeu obſequio, ſería chamar-lhe irmaõ; proteſtando-o, que nas obras

ſe

ſe moſtraria Pai. Baſtou a publicidade deſta protecçaõ para diſſipar o partido, que em Cochim hia formando o Principe privado da Coroa contra ſeu irmaõ eleito; e o apparato da ceremonia tocou tanto aos deſcontentes, que os nublados temidos ſe reduzíraõ á maior tranquillidade. Era vulg.

Acabado eſte acto ſolemne, o Vice-Rei ordenou que os navios deſtinados para voltarem ao Reino com as cargas ordinarias, ſe fizeſſem á véla. Seguindo a viagem, no dia primeiro de Fevereiro, eſtas náos aviſtáraõ huma terra até entaõ incognita, e era a Ilha de Madagaſcar, que nós hoje chamamos de S. Lourenço, e os Geografos antigos diſſéraõ Menuthias. Duvidoſos ſe era, ou naõ continente, os noſſos navegáraõ pelas margens dezaſete dias, e no fim delles conhecêraõ, que era huma grande Ilha ſituada ao Oriente da Africa ſobre a Cóſta da Ethiopia. Naõ havia nella povoaçaõ; derramadas as gentes em choupanas ſoltas pela extenſaõ dos terrenos; mas eſtes abundantes em generos de gados,

fru-

Era vulg. fructos, e cópia grande de mel. Os Insulanos avistando as nossas náos, com alvoroço se mettêraõ nas suas canoas, e abordáraõ a de Fernaõ Soares. Elle os regalou a bórdo com profusaõ tal, que podesse conciliar-lhes a amizade; mas os Barbaros ferozes se despedíraõ desparando huma nuvem de sétas sobre a náo, e quizéraõ avançar a de Rodrigo Freire; porém fulminando-os a nossa artelharia, elles se retiráraõ, e as náos seguíraõ a sua viagem para Lisboa, aonde entráraõ a 23 de Maio.

Naõ foi só pelo valor de D. Francisco de Almeida, que El-Rei D. Manoel quiz fazer na India conhecido o seu poder, e o caracter dos Portuguezes. No mesmo anno de 1505, em que elle sahio de Lisboa com a sua Armada, o seguio depois com designios naõ menos generosos Pedro de Anhaia mandando seis náos. Levava este Chéfe o destino de fazer novos descobrimentos, e fundações. Dobrado o Cabo, veio a lançar ferro na costa de Çofala; Cidade, que dá nome a todo o Reino situado em huma Ilha sobre o

rio

rio Cuama, que então governava hum Era vulg.
Principe chamado Çufe. Em huma conferencia, que Pedro de Anhaia teve com este Soberano, conseguio delle permissão para fazermos no seu Estado huma Fortaleza, que nos era necessaria, assim para a commodidade do trato da India, como para assegurarmos o Commercio com os Cafres, que era importante. Principiou esta obra em Setembro de 1505, e estando acabada em Novembro do anno seguinte, algumas das náos partíraõ para a India, e Pedro de Anhaia ficou dando fórma aos interesses do novo estabelecimento com o favor de Acote, Abexim de Naçaõ, e valido do Rei.

Os Mouros sentidos dos damnos, que lhes podia causar a nossa visinhança, tantas representações fizéraõ ao Rei Çufe, cégo, e velho, que elle se lembrou dos successos de Quiloa, e Mombaça; arrependeo-se da facilidade da sua condescendencia, e quiz remedialla na primeira occasiaõ, em que podesse traçar a nossa ruina. Elle a consulta com seu genro Musar; discorrendo que

Era vulg. por naõ violar a palavra de Rei, seria melhor esperar, que a intemperie do clima, taõ fatal aos Estrangeiros, acabasse com os Portuguezes. Quando elle assim discorria, a obra se avançava, a artelharia se plantava nos muros, e na guarniçaõ já picavaõ as doenças: Musar, que respirava guerra a fogo e sangue, instou com seu Sogro naõ esperasse mais tempo; desembainhasse as armas, e cortasse as cabeças languidas dos homens, que elle presumia ter por amigos, e já os sentia dominantes. Esta persuasaõ acabou de resolver ao Rei Çufe, que traçou na guerra contra nós a sua ruina, como veremos no Capitulo seguinte.

CA-

CAPITULO IV.

Guerra de Çofala com os mais ſucceſſos até ao fim do anno de 1506.

O REI Çufe inſtado por ſeu genro, e pelos ſeus receios, reſoluto a arrazar a noſſa Fortaleza de Çofala, e a tirar a vida a todos os Portuguezes; elle ajuſtou huma alliança com o Cafre Mocondes, que governava as Cidades dependentes do Reino de Monomotapa, repreſentando-lhe facil a noſſa deſtruiçaõ, e conſideraveis os deſpojos da victoria nos generos, que guardavamos na noſſa Feitoria. O noſſo fiel amigo Acote aviſou a Pedro de Anhaia da tempeſtade, que ſe armava contra a Fortaleza; mas que elle o havia ter prompto para promover as vantajens do Rei D. Manoel. Em quanto nós nos ſerviamos da noticia para prepararmos huma vigoroſa defenſa; o Cafre Mocondes, mais eſtimulado dos deſejos de ganhar, que activo no ardor de com- Era vulg.

Era vulg bater ; elle ajuntou as ſuas trópas , e marchou em ſoccorro do Rei Çufe.

Preſumíraõ os Alliados , que nos Portuguezes conſumidos das enfermidades , apenas teriaõ meias vidas , que tirar , ſem que encontraſſem inimigos , que inveſtir. Elles ſe enganáraõ ; porque os enfermos foraõ os primeiros , que montáraõ as guardas para moſtrarem nas forças laſſas os eſpiritos intrépidos. O fiel Acotes com cem homens ſe veio metter na Fortaleza. O Rei Çufe com trópas numeroſas , e Mocondes com ſeis mil Cafres a inveſtíraõ ; mas dando o aſſalto amontoados, a artelharia com o eſtrondo , e a metralha fez nos ſalvagens tanto horror , e tal eſtrago , que ſe pozéraõ em fugida. Os Portuguezes os ſeguíraõ pela Cidade , aonde elles hiaõ paſſando á eſpada aos Mouros , que lhes ſugeríraõ eſta guerra ; e chegados ao Palacio do Rei , eſte fez pela propria peſſoa , ſendo cégo , huma defenſa , que nos poz em admiraçaõ. Com as ſétas , que deſpedia furioſas , ainda que ſem tino , nos ferio a muitos , e ao meſmo Pedro de

Anhaia

Anhaia com huma na garganta. O Fei- Era vulg.
tor Manoel Fernandes para ſuſpender eſte damno, chegou ao Rei, e de hum golpe lhe levou a cabeça.

Deſenfreou eſta mórte o furor dos Mouros, que ſe deixáraõ matar deſeſperados: aos naturaes da terra a clemencia do noſſo Chéfe concedeo as vidas: movimento humano, que os pôz confórmes para ſe ſujeitarem ás leis, que o Anhaia lhes quizeſſe preſcrever. Eſte Chéfe, que queria dar á República nova fórma; que reconhecia dever a ſua felicidade ao aviſo, ao valor, ao ſoccorro de Acote; em nome do Soberano de Portugal o criou Rei de Çofala; fez que os Póvos lhe juraſſem fidelidade, e que elle a prometteſſe perpetua ao Rei D. Manoel; obediencia ás ſuas ordens, e ás dos Capitães, que elle mandaſſe á India.

No melhor deſtes prazeres, como o Ceo daquella Regiaõ era infeſto aos Eſtrangeiros, e o vapor das lagoas, e paûs cauſavaõ humores ardentes, continuou a laborar a epidemia; os corpos ſe mirrhavaõ, e entre outras

vi-

Era vulg. vidas conſideraveis, perdeo a ſua o eſtimavel Pedro de Anhaia com ſentimento dos Portuguezes, e Çofalanos. O Feitor Manoel Fernandes ficou governando em ſeu lugar pouco tempo; porque vindo as náos de Cide Barbudo, e de Manoel Coreſma, que ſahíraõ do Reino pouco depois de Pedro de Anhaia, elles leváraõ a noticia da ſua mórte ao Vice-Rei, que lhe fez os devidos elogios, e mandou a Nuno Vaz Pereira foſſe tomar entrega da Fortaleza. Eſte Cabo levava ordem para ir a Quiloa informar-ſe da traiçaõ do Principe Tirendicundi, parente de Abrahem, Rei depoſto, que fizera dar a mórte a Mahomet Anconi; e caſtigados os Chéfes da ſediçaõ, diſſipado o reſto da liga, deixando por Governador a Ruy de Brito Patalim, elle chegou á Fortaleza de Çofala, donde partio para a India o Feitor Manoel Fernandes.

Em quanto na Cóſta de Africa ſe paſſavaõ eſtas couſas, o Vice-Rei na India naõ tinha ociоſas as armas. Elle ordenou a ſeu filho D. Lourenço de Al-

meí-

meida, que com huma Esquadra de nove náos fosse descobrir as Ilhas Maldivas, que já sabia eraõ muitas, entre si divididas por pequenas distancias. Nesta viagem encontrou elle taõ rápidas as correntes, que o levváraõ para o Cabo Comorim, e foi parar á Ilha de Ceilaõ, que os antigos estimáraõ pela célebre Taprobana. Extende-se Ceilaõ por mais de 120 legoas de cumprido, e 75 de largo para a parte Septentrional á quem do Ganges, 95 legoas distante de Cochim. Nós dizemos de Ceilaõ, que tem bosques de canela, mares de aljofar, montes de crystal. Ella he taõ agradavel, taõ deliciosa, taõ abundante de fructos, que alguns descrevendo-a paraiso, naõ duvidáraõ affirmar, que fora o lugar da residencia dos nossos primeiros Pais. O certo he, que naõ longe da sua Capital Columbo em huma pedreneira, se vê impressa a pégada de hum homem, naõ longe outro vestigio do principio do tempo em hum Sepulchro dobrado, que quer a tradiçaõ daquelles Póvos fosse o de Adaõ, e Eva. Desta idéa Era vulg.

nas-

Era vulg. naſcem ſuperſtições immenſas, que levaõ o erro ás Regiões mais remotas da Aſia, donde vem a eſta Ilha peregrinos innumeraveis render cultos de Religiaõ.

Chegado D. Lourenço ao porto de Gale, o ſeu Rei o mandou cumprimentar, offerecer paz, e amizade, refens para ficarem nas náos em quanto elle enviava a terra hum Official, que foi Fernaõ Cotrim, naõ ſó para communicar ao Rei; mas para o obſequiar com hum preſente, que D. Lourenço lhe remetteo. Depois deſtas primeiras viſtas, Payo de Souſa foi encarregado do Tratado de paz, que celebrou com a meſma peſſoa do Rei, e ſe reduzio a nós nos encarregarmos da defenſa dos ſeus portos, com condiçaõ de pagar cada anno á noſſa Coroa quatrocentos bahares de canella, que logo ſatisfez, e conſentir que nos ſeus Eſtados levantaſſemos hum Padraõ com as Armas de Portugal, como marca da alliança, e do tributo. Com eſta vantagem conſeguida, e a de prezas ricas feitas naquelles mares, D. Lourenço.

ço ſe recolheo a Cochim para de tudo dar parte a ſeu Pai, que confirmou o Tratado de Ceilaõ, e o tornou a mandar a Angediva para preſidiar a Fortaleza, e alimpar os ſeus mares de inimigos, e pyratas. Era vulg.

Porém o eſtrondo das armas de Calecut já pedia todas as attenções do Vice-Rei para naõ divertir os ſeus cuidados. As primeiras informações do apreſto lhe deo o Italiano Luiz Wartmano, natural de Bolonha, que attrahido dos deſejos de vêr o Mundo, veio dar a Calecut, fingindo-ſe Mouro. Aqui ouvio elle dos ſeus ſemelhantes o ruido dos noſſos eſtragos, da noſſa pyrataria, e perfidia. Elle tornou a fingir, que naõ conhecia os Portuguezes; offereceo-ſe a promover a noſſa ruina; mas a idéa era vir ajuntar-ſe comnoſco, e trazer na ſua companhia aos dous Milanezes fundidores, que nos deſertáraõ, e já ſentíraõ os remorſos de viverem máos Chriſtãos entre os Barbaros. Com outro fingimento de Eſpiaõ por parte de Calecut, veio o Luiz fallar ao Vice-Rei, e o informou do que

ſe

Era vulg. ſe paſſava naquelle Reino a ſeu prejuiſo; da reſoluçaõ dos Milanezes o buſcarem; ſe lhe perdoaſſe o crime; e bem remunerado eſte zelo, tornou a mandar a Calecut com o meſmo disfarce de Eſpiaõ para executar os deſignios. Na Corte do Çamorim foraõ elles deſcobertos; o Luiz pode ſalvar-ſe fugindo; mas os Milanezes pagáraõ com a vida os intentos preſentes, e o crime paſſado.

Com a noticia certa de que o Rei de Calecut mandava contra nós huma Armada de oitenta navios groſſos, e cento e vinte paráos; o Vice-Rei encarregou a ſeu filho D. Lourenço outra Armada de onze náos, em que levava 800 Portuguezes eſcolhidos, e alguma gente das trópas dos Alliados. Junto a Cananor foi o encontro. Os inimigos muitas vezes ſuperiores, elles ſe avançaõ com tanta certeza de vencer, que a altas vozes vinhaõ cantando a victoria. A ouſadia, e ſciencia nautica dos Portuguezes deſpreſaõ a ſuperioridade, enche-os de furor a confiança dos Barbaros, e começaõ a batalha logo eſpan-

toſa. O ar coberto de fumo, e de ſét- Era vulg.
tas, por toda a parte ſcintillando fogo, e os ſentidos perturbados, nada tinha acçaõ além da cólera. D. Lourenço, no meio da confuſaõ, pode deſcobrir a Capitánia inimiga guarnecida de 600 dos mais deſtemidos ſoldados. Elle a ferra, ſalta dentro com o bravo Joaõ Homem, Fernando Pereira de Andrade, Vicente, e Rodrigo Pereira, com outros Fidalgos, e ſoldados de valor, que paſſando á eſpada o maior número de gente, prendendo alguma, e fazendo que o reſto ſe lançaſſe ao mar, ficou em noſſo poder a grande Capitánia de Calecut.

Deſtino ſemelhante foraõ tendo outras náos dos inimigos, quando algumas das noſſas combatiaõ com perigo evidente, por cercarem muitas a cada huma; mas desfalecendo o ſeu fogo, porque lhes rebentavaõ muitas peças de ferro; creſcendo a noſſa corage ao paſſo dos deſejos da reputaçaõ por huma aſſignalada victoria; nós vimos que os contrarios, a toda a força de véla, fugiaõ a amparar-ſe no porto de Calecut.

El-

Era vulg. Elles perdêraõ na acçaõ mais de tres mil homens, déz náos, e muitos paráos mettidos a fundo, nove prifioneiras, hum deſpojo de grande valor; e dos Portuguezes faltáraõ ſeis. D. Lourenço entrou victorioſo em Cananor, aonde recebeo do ſeu Rei, occupado de admiraçaõ, as congratulações de triunfante de hum inimigo reſpeitavel.

A guerra de Calecut fez entender ao Çabayo, Senhor de Goa, que poderia inſultar a Fortaleza de Angediva, ſem encontrar nella reſiſtencia. Eſta idéa lhe inſpirou o vil Antonio Fernandes, Apoſtata da noſſa Religiaõ, hum dos deſterrados condemnados á mórte, que Pedro Alvares Cabral deixára na India, official de Calafate, já chamado Abdala. Elle foi o encarregado da empreza, e entregue ás ſuas ordens huma Armada de ſeſſenta navios, com promeſſa do Senhorio de Cintacorá, ſe conquiſtaſſe a Angediva. Pouca eſpecie fez a Monoel Peçanha, que governava a Fortaleza, o esforço deſte Apoſtata, que depois de huma grande mortandade, foi obrigado a levan-

tar

tar o ſitio, e voltar para Goa duas ve- Era vulg.
zes infame. Conſeguida a victoria, o
Vice-Rei, com conſelho de todos os
Capitães, determinou mandar arraſar
a Fortaleza, que ficava muito diſtan-
te de Cochim, fazia grandes deſpezas,
naõ nos dava alguma utilidade, e en-
carregou eſta expediçaõ a ſeu filho D.
Lourenço, que a executou.

A vigilancia exacta nos negocios da India, naõ fazia eſquecer os da Europa, e Africa. A tudo attento El-Rei D. Manoel, mandou a D. Diogo Lobo, Baraõ de Alvito, cumprimentar da ſua parte a Filippe, Rei dos Romanos, e a ſua mulher a Rainha D. Joanna, que vinhaõ a Heſpanha para ſer inveſtidos na poſſe deſta Monarquia, de que a Rainha D. Joanna ficára herdeira por mórte de ſeu ſobrinho o noſſo Principe D. Miguel da Paz. Porque entaõ os Reis Catholicos traziaõ perturbados os animos com guerras ſanguinolentas, e ſe mettia outra com o inimigo maior do Chriſtianiſmo; D. Manoel mandou a Duarte Galvaõ, e a Joaõ Sotil com o caracter de ſeus Plenipotenciarios re-

pre-

Era vulg. preſentar ao Papa o eſtado triſte da Chriſtandade: que ſe devia procurar a paz entre os Soberanos Catholicos para ſe opporem unidos ás invasões dos Turcos: que era huma affronta dos Fiéis poſſuir o Soldaõ os Lugares Santos da Paleſtina: que elle ſe offerecia para ſer o primeiro, que marchaſſe a taõ ſantos deſignios na téſta da Nobreza do ſeu Reino, e das ſuas melhores tropas.

Como eſte fervor ardente naõ atiçou o fogo nos outros eſpiritos Reaes, antes ſentenciáraõ o zelo de D. Manoel por huma veleidade; elle quiz moſtrarlhes, que as ſuas chammas ſe ſuſtentavaõ na caridade, e empregou as armas na conquiſta de Africa. Para refugio das ſuas Frótas, e navios de corſo, ordenou elle a Diogo da Azambuja, hum dos ſeus Capitães de conhecido valor, que fóra do Eſtreito de Gibraltar fundaſſe o Caſtello, que foi chamado Real. Eſte deſignio era muito grande para naõ encontrar oppoſiçaõ. De toda a parte concorrêraõ os Mouros para fazerem a mais vigoroſa, como meio de nos embaraçarem o fi-

car-

carmos dominantes do Paiz. Com as armas em huma maõ, e as ferramentas na outra, os Portuguezes combatiaõ, e edificavaõ; conſeguindo em hum meſmo acto avançar a obra, e celebrar triunfos. Era vulg.

Neſte anno principiou a fazer-ſe conhecida em Africa a familia dos Xerifes, que 72 annos depois veio a ſer taõ fatal ao noſſo Reino na perda mais conſideravel, que ella lhe cauſou, e que elle ſentio. Foi o ſeu Chéfe hum Caciz natural de Figumedet, lugar da Provincia de Durá, que principiou a ſer eſtimado em Numidia. Eſte Barbaro era ſábio; mais inſtruido nos preſtigios, e Theorgia práctica, do que nas Artes, e Sciencias. Elle ſe fez chamar Xerife, e ſe inculcava deſcendente de Mafoma, mudando o nome, que tinha de Mahamet Benhamet. Como politico déſtro, vendo aos Mouros divididos em parcialidades, perturbados com diſcordias ſanguinolentas, inquietos com a perſeguiçaõ dos Portuguezes; foi avançado na Mauritania o Dominio, que vieraõ a conſummar dous

dos

Era vulg. dos ſeus filhos, ambos chamados Mahamet. Naõ julgando taõ feliz pelos ſeus calculos ao primogenito Abdelquibir; nos horoſcopos nigromanticos, que levantòu aos Mahametes, fez capacitar a ambos, que elles tinhaõ de ſer huns Heróes conſummados.

Para reforçar a idéa os enviou neſte anno, em que fallamos, á Cidade de Meca viſitar o ſepulcro de Mafoma, para os Mouros os eſtimarem ſantos pelas virtudes adquiridas neſta romaria. Voltáraõ elles com o caracter de Morabitas, bem diſciplinados pelo ſeu grande Pai, e entráraõ por boa parte da extenſaõ de Africa já a ſer ouvidos como Oraculos, já a adquirirem o reſpeito de impeccaveis. Para melhor enganarem a cegueira dos Barbaros, elles ſe repreſentavaõ humas idéas ſem paixões, homens extacticos, comenſaes da Divindade, ſempre converſando no Ceo, vivendo de eſmólas, nada eſtimando da terra, quando a ſua ambiçaõ a queria toda. Tanto que com eſta hypocriſia ſe ſentíraõ entranhados nos corações dos Póvos; ſeu Pai co-

nhe-

nhecendo-os filhos legitimos das ſuas patranhas, os animou a colher os fructos da induſtria com o roubo da fazenda, e Eſtados alheios, até ſe fazerem huns grandes Senhores, como viéraõ a conſeguir mais hypocritas, que valentes. Era vulg.

Quando acabava eſte anno, tinhaõ principio as revoluções de Çafim; Cidade conſideravel da Mauritania, que reconhecia por Soberano ao Rei de Marrocos. Ella veio a cahir no poder do Tyranno Abdear, que a ficou dominando depois de matar a ſeu Tio Amedux. De huma filha ſua era amante Aliadux, que ſeu Pai quiz matar por deſaggravo; mas o moço deſtemido com o favor dos ſeus amigos, eſpecialmente o de Haia Abentafut, deo a mórte ao infeliz Abdear; ficando elle, e Abentafut com o governo da Cidade. Com eſtas revoltas podéraõ eſcapar-ſe huns captivos Caſtelhanos, que viéraõ ao Caſtello Real participar a Diogo da Azambuja o que ſe paſſava em Çafim. O meſmo fez Aliadux, que da ſua parte, e da de Abentafut lhe pedio qui-

Era vulg. zeſſe ajudallos com alguma gente, que elles eſtavaõ promptos a jurar-ſe vaſſallos del Rei D. Manoel. Em peſſoa foi o noſſo Chéfe a Çafim; mas receoſo da pouca fidelidade dos revoltoſos, naõ ſe empenhou a ſeu favor, e veio para Caſtello Real a obſervar as conjuncturas. Depois de outras revoluçõẽs, em que ſe traçava a mórte de Abentafut, a que ſe inclinava o Azambuja; elle ſe reſolveo mandallo a Lisboa para El-Rei determinar o que bem lhe pareceſſe.

Com tanta dexteridade negociou Abentafut, tanto ſe inſinuou no eſpirito do Rei, e deprimio de ſórte o procedimento dos ſeus emulos, que D. Manoel o mandou para Çafim com o cargo de Capitaõ do Campo. Ordenou ſe lhe déſſem vinte cavallos Portuguezes, para como prático na terra, explorar a campanha com outro conhecimento, que naõ tinha o Azambuja. Entaõ entendêraõ todos, que eſta determinaçaõ do Rei era hum exceſſo de piedade; mas os effeitos moſtráraõ, que fora huma das illuſtraçõẽs impre-

cru-

crutaveis nos Soberanos. Todas as idéas deſte Barbaro, que nós entendiamos deſavantajoſas aos noſſos intereſſes, nós as vimos depois as mais conformes, as mais fiéis, as mais activas: nós as cremos, quando tantas vezes na frente das trópas o admiramos derrotando as dos Reis de Marrocos, de Féz, de Sus, e de Hea; rendendo tributaria da noſſa Coroa toda a Provincia de Ducala. Era vulg.

CAPITULO V.

Tratão ſe os ſucceſſos do anno de 1507 na India, Africa, e Europa.

SEM ſucceſſos memoraveis na Europa ſe paſſáraõ os principios do anno de 1507, em que El-Rei determinou mandar á India, quatorze náos repartidas em quatro Capitanias, que humas apoz outras ſahíraõ de Lisboa no mez de Abril. Deixando as tres, que mandavaõ Jorge de Mello Pereira, Filippe de Caſtro, e Fernaõ Soares, por ſerem 1507

Era vulg. menos consideraveis os seus acontecimentos; nós fallaremos nos da Esquadra de Vasco Gomes de Abreo, que hia provido na Fortaleza de Çofala. Tantas náos Portuguezas desta, e das mais frótas, que andáraõ dispersas pelas Cóstas de Africa, além do Cabo de Boa-Esperança, e por ellas invernáraõ, naõ houve huma só, que neste anno chegasse á India. Vasco Gomes depois de cuidar na Fortaleza de Çofala, que como dissemos, estava provida pelo Vice-Rei em Nuno Vaz Pereira, elle quiz executar as ordens, que levava de fazer outra Fortaleza em Moçambique, para onde mandou encarregado desta commissaõ a Duarte de Mello, que havia ser o seu Governador.

Para dar mais calor á obra, pouco depois de Duarte de Mello partio para a mesma parte Vasco Gomes de Abreo, deixando Çofala a cargo de Ruy de Brito Patalim; levando comsigo outros dous Capitães nas suas náos. A sua viagem foi taõ infeliz, que todos tres se perdêraõ, sem que atégo-

ra ſe ſoubeſſe o como, nem aonde. Era vulg.
Duarte de Mello foi continuando a obra, e antes della acabada, correndo já o anno de 1508, vários dos Capitães das Eſquadras, que viéraõ dar a Moçambique, navegáraõ aos ſeus deſtinos, que eraõ para o Cabo de Guardafú Diogo de Mello, e Martim Coelho; para a India Jorge de Mello, Filippe de Caſtro, e Fernaõ de Souſa, que foraõ recebidos pelo Vice-Rei com alvoroço extremo para lhe reforçarem a Armada, com que determinava combater a que ſe eſperava do Soldaõ do Egypto.

Como ſe ſoubeſſe que neſte anno naõ chegáraõ á India náos do Reino, os Mouros tomáraõ corage, tiveraõnos por perdidos, e inſtáraõ com o Rei de Calecut naõ deixaſſe fugir a occaſiaõ de tomar vingança de tantas injúrias com hum ſó golpe. Os fabricantes de prognoſticos affirmavaõ, que pelos ſeus calculos aquelle era o anno das glorias do Çamorim, e da ruina dos Portuguezes. Os Sacerdotes Bramanes em tom de Oraculos perſuadiaõ a guer-

ra

Era vulg. ra como decretada no conſiſtorio da Divindade, já propicia ao Reino de Calecut. Huma tal collecçaõ de promeſſas felices fez no eſpirito do Rei o abalo, que ao meſmo tempo era movido pelos impulſos do deſejo; e quanto ſoava na ſua Monarquia era guerra, victorias, Portuguezes degollados, a Aſia libertada.

Tantos éccos chegáraõ aos ouvidos do Vice-Rei, que para moſtrar aos inimigos a pouca neceſſidade, que tinha de ſoccorros, dividio os navios em duas frótas. A Manoel Peçanha encarregou a eſcolta das náos, que navegavaõ para o Cabo Comorim, cobrindo-as com duas galeotas, dous navios, e hum patáo. De onze náos groſſas nomeou Commandante a ſeu filho D. Lourenço para correr os mares viſinhos. Deſta Eſquadra ſe deſtacou com a ſua náo Gonçalo Vaſques de Goes para ir conduzir viveres de Cananor. Quando ſe recolhia bem deſpachado, encontrou hum navio de Mouros, que ſahíra do meſmo porto, e lhe moſtrou o paſſaporte, que levava firmado por

Lou-

Lourenço de Brito, Governador da noſſa Fortaleza. Como os Mouros traziaõ eſte Seguro naõ quizêraõ defenderſe; crendo, que Gonçalo Vaſques obſervaria religioſamente os Artigos do ultimo Tratado, em que ſe convencionou tratar como de amigos todas as embarcaçõeſ, que navegaſſem os mares de Arabia, Perſia, e India, com tanto que apreſentaſſem paſſaporte do primeiro Chéfe, ou de qualquer dos Capitães das Fortalezas de Portugal. Firmes neſta boa fé navegavaõ os Mouros. Era vulg.

Gonçalo Vaſques taõ pouco caſo fez della, e do crédito da Naçaõ, que entaõ naſcia na Aſia; taõ pouca conſideraçaõ lhe devêraõ as repreſentaçõeſ do Capitaõ afflicto, que conſultando ſó o ſeu odio aos Mouros unido á cobiça das ſuas mercadorias: elle mandou cozer em huma das vélas da náo ao Capitaõ Mouro, a todos os ſeus marinheiros, e com deshumanidade barbara os fez lançar ao mar: acçaõ indigna de qualquer homem de honra, cruel, impia, contraria ao Direito das

Gen-

Era vulg. Gentes, eſtranha ainda á razaõ menos illuminada: acçaõ temeraria, louca, cheia de furor, terrivel pela conjuntura, em que aos Portuguezes ſó convinha captar a benevolencia, naõ o eſcandalo, a cólera, a indignaçaõ dos Póvos do Oriente: acçaõ, que podia ſobverter os fundamentos do noſſo Imperio da Aſia, que eſtava no berço, e nós ſó podiamos fazer firme na probidade, na exacçaõ, na boa fé, no cumprimento inviolavel da palavra. Em fim, ella foi huma acçaõ, que ainda entre os noſſos amigos, principiava a fazer o nome Portuguez, aborrecido, e abominavel na India.

Acodio a reparar tanto damno a juſtiça, a prudencia, a boa economia do Vice-Rei. Elle ajuntou logo conſelho de guerra, em que propôz com diſcurſo vivo, que ſe fazia ſentir em ſi meſmo, a indignidade da acçaõ de Gonçalo Vaſques, e que della ſe neceſſitava dar huma deſapprovaçaõ taõ pública, que todo o mundo a tiveſſe, naõ por obra dos Portuguezes, mas por monſtruoſidade de hum avarento

des-

deshumano. Por consenso unanime foi Gonçalo Vasques degradado de todas as honras, e ao exemplo do Vice-Rei, que nunca mais fez caso delle, experimentou o mesmo em todas as gentes. Este procedimento fez por então suspender a murmuraçaõ dos Indios; mas fallecendo pouco depois o Rei de Cananor nosso Alliado, o seu successor, que era amigo do de Calecut, deo ouvidos ás suas suggestões, attendeo ás queixas dos Mouros aggravados, especialmente ás de hum chamado Mamale, parente do Capitaõ do navio aprezado por Gonçalo Vasques, igualmente rico, que respeitado em Cananor, e começáraõ os nossos negocios a mudar de figura naquella Corte. Era vulg.

Mamale, naõ só escandalisado da mórte do parente, mas sentido da perda do navio, e da fazenda, que lhe pertenciaõ, apenas vio mudado o Governo soblevou huma quantide de queixosos, que carregáraõ a Lourenço de Brito das injúrias mais enormes. Elle quiz dar próvas constantes da sua sinceridade, firmando-a com juramento; mas

na-

Era vulg. nada mereceo crédito, nem attençaõ. Foi o tumulto á preſença do Rei, que ou eſcandaliſado do inſulto do Vaſques, ou conhecendo as difficuldades de apaſiguar hum Povo mettido em movimento; elle entregou os Portuguezes á diſcriçaõ dos Mouros, para que ſe vingaſſem como bem lhes pareceſſe. Animados com eſta permiſſaõ, Mamale Chéfe do partido, eſcreveo aos Mouros de Calecut, participando-lhe a reſoluçaõ do Rei de Cananor, inſtando-os a unirem-ſe com elles para tomarem huma vingança taõ eſtrondoſa, como tinha ſido a injúria. Os Barbaros de tudo informáraõ ao Rei de Calecut, que ſempre infeſto aos Portuguezes, fez logo desfilar trópas para Cananor, aonde o Rei já tinha mandado fazer huma cava funda, que ſeparaſſe a communicaçaõ da Cidade com a fortaleza, e o poço.

Lourenço de Brito, que via eſte movimento dirigido a matar de ſede a guarniçaõ, que além dos mais apreſtos de Cananor, ſabía que eſtavaõ chegando 30ⵔ000 homens de Calecut com

24 canhões para baterem a Fortaleza ; Era volg.
que naõ tardava o Inverno a fechar
aquelles mares : sem perda de tempo
pedio soccorro ao Vice-Rei ; reforçou
as sentinellas ; mandou abrir hum ca-
minho estreito para o poço, que co-
brio de terra sobre grossas vigas, e o
ficou dominando ; recebeo por D. Lou-
renço de Almeida bom reforço de tró-
pas, fornecimento de viveres, e espe-
rou valeroso os repelões de 40Ɑ000
homens, que viéraõ a sitiallo. Apurá-
raõ o valor, e a arte os seus esméros
neste prolongado sitio, em que nos
defendemos de muitos, e violentos as-
saltos. Na tarde em que vencemos hum
dos mais gloriosos, certo Cavalleiro
Hespanhol do apellido de Guadalajára,
que havia dado próvas elegantes da sua
intrepidez ; teve a lembrança de pedir
ao Governador fiasse delle 150 homens
para visitar no quarto da Alva os ar-
raiaes dos inimigos.

O Governador lhos concedeo, e
quizéraõ acompanhallo Gonçalo Vas-
ques de Goes para expiar o seu crime
com acções generosas, Ruy Pereira,

Fer-

Era vulg. Fernaõ Peres de Andrade, e ſeu irmaõ Simaõ de Andrade, Vicente, e Diogo Pereira, Ruy de Sampayo, Franciſco Pantoja, Franciſco de Miranda, Pedro Teixeira, Jorge Fogaça, e outros Fidalgos de conhecido valor. Elles ſe conduzíraõ de modo neſte avance, que depois de paſſarem á eſpada mais de 300, de ferirem hum grande número, de porem o reſto em fugida, ſe recolhêraõ á Fortaleza com ſete canhões, outra artelharia miuda, e hum grande deſpojo. Eſta vantagem, e a felicidade, com que os tiros de huma peça de grande calibre leváraõ pelos ares os ſaccos de lã, com que os inimigos cobriaõ as ſuas trincheiras, já nos davaõ eſperanças de vencer, a elles a certeza de ſer vencidos, como quem tinha por impoſſivel reſiſtir a peito deſcoberto á continuaçaõ do noſſo fogo. Succedeo porém, que hum deſcuido o fizeſſe pegar na Feitoria, aonde ſe guardavaõ os mantimentos, e ficáraõ mui poucos em hum armazem de reſerva.

Naõ tardou a fome em ſer extrema, nem o Rei de Cananor em ſaber del-

della pelos eſcravos, que fugiaõ da Fortaleza. Accodio o Ceo a eſta neceſſidade, fazendo arrojar o mar tanta quantidade de lagoſtas á praia, que os ſitiados ſe mantivéraõ com ellas muitos dias. Como o Inverno hia acabando, e naõ tardariaõ os ſoccorros; como a fome naõ nos conſumíra, e os eſpiritos ſe conſervavaõ inteiros: determináraõ os inimigos poſtar em torno da Fortaleza os 50000 homens, de que já conſtava o ſeu Exercito, apreſtar huma quantidade de navios com alguns dos Caſtellos, de que o Çamorim ſe ſervira contra Duarte Pacheco na guerra de Cochim, e por mar, e terra dar hum aſſalto geral á Fortaleza. Lourenço de Brito foi logo aviſado da tempeſtade, que o ameaçava pelo meſmo Principe de Cananor, e advertido a applicar a defenſa mais vigoroſa para a parte do mar, aonde os ſeus inimigos tinhaõ mais firmes as eſperanças. Era vulg.

Amanheceo o dia deſtinado para o aſſalto, e apparecêraõ os Portuguezes coroando a muralha veſtidos de galla, impacientes, e alegres, como quem eſ-

Era vulg. eſperava o fim da guerra. Com a primeira luz ſe movêraõ o Exercito, e a Armada, ſobre ella os Caſtellos, que haviaõ ficar a cavalleiro dos noſſos baluartes para eſtarmos deſcobertos ao ſeu fogo. Elle ſe atiçou de ambas as partes horroroſo, e ardeo voraz deſde a ſahida até á poſtura do Sol. As gentilezas, que obramos em todo hum dia de combate, tem mais de verdadeiras, que de criveis: elle foi hum dos mais diſputados, que nós tivemos na India. O Exercito, e a Armada tudo pozemos em derrota com perda de muitas vidas, ſem que da noſſa parte faltaſſe hum ſó homem: ſucceſſo para milagre opportuno, para accidente raro. Ambos os córpos deſtroçados ſe refugiáraõ na Cidade; mas na manhã ſeguinte, mandando o Governador levar a hum ſitio, que a dominava, a artelharia mais groſſa da Fortaleza, fez chover ſobre ella hum diluvio de ballas. As caſas mais viſtoſas em breve tempo foraõ montes de ruinas: os cadaveres nas ruas eraõ tropeço dos vivos: muitos Mouros ficáraõ ſepultados debaixo das paredes

de

de hum Templo, aonde ſe haviaõ ajuntado para aplacar a indignaçaõ do ſeu Mafoma com expiações barbaras, e ridiculas; o Povo, os peregrinos, cobertos de pavor, e medo, foraõ clamar ao Rei, que ſem demora fizeſſe a paz com os Portuguezes; que o ſeu eſcandalo Gonçalo Vaſques de Goes pagára no ſitio o ſeu crime com a vida; e que ſe eſte ſeu rogo naõ foſſe attendido, elles abandonavaõ a Cidade á diſcriçaõ dos vencedores. Era vulg.

Neſta figura eſtavaõ os negocios no dia 27 de Agoſto, quando Triſtaõ da Cunha com a Armada, que commandava, ferrou o porto de Cananor. Os Portuguezes, com forças para maiores empenhos, recobráraõ dobrados alentos: os inimigos os perdêraõ de todo, e com Deputações humildes expozeraõ a Lourenço de Brito o ſeu arrependimento, e lhe pedíraõ a paz. Elle a concedeo com approvaçaõ de Triſtaõ da Cunha: mas com as condições, que lhes quizeſſe preſcrever o Vice-Rei, que com effeito as approvou, deixando abattido com eſta grande vi-

Era vulg. ctoria o orgulho de Calecut, e Canánor.

Em quanto na India ſuccediaõ eſtas couſas, em Africa acabáraõ as revoltas da Cidade de Çafim, que dividio o ſeu governo entre Haliadux, e Abentafut. Eſte deixei eu em Lisboa negociando com El-Rei D. Manoel, que o mandou a Africa favorecido, inclinado aos noſſos intereſſes, e reſoluto a metter Çafim na noſſa obediencia. Do tempo que elle ſe deteve em Portugal ſe approveitou Haliadux para ficar Governador deſpotico da Praça, ſem lembrança dos beneficios, que devia aos Portuguezes, com o novo mando ſeu declarado inimigo. A Diogo da Azambuja ſe fez intoleravel eſta ingratidaõ; e recorrendo ás armas, muitas vezes batido, e derrotado Haliadux, elle foi obrigado a pagar-nos tributo, e a reconhecer a El-Rei D. Manoel por ſeu Soberano. Aſſim foraõ diſſipadas em Çafim as facçõeſ dos dous Governadores; mas entaõ principiáraõ as de Diogo da Azambuja, e de Garcia de Mello, que com as Galéz, que cruzavaõ no Eſtrei-

to

to foi mandado auxiliar a empreza de Çafim. Era vulg.

Como esta Praça ficou em nosso poder pela retirada de Haliadux, que se foi amparar do favor do Rei de Féz; os nossos dous Chéfes se dividíraõ nos sentimentos a respeito do modo de a defender, e da pessoa para a governar; e como as opiniões eraõ differentes, teve cada huma o seu partido. Já os Mouros se queriaõ aproveitar das vantagens da desuniaõ; mas os Portuguezes attentos aos interesses do público, sem se embaraçarem com a retirada de Garcia de Mello, que antes quiz recolher-se a Lisboa, que ceder da teima; elles se uniraõ, reconhecêraõ por Governador de Çafim a Joaõ do Rego de Portalegre, que o Azambuja nomeára, e naõ se empregáraõ em mais objectos, que nos do bem commum.

Nestes, e outros successos de menos entidade se passou o anno de 1507, que no fim affligio o Reino com o flagello da peste, e obrigou a Corte a refugiar-se na Villa de Abrantes, aonde nasceo o Infante D. Fernando. Princi-

Era vulg. pe dotado de qualidades ſublimes, objecto de grandes eſperanças, que por huma móite immatura foraõ cortadas em flôr. Naõ obſtante a calamidade, que o Reino padecia, D. Manoel naõ podia ſupprimir os deſejos de continuar a guerra contra os Reis de Marrocos, e de Féz. Eſte deſignio o obrigou a mandar com quatro náos a D. Joaõ de Menezes ſondar as barras de Azamor, Mamora, Zalé, e Larache. D. Joaõ executou as ordens com a maior actividade, e as informaçõnes que elle trouxe déraõ cauſa á expediçaõ, de que falaremos em ſeu lugar.

CAPITULO VI.

Da Armada, que partio para a India no anno de 1508, e do que nella ſuccedeo no meſmo anno.

1508 NAõ havendo negocio, que divertiſſe do eſpirito do Rei D. Manoel os cuidados da India, reſolveo mandar a ella eſte anno huma Armada de dezaſſeis

náos. Informado da importancia de Ma- Era vulg.
laca, Emporio célebre do Oriente, determinou que foſſe a ella com quatro daquellas náos Diogo Lopes de Siqueira acompanhado dos Capitães Jeronymo Teixeira, Gonçalo de Souſa, e Joaõ Nunes com ordem de examinarem na viagem a Ilha de S. Lourenço, que as ultimas noticias faziaõ recommendavel. Sahio eſta Eſquadra de Lisboa a cinco de Abril, e nós a deixaremos continuando a ſua viagem para ſeguirmos a do reſto da Armada, que hia ás ordens de Jorge de Aguiar, e que com cinco náos havia ir cruzar no Cabo de Guardafu para dar caça aos navios da Arabia, que navegaſſem para a India. Elle levava por Capitães a ſeu ſobrinho Duarte de Lemos, Senhor da Trofa, a Vaſco da Silveira, a Diogo Correa, e a ſeu irmaõ Pedro Correa.

Commandavaõ as outras náos Franciſco Pereira Peſtana, que hia provido na Capitania de Quiloa, Vaſco Carvalho, Alvaro Barreto, Joaõ Rodrigues Pereira, Joaõ Colaço, Gonçalo Mendes de Brito, e Triſtaõ da Silva,

Era vulg. que com duas galéz da India havia ir ajuntar-ſe com Jorge de Aguiar no Cabo de Guardafu. As tormentas, que ſobreviéraõ na viagem, deſgarráraõ eſta conſerva: Franciſco Pereira Peſtana arribou a Lisboa, donde tornou a ſahir em Maio: Jorge de Aguiar ferrou a Ilha da Madeira; mas montado o Cabo de Boa-Eſperança, outra tormenta o metteo no fundo, ſalvando-ſe a náo de Alvaro Barreto, que levava o meſmo rumo. Elle ſe encontrou em Moçambique com Duarte de Lemos, e mais Capitães deſtinados para o Cabo de Guardafu, aos quaes deo noticia do naufragio de Jorge de Aguiar. As outras náos todas chegáraõ á India no mez de Outubro; e Duarte de Lemos, que ficava Commandante da Eſquadra, depois de determinar em Conſelho de Guerra o ataque da Cidade de Magadaxo, navegou para Çacotorá. Os ventos contrarios o forçáraõ a tomar porto em Ormuz, aonde o deixaremos até ſer tempo de fazer narraçaõ dos ſeus ſucceſſos.

Já nós diſſemos, que no anno de 1506 ſahio de Lisboa Triſtaõ da Cunha

com

com onze náos, que invernáraõ em dif- Era vulg.
ferentes Pórtos, e nenhuma chegou á
India naquelle anno. Depois mandou
El-Rei mais cinco ás ordens do Gran-
de Affonſo de Albuquerque para cru-
zar no Cabo de Guardafu, ſúcceder no
cargo ao Vice-Rei D. Franciſco de Al-
meida, e na falta de ambos o meſmo
Triſtaõ da Cunha. Levava Affonſo de
Albuquerque por Capitães a Franciſco
de Tavora, a Manoel Teles Barreto,
a Antonio do Campo, a Affonſo Lo-
pes da Coſta, e ordem para em Mo-
çambique unir a eſta Frota a náo de
Pedro Coreſma. Varias tempeſtades deſ-
garráraõ a conſerva deſtas duas Arma-
das. Os Chéfes, e outros Capitães paſ-
ſáraõ o Inverno em Moçambique: Af-
fonſo Lopes da Coſta ferrou Çofala:
Leonel Coutinho entrou em Quiloa:
Alvaro Teles, vencendo perigos im-
menſos, foi parar ao Cabo de Guar-
dafu, aonde fez algumas prezas, e
voltou a Çocotorá para eſperar a Triſ-
taõ da Cunha: Rodrigo Pereira Cou-
tinho penetrou o mais interior da Ilha
de S. Lourenço por huma agradavel

Ba-

Era vulg. Bahia, que fez chamar Formoſa, aſſim como a toda a Ilha de S. Lourenço pela aviſtar no dia deſte Santo.

As noticias que Rodrigo Pereira deo em Moçambique ao Cunha, e Albuquerque das qualidades da Ilha, os eſtimulou a irem examinalla, por naõ ſer ainda tempo de navegarem para Çocotorá. Elles o fizeraõ com algumas das náos, buſcando-a pela parte de dentro, mas os moradores de dous lugares lhes impediraõ ſaltar em terra; empenho, que aos mais cuſtou a vida, aos lugares o ſeu eſtrago. Dalli foraõ coſteando a terra, até chegarem a hum Cabo, que Triſtaõ da Cunha naõ quiz montar temeroſo de alguma tormenta, e velejou na volta de Moçambique. Quando ſe fez eſta retirada já a náo de Joaõ Gomes de Abreo havia paſſado o Cabo, que chamaõ do Natal, e foi logo aſſaltada por hum tempo rijo. Com elle correo pela parte de fóra da Ilha, e chegou a hum rio caudaloſo na Provincia Matatana, aonde entrou, e o recebêraõ bem. Eſta hoſpitalidade lhe facilitou ſaltar em terra com alguns ca-

camaradas; mas foi tal a ſua infelicidade, que nella morrêraõ alguns de afflicçaõ, quando hum groſſo temporal levou a náo, ſem o batel a poder abordar, entre elles o meſmo Joaõ Gomes de Abreo, que em tanto deſamparo naõ pode dar-lhe conſolaçaõ o agrado do Rei de Matatana. Era vulg.

Foi eſte o ſegundo deſcobrimento da Ilha de S. Lourenço, que agora fez Triſtaõ da Cunha pela parte de dentro, e antes o havia feito Fernaõ Soares pela de fóra. Ella he huma das maiores Ilhas do Univerſo, que ſe eſtende por mais de 300 legoas de comprido, e paſſa de 120 de largo. Os antigos lhe chamáraõ Madagaſcar. Eſtá dividida em vários Reinos. Os moradores ſaõ Mouros, e Idolatras, baços, encarapinhados, e andaõ nús. He grande a ſua fertilidade em generos de carnes, caça, fructos de arvoredos, e plantas; mas eſte ſegundo deſcobrimento, naõ ſó cuſtou a Triſtaõ da Cunha a perda de Joaõ Gomes de Abreo, e de nove companheiros, que lá morrêraõ, conſternados, ainda que treze viéraõ depois

Era vulg. a Moçambique; mas a da náo de Rodrigo Pereira, que na volta da viagem ſe foi a pique com mórte da maior parte da gente.

Sendo tempo opportuno de navegar, Triſtaõ da Cunha partio de Moçambique; foi a Melinde; entregou ao Rei amigo as cartas, e preſentes, que levava: recommendou-lhe tres Emiſſarios, que D. Manoel mandava ao chamado Preſte Joaõ da Ethiopia, e partio para a Cidade de Hoja, vinte legoas adiante de Melinde, e inimiga do ſeu Rei. Nella naõ deixou Triſtaõ da Cunha mais, que dos edificios as cinzas, dos homens os cadaveres. Quinze legoas avante fez noſſa tributaria a Cidade de Lamo: á de Brava offereceo paz, que ella differia com enganos; mas cuſtáraõ-lhe a ſua ruina. Triſtaõ da Cunha, e Affonſo de Albuquerque a aſſaltáraõ com a melhor gente. A reſiſtencia dos Barbaros foi biſarra; mas mórtos alêm de 1500, os mais fugíraõ, a Cidade ficou em noſſo poder com muitos captivos, entre elles mais de 800 mulheres, ás quaes a im-

pie-

piedade cortava as mãos vivas para lhes tirarem dos braços as manilhas de ouro. O deſpojo foi taõ rico, e taõ copioſo, que naõ coube nas náos, cançou, ou fez inſenſivel a cobiça. Démos fogo á Cidade, e foi como Hoja ſegundo eſpectaculo. Era vulg.

Triſtaõ da Cunha eſtimou tanto eſta victoria, que logo depois della quiz que Affonſo de Albuquerque o armaſſe Cavalleiro, a ſeu filho Nuno da Cunha, e a Ruy Dias Pereira com outros Fidalgos, que ſe diſtinguíraõ no combate. Feita eſta ceremonia, navegou para a ſoberba Praça de Magadaxo, aonde mandou a Leonel Coutinho offerecer paz. Os Mouros ferozes deſpedaçáraõ o Emiſſario, que o Coutinho lhes enviou, ameaçando-o que lhe fariaõ o meſmo ſe ſaltaſſe em terra. Naõ quizéra o Cunha demorar o caſtigo de tamanha affronta; mas inſtado pelos outros Chéfes, que ponderáraõ as difficuldades da empreza, a viſinhança do Inverno, e outros inconvenientes, elle teve de ſe fazer deſentendido, ſoltar o panno, navegar para Çocotorá, aon-

de

Era vulg de aportou felizmente. Esta Ilha he a Dioscorides dos antigos, montuosa, abundante de fructos, os homens brancos, e que fazem confissaõ do Christianismo. Elles tem Igrejas como as nossas, e nellas Cruzes, mas naõ Imagens. Jejuaõ a Quaresma, e o Advento sem usarem de peixe. Casaõ com huma só mulher, guardaõ os mesmos dias de Festa, que a Igreja manda; invocaõ o patrocinio dos Santos, e pagaõ dizimos aos Sacerdotes. O Apostolo S. Thomé converteo aos seus ascendentes; mas nós os achamos com muitas corrruptelas na verdadeira crença.

Estes homens viviaõ na ociosidade, eraõ covardes, naõ estimavaõ a liberdade, e o Mouro Rei de Caxem, que dominava nesta parte da Arabia Felix, facilmente os privou della; deitandolhes hum freio na Fortaleza, que edificou naõ longe da Praia, muito defensavel, e bem presidiada. Tristaõ da Cunha se determina o rompello para libertar os opprimidos Christãos, e faz saber ao Principe Abrahem, filho do Rei, que elle professa os mesmos Dogmas daquel-

quelles ſeus vaſſallos : que he o pri- Era vulg.
meiro dos ſeus deveres amparallos a todo o cuſto ; mas que deſejoſo de o conſeguir por meio da paz, lhe pedia, que ſem effuſaõ de ſangue lhe entregaſſe a Fortaleza da Ilha de Çocotorá, que elle naõ podia deixar de ter por hum eſcandalo da ſua Religiaõ Santa. O Principe, que a commandava, reſpondeo, que naõ tinha dúvida na entrega, ſe ſeu Pai o mandaſſe ; que ás inſinuações do Rei de Portugal, ou de outro qualquer Principe, obedeceria com a lança enriſtada.

Triſtaõ da Cunha para abater a fereza do Principe, reſolve a guerra, e vai em peſſoa ſondar a paragem, que lhe pareceo mais cómmoda para atacar a Fortaleza. Abrahem, que o prevenio, mandou na meſma noite poſtar hum corpo de guarda naquelle ſitio para impedir o deſembarque. Naõ ſe embaraçou o Cunha, quando vio rotas aſſim as ſuas medidas. Elle dividio as ſuas trópas em dous córpos ; hum para a vã-guarda, que elle cobria com Leonel Coutinho, Ruy Dias Pereira, Joaõ

da

Era vulg. da Nova, Job Queimado, e outros Capitães: o ſegundo levava na téſta ao Grande Albuquerque; e neſta ordem navegáraõ nos batéis em demanda da Praça por parte differente da que o Cunha quiz fondar. Todos eſtes movimentos Abrahem obſervava dos muros; e como era valoroſo, ſahio na frente de groſſo deſtacamento a impedir, que os Portuguezes forçaſſem a ſua gente nos meſmos entrincheiramentos.

Affonſo de Albuquerque ſe avançou a ella com hum impeto como ſeu. O Principe receoſo, de que elle o rodeaſſe, voltou cáras contra os noſſos, que lhe ficavaõ mais viſinhos. Eſta precauçaõ naõ o livrou do riſco, em que elle ſe metteo; porque D. Affonſo de Noronha, apartando-ſe do corpo mandado pelo Albuquerque, lhe tomou o flanco, atacou-o com tanto vigor, que elle foi forçado a retroceder; mas com tal ordem, que fez recolher a ſua gente na Fortaleza, e impedir aos Portuguezes, que hiaõ ſobre ella, entrarem ao meſmo tempo. D. Affonſo de Noronha ſe enfureceo á viſta deſte movimen-

mento; lançou-se sobre o Principe co- Era vulg.
mo raio, e encontrou hum homem, que a pé firme reteve o impulso da sua corage. Alguns dos seus soldados naõ foraõ taõ constantes, e abandonáraõ o conflicto. Elle com oito sustentáraõ todo o seu pezo, que os opprimio, e todos ficáraõ esmagados dopois de venderem cáras as vidas.

Em quanto o bravo Principe de Caxem acabava com tanta glória, Tristaõ da Cunha dissipava as reliquias dispersas no campo. Poucos podéraõ recolher-se á Fortaleza, que foi logo assaltada por Affonso de Albuquerque. Os inimigos se defendêraõ em desesperados cou tiros de flexas, e pedras, huma das quaes ferio ao Albuquerque, e o deixou algum tempo sem falla. Á vista deste furor, o Cunha mandou vir da Armada hum canhaõ, que assestou contra a porta, e a fez em pedaços. Entráraõ os nossos; mas trinta homens, que já naõ havia outros vivos, obstinados na defensa naõ quizéraõ render-se, e se fizéraõ fórtes em huma torre. Forçada esta, passáraõ para outra mais se-

gu-

Era vulg. gura occupados de huma determinaçaõ heróica. Os noſſos Chéfes ſe laſtimáraõ, de que homens taõ bravos, dignos de toda a honra, aſſim deſprezaſſem as vidas, e lhas mandáraõ offerecer. Elles naõ as quizeraõ acceitar, e todos foraõ mórtos. Cuſtou-nos eſta acçaõ oito homens, e muitos feridos; a glória della naõ teve preço. Affonſo de Albuquerque ſalvou da mortandade geral a hum Piloto chamado Omar, que depois o ſervio fiel, e bem experimentado nas cóſtas da Arabia.

Rendida a Fortaleza, Triſtaõ da Cunha mandou aſſegurar aos moradores da Ilha, que os ſeus intentos naõ eraõ outros, ſenaõ conſervallos em paz debaixo da protecçaõ del-Rei D. Manoel: que reconheceſſem a felicidade, com que as ſuas armas haviaõ reſgatado tantos Chriſtãos do poder tyrannico de hum Rei Barbaro, e por iſſo deſſem graças ao verdadeiro Deos. Corrêraõ aquelles Póvos alvoroçados aos Templos, aonde fizemos celebrar os Myſterios ſagrados, e inſtruillos nas Máximas principaes do Chriſtianiſmo,

que

que a ignorancia tinha corrompido. Era vulg.
Depois de ganhada por eſte modo a benevolencia dos de Çocotorá, de reformada, melhor fortalecida, bem preſidiada a Fortaleza, de que El-Rei nomeára Governador a D. Affonſo de Noronha; Triſtaõ da Cunha navegou para Cananor, aonde chegou, como fica dito, a tempo, que Lourenço de Brito acabava de vencer ao ſeu Rei, ao de Calecut, e celebrou a paz com approvaçaõ do meſmo Cunha, que levou o Tratado a Cochim para ſer confirmado pelo Vice-Rei

Do porto de Cochim havia Triſtaõ da Cunha voltar para o Reino, e conduzir cinco náos de carga, que ſe pozéraõ promptas para a viagem. Ao meſmo tempo ſuccedeo informarem ao Vice-Rei, como no lugar de Panane eſtavaõ carregadas de eſpeciarias náos de Meca, de Calecut, e de Mouros: que o Rei Naubeadarim as tinha bem guardadas por muitos paráos de guerra ás ordens de Cutiale, hum Mouro eſtimado por valente; e determina ir em peſſoa a pôr-lhes fogo, e arrazar a po-

voa-

Era vulg. voaçaõ. Triſtaõ da Cunha ſe offereceo para o acompanhar neſta empreza, que ſe executou com doze náos, em que embarcáraõ 700 Portuguezes, e alguns Naires de Cochim. Como a entrada do rio ſe fazia difficultoſa aos navios maiores, e o Vice-Rei ſoube que os inimigos eſtavaõ muito a cima defendidos por Cutiale com quatro mil homens entrincheirados, e quantidade de artelharia, foi preciſo dar outra fórma ao ataque. Ordenou o Vice-Rei, que Pedro Barreto de Magalhães fizeſſe a vanguarda no ſeu batel com 30 homens: que com igual número o ſeguiſſe em outro Diogo Pires: que em mais dous embarcaſſem D. Lourenço de Almeida, e Nuno da Cunha, aos quaes fariaõ a reta-guarda em duas galéz ſeus Pais o Vice-Rei, e Triſtaõ da Cunha.

Quando Pedro Barreto, e Diogo Pires por baixo do fogo da artelharia quizeraõ ſaltar em terra, foraõ acommettidos por quantidade de Mouros com as cabeças, e barbas rapadas em ſignal do voto feito nas ſuas Meſquitas de peleijar-até morrer, ſem mudarem

rem

rem pé do ſeu poſto, nem ſe deixarem captivar: devoçaõ religioſa entre elles, que lhes inſpira huma corage brutal, e faz os combates taõ cruéis, como foi eſte, quando nelles ſe empenhaõ eſtas ſórtes de Fanaticos ſuperſticioſos. Na força deſta refrega chegáraõ D. Lourenço, e Nuno da Cunha, que abríraõ o paſſo para o deſembarque, e elles pozeraõ pé em terra. Os Portuguezes naõ podéraõ valer-ſe, ſenaõ das lanças, e eſpadas; mas o ſeu esforço fazia dobrar o vigor dos Barbaros, que todos ficáraõ no campo, tanto que nos podemos ſervir dos moſquetes. Era vulg.

A tempo que os Barbaros perdiaõ a corage com a mórte dos Mouros rapados, chegavaõ á margem do rio as galéz do Vice-Rei, e de Triſtaõ da Cunha. Eſte por enfermo ficou a bórdo; o Vice-Rei ſaltou em terra com a bandeira Real, e foi levando os inimigos até Panane. D. Lourenço, e Nuno da Cunha ſe faziaõ invejar de amigos, e contrarios. O primeiro pegando em huma alabarda, que jogava com

Era vulg. deſtreza, matou ſeis. Os Portuguezes ſeguindo o alcance, entráraõ na Villa, a que ſe mandou pôr fogo, para que a cobiça naõ malograſſe o ſucceſſo, e a gente partiſſe a demolir na bocca do rio dous Fórtes, que podiaõ ſervir de refugio aos vencidos. Ao meſmo tempo Nuno da Cunha, e Pedro Barreto, ſem attençaõ ás riquezas de que eſtavaõ carregadas, déraõ fogo a dezoito náos, conſumindo o valor o Exercito de terra, o incendio indiſtincto a Armada naval, e a Villa. Como ſe prohibio perſeguir os fugitivos, perdêraõ os Barbaros ſó 300 homens no campo da batalha: dos noſſos morrêraõ 12; houveraõ muitos feridos, entrando no ſeu número o Vice-Rei, que em quanto o fogo ardia na Villa, e nas náos, elle na praia armava Cavalleiros aos que bem ſe conduzíraõ no combate, e teve por digno deſta honra ao Italiano Luiz Waurtman, de quem eu já fiz menção, e veio com Triſtaõ da Cunha para Portugal.

Elle partio de Cananor com as náos da carga, deixando na meſma Cidade

aõ Vice-Rei occupado nas idéas de naõ dar tempo de reſpiraçaõ aos noſſos inimigos. Com eſte intento mandou a ſeu filho D. Lourenço, que com oito náos eſcoltaſſe as de Cochim até Chaul, e por todos os pórtos foſſe queimando as de Mouros, que encontraſſe. Hum mez ſe deteve D. Lourenço em Chaul, aonde ſoube, que Campſon, Soldaõ do Egypto, mandava huma Armada formidavel aos Reis de Calecut, e Cambaya para lançarem aos Portuguezes da India. O meſmo aviſo lhe fez ſeu Pai por Diogo Caõ, que levava ordem de ajuntar a ſua náo á Armada de D. Lourenço. A do Soldaõ trazia muitos Mamelucos, que na India chamaõ Rumes, ou Romanos, e ſaõ os filhos dos Chriſtãos arrancados pelos Barbaros do poder de ſeus Pais na minińice, e educados na Seita Mahometana, bem inſtruidos na guerra, elles os eſtimaõ pelos primeiros dos ſeus ſoldados. D. Lourenço, antes que as Armadas dos Alliados ſe uniſſem, com ordem de ſeu Pai determinou ir atacar os Rumes nos mares de Dio; mas

Era vulg.

Era vulg. elles lhe poupáraõ a viagem, como diremos no Capitulo seguinte.

CAPITULO VII.

Dá-se noticia da Armada do Soldaõ do Ègypto, que unida á de Cambaya atacou a de D. Lourenço em Chaul, successo da batalha com outros acontecimentos.

O GRANDE projecto, que concebeo o Soldaõ do Egypto de lançar os Portuguezes da India, o fez vencer as muitas difficuldades de ajuntar materiaes para construir huma Armada no Estreito do mar Roxo, que com longa navegaçaõ pelos mares da Arabia, e Persia, viesse aos de Cambaya. Com este designio mandou elle huma Fróta de vinte e cinco náos pelo Mediterraneo a conduzir da Cilicia madeiras para Damiata, Cidade do Egypto, donde haviaõ ser transportadas ao lugar dos estaleiros. O Portuguez André do Amaral, Cavalleiro de Rhodes, teve a felici-

cidade de encontrar aquella Armada, Era vulg.
que ſe recolhia com a ſua carga. Elle a atacou com déz navios da Religiaõ, de que era Commandante; metteo ſeis a pique; tomou cinco, e pôz em fugida o reſto, que chegou a Damiata. Das madeiras, que eſtes navios levá-raõ, o Soldaõ fez conſtruir onze, guarnecidos de bravos Mamelucos mandados por Mirhocem, ſoldado de valor, e experiencia, que com eſta Armada chegou ao porto de Dio pertencente ao Rei de Cambaya.

Aqui o eſperava Meliqueáz, valente Polaco renegado, que do abatimento da eſcravidaõ, ſobíra á dignidade de hum dos Chéfes das armas daquelle Rei, e governava Dio. Elle reforçou a Armada do Soldaõ com 34 náos bem eſquipadas; enviou galéz, e Paráos por aquellas cóſtas, e ordenou que cinco navios groſſos ſurcaſſem os mares. D. Lourenço naõ perdia inſtantes para ſe preparar, e ir inveſtir eſta Armada, antes que ſe lhe incorporaſſem maiores forças. As meſmas foraõ as idéas de Mirhocem, que appareceo na barra de

Chaul,

Era vulg. Chaul, antes que D. Lourenço se levaſſe. Elle deſcobrio as vélas; mas entendeo ſer Affonſo de Albuquerque, que a cada inſtante eſperava do Golfo Perſico; naõ preparou armas, naõ levantou ferro, ficou ſem ſe mover. Mirhócem, naõ ſabendo a que attribuir a noſſa inacçaõ, aproveitou a maré, e vento, que lhe eraõ favoraveis; carregou com grande impeto as noſſas náos, e neſte primeiro repelaõ nos matáraõ Rodrigo Pereira, e feriraõ alguma gente. Com igual damno, e eſforço lhe reſpondêraõ os noſſos; mas os inimigos a favor deſte fogo lançáraõ ferro na entrada do porto de Chaul.

Meliqueáz eſperou todo eſte dia fóra delle a uniaõ da ſuas náos, e no ſeguinte veio incorporar-ſe com Mirhocem. D. Lourenço com os inimigos á viſta mandou levantar as ancoras, e naõ obſtante ter em quaſi todas as náos muitos feridos, como neſta occaſiaõ lhe era preciſo imprimir nelles o terror por alguma acçaõ naõ vulgar; elle eſcolheo na Armada dos Barbaros a

náo

náo de Mirhocem para alvo da ſua cc- Era vulg.
rage. Naõ obſtante a ſua ſuperioridade, Mirhocem para evitar o combate, e eſperar os movimentos de Meliqueáz, mette as galéz eutre a ſua náo, e a de D. Lourenço, que parou no meſmo lugar, em que ſe poſtára. Neſta inacçaõ ſe paſſou o dia; mas no ſeguinte o gentil Fidalgo naõ deſiſtio do empenho de balroar o galeaõ de Mirhocem: empenho, que tudo concorria para o deſvanecer; a deſigualdade das forças, o fluxo contrario da maré, tantas galéz, que havia vencer para ſe chegar a Mirhocem. D. Lourenço, que ſó conſultava o ſeu valor, por tudo rompe, e em quanto Payo de Souſa, Ambroſio Peçanha, Fernaõ Pereira de Andrade, tomaõ cinco galéz inimigas, e fazem retirar outras; elle, e Pedro Barreto rompem a linha, e ainda que naõ podéraõ abordar a Mirhocem, ſe pozéraõ delle taõ perto, que entráraõ a jogar as armas de arremeço, e entre outros, recebeo D. Lourenço duas feridas.

Todos os Officiaes inſtáraõ ao ſeu Ché-

Era vulg. Chéfe ſe retiraſſe para diſtancia, em que podeſſe ſervir-ſe da artelharia. Elle ſe deo por offendido deſta propoſiçaõ; proteſtando, que havia vingar-ſe, ou morrer. Com tudo Payo de Souſa, e Diogo Pereira nas ſuas galéz déraõ hum reboque á náo, que entrou a laborar com a artelharia a tempo, que Meliqueáz ſe unia com Mirhocem. A noite ſeparou o combate, de que D. Lourenço podia eſcapar ſem affronta ſe ſe obſtinaſſe menos, ou quizeſſe differir aos aviſos prudentes dos ſeus Officiaes. Como ſe naõ contentou com as cinco galéz priſioneiras, que os Capitães trouxéraõ ao ſeu bordo, e obſerváraõ as diſpoziçõeſ para na manhã continuar o ataque; elles aſſentátaõ, que naõ tinha meio verem perecer a D. Lourenço, ou perecerem com elle, e neſte ſegundo partido ſe conformáraõ todos.

Porém o zelo do ſerviço do Principe, e D. Lourenço por naõ parecer teimoſo, conveio em que na ſua náo ſe ajuntaſſe conſelho de Gueira, e que a ſua deliberaçaõ ſe obſervaſſe. Reſolvêraõ unanimes os votos, que depois

da

da uniaõ de Meliqueaz com Mirhocem, nenhuma apparencia havia das noſſas armas conſeguirem a menor vantagem: que o Chéfe, e muitos ſoldados eſtavaõ feridos, outros mórtos nos combates precedentes: que nas forças havia huma deſigualdade notavel, a fadiga nos noſſos era grande, alguns dos navios eſtavaõ rotos, e em peior eſtado o de D. Lourenço: que a favor da noite ſe devia emprehender huma retirada honroſa, por naõ expôr a huma ruina certa, e que ſem demora ſoltas as vélas, as náos ſe fizeſſem ao mar. Era vulg.

No meio da noite ſe deo principio a eſta manobra determinada no Conſelho; mas ella naõ pode ſer executada com tanto ſilencio, que os inimigos naõ a ſentiſſem. Elles ſe levaõ; carregaõ ſobre nós, e a náo de D. Lourenço, que cobria a reta-guarda, ſopportou largo tempo o fogo de Armada taõ numeroſa.

Como ella por ambos os coſtados fazia muita agua; ao meſmo tempo, que o pezo a hia mettendo no fundo, o fluxo da maré a levou a hum baixo, que

Era vulg. que os peſcadores tinhaõ entrincheirado, e nelle ficou immovel. Payo de Souſa na ſua galé a quiz rebocar com eſforços taõ vivos, como inuteis. Os mais Capitães, que por cauſa do refluxo das aguas naõ podiaõ chegar-lhe, entráraõ a ſentir o perigo de D. Lourenço, por lhes naõ ſer poſſivel repartillo entre todos. Já elles eſtavaõ fóra da barra, donde lançáraõ ferro para eſperar occaſiaõ de ſoccorrer o ſeu Chéfe, quando a galé de Paio de Souſa, inveſtida por Meliqueaz, roto o cabo, que dava á náo, a corrente a arrebatou ſem poder virar de bordo, ſahio da barra, e ficou D. Lourenço o alvo de tantos conjurados inimigos, ſem ſoccorro, nem eſperança. Em ſemelhante extremidade, os ſeus ſoldados naõ perdoáraõ a diligencia para que elle ſe ſalvaſſe no batel da nao a favor da noite, e da corrente; mas o Fidalgo ſublime diſſe: Que elle ſabia muito bem eſtava chegado á ſituaçaõ, em que ou havia fugir, ou render-ſe ſem combater, ou peleijar até morrer: Que elle abraçava eſte ultimo partido, e era a reſo-

soluçaõ, de que ninguem o poderia di- Era vulg.
vertir: Que della talvez resultasse ganhar tempo para encher a maré, e que entaõ soccorrido pela Armada, naõ só se salvariaõ todos: mas poderia succeder, que conseguissem huma victoria tanto mais gloriosa, quanto menos esperada.

Já na náo haviaõ 70 homens feridos, e só 30 em estado de peleijar: D. Lourenço os repartio em tres córpos: hum, que encarregou a Manoel Peçanha para defender o convez: outro, que fiou do Feitor Francisco de Novaes para se sustentar no castello de proa; e o terceiro reservou para si na tolda de poppa. Huma taõ grande resoluçaõ suspendeo aos inimigos, que paráraõ atonitos, sem se attreverem a abordar-nos; e para naõ se empenharem em hum choque de desesperaçaõ, de longe fizéraõ fogo incessante sobre a náo por todos os lados. O nosso lhe correspondia com igual vigor; fazendo D. Lourenço o officio de grande Capitaõ com tanto acordo, que deixou invéja immortal a todas as idades. Huma

Era vulg. ma balla lhe levou a coxa de huma perna; mas aſſentando-ſe junto ao maſto maior, dava as ordens com tal deſafogo, como ſe nelle naõ houvera mais que eſpirito. Os Capitães das noſſas náos, occupados de huma impaciencia heróica por ſoccorrer, ou acabar com o ſeu General, trabalhavaõ contra maré, e vento com esforços inuteis, ſuperior o deſtino fatal de D. Lourenço á actividade da ſua diligencia.

Em fim, huma flexa perdida atraveſſou pelos peitos a D. Lourenço, e cahio morto. Entaõ ſaltáraõ os inimigos na náo, e os que encontráraõ eſpiritos ſem alentos com as forças laſſas, os paſſáraõ á eſpada. Os outros, que ſe conſervavaõ inteiros, para venderem cáras as vidas fizéraõ tal reſiſtencia, que os Barbaros os contemplavaõ atonitos. Meliqueáz, que eſtimava a virtude nos ſeus meſmos contrarios, mandou ſuſpender a carnagem, e concedeo a vida a vinte Portuguezes. Oitenta morrêraõ na náo de D. Lourenço, ſetenta nas outras da Armada, e foi eſta na India a primeira que-

quebra, naõ do noſſo valor, mas da noſſa fortuna. Os Capitães Pedro Barreto, Duarte de Mello, Franciſco de Anhaia, Diogo Pires, Antonio Lobo Teixeira, Pedro Caõ, e todos os mais vendo o deſtroço, a náo rendida ir-ſe a pique, ſe fizéraõ na volta de Cananor, donde mandáraõ por Pedro de Anhaia dar parte ao Vice-Rei, que eſtava em Cochim, da mórte de ſeu filho. Ella foi geralmente ſentida como de hum Heróe, que na flôr dos annos ſoube unir a corage com a virtude: que brilhava nelle huma humanidade ſingular, que era o attractivo das gentes: que na integridade dos coſtumes ſe fazia reſpeitar por imagem viva de ſeu Pai; e que morto com tanta glória, quando principiava a viver, elle naõ podia ter mais larga vida. Era vulg:

Naõ prometteo a fortuna eſtar ſempre aliſtada ao ſoldo dos Soberanos. Ella deſertou neſta occaſiaõ da India, e ſe moſtrou pouco fiel em Africa. No anno antecedente havia El-Rei D. Manoel mandado a D. Joaõ de Menezes fondar os ſeus pórtos maritimos, que

nós

Era vulg. nós diſſemos, com o deſignio de os invadir, e agora novas occurrencias lhe mettêraõ a occaſiaõ em caſa. Muley Zeilaõ, Rei que fora de Mequinez, primo, e cunhado de Mahomet, Rei de Féz, perdeo a ſua Monarquia pelo esforço, e intrigas de Muley Naçar, irmaõ do meſmo Rei de Féz, que o lançou della. Como Zeilaõ tinha grande ſequito em Azamor, entendendo que eſta Cidade o elegeria por ſeu Principe, naõ ſó ſe refugiou nella, mas pedio a protecçaõ del Rei D. Manoel. Para o diſpor com mais efficacia, veio a Lisboa offerecer-ſe no ſeu ſerviço, com promeſſa de o ajudar na conquiſta da Praça, e obtendo o que pretendia, voltou a Africa para diſpor os Póvos a reconhecêrem D. Manoel por ſeu Soberano.

Apreſtou-ſe huma Armada para eſta expediçaõ, que havia executar D. Joaõ de Menezes na téſta de 400 cavallos, e 2000 Infantes. Embarcáraõ nella D. Rodrigo de Mello, Conde de Tentugal; D. Pedro, filho do Conde de Penamacor, Luiz da Silveira, depois

pois Conde da Sortelha, D. Joaõ Maſ- Era vulg.
carenhas, Capitaõ dos Ginetes, ſeu ir-
maõ D. Nuno, Joaõ Rodrigues de Sá,
D. Luiz de Menezes, D. Antonio de
Almeida, D. Henrique de Menezes,
Pedro Maſquarenhas, e outros mui-
tos Fidalgos, que faziaõ glória de
buſcar os perigos. A 26 de Julho ſahio
a Armada de Lisboa, e chegou feliz-
mente a Azamor. Com a maré da noi-
te entrou ella no porto, donde fulmi-
nou a Cidade com hum fogo contí-
nuo, que fizeſſe vêr aos moradores a
neceſſidade de ſe ſobmetterem ao noſſo
dominio por vontade, antes que obri-
gados pela força. D. Joaõ de Menezes
eſperava conſeguir eſte fim por qual-
quer dos meios, fiado nas promeſſas,
que Zeilaõ nos fizéra em Lisboa; mas
em lugar dellas, nós obſervamos a praia
bordada de cavallaria, que deſafiava as
eſcaramuças, e vimos vir nadando mui-
tos brulotes ardendo, que nos cuſtou
trabalho deſviar das náos.

D. Joaõ de Menezes mandou per-
guntar a Zeilaõ quaes eraõ os ſeus in-
tentos. Elle reſpondeo, que cumprir

as

Era vulg. as promeſſas, que fizéra a El-Rei D. Manoel. D. Joaõ conheceo nas obras a perfidia da palavra do Barbaro, que havendo-ſe inſinuado no eſpirito dos Póvos, tinha oito mil homens de guarniçaõ para defender a Cidade, e elle com dezaſſeis mil lhe cobria a campanha. A ſuperioridade das forças foi menos eſtimada de D. Joaõ, que a gravidade da injúria. Elle determina vingalla com huma acçaõ de eſtrondo, que ſuſtentaſſe a honra da Patria, e juſtificaſſe o ſeu Rei no empenho começado. Para eſte effeito ſalta em terra na frente de 2ↀ000 Infantes; cobre a téſta de dous Eſquadrões de cavallaria com o Conde de Tentugal, e com D. Joaõ Maſcarenhas; deixa illudidos os esforços de tres emboſcadas de 1ↀ200 cavallos, e chega ás portas de Azamor. Os Mouros eſtimulados ſahíraõ da Praça para nos cercarem no campo com o favor das emboſcadas. D. Joaõ os fez retroceder taõ perturbados, que deixáraõ muitos fóra das portas expoſtos ao noſſo furor. Entaõ ſe lançou a cavallaria das emboſcadas aos Eſquadrões

drões da nossa com tanto vigor, que foi necessario marchar o General a soccorrella. Era vulg

Aqui foi a força do combate, em que se apurou o nosso esforço; mas vendo o bravo Chéfe, que Zeilaõ marchava com passo dobrado a investillo: que sustentar o choque em campanha raza com taõ desigual partido era temeridade; elle foi fazendo até á praia huma retirada das mais airosas, logo hum embarque com tanto acordo, como víraõ poucos as idades. O General, que fora o primeiro no saltar em terra, foi o ultimo em embarcar se. Nós perdemos nesta acçaõ déz pessoas da classe da Nobreza, em que entráraõ D. Pedro, filho do Conde de Penamacor, Simaõ Fogaça, Diogo Barreto, D. Joaõ Henriques, e leis soldados communs. Dos Mouros morrêraõ 1ↀ365. A Joaõ Rodrigues de Sá lhe matou hum Alcaide o cavallo, e o levava debaixo da lança para atravessallo; mas acodindo lhe o bravo Joaõ Homem, que na India déra as próvas, que eu já alleguei do seu valor desmar-

Era vulg. cado, e Diogo Fernandes de Faria, que depois foi Adail de Goa; elles tiráraõ a vida ao Alcaide, e ſalváraõ a de Joaõ Rodrigues.

Como D. Joaõ de Menezes ſe conſiderou ſem forças correſpondentes para caſtigar a perfidia de Zeilaõ, e tomar a Praça de Azamor taõ defendida; naõ quiz demorar-ſe no ſeu porto. No tempo de ſe levar, a má ordem que tiveraõ os marinheiros na deſamarraçaõ, quando as aguas eraõ muito mórtas, foi cauſa de ſe perderem alguns navios ſem remedio. Huma das fuſtas, que encalhou, os Mouros a queimáraõ com perda de dezoito Barbaros; porque trinta remeiros, que a governavaõ, eſtimando em menos a vida, que a liberdade, todos morrêraõ matando. Sahio a Armada de Azamor, naõ para ſe recolher a Lisboa mas para cruzar no Eſtreito. Manobra, que depois ſe eſtimou por huma illuſtraçaõ ſuperior communicada ao General, attendidas as conſequencias, que della reſultáraõ.

Alguns dias andou elle naquelles mares fazendo bórdos, tomando as em-

embarcações dos Mouros; e porque El- Era vulg.
Rei tinha feito mercê a seu sobrinho
João Rodrigues de Sá do governo da
Praça de Alcacer Ceguer, foi mettel-
lo de posse deste emprego. Em Alca-
cer deixou D. João o grosso da Arma-
da, e com o resto se foi vêr em Tan-
gere com o seu Governador D. Duar-
te de Menezes, filho do Conde de Ta-
rouca, para tratarem negocios de im-
portancia. Como era necessario ser ou-
vido nelles D. Vasco Coutinho, Con-
de de Borba, que governava Arzila,
se lhe mandou hum expresso para vir
a Tangere; o que logo executou.
Quando os tres Chéfes consultavão en-
tre si o modo, por que se havia con-
quistar a Praça de Larache, recebem
aviso, de que o Rei de Féz fizéra hu-
ma marcha tão dissimulada com o gran-
de Exercito de 200000 cavallos, e
1200000 Infantes, que em Arzila fo-
ra primeiro sentido, do que visto. O
Conde de Borba no mesmo instante par-
tio para a sua Praça; D. João, e D.
Duarte ficárão discorrendo nos meios
de a soccorrer; e a narração deste si-

Era vulg. tio ſerá a materia do Capitulo, que ſe ſegue.

CAPITULO VIII.

Do ſitio, que o Rei de Féz póz ſobre a Praça de Arzila, que o de Portugal quiz ſoccorrer em peſſoa.

EM todas as partes do Mundo queria o Dominante Supremo dos Imperios conceder vantagens ás armas do Rei D. Manoel, ou foſſe para exaltar a glória do ſeu Nome, que havia ſer louvado do Oriente ao Occaſo do Sol, ou para premiar no Principe o zelo ardente, com que promovia a dilataçaõ da ſua Fé ſanta. A defenſa de Arzila, que vou a tratar, e o modo com que o Rei ſe conduzio para o ſoccorrer, ſaõ duas próvas incontraſtaveis do meu modo de penſar. No dia 19 de Outubro ſe apreſentou o barbaro Rei ſobre aquella Praça com o formidavel Exercito, que fica dito. Apenas chegou o Conde de Tangere, mandou logo explo-

rar

rar a campanha pelos Almocadens Pe- Era vulg.
dro de Menezes, e Jorge Vieira, que
lhe trouxeraõ alguns Mouros. Elles o
informáraõ das forças, das máquinas,
dos deſignios do Rei de Féz capazes de
perturbar outro homem, que naõ foſ-
ſe o Conde de Borba, Commandante
de huma Praça, em que entaõ havia
400 homens de guarniçaõ para reſiſti-
rem a cento e quarenta mil.

Amanheceo no ſegundo dia cerca-
do todo o recincto da Praça; levanta-
das na praia muitas batarias; foraõ os
inimigos abrindo as trincheiras, e a fa-
vor das mantas, que os cobriaõ, en-
tráraõ a picar a muralha, a romper a
brecha na parte, que lhes pareceo mais
fraca para o aſſalto. Como elles recea-
vaõ, que por mar nos vieſſe ſoccor-
ro, e naõ tinhaõ Armada naval, que
oppôr á noſſa, bordáraõ a praia de ceſ-
tões, e tonéis cheios de terra para ſer-
virem de parapeito ás ſuas batarias, e
aos córpos de guarda, que nellas eſta-
vaõ poſtados. A cada inſtante ſe alar-
gava a brecha, naõ ſendo poſſivel aos
defenſores açomar-ſe aos muros, que

Era vulg. naõ foſſem logo paſſados por huma nuvem de ballas, e ſétas, que deſpedia a multidaõ plantada para ſuſtentar os gaſtadores. No primeiro dia de trabalho a rotura dos muros ſe pôz capaz para o aſſalto, taõ rápidamente acomettido, que a corage ſublime dos poucos defenſores naõ pode impedir a entrada a tantos inimigos.

O Conde, ainda que naõ tinha gente para fazer ſahidas, com 50 cavallos ſe lançou a elles; mas ſendo ferido em hum braço, houve de retirar-ſe para ſe curar; deixando a acçaõ encarregada a ſeu genro Jorge Barreto. O ſeu valor naõ fazia ſentir a falta do Conde, mas opprimido da multidaõ, que a cada momento ſe revezava; forças freſcas ſobre as noſſas taõ laſſas; os Mouros ſe fizéraõ ſenhores do corpo da Cidade. Em tanto aperto naõ havia mais refugio, que o Caſtello, aonde o Conde recolheo a gente já ſem acordo, nem conſelho á viſta da face do perigo. Muitos velhos, mulheres, e meninos ficáraõ de fóra, ferindo o ar com ſuſpiros, o Ceo com clamores, ſem com-

compaixaõ dos Barbaros, que naõ diſ- Era vulg.
tinguíraõ ſexo, ou idade, culpado, ou innocente. Lopo Rebelo, que guarnecia hum baluarte, naõ quiz recolherſe ao Caſtello, e o defendeo até perder a vida. Alguns ſoldados, que eſtavaõ com elle, ſe lançáraõ abaixo da muralha, e corrêraõ a huma barca de Joaõ Martins de Alpoem para fugirem nella. O bravo Alpoem os recolheo; mas em quanto naõ chegou D. Joaõ de Menezes, elle eſteve ſobre ferro varejando o campo dos Mouros com a ſua artelharia, ſem deſpedir balla inutil.

D. Joaõ de Menezes, que a Providencia fez eſtar tantos dias em Africa para nos conſervar Arzila, aviſou logo a Joaõ Rodrigues de Sá, que vieſſe com a Armada, que tinha em Alcacer Ceguer ajuntar-ſe com elle em Tangere. Immediatamente navegou para Arzila, aonde eſteve ſurto tres dias ſem tentar a entrada do porto, aſſim porque o mar eſtava muito levantado, como por ignorar ſe o Caſtello ſe conſervava no noſſo poder: Capitaõ pru-

den-

Era vulg. dente em naõ ſe arriſcar no mar temerario, nem expôr na terra ao perigo ſem fructo em hum combate deſigual, ſe eſtiveſſe já perdida a Praça. Fluctuando entre a eſperança, e o temor, elle quizéra, mas eſcrupuliſava forçar homens, que para haverem de lhe trazer algum infórme foſſem affrontar o fogo horroroſo dos inimigos, chegar-ſe ao Caſtello, e ſaber quem eſtava nelle.

Naõ neceſſitou D Joaõ declarar-ſe. Baſtáraõ humas palavras inſignificantes, das que chamamos perdidas, para a corage Portugueza entrar naquella emoçaõ, que o ponto de honra faz intoleravel ao ſeu eſpirito, em quanto naõ obra. Tanto naõ foi neceſſario a D. Joaõ o rogar, que antes ſe vio embaraçado ſobre quaes dos offerecidos havia eſcolher. Elle ſe inclinou a Ruy Garcia, e a Joaõ de Mendoça, valentes Cavalleiros muito da ſua confiança, que partíraõ em hum eſquife da náo com muitos remos para maior velocidade da jornada, e erro das pontarias. Paſſando illezos pelo meio de hum chuvei-

veiro de ballas, chegáraõ taõ perto do Era vulg.
Caſtello, que víraõ as bandeiras nas janellas, a huma mulher com hum minino nos braços, e a ouvíraõ gritar *viva Portugal.* Quando elles voltavaõ com eſtas noticias, chegavaõ a bórdo nadando dous Mouriſcos Chriſtãos com cartas do Conde mettidas em bollas de cêra, que aviſava a D. Joaõ de Menezes de todo o ſucceſſo, e do grande perigo, em que todos ficavaõ. Immediatamente os ſeguia o deſtro nadador Pedro da Cóſta, marido de huma irmã do famoſo Lopo Barriga, que da parte do Conde inſtruio ao General no modo de fazer o deſembarque para ſe naõ mallograr o ſoccorro, de que tanto neceſſitava.

Como para ſe emprehender huma acçaõ taõ reſoluta era neceſſario metter os ſoldados em emulaçaõ, o Chéfe igualmente prudente, e valeroſo, mandou deitar hum bando, em que prometia a todos conſideraveis gratificações; quinhentos ducados ao primeiro que ſaltaſſe em terra, os quaes ganhou Triſtaõ de Menezes; e liberdade a todos

Era vulg. dos os forçados. Com eſtas diſpoſiçõ̃es ſe eſperou a maré, que ſendo propria, todos os batéis em competencia partiraõ̃ de voga arrancada a ganhar a praia. O Conde, que do Caſtello obſervava eſte movimento, fez ſahir delle trinta cavallos, e hum troço de Infantaria eſcolhida para facilitarem o deſembarque. Antes delle recebeo o Conde de Tentugal o golpe de huma balla de canhaõ̃, que o obrigou a ir curar-ſe a Tangere. O primeiro batel, que ferrou a praia foi o de Joaõ̃ Rodrigues de Sá, donde ſaltou Triſtaõ̃ de Menezes, ſeguido de Joaõ̃ Homem, e de D. Joaõ̃ Maſcarenhas, Capitaõ̃ dos Ginetes. Eſta acçaõ̃ ſe fazia debaixo de hum diluvio de fogo horrendo, e contínuo, que naõ̃ impedio aos noſſos lançar-ſe ſobre os Eſquadrõ̃es dos Mouros, forçar huma das ſuas trincheiras, e tirando della ſeis canhõ̃es, mettellos no Caſtello com 200 homens, muitas munições, e viveres.

Toda eſta expediçaõ̃, e eſte ſoccorro ſe devêraõ̃ á actividade de D. Joaõ̃ Maſcarenhas, que atropellou os Barba-

ros,

ros, ainda que a troco das vidas de Era vulg.
Manoel Coutinho, de Joaõ Pimenta,
e de outros bravos Cavalleiros, que neſ-
te dia fizéraõ immortal a ſua memo-
ria. No ſeguinte mettemos com igual
perigo outro ſoccorro no Caſtello,
que ſe teve por ſeguro, em eſtado de
reſiſtir aos esforços do Rei de Fez. Com
a noticia, que lhe deraõ da entrada do
ſoccorro, elle ſe moſtrou ſatisfeito di-
zendo, que o eſtimava muito; por-
que teria mais captivos. Barraxe, e
Almandarim, que o ouvíraõ, e conhe-
ciaõ por experiencia a D. Joaõ de Me-
nezes, lhe reſpondêraõ, que naõ ſe
fiaſſe no grande poder do ſeu Exerci-
to; porque o General Portuguez era
taõ prático na guerra, taõ déſtro nos
eſtratagemas militares, que debaixo
dos ſeus pés lhe iria pôr o fogo.

Como os Mouros naõ deſiſtiaõ do
empenho, D. Joaõ mandou dous aviſos
do eſtado de Arzila; hum a El-Rei D.
Manoel para lhe enviar promptos ſoc-
corros; e porque eſtes podiaõ tardar,
outro aos pórtos de Andaluzia, e ao
famoſo Capitaõ D. Pedro Navarro,

que

Era vulg. que eſtava em Gibraltar com a Armada de Caſtella. Em quanto os aviſos marchavaõ, os inimigos esforçavaõ os combates. D. Pedro Navarro apenas o recebeo ſe fez preſtes para nos ſoccorrer; mas antes delle chegou o Corregedor de Xerez, a quem naõ ſabemos outro nome, em huma grande náo bem artilhada com 300 homens de equipagem. Elle lançou ferro em parte, aonde lhe ficaſſem a tiro as trincheiras dos Mouros, que em quanto naõ mudáraõ de poſto, hum inſtante eſtivéraõ ſem ſer muito bem ſervidos. Grandes premios aſſignalava o Rei Mouro a quem arrombaſſe eſta náo: porém creſcendo a mortandade, naõ podendo plantar huma bataria, nem conduzir os canhões para ella ſer atacada; os ſoldados tomáraõ o partido de abandonar os aproches da parte do mar, deixando o bravo Corregedor coberto de glória.

Em quanto ſe paſſavaõ eſtas couſas, chegou com tres mil, e quinhentos homens D. Pedro Navarro, que unido aos Portuguezes, quiz logo dar bata-

lha

lha ao Rei de Féz. Porque o dia era de Terça feira, com credulidade facil tido em máo agouro pelos Fidalgos da Familia de Menezes, D. Joaõ pedio ſe differiſſe para o ſeguinte. O Rei de Féz a evitou na meſma Terça feira, levantando o ſitio, e pondo fogo á Cidade. Servia no ſeu Campo hum Mouro illuſtre, que fora captivo de D. Joaõ de Menezes, que eſte tratára na eſcravidaõ com ſumma civilidade, e que deſejoſo agora de vêr o ſeu antigo Senhor, veio a buſcallo com a comitiva de 20 Cavalleiros, entre os quaes ſe diſſe eſtava incognito o Rei de Féz, que quiz conhecer com a viſta o eſforçado Capitaõ, de que tantas vezes tinha provado as obras. Concedida permiſſaõ para eſte Mouro fallar ao General, depois de renovar com cumprimentos obſequioſos as memorias do tempo paſſado, lhe diſſe reſpeitoſo: Em que conjuntura, Senhor D. Joaõ, trouxeſtes ſoccorro taõ opportuno contra o Rei potentiſſimo! Muito vos deve Arzila: ſenaõ foſſeis vós, os noſſos ſoldados já bordariaõ as ſuas muralhas:

Era vulg.

Era vulg. lhas: he voſſa eſta façanha; e ella ſó podia ſer concebida no centro das voſſas luzes; executada pelo valor, que ſempre foi em vós irreſiſtivel.

D. Joaõ rodeado de circuſpecçõẽs modeſtas, lhe reſpondeo: O que eu acabo de obrar, naõ ſe me deve tanto, como á ventura do grande Rei de Portugal, que com a ſua diſciplina illuſtra homens capazes de obrar acçõẽs muito mais illuſtres, que as minhas. O voſſo Soberano com razaõ ſe deve eſtimar glorioſo, porque naõ ſó entrou em huma Cidade do meu Rei; ſenaõ porque a conquiſtou com as armas, lhe arrazou os muros, combateo o caſtello; tudo acçõẽs, que eu eſtimo dignas de hum louvor immortal. Mas mandar pôr o fogo ás caſas dos particulares, que eſtaõ dentro das muralhas, e naõ reſiſtem; iſto naõ he obrar como Rei, he eſquecer o decoro da Mageſtade. A guerra ainda eſtá em pé. Se elle entende, que a Cidade brevemente póde ſer ſua, para que a queima? Se deſeſpera da victoria, que alivio tem a ſua dôr na viſta do fumo

com

com que cobre a Arzila? Quer que ſe diga delle, que ajuntou hum Exercito formidavel para vir dár fogo a quatro paredes? O officio de Principe he executar idéas de Principe, as grandes, as magnificas, as difficultoſas, as brilhantes. Eta vulg.

O Mouro a eſte diſcurſo tornou prompto: Que o ſeu Rei naõ viera com tamanho Exercito queimar paredes, ſenaõ a fazer a guerra: Que elle era magnanimo, mas humilde; ſublime; mas piedoſo: Que conhecia virem as victorias de Deos; por iſſo com ellas ſe naõ moſtrava ſoberbo, nem nos infortunios abatido, encaminhando ambos os deſtinos, ou as duas ſórtes á Primeira Cauſa: Que em quanto ao incendio, lhe aſſegurava naõ ſer ordem do ſeu Monarca, ſenaõ hum furor indiſcreto dos Soldados: Que elle já partia a fazello ſabedor do que paſſava, e logo viria a promptidaõ com que ſe mandava apagar o fogo. Aſſim ſe executou logo que o Mouro deſappareceo; porque ſe o Rei hia na ſua comitiva, e fora teſtemunha da práti-

ca,

Era vulg. ca, pouco tempo havia miſter para dar as ordens neceſſarias. Apagou-ſe o incendio, retiráraõ-ſe os inimigos para Alcacer-Quivir, D. Joaõ de Menezes entrou em Arzila acompanhado do Conde, e Condeça de Borba, acclamado pelo Povo por Varaõ excellente, vingador da honra de Portugal, reſgate de tantas vidas, author das ſuas liberdades.

Em quanto o Rei de Féz ſe retirava confuſo para Alcacere, o de Portugal, que tinha a ſua Corte em Evora, recebeo o Expreſſo de D. Joaõ de Menezes com a noticia do eſtado de Arzila. Como elle ſabia quanto lhe cuſtára a ſua conquiſta; quanto lhe importava conſervalla, no meſmo dia eſcreveo ás Cidades, e á Nobreza, convidando-as para com o maior número de gente o ſervirem em occaſiaõ de tanto empenho. Eſtando para ouvir Miſſa, mandou ao Deaõ, que foſſe revezada, que naõ houveſſe Sermaõ; a Vaſqueannes Corte Real ſeu Veador, que lhe pozeſſe o jantar na meza; ao Eſtribeiro Nicoláo de Faría, que fizeſ-

ſe

se botar a sella em huma faca de gran- Era vulg.
de marcha, e em hum cavallo para o
pagem do arremeçaõ, que era Alva-
ro de Sousa. Depois de jantar se pôz a
caminho, e quasi sem descançar che-
gou a Tavira, aonde soube do soccor-
ro, que D. Joaõ mettêra no Castello.

Se a sua pressa em andar foi muita, a diligencia dos seus fiéis vassallos lhe correspondeo; porque no termo de cinco dias se achou no Algarve com hum Exercito de mais de 20$000 homens, muitas munições, mantimentos, artelharia, e huma Armada numerosa: taõ ardente o zelo dos Portuguezes, que parecia haverem alongado os instantes ao espaço de dias. Quando tudo estava prestes para se embarcar, D. Joaõ de Menezes deo parte do levantamento do sitio, da retirada do Rei de Féz, do serviço, que tinhaõ feito D. Pedro Navarro, e o Corregedor de Xerez. Suspendeo-se a pressa da jornada, naõ a resolução do Rei para a continuar; mas foi-lhe preciso desistir instado por todos os votos do seu Conselho, que lhe propôz ser empenho taõ glorioso soccorrer Ar-

Era vulg. zila no tempo de atacada, quanto era redundancia reprehenſivel ir ſó pela viſitar, quando já livre.

Conformou-ſe El-Rei com eſte parecer, e licenciando as trópas, deixou-as deſtinadas para reforçar a guarniçaõ de Arzila, aonde enviou alguns navios com provimentos, e quantidade de obreiros para repararem as ruinas dos muros da Cidade, reſtabelecer os do Caſtello, e augmentar as fortificaçõeſ. A D. Pedro Navarro pelos ſerviços, que lhe acabava de fazer, mandou render as graças acompanhadas de copioſos donativos, que o generoſo Heſpanhol naõ quiz acceitar, ſatisfeito com as primeiras, que o Rei por outros modos fez brilhantes. O meſmo ſe praticou com o Corregedor de Xerez, e Fidalgos Andaluzes, benemeritos das reaes attenções em occaſiaõ de tanta honra no ſerviço alheio. D. Joaõ de Menezes ſe demorou em Arzila o tempo neceſſario para pôr a Praça em eſtado de defenſa; e deixando-a guarnecida com dous mil homens, além da gente ordinaria, veio receber na Patria os agrados renovados do Rei, juntos com as acclama-

mações dos Póvos, que lhe davaõ lugar distincto entre os Capitães de nome. Era vulg.

Deste modo concluidos com tanta glória das nossas armas os negocios de Arzila, entre Portugal, e Castella se levantáraõ dúvidas respectivas aos limites das conquistas das duas Coroas na cósta de Africa. Já nós vimos, que esta contestaçaõ teve principio no Reinado de D. Joaõ II., e o que elle entaõ convencionou com Fernando, o Catholico. Agora quizéraõ o Rei D. Manoel, e sua cunhada, a Rainha D. Joanna, ajustar amigavelmente esta differença. D. Manoel cedeo da grande parte de Africa, que corre da Gomeira até Melilha, e Caçaça do Reino de Féz, e da Praça do Penhaõ, que a mesma Rainha mandára fundar para segurança de Andaluzia. Esta Senhora desistio da acçaõ, que podesse ter Castella desde o ponto da demarcaçaõ referida, até aos Cabos de Naõ, e Bojador. Os Ministros, que interviéraõ nesta concordia foraõ, por parte de Portugal, D. Antonio de Noronha, pela de Castella D. Gomes de Santilhana; mas como naõ ha ajuste, sobre que naõ se levantem con-

Era vulg. troverſias, as que depois houveraõ ſobre eſte, Joaõ de Faria as compoz em Caſtella com dexteridade, e ſatisfaçaõ reciproca.

El-Rei D. Manoel ſempre delicado nos obſequios ao Rei D. Fernando, ſeu ſogro, que em nome de ſua filha D. Joanna ainda governava Heſpanha, naõ ſó fez com elles a compoſiçaõ, que deixo referida, mas reſtituio ao ſeu ſerviço tres vaſſallos deſcontentes de taõ alto caracter, como eraõ o Grande Capitaõ Gonçalo Fernandes de Cordova, Duque de Seſa; o Duque de Medina Sidonia, e ſeu cunhado D. Pedro Giron. Naõ ſendo porém baſtantes os negocios da Coroa para El-Rei ſe eſquecer dos reſpectivos á gloria de Deos, e augmento da Religiaõ; elle eſcolheo na Congregaçaõ dos Conegos Regulares de S. Joaõ Evangeliſta o Padre Joaõ de Santa Maria, e a doze ſujeitos da meſma Congregaçaõ de notoria probidade, que mandou ao Reino de Manicongo para prégarem a Fé Catholica, fundarem novas Igrejas, e darem áquelles Póvos ſalvagens o paſto ſaudavel da doutrina Orthodoxa.

FIM.